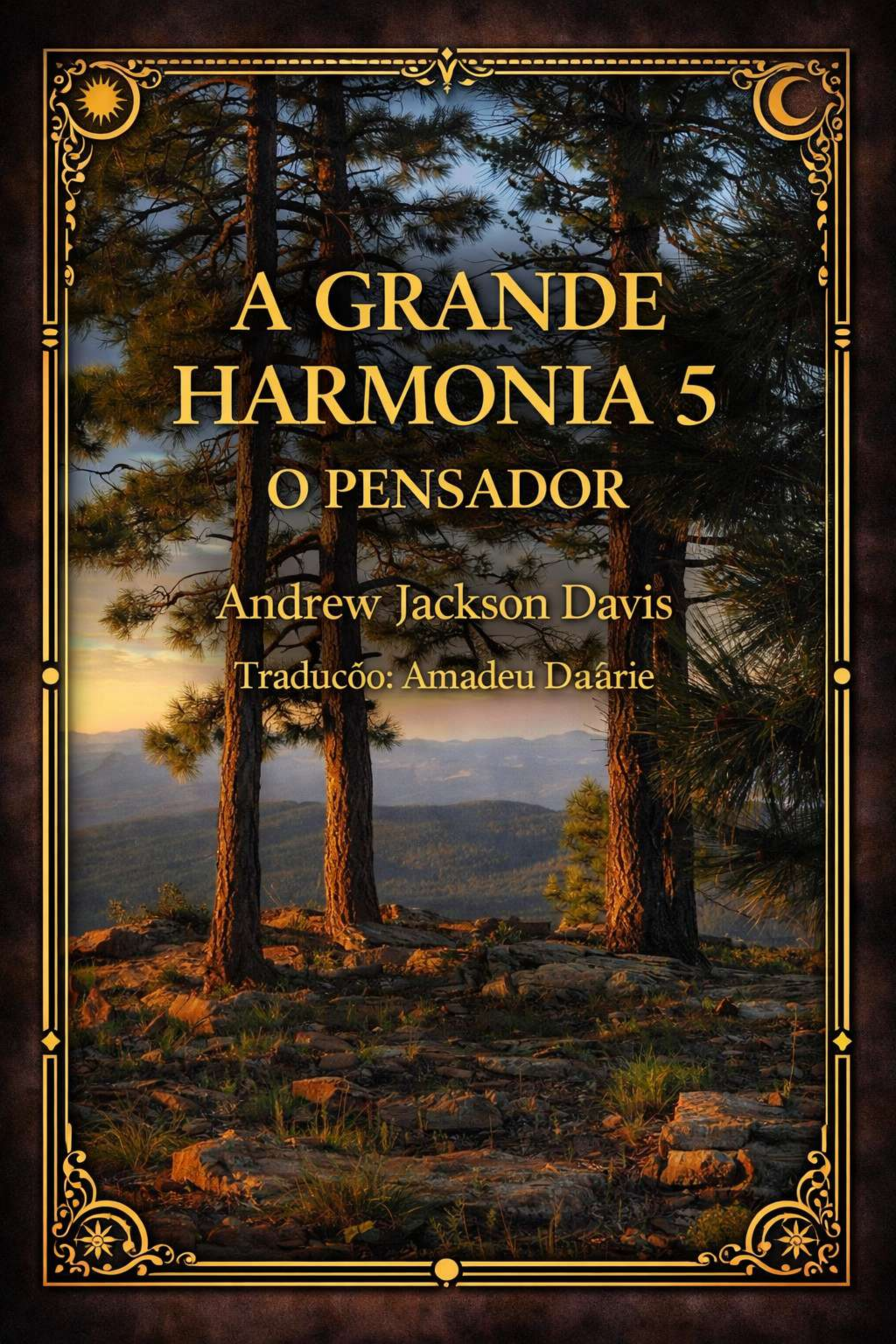


The background of the book cover is a photograph of a forest scene. Several tall, slender pine trees stand in the foreground, their trunks and branches silhouetted against a bright sky. In the distance, a range of mountains is visible under a hazy, golden light, suggesting a sunrise or sunset. The ground is covered with rocks and sparse vegetation. The entire image is framed by a decorative gold border with ornate corner pieces and a central diamond motif.

A GRANDE HARMONIA 5 O PENSADOR

Andrew Jackson Davis

Tradução: Amadeu Daârie

A GRANDE HARMONIA V

O PENSADOR

UMA REVELAÇÃO PROGRESSIVA DOS PRINCÍPIOS ETERNOS QUE
INSPIRAM A MENTE E GOVERNAM A MATÉRIA

ANDREW JACKSON DAVIS

1859

Tradução: Amadeu Duarte

PREFÁCIO

PELA COMPANHEIRA DO AUTOR

A menos que um livro tenha verdadeiro significado, não deveria ser exposto ao público leitor. Nenhuma quantidade de experiências invulgares relacionadas com a sua preparação pode justificar a sua publicação, se nele faltarem factos e verdades capazes de mover as fontes do pensamento e do sentimento. Por isso, este volume é enviado ao mundo, como outros da mesma série, com a esperança por parte do seu autor de que trará “bem a alguns e mal a ninguém”; e com a convicção de que a Natureza profere aqui e ali, ao longo das suas páginas, as palavras eternas da Verdade.

Ao mesmo tempo, existem circunstâncias relacionadas com a sua produção das quais o mundo deveria tomar conhecimento, pois revelam certas fases ocultas da mente — fases que oferecem vislumbres proféticos de um desenvolvimento mais natural, harmonioso e perfeito da natureza mental e espiritual do ser humano.

O autor vive uma vida dupla: uma existência ativa, feliz, saudável e exterior; e outra, calma, recolhida, reflexiva, harmoniosa e sempre envolvida por uma atmosfera serena e sagrada de paz. Tal como Jacob Boehme e Jung-Stilling, ele percorre destemidamente e em silêncio o caminho encantado do Mistério; e os labirintos emaranhados desenrolam-se, as brumas dissipam-se, e a luz do sol expande-se sobre as profundezas antes temidas, até que inúmeras formas de beleza se erguem para povoar os lugares outrora desolados, e o Universo parece pulsar com a presença do Divino.

No seu estado exterior, o coração é como a primavera da vida, alegre e juvenil; na vida interior, carrega a força tranquila e a sabedoria serena de muitos invernos recolhidos na alma.

Durante a escrita deste volume, estes dois estados não estavam muito distantes um do outro. Ou seja, a parte inicial de cada dia era dedicada a investigações interiores em silêncio; as horas seguintes a exercícios físicos, à escrita de cartas e à convivência social. Os hábitos do autor, durante estas semanas de trabalho prazeroso, foram os de um verdadeiro estudante da Natureza, disposto a conquistar saúde corporal, clareza de pensamento e tranquilidade de espírito através da simples obediência às suas leis imutáveis.

Como habitual durante o trabalho interior, absteve-se de alimentos de origem animal, chá, café e outros estimulantes; alimentava-se com moderação, levantava-se e deitava-se cedo, tomava banho e caminhava pela manhã e, nos trinta minutos após o desjejum, recolhia-se ao seu refúgio musical na mansão acolhedora, e, sem o auxílio de livros, mas com o recurso da clarividência, prosseguia as suas investigações até que os ramos de castanheiro se imobilizassem no silêncio do meio-dia de verão.

É-me permitido acrescentar a este breve prefácio o seguinte testemunho do fiel amigo cuja casa foi o nosso lar durante a recente e dourada estação da colheita do pensamento:

“BUFFALO, Nova Iorque, 12 de setembro de 1859.

Minha cara amiga: Tu e o teu querido esposo já estiveram connosco antes, por breves períodos, mas neste verão passado fostes membros íntimos e felizes da minha família durante muitas semanas. Foi um período muito agradável, social e também útil para todos nós. E, no entanto, durante esta visita — demasiado curta — o Sr. Davis escreveu e preparou para publicação o quinto volume da *Grande Harmonia*. Assim, tive a oportunidade de presenciar alguns dos processos maravilhosos pelos quais este irmão inteiramente autodidata revela à humanidade as leis imutáveis e há muito ocultas da mente e da matéria, tão apropriadamente compreendidas sob o termo Filosofia Harmónica.

A enunciação das verdades profundas encontradas em todos os livros do teu esposo — nos seus passeios diários, nas conversas e palestras, e especialmente neste último volume, tão valioso — só pode ser explicada pela teoria do bom poeta, segundo a qual ‘o Homem é um mundo, e tem outro que o acompanha’. Daí a importância do princípio do matrimónio, que funde harmonicamente dois hemisférios humanos num só mundo, como o vosso, que é tão fiel à sua órbita e às leis mais elevadas da existência, quanto os mundos orgânicos do infinito.

Há pouco mais de dois meses, o Sr. Davis ocupou o seu gabinete de escrita na minha casa. Nenhum livro foi usado ou sequer entrou na sala, exceto o Dicionário de Webster. Trabalhou apenas cerca de quatro horas por dia, invariavelmente nas primeiras horas — o período positivo do dia. E agora, sobre a sua mesa, estão

centenas de páginas manuscritas, com citações de escritos de homens de um período muito anterior à compilação da Bíblia por Moisés, até à atualidade. Quão inacreditável isto deve parecer ao estudioso que desconhece as inspirações da Natureza! E que mais poderíamos esperar do homem científico, senão que se envolva na sua capa de factos e fenómenos e acredite que tal coisa é totalmente impossível?

No entanto, esse mesmo crente científico na Bíblia, o Professor Hitchcock, num trabalho recente intitulado *A Religião da Geologia*, dedica muitas páginas a demonstrar a existência de um reservatório de todas as experiências passadas.

Neste capítulo, o professor defende a doutrina de que ‘as nossas palavras, ações e até pensamentos deixam uma impressão indelével sobre o universo’. Esta proposição é sustentada por princípios científicos bem estabelecidos.

Ele mostra, através da doutrina da reação mecânica, que toda impressão feita pelo homem — pelas palavras ou movimentos — sobre o ar, as águas ou a terra firme, provoca uma série de alterações nestes elementos que jamais terminará. Nenhuma palavra alguma vez proferida por lábios humanos, afirma ele, deixou de ser registada para sempre no ar que respiramos. Se o homem dominasse a matemática das mentes superiores, cada partícula de ar assim posta em movimento poderia ser rastreada em todas as suas mudanças, com a mesma precisão com que o astrónomo calcula a trajetória dos corpos celestes.

De igual modo, as imagens de todos os acontecimentos propagam-se através da reação da luz sobre todas as superfícies que atinge, podendo-se dizer que o universo é um daguerreótipo de todo o passado. Também é gerada e propagada uma influência elétrica por cada esforço muscular, por cada mudança química no nosso interior, por cada variação no estado de saúde ou vigor — e, especialmente, por cada esforço mental; pois provavelmente não há pensamento que atravesse a mente sem alterar a condição fisiológica, química e elétrica do cérebro e, conseqüentemente, de todo o organismo.

A reação química altera a constituição dos corpos, tal como a reação mecânica muda a sua forma e posição. O processo do daguerreótipo é um exemplo familiar disto. Não vemos a imagem que sabemos estar impressa na chapa até que esta seja submetida à ação química do iodo.

O Professor Hitchcock defende que ‘a analogia torna cientificamente provável que cada ação do homem, por mais obscura que tenha sido, tenha deixado a sua marca na Natureza — e que poderão existir testes que a tragam à luz do dia e a tornem permanente enquanto durar a matéria.’

Esta teoria é apoiada por outros argumentos, nomeadamente pelos fenómenos do magnetismo, do sonambulismo, etc., que são agrupados sob a designação de reação mental, e sobre os quais o professor coloca esta questão pertinente: se admitirmos

que a mente influencia outras mentes enquanto estamos no corpo, até onde se poderá estender essa influência?”

Assim, estes “icebergs” da ciência, que até agora exerceram uma influência gélida sobre as revelações modernas do universo interior, começam a derreter sob os raios cálidos e penetrantes do grande sol central da Inteligência, e em breve flutuarão e desaparecerão na irresistível “corrente do Golfo” da Razão e da Intuição.

Os pensamentos e conclusões de Mr. Davis devem permanecer como verdades, ou cair como erros, quando postos à prova por este padrão da razão, independentemente da sua origem ou forma de aquisição. No entanto, a humanidade deve — e há de — aprender o caminho real para o conhecimento, por onde, no grande futuro, todo imortal há de caminhar com alegria. Nenhum facto mais importante pode agora ser ensinado a estudiosos, professores e pais do que este: ao observar-se devidamente as melhores leis que regem a mente humana, ela desenvolverá, com a mesma certeza com que a semente da rosa, sob boas condições, dá origem à bela e perfeita flor, todo o conhecimento, toda a verdade, toda a sabedoria.

Vosso, pela Humanidade,
C. O. POOL

Para Mrs. Mary F. Davis, Nova Iorque

O método singular de investigação a que se faz referência na carta acima — e que tem caracterizado as atividades intelectuais do autor desde o início — é, em si, uma sugestão dos recursos ilimitados da mente, mesmo sem apoios externos, e constitui um entre muitos exemplos que tendem a confirmar a filosofia dedutiva de Pitágoras, o jovem divino de Samos, e também de Hegel, Emmanuel Kant e Cousin, já numa era mais moderna. Este volume foi escrito não só sem recorrer diretamente a qualquer outro livro ou autor, como é também reconhecido pelos estudiosos que nenhum livro existente contém argumentos semelhantes aos que percorrem os capítulos sobre a “Imortalidade”, ou qualquer metafísica comparável àquela que distingue o “Panteão do Progresso”.

Quanto às provas da existência futura do homem, é provável que Mr. Davis não publique mais palavras sobre o tema. Não porque o assunto não admita tratamentos mais extensos e distintos por outras mentes, mas porque, para ele, o argumento é conclusivo — e aparentemente encerrado. Outros temas, contudo, de igual vitalidade e interesse, pressionam por expressão, e outros volumes robustos poderão, com o tempo, vir ocupar o seu lugar ao lado do verdadeiro Pensador Harmónico.

Nova Iorque, 21 de novembro de 1859
M. F. D.

PARTE I

O PENSADOR VERDADEIRO

A mais alta e rica herança é uma mente verdadeira — uma mente plena de verdade — construída sobre os princípios imutáveis da matemática celestial. Que tesouro de factos e axiomas infalíveis é tal mente! Um glorioso templo da Verdade — perfeitamente proporcionado da base à cúpula — belo e imortal em todas as suas partes! Tal mente contém, no vasto alcance da sua esfera imortal, cada figura da geometria infinita: o quadrado, o triângulo, cada linha do raio divino; cada ponto e marca que, multiplicados em número incontável, compõem o círculo perfeito da mentalidade individualizada.

Quem não deseja e ambiciona este tesouro? Este mundo privado e feliz de afeição e razão — uma razão tão saudável e diligente, tão honesta consigo mesma e autossustentada, que pode contemplar e expressar com veracidade tudo o que reside nos elementos mais ocultos da alma? Tal mente está impregnada daquele poder justo e sagrado que percebe e se deleita em relatar as coisas como são. Não é uma mente mecânica, artificial ou fria; pelo contrário, o seu raciocínio e lógica natural fluem diretamente das fontes da Intuição.

A intuição é a “Razão Pura”, que nem sempre necessita dos exercícios ginásticos das faculdades perceptoras exteriores para o seu crescimento. É a sabedoria inscrita no espírito eterno, que transcende sempre as escolas e confunde os doutores dos templos; ainda assim, a reflexão diligente ou a argumentação lógica das faculdades menores são instrumentos indispensáveis na estrada régia para o Conhecimento. A informação adquirida é o conjunto de ferramentas, o instrumento musical, o agente propulsor através do qual a mente intuitiva e inspirada manifesta as suas verdades construtivas e melodia interior.

A ingenuidade ou sinceridade, e a candura ou franqueza, são efeitos — cujas causas constantes são o amor integral e a prática diária da verdade. Por “Verdade” entende-se aqui essa qualidade inerente à constituição espiritual, que confere ao seu possuidor o poder de sentir legitimamente e de pensar com precisão — de forma natural, normal e com prazer consciente — como as fontes cristalinas fluem, como o lago honesto reflete o céu curvo, e como os pássaros expressam espontaneamente a música que lhes inunda o peito.

O amor inato pela verdade é um amor imortal, que, combinado com o poder adquirido de atrair a verdade do exterior, transforma a alma à imagem e semelhança dos deuses. Mas negligenciar a verdade, deformá-la ou representá-la de forma falsa, rejeitá-la quando oferecida ou negá-la por qualquer motivo concebível, equivale a entregar-se, temporariamente, ao domínio vicioso e demoníaco de uma “doença espiritual fabricada em casa”, propensa a tornar-se imediatamente epidémica e cronicamente incontável.

As enfermidades físicas e o sangue impuro são causas comuns de debilidade espiritual e de pequenas falsidades. A integridade moral é o resultado de muitas potências em ação combinada. O primeiro par de causas, diria eu, é o equilíbrio entre as condições internas e as atividades externas; o segundo elemento essencial é a saúde corporal e o vigor espontâneo, que permita à mente amplo exercício — sem exaustão.

Com esse padrão erguido, o mundo revela-se imediatamente repleto de caracteres desequilibrados, infelizes e, por isso, não verdadeiros. Eis uma pessoa com grandes capacidades intelectuais, mas sem coração e falsa para com os seus semelhantes; ali está outra, cheia de ternos sentimentos, sempre pronta para um gesto de amizade, mas carente do princípio da Sabedoria; e acolá, uma terceira, deficiente tanto no peito como no cérebro — empobrecida no grão da semente e no subsolo da existência.

A perfeição e a veracidade do carácter são as intenções secretas da Natureza; por isso, ela abomina antes de tudo a doença do corpo e repudia igualmente a deformidade na organização espiritual. No mundo religioso observamos dois extremos opostos: os homens de Sentimento sem Princípio, e os homens de Princípio sem Sentimento. O “Princípio”, nas mentes religiosas, manifesta-se e satisfaz-se em ações sistemáticas de caridade e justiça comercial; enquanto os indivíduos com “Sentimento” religioso em excesso e sem o princípio correspondente, encontram pleno contentamento e satisfação em pequenos atos de piedade, entrelaçados com impulsos filantrópicos e gestos de boa vontade.

O que dizer destas personagens opostas? Que não são — aquilo que hão de ser — seres equilibrados. Não conseguem discernir a verdade como ela é de todos os ângulos, apenas a percebem diretamente à sua frente; e por ela, esforçam-se teimosamente ou mergulham impulsivamente.

Para satisfazer as aspirações devotas do sentimentalista cristão, as várias seitas promovem cerimónias graciosas que magnetizam as faculdades racionais num sono onírico, agradam temporariamente à consciência meio desperta e, assim, adiam indefinidamente o tão esperado florescimento da virtude e do princípio. Mas a rigidez forçada e o formalismo, a verticalidade inflexível do religioso sem imaginação, são vícios igualmente prejudiciais à paz social e ao progresso verdadeiro. Um religioso sem poesia, uma mente forte desprovida de sentimento espiritual, é como solo fértil sem flores. “A ignorância”, exclama ele, “é mãe da Devoção.” Tal mente, por estar desequilibrada, é ao mesmo tempo pouco caridosa e inverídica. E, contudo, também lamentamos o sentimentalista religioso — um grande coração com uma pequena cabeça, desprovido do princípio da sabedoria — como um pássaro belo sem canto, um botão doce que nunca floresce, uma videira que nunca dá fruto.

Alguns acreditam que a mente humana não é capaz, a menos que seja especialmente dotada pelo Espírito Santo, de perceber e reverenciar as verdades divinas. Mas não estarão esses enganados? O que é, afinal, a inspiração? A nossa resposta é: inspiração é o despertar e a vivificação das afeições naturalmente atraídas pela verdade, existentes no ser humano; e a revelação é a apropriação e compreensão, pelas faculdades que contêm a verdade, dos pensamentos e ideias daí resultantes. A mente humana é frequentemente capaz de ser inspirada mesmo quando ainda não está apta a receber uma revelação correspondente; isto é, o espírito pode, e frequentemente consegue, sentir vagamente a presença interior de uma grande Verdade durante meses, ou talvez anos, antes que o intelecto esteja suficientemente amadurecido para a individualizar e exprimir. Pois onde não há compreensão intelectual de uma Verdade interior, não há, para essa pessoa, revelação.

Os maiores e mais sábios de todos os deuses poderiam conspirar para te inspirar; mesmo assim, não terias qualquer revelação de facto, pensamento ou ideia, até que a tua Razão, expandida, definisse conscientemente e apropriasse, com esforço, o princípio.

Inspiração, sem uma compreensão racional do seu significado, é entusiasmo; mas, quando se junta à inspiração a compreensão intelectual, o resultado é — uma revelação filosófica ou, o que vem a dar no mesmo, uma revelação prática à mente. Pessoas recetivas à inspiração, mas desprovidas de razão, são amantes e portadoras da verdade, e ainda assim têm maior probabilidade de serem ignorantes e fanáticas. Para muitos desses, a verdade mais elevada resume-se à autoridade eclesiástica ou ao mistério espiritual. Muitos entusiastas religiosos medem o carácter moral de um homem pela extensão das suas orações em voz alta; e há numerosos grupos de fanáticos que, tomados por um êxtase nervoso derivado de psicologia conflituosa e intensa, consideram esse estado como a mais genuína manifestação de prazer espiritual.

A integridade constitucional, como resultado do equilíbrio físico e mental — ou seja, de uma saúde plena — é o fundamento de toda a excelência conhecida ou imaginável. É a base matemática e precisa sobre a qual pode assentar, eternamente inalterado, o próprio Templo Harmonial da Verdade. Esta retidão interior, este equilíbrio divino entre formas e forças, esta herança de exatidão e adaptações conscientes, desperta no seu possuidor uma sede e fome de Verdade. Este amor sublime é por vezes doloroso, mas rapidamente incha o coração como um botão de rosa espiritual, e expande a mente para acolher e valorizar ideias. Esta capacidade crescente fortalece o poder intelectual de captar a Verdade; e esse poder de apreensão, quando inspirado pelo princípio que contém, é o génio que, no fim, atrela a Verdade ao “ómnibus” das necessidades diárias do mundo. Assim, a Verdade abstrata, em devido processo, torna-se relativa; e, por fim, a Verdade relativa passa a controlar a maquinaria do mundo.

O discernimento frio e sistemático da Verdade é puramente obra do cérebro e do intelecto; mas o amor caloroso por ela é espiritual, intuicional, e nasce do coração. O amor pela exatidão é o orgulho das mentes cultivadas. A biografia de todo verdadeiro estudioso é uma história dolorosa de devoção constante a este amor sublime. Mentes verdadeiras servem a Verdade como leais oficiais servem o seu rei, e aquecem-se na sua luz celestial como os anjos mais elevados brilham sob o esplendor eterno do Sol Central. Cada degrau na evolução das ciências indutivas cobre uma história comovente e não contada do amor intelectual do homem pela precisão. As composições musicais revelam a admiração inconquistável do homem pelo equilíbrio, pela medida, pela exatidão e pelas harmonias espirituais. Mesmo onde não há sublimidade — como no estudo das línguas ou das matemáticas secas — a afeição integral pela Verdade manifesta-se.

O cultivo intelectual, muito mais do que hábitos artificiais de pensamento destinados a agradar ao mundo, abre a flor imortal da Verdade. O amor e a dedicação privados são os melhores mestres. É impossível cultivar e satisfazer o desejo intelectual por precisão, lógica rigorosa e minúcia, sem, em certa medida, inspirar e elevar o amor espiritual pelas verdades mais elevadas, despidas de egoísmo e vaidade. O autocontrolo e a aplicação sistemática, inicialmente causas do progresso, tornam-se virtudes decorrentes desse desenvolvimento. O trabalho mais nobre é o do intelecto. Nenhuma empresa humana depende tanto de temperança firme e diligência; e nenhuma luta é tão certa de terminar em felicidade auto-recompensadora — e em novos apelos por mais luz! Faz o teu melhor, e a recompensa será — a percepção de um Ideal Melhor! Alcança o teu mais alto, e o teu olhar pousará, com anseio, num ponto ainda Mais Alto!

Alimentar-se de verdadeiro conhecimento apenas aumenta o apetite por banquetes mais esplêndidos à mesa da Razão. Beber profundamente da fonte eterna, em vez de extinguir a sede, torna as “águas da vida” ainda mais indispensáveis. A mente justa e amante da verdade é dolorosamente sensível tanto a subestimações como a exageros. Tal mente reage ao mais leve sinal de evidência. Prova-se como espírito puro, impessoal e imensurável — não meramente sangue e cérebro, que são ambos pesáveis e mensuráveis. O amante da verdade opera como uma balança delicada entre considerações opostas — ajustando-se aos requisitos positivos da verdade desinteressada — e nutre um justo horror e um desprezo inflexível por toda a artimanha de indivíduos argumentativos ou combativos, cujo único desejo é vencer o oponente.

O génio da Verdade, de olhos límpidos, ascende, livre de egoísmo ou preconceito, às mais altas cumeadas — por degraus modestos e deliberados. A mente que busca a verdade avança com reserva e dignidade. Nenhuma “mentira branca” se aninha e rasteja no seu espírito; é sempre honesta, mesmo quando profundamente enganada, teimosa ou arrependida; sem segundas intenções, sem acusações, sem exageros — por isso, o amante da verdade é o melhor amante da Humanidade. Na sua alma

honesto, ampla e inalterável, o coração do estranho pode confiar e depositar o seu catálogo de angústias ou tesouros — a sua história, provações, triunfos, erros, vícios, virtudes, tristezas, alegrias, tentações, injustiças — e, ainda que os seus conselhos possam ser pouco sábios ou mesmo prejudiciais, o erro nunca poderá ser-lhe atribuído, pois foi concebido com integridade, e por isso é honrado.

A mente de Newton era amante da verdade e construída com precisão; caso contrário, como explicar que, movido por impulsos puramente interiores e espontâneos, entre os dezoito e os vinte e dois anos, estudasse com entusiasmo uma precisão matemática; se afirmasse entre os maiores mestres; familiarizasse a mente com os elementos da análise geométrica; e, inesperadamente, descobrisse o cálculo que revolucionou toda a ciência e reestruturou toda a filosofia da sua época? Há cento e noventa e cinco anos, a sua mente centrifugava enquanto escrevia o chamado “Método das Fluxões”; e tinha apenas vinte e cinco anos quando anunciou publicamente o princípio ilimitado da dinâmica celeste.

Sobre esta mente investigadora e reveladora da verdade, disse Leibnitz: “Tomando todos os matemáticos desde o início da humanidade até Newton, o que ele fez é mais do que metade do todo.” E La Place acrescentou: “Os *Principia* permanecerão para sempre como um monumento do génio profundo que nos revelou a maior lei do universo. A descoberta dessa lei simples e geral, pela grandeza e variedade dos objetos que abrange, honra todo o intelecto humano.”

O possuidor da verdade é, necessariamente, um buscador da verdade; o muito que guarda conscientemente dentro de si clama por mais. A posse de um mundo conduz inevitavelmente à investigação sem limites, e culmina, pela mente sensível à verdade, na suposição e descoberta de outro. Os avanços científicos estão, historicamente, atrás da imaginação humana das possibilidades físicas. O princípio amante da verdade no espírito antecipa todas as inovações científicas que, no devido curso dos acontecimentos, se revelam como corolários e prenúncios de invenções mecânicas e combinações artísticas das mais precisas e eficazes.

Tal é a lei irreversível da Natureza. Por isso, Péricles teve de anteceder Demóstenes, assim como a máquina a vapor de Fitch (aperfeiçoada a partir de outras anteriores) teve de se mover e demonstrar plenamente o seu poder radical antes que Fulton pudesse lançar a sua promessa rudimentar de um barco a vapor. Assim também, muitos reveladores amantes da verdade na astronomia, séculos atrás, anteciparam o génio newtoniano; e, quando este desabrochou no seu esplendor pleno, ofuscou de imediato todos os seus predecessores — salvo naquilo que tinham concebido como possível naquela linha de investigação.

Foi o amor elevado, privado e inabalável pela exatidão, presente em certas mentes, que conduziu àquelas subtis análises abstratas, distinções precisas e investigações minuciosas ao mais ínfimo detalhe — as quais marcaram e causaram o progresso de toda a ciência e descoberta conhecida. O cuidado meticuloso e a precisão amante da

justiça do Dr. Franklin, enquanto explorava privadamente os mistérios selados do raio elétrico, antecederam as descobertas de verdade e a adesão delicada ao princípio de Morse e de outros do seu tempo e missão.

Antes de desaparecer nas chamas de mil línguas, o Palácio de Cristal, em Nova Iorque, era belo como um sonho de fadas, repleto da habilidade precisa do mecânico e das concepções verídicas de muitos artistas. A elaborada obra de Thorwaldsen — os doze apóstolos — foi, juntamente com o edifício encantador, apressadamente entregue à ruína irreparável. Mas nenhum visitante atento daquele recinto romântico de beleza, arte e mecanismo podia deixar de se sentir impressionado pelas lições flamejantes que cintilavam de todos os pontos, a saber: que o trabalho de um homem não pode ser útil nem admirável se não for construído, matemática e minuciosamente, sobre leis justas e imutáveis. Em outras palavras, como todos vêem, ninguém pode tornar-se mecânico sem respeitar e conformar-se às leis da verdade, na sua aplicação a formas, forças e fins. Assim, o arquiteto é forçado a erguer a sua estrutura em obediência a um princípio todo-poderoso chamado “gravidade”.

À luz (ou escuridão) da religião, ele pode ser ateu; mas aos olhos dos princípios imutáveis é, forçosamente, um crente prático. Quando a maravilhosa "Torre de Pisa" ultrapassar, na sua inclinação, um único centímetro além da linha de verdade (que cai dentro da base), os seus dias estarão contados. Do mesmo modo, o lavrador, embora fisicamente e moralmente fora do compasso com a marcha pulsante da saúde e da verdade eternas, é, ainda assim, obrigado a carregar o seu carro de feno segundo a lei da justiça aplicada aos corpos físicos; caso contrário, jamais conseguiria transportar a colheita do campo para o celeiro. Sim, sim! O cume e a base devem corresponder e estar equilibrados entre si, como as balanças simbólicas nas mãos da justiça, ou a superestrutura — por mais bela e cheia de bondade que seja — desmoronar-se-á num amontoado de fragmentos sem forma.

Nenhum ferreiro, por mais consciencioso que seja no cumprimento dos seus deveres como esposo, pai ou cidadão, pode ter sucesso à sua bigorna se não reconhecer e seguir a verdade mecânica. Nenhum marceneiro pode acertar um encaixe, nenhum carpinteiro pode fixar devidamente um prego, nenhum artista pode fazer emergir a luz da escuridão na sua pintura, sem algum grau de exatidão na sua fidelidade aos requisitos da verdade. Quanto mais perfeito e alargado for o círculo de obediência, mais perfeito e orientado para a humanidade será o trabalho realizado. Em consequência desta lei, é impossível que os falsos pretendentes triunfem verdadeiramente; pois as suas falsidades interiores revestem-se rapidamente das suas invenções inúteis — por vezes brilhantes, mas ocas.

Tal como na matéria, também no espírito. Não há contestação possível quanto a isto; e nenhum ser razoável poderia opor-se à afirmação de que a verdade é igualmente verdadeira no sentir, no pensar e no uso da linguagem. A exatidão intelectual,

científica e mecânica é o alicerce e precursor da VERACIDADE espiritual. A matemática espiritual é especialmente bela, a forma mais elevada de verdade — e a última a manifestar-se plenamente na mente. Que prazer é conhecer uma inteligência — especialmente possuir e exercer o poder — que possa, espontaneamente, sentir e pensar ao longo da linha, seguir a curva e fluir como um ribeiro dançante ao redor do “círculo perfeito”!

Pensar com precisão ao longo da linha reta de causa e efeito, ou através dos labirintos dos princípios de correspondência, está próximo de sentir com precisão. Pensar de forma descuidada, por outro lado, promove sentimentos ilegítimos. Tais pessoas entregam-se às mais irregulares, falsas e por vezes vis práticas mentais — sendo inevitável que o corpo acabe por se contaminar em consonância — práticas indignas do espírito imortal, que obscurecem o céu claro do seu futuro puro e branco.

Mas há um estado espiritual ainda mais sombrio e terrível. Esse é o estado em que, como já foi dito, encontramos “sentimento” desprovido do princípio da sabedoria e da verdade. Há gentileza e ternura, mas, infelizmente, sem verdadeira delicadeza. A astúcia dessas pessoas é bastante plausível e perigosa. A mente realmente imodesta, mas graciosa e inteligente, é espirituosa e superficial; e tal indivíduo emprega falsidades como as crianças usam brinquedos — como meios agradáveis de promover o divertimento corrente. Organizações deste tipo rejeitam os limites saudáveis, naturais e justos impostos pela influência conservadora da verdade.

Francis Quarles faz uma das suas personagens defender a graça e utilidade da mentira, dizendo: “Se a religião for uma lei tão rígida que obrigue a minha língua à necessidade da verdade em todas as ocasiões, a qualquer tempo e em qualquer lugar, então esse portão é demasiado estreito para eu entrar. Ou, se as regras gerais da pura verdade não admitirem exceções, adeus toda a alegria honesta, adeus todo o comércio, adeus a toda a convivência entre os homens.

Terão Jacob e a sua indulgente mãe conspirado numa mentira para comprar uma bênção perpétua com o nome e vestes do irmão suplantado, e [segue a lógica do mentiroso] eu não poderei usar uma mentira inocente para preservar a bênção concedida da vida ou do sustento? Se a intenção for justa, a mentira não é ofensa. Se o teu destino for o céu, pouco importa quão infernal seja a tua jornada. César, Cipião ou Alexandre, se tivessem sido tão rigorosos, os seus nomes seriam hoje tão silenciosos como o seu pó. A mentira é apenas um disfarce elegante; o santuário de um segredo; o enigma de um amante; a estratégia de um soldado; a política de um estadista; e um unguento para muitas feridas desesperadas.”

Toda esta lógica popular é superficial e autodestrutiva, pois nasce de estados mentais inferiores, que apenas aguardam “mais luz” para rejeitar os próprios ensinamentos. Há um luxo e majestade na VERDADE, uma justiça altiva no magnetismo da lei imutável, uma força sagrada e uma sensação de segurança na

afirmação precisa, que nenhuma mente — por mais humilde ou escassa na sua colheita de verdade — deixa de venerar e cobiçar quando a vê manifestada por outros.

Mas os mentirosos odeiam os mentirosos “com um desprezo maior que tudo”. Todos, mesmo os mais ignorantes, têm uma intuição deste facto. Por isso, o falador habitual e negociador de falsidades sentimentais guarda, escondido nalgum recanto da memória, um pequeno arsenal de verdades correntes e factos reconhecidos. “Honra entre ladrões” é real, porque o homem é incapaz de fazer qualquer coisa — mesmo o mal — sem a força sustentadora da integridade direta da verdade. A verdade é, portanto, a base sobre a qual todo o artista da mentira constrói o seu Palácio de Cristal de “mentiras piedosas”, ao qual junta os enfeites e brilhos dos seus caprichos dominantes. “Ficção baseada em factos” é uma exigência popular — até entre tribos pagãs.

A REALIDADE sólida e sóbria deve sustentar tudo. Exageros desonrosos, licenças poéticas e todas as variações de imaginação criativa devem estar claramente construídas sobre o tecido substancial da verdade — caso contrário, o mundo, movido pela força bruta dos seus instintos incultos, enlouquece de indignação — e nesse estado, o indivíduo repele até coisas boas e verdades sagradas, como se fossem armadilhas contra a sua credulidade. Foi o subsolo da verdade astronómica que salvou a antiga astrologia-mitológica da rejeição absoluta pelos primeiros pensadores. E o mesmo se aplica às teologias modernas: foi o seu conhecido substrato de verdade que as preservou e transportou, com toda a sua carga terrível de erros e absurdos, até à nossa era. Mas, graças ao Céu! os seus “dias estão contados”, e no ciclo que se avizinha, não mais serão conhecidas, pois a “verdade” estará no cume.

A FILOSOFIA DA MENTE E A METAFÍSICA

Mais uma vez, à entrada do templo da mente, apresento-me com definições filosóficas, em plena serenidade. Tu, leitor, és para mim uma existência separada e estranha; e eu, o escritor, sou outro ser, igualmente estranho para ti. Mas existe dentro de cada um de nós uma vida interior que, por conter simpatias afins e ilimitadas, pode permitir que as nossas mentes se encontrem e se fundam harmoniosamente. Se tocarmos e nos unirmos na vida do pensamento e, por instantes, cada um viver apenas na mente do outro, então a ausência tornar-se-á presença, leitor e escritor simpatizarão reciprocamente como partes de uma só existência, o tempo e o espaço dissolver-se-ão, e completos estranhos de ontem tornar-se-ão, neste momento, amigos íntimos e intelectualmente entrelaçados.

Se duas mentes separadas, positivas e distintas, com formações e influências hereditárias diferentes, puderem encontrar-se no império do pensamento e misturar os seus sentimentos numa única consciência transpessoal, então, na verdade, uma terceira poderá juntar-se ao par, uma quarta ao trio, uma quinta ao quarteto, e assim

por diante, gota fundindo-se com gota, até se alcançar uma perfeição divina de fraternidade entre todas as partes irmãs.

Mas, de acordo com as definições que irei expor, não espero esse resultado no reino do Pensamento. Mais profundo que o Pensamento está a fonte. No Espírito, cada um é como todos e todos como um — tal como uma gota de água do mar é semelhante a todas as outras gotas que compõem o oceano, e o todo é uma representação grandiosa de cada gota — mas, no Pensamento, cada um é individualizado e separado do outro, como os grãos de areia diferem em forma e tamanho, de modo que a fusão perfeita é tida como absolutamente impossível.

Nenhuma mente humana pode, salvo com ajuda de contacto pessoal ou simpatia profunda, gerar e expressar exatamente o mesmo pensamento de igual forma. Diferentes mentes, por necessidade, conferem formas e temperamentos distintos ao mesmo pensamento. Mil vozes falarão, e têm de falar, a mesma palavra com mil variações de entoação. Por isso, é impossível que cem vozes se fundam de tal forma que apenas uma palavra distinta seja ouvida.

Haveria apenas um som percebido pelo ouvido, mas, sob análise atenta, encontrar-se-iam nesse som mil nuances diferentes. A harmonia vocal, portanto, resulta do princípio da música que precede e permeia a voz, e não da voz em si; do mesmo modo que o encontro e a fusão dos pensamentos são efeitos não dos próprios pensamentos, mas das simpatias espirituais que os geram e acompanham.

Este encontro e fusão de pensamentos, através da vida interior do espírito, é totalmente desconhecido do animal. A vida interior do animal é homogênea e simples; e essa vida é também a animação dos seus sentidos; o bruto, portanto, possui apenas um princípio, interior e exterior, vital e sensorial. Por conseguinte, o animal só pode pensar, sentir e agir no seu estado natural através de uma consciência definida e limitada. Esta consciência bruta é tão finita e específica que, quando não perturbada pelo homem, é infalível como instinto. Os pensamentos dos animais intelectualmente mais elevados — o elefante, o cão e o cavalo — giram em torno do eu como centro de sensações sucessivas e definidas.

Já a essência espiritual interior do homem é composta de todos os princípios indefinidos e infinitos. Daí que o homem possua uma consciência progressiva e misteriosa. Esta é diferente, também, da consciência dos seus próprios sentidos corporais e, portanto, é totalmente superior e incomparável a qualquer coisa existente na realidade animal. No que toca às funções sensoriais, vitais e cerebrais, homem e animal não apresentam diferenças discerníveis — ambos residem no mesmo plano. Mas nos domínios superiores da consciência interior, a diferença humana, em relação à vida e plano dos brutos, é qualitativa e absolutamente distinta.

A consciência animal está confinada a si mesma — é simples, idêntica no centro e na periferia — e oferece apenas sensações aos órgãos que contém e operam. Assim,

os pensamentos dos animais pensantes são totalmente do eu, pelo eu e para o eu; por isso, nesta análise, é razoável afirmar que os pensamentos e sensações do animal “são um só, os mesmos”. O cérebro do bruto está distribuído por todo o sistema nervoso e pelo sangue. O animal, conseqüentemente, pensa como sente e sente como pensa; e, assim, quando não é perturbado pelo homem não desenvolvido, é guiado por um instinto puro e infalível.

A consciência espiritual interior do homem, pelo contrário, é livre — é uma essência composta, e é muito diferente no centro daquela vida que ele sente nos sentidos. Portanto, os pensamentos do Homem pensante provêm de duas fontes muito distintas: uma é espiritual, ou proveniente da fonte dos Princípios; a outra é sensorial, ou proveniente do campo de batalha das Sensações, tal como nos animais — mas sem a infalibilidade destes, pois o Homem é concebido para um desenvolvimento ilimitado.

Os pensamentos, portanto, não são Princípios — tal como as folhas não são árvores, as ondas não são água, ou os sons não são música. [Neste volume, deve lembrar-se que uso as palavras Ideias e Princípios como sinónimos, enquanto os pensamentos são classificados entre factos e coisas — individualizados e limitados.]

Quando um homem pensa a partir da vida dos seus sentidos, permitindo que o cérebro seja agitado e dominado por ela, os seus pensamentos serão, como os dos animais, originados, dirigidos e voltados para as sensações dominantes dentro dos limites da consciência inferior de si.

Essas sensações são auto-afirmativas, auto-satisfeitas, auto-conservadoras, egoístas e defensivas. E poderemos dizer que mais de metade da humanidade pensa assim? Quem se admira que mentes assim formadas — ou antes, assim mantidas num estado não desperto — não cultivem esperanças ou fé mais elevadas? Mas quando um homem pensa a partir das Ideias ou Princípios essenciais que compõem essa consciência superior, os seus pensamentos, ao contrário dos do animal, identificam-se com o que é altruísta, impessoal, nobre, sublime, absoluto, infinito e eterno.

Tal mente reconhece claramente que a Verdade é um Princípio absoluto, não relativo; e que o Conhecimento é a lembrança das Verdades percebidas ou descobertas — não uma criação das majestosas faculdades do intelecto. As faculdades executam, sim, o trabalho, e expandem-se com prazer no exercício saudável, mas não podem arrogar-se o mérito da origem. Pensamentos e opiniões podem ser, e geralmente são, meros efeitos de contacto psicológico e de egoísmo educativo; mas há pensamentos que brotam de Princípios inatos e opiniões que são deduções honestas, das quais o mundo retira esperança silenciosa e doce satisfação.

No centro da vida interior do homem encontra-se aquele Princípio substancial — um elemento tão real como a luz e a eletricidade — que na nossa linguagem se chama “Amor”. Esta é a fonte geradora da Afeição, da Vontade e do Intelecto. O homem é

um ser sensível; portanto, sujeito a essa atração. É um ser volitivo; portanto, um exército de forças. É um ser pensante; por isso, deve desejar e ansiar pela verdade.

Na sua consciência superior, ou anti-animal, o homem pode sair de si e tornar-se um com a humanidade que o rodeia. Mas na afeição e no intelecto, ele é uma existência indefinida, fixada neste momento entre o finito e o infinito, com vastas capacidades científicas e muitas inclinações em ambas as direções. Talvez a escala ilustrativa abaixo ajude a compreender esta definição:

- 3. Ótimo – (Anjos) – (Infinito) – (Espiritual) – (Sabedoria)
- 2. Melhor – (Homens) – (Indefinido) – (Metafísico) – (Afeição)
- 1. Bom – (Animais) – (Finito) – (Físico) – (Vontade)

O homem está situado entre os animais, abaixo, e os anjos, acima do seu plano; assim também a sua consciência encontra-se a meio caminho entre o físico e o espiritual; tal como as suas afeições se encontram no terreno intermédio que divide a Vontade do Intelecto. A vida do homem, na sua maioria, neste estágio rudimentar, é para si indefinida e metafísica. Ele analisa-se a si mesmo com rigor, alcança uma classificação satisfatória das partes e funções que compõem e caracterizam o seu ser; mas mal fecha o livro da vida e tenta iniciar o novo governo da sua existência, eis que, de algum ponto ainda não descoberto, irrompe a convicção de que, apesar de toda a investigação própria, ele é "terrível e maravilhosamente feito."

Os pensamentos são sempre característicos do indivíduo de cuja natureza e faculdades surgem; mas quanto às Ideias — como demonstrarei mais adiante — isto não se pode afirmar. Elas são impessoais. E é também por isso que o homem se sente, entre todos os objetos de investigação, o mais indefinido, impossível de demonstrar, repleto de incertezas. Sabe que muitas vezes sente apenas por sentir, e sente que busca o saber apenas por desejar saber. É capaz de amar, e ama, pela felicidade que o amor proporciona — e não por prazer egoísta.

Quando pensa sistematicamente nas causas e efeitos que unem toda a criação, chama-lhe "Ciência"; quando medita e cogita sobre os Princípios contidos nessas causas e efeitos, chama-lhe "Filosofia"; quando contempla e formula generalizações arrojadas que convergem para o centro do universo, chama-lhe "Teologia"; e quando a sua afeição, vontade e intelecto conspiram para revelar a consciência da sua dependência de Deus, chama-lhe "Religião". Disse Santo Agostinho: Deus está mais relacionado connosco, mais próximo, e por isso mais facilmente conhecido por nós, do que as coisas sensíveis e corpóreas.

O sentimento contínuo e o reconhecimento constante da nossa dependência do Espírito Divino é chamado “Piedade”. E “Moralidade” é a prática do bem. O sentimento mais elevado é a identificação deleitosa da consciência com o Espírito Materno-Paterno do Univercoelum. O pensamento mais sublime culmina na apreciação intelectual dos Princípios pelos quais Deus e a Natureza coexistem como nosso Pai e Mãe — Sabedoria e Amor perfeitos.

O centro da vida interior do homem, como já referi, é a fonte-semente da árvore mental. Chamamos-lhe Amor, um Princípio real — não um mero sentimento passageiro ou movimento de substância — do qual são controladas todas as faculdades e propriedades da Mente. Esse centro é a matriz divina, o núcleo embrionário, onde são matriculados e graduados todos os poderes morais, intelectuais e sociais. Portanto, como o leitor atento concluirá logicamente, todos os poderes mentais têm as suas raízes no solo da Afeição.

O pensador sagaz sabe que o desejo intelectual por conhecimento provém do amor, tanto quanto a sede espiritual por sabedoria ou o anseio afetivo por companheirismo e família. Um indivíduo ama o conhecimento, a ciência, a filosofia, a arte e a lucidez intelectual; outro ama escalar os Alpes da inspiração, do génio, da clarividência no desenvolvimento religioso e das exaltações que resultam dos princípios impessoais; enquanto um terceiro ama o mundo dos relacionamentos, das associações, das crianças, dos amigos, da humanidade.

Ao consultar o volume anterior, verá delineado este sistema psicofrenológico, que expõe a filosofia da organização mental humana e do seu desenvolvimento natural. O AMOR é a Vida, a fonte de atração central e de poder, desdobrando anteriormente os campos do Conhecimento e, na coroa, as faculdades da Sabedoria. A Sabedoria é a flor das Ideias; o Conhecimento é o produto do Pensamento; as Afeições brotam de todas as forças essenciais. Aqui, então, manifesta-se a região dos Amores, a região dos Princípios impessoais e a região do Pensamento especializado.

O Pensador Harmonial é aquele que pensa a partir dos princípios imutáveis que lhe são inatos. Ele é o único verdadeiro lógico. O seu método é unitário, e o seu intelecto pratica a arte divina de pensar legitimamente desde a premissa integral até à conclusão última. Aristóteles tentou elaborar um sistema de pensamento legítimo. Assim também o bom Zenão. Cada sistema contém algumas das mais profundas leis do raciocínio. Mentes ainda mais fortes e claras contribuíram largamente para a arte do pensamento exato — Bacon, Condillac, Lambert, Kant, Descartes, Spinoza, Leibniz, Locke, Fichte, Schelling, Hegel e muitos outros de igual profundidade. Estas mentes iluminadas raciocinavam sobretudo a partir de causas e princípios adequados interiores.

Eles afirmavam os princípios guardados na autoconsciência. O ceticismo é o cão de guarda à porta, um Cérbero de olhos múltiplos, que protege vigilante o autêntico dos assaltos do raciocínio falso. Factos, coisas, formas, movimentos, efeitos — tudo isto pertence ao exterior do edifício mental. São objetos ou sujeitos de pensamento e pertencem ao reino do conhecimento adquirido; ao passo que verdades, ideias, princípios, leis e causas residem no interior da mente, sendo as fontes de toda sabedoria imperecível. A Natureza, a Razão e a Intuição (ou “Religião”, como alguns a designam) são componentes da essência da consciência superior ou anti-animal.

A Natureza não é apenas a Terra, nem o império imensurável dos elementos, nem sequer o universo físico exterior, como alguns intelectos discernentes afirmam. Mas é a Totalidade de todas as coisas e princípios — o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim, o substancial e o central, a matéria e a mente, Deus vestido e Deus despido, a inteireza ilimitada e indestrutível!

A Razão não é o produto das faculdades pensantes, nem a lógica acumulada do pensamento, nem a apreensão e decisão do juízo mais equilibrado; é a harmonização de toda a consciência superior — a afirmação de todos os lados, faculdades e atributos da mente, a fusão da sabedoria com o amor, do centro com a superfície, da experiência integral da vida com as deduções das potências manifestadas e autooperantes.

E a Intuição (ou Espiritualidade) não é meramente uma convicção inata, uma consciência instintiva da verdade e o poder de discernir a conclusão da razão sem o processo; mas é também o dialético central que inspeciona o próprio princípio substancial da verdade, como um lógico infalível no trono da animação superior, que predefine as formas sob as quais a verdade se apresentará à mente individual.

Assim sendo, dado que a Natureza, a Razão e a Intuição, dentro do homem, são exatamente o que são fora da sua constituição, segue-se que são as únicas autoridades dignas de consulta confiante; pois é verdade que tudo o que um homem descobre no universo eterno não é senão um reflexo e correspondência daquilo que, em forma germinal, vive dentro dele. Isso demonstra que a Verdade é o Princípio perante o qual a Natureza, a Razão e a Intuição harmonizam e concordam — e rejubilam juntas como anjos amantes de Deus. E o erro, assim, é detetado por cada indivíduo tão naturalmente como cada olho percebe a presença de qualquer substância estranha à sua sensibilidade delicada. Uma mente íntegra está em sintonia com a Natureza; uma mente harmoniosa está em sintonia com a Razão; uma mente espiritual está em sintonia com a Intuição — e essa, no verdadeiro sentido da palavra, é a mente de um Pensador Harmonial.

Neste volume, não proponho um sistema de lógica espiritual, nem um esquema de raciocínio dialético, mas apenas indicar o Pensador natural, racional e intuicional; representar esse tipo harmonioso de mente que o mundo tanto necessita como critério de educação para os jovens. A mente humana é constituída segundo princípios lógicos, musicais e infalíveis, como o Espírito da Divindade. O indivíduo é, em abstrato, um espelho perfeito do Todo infinito, e é perfeito até mesmo como padrão; mas torna-se um mero fragmento quando em comparação, e, por isso, também imperfeito; de modo que o indivíduo imagina que deixa de ser uma medida precisa de si próprio. O seu refúgio passa a ser, a partir de então, alguma autoridade externa. Mas o melhor critério é a soma da experiência humana, pois esta inclui toda a Natureza compreensível, toda a Razão pensável, toda a Revelação (ou Intuição) apreciável, sendo o compêndio palpitante de todos os desejos, pensamentos, emoções, perfeições morais e divinas.

O absoluto para o homem é a perfeição da sua própria constituição, a consciência de Deus dentro de si, o reino dos céus inato, a luz interior que “ilumina todo o homem que vem ao mundo.” “O objeto de qualquer sujeito,” diz um filósofo alemão, “nada mais é que a própria natureza do sujeito, tomada objetivamente. Tal como são os pensamentos e disposições de um homem, tal é o seu Deus; tanto valor quanto o homem tiver, esse é o valor do seu Deus.

A consciência de Deus é consciência de si; o conhecimento de Deus é autoconhecimento. Pelo Deus de um homem conhecerás o homem, e pelo homem conhecerás o seu Deus: os dois são idênticos. O que quer que Deus seja para o homem, isso é o seu coração e a sua alma; e, inversamente, Deus é a natureza interior manifestada, o eu expresso de um homem. A religião é a solene revelação dos tesouros ocultos do homem, a manifestação dos seus pensamentos íntimos, a confissão aberta dos seus segredos de Amor.”

A Essência do Cristianismo, Feuerbach, vol. I, p. 33.

O percurso da Sabedoria é a história da humanidade tornando-se conhecedora do homem — “o maior de todos os estudos.” Deus está presente em todas as obras do mundo. A mais maravilhosa dessas obras é o homem finito, cujas essências impessoais estendem-se até à esfera infinita da vida. As ciências indutivas contam por si só a história do progresso. Os primeiros filósofos eram estudantes das estrelas, sem imaginarem que os princípios de todos os movimentos celestes — dos ciclos, epíclis e excêntricos; das distâncias, magnitudes e polaridades elétricas; da indução newtoniana da gravitação universal — que todas essas glórias estelares e leis de movimento estavam sintetizadas e concentradas na própria constituição do investigador!

Hiparco, Ptolemeu, Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Hooke, Huygens, Wren, Halley, Borelli de Itália e outros, ratificaram muitos pensamentos astronômicos e proposições de ciência mecânica desenvolvidas por hindus, persas, gregos e romanos.

E, mesmo assim, um único homem, na sua consciência mais elevada, contém as verdades últimas de todos eles. “Uma verdadeira história da aprendizagem”, escreveu Bacon, “que contenha as origens e a antiguidade dos conhecimentos, suas seitas, invenções, diversas administrações e direções; os seus momentos de florescimento, oposições, decadências, alianças, transições; com as causas e ocasiões de tais mudanças e todos os eventos relacionados com a aprendizagem ao longo das eras do mundo — posso afirmar verdadeiramente que ainda está por ser feita. O uso e o fim de tal obra não será tanto pela curiosidade ou pela satisfação dos amantes do saber, mas por um propósito mais sério e grave: tornar os eruditos mais sábios na administração do conhecimento.”

Mas sou levado a considerar todo o esforço pelo conhecimento exterior como sendo, inconscientemente, uma busca por verdades embriônicas inatas. Este é o fim secreto de todo o esforço e progresso humano. A história da Fé é uma prova incontestável desta convicção. Pois o que é a “fé em Deus” senão confiança ilimitada naquela Totalidade da qual o homem é uma parte indestrutível? As melhores definições de fé, dadas por Lutero, reduzem-se a esta proposição.

Acaso não confia cada gota, plenamente, no oceano que a contém?

A história da Filosofia, nos seus pontos de partida primitivos, é puramente instintiva; isto é, afirmativa e imaginativa, sem métodos lógicos de razão. Este desenvolvimento primário é, propriamente, o método hindu; e a era pode ser chamada de Idade Superstancial ou Poética. Era instintiva, portanto feminina. A filosofia instintiva é sabedoria de grau primário; as suas formas são simples e ao mesmo tempo extravagantes: sonhos acordados, imaginações flamejantes, sobrenaturalismo, concepções grotescas do mundo, ideias fantásticas sobre a vida e a morte, magia, astrologia. Esta época pertenceu aos povos antigos e mais primitivos — indianos, sírios, egípcios, caldeus e persas.

A fase seguinte, que, como o tronco de uma árvore, surge das raízes e as contém, foi uma era de sensorialidade mental; isto é, pensar, crer e agir com base na autoridade dos sentidos. Este plano da filosofia pode ser caracterizado como o método aristotélico; e o fim apropriado desta era é a Era Circunstancial ou Física. Sendo sensorial, deve ser denominada masculina. Houve muito progresso em regimes alimentares, vestuário, exercícios e habitação. Foram realizadas descobertas nas áreas da arquitetura, aritmética, mecânica e acústica. Os fluidos começaram a ser analisados cientificamente, os sólidos e substâncias classificados e denominados, e

os filósofos avançaram em direção ao conhecimento da atomologia e das verdades cosmológicas. Esta época pertenceu principalmente aos chineses, persas, árabes, gregos e primeiros romanos.

A terceira etapa ou grau, que abrange as características essenciais das descobertas anteriores, é eminentemente analógica; ou seja, pensar e crer a partir de representações simbólicas ou comparações — por meio de emblemas, símbolos ou parábolas. Uma coisa representava muitas outras; e coisas distantes e desconhecidas eram avaliadas por coisas presentes e visíveis. Houve rápido progresso ontológico; e a natureza, essência, qualidades e atributos de muitas coisas foram filosoficamente compreendidos e ensinados.

Esta fase do pensamento pode ser designada como o método platônico. Era analógica; portanto, feminina; e sinto-me inclinado a nomear esta era como a Idade Instantial ou Metafísica. Os principais produtos deste período foram: alquimia, magia, descobertas médicas, direito, música, estatuária, pintura, simbolismo, astrologia, visões, parábolas, magnetismo e espiritualidade — uma época, em geral, restrita aos mais avançados entre gregos, romanos, judeus, cristãos e turcos.

O quarto passo ou estágio da história da filosofia é puramente indutivo; ou seja, pensar dos efeitos para as suas causas produtoras, reexplorar o centro da causalidade por meio da observação e análise das circunstâncias. Este é, adequadamente, o método baconiano; e esta era pode ser chamada de Idade Substancial ou Científica. Sendo indutiva, considero este processo como masculino. Nesta fase do desenvolvimento, o mundo do pensamento avança rapidamente. As ciências florescem, as descobertas multiplicam-se, a mente liberta-se, as artes recebem novo impulso sublime, a civilização expande e aprofunda a esfera das suas utilidades incontáveis, e as bênçãos elevam-se e sobrevoam as opressões dos milhões que ainda sofrem. Esta época — a era moderna e popular — pertence principalmente aos mais avançados entre alemães, franceses, ingleses e americanos.

O quinto grau, que encerra o ciclo e deposita os germes-embriões para a reprodução e reinício da primeira idade — a instintiva — num plano superior, é a Idade Centerstancial ou Harmonial. É puramente dedutiva, embora inclua os quatro métodos precedentes; isto é, um pensar a partir de Princípios inatos até às suas manifestações externas e últimos efeitos. Sendo verdadeiramente interior e dedutiva, chamo-lhe a era feminina. O seu método é unitário; ou seja, uma unidade de causas no centro de efeitos infinitamente diversos, distribuídos sem limites pelo abismo da imensidão.

As produções desta época florescente e frutífera são: o desenvolvimento progressivo e a hospitalidade para com a Verdade; Análise e Síntese; raciocínio etiológico (do efeito à causa); descoberta das relações humanas; definição das leis das afeições;

espiritualidade integral; inteligência progressiva; sabedoria; e o encontro e união (na unidade do espírito) da trindade imortal e augustíssima — NATUREZA, RAZÃO E INTUIÇÃO! Esta fase fecunda e eloquente, elo final do ciclo dourado, é natural aos mais cultos entre os americanos, franceses, alemães e ingleses — e há de propagar-se como uma vaga de progresso, no fluxo inevitável do destino, sobre todos os habitantes da Terra.

Estas cinco grandes épocas ou fases gerais têm sido progressivamente desenvolvidas. Completam o primeiro grande **círculo dourado de crescimento**; encerram o ciclo filosófico; e o próximo desenvolvimento surgirá tal como o fruto amadurecido regressa à semente — porém, num plano diferente e superior, com a reprodução das mesmas características essenciais.

Ao consultar a recente obra do autor, intitulada "*A História e Filosofia do Mal*", o leitor atento perceberá imediatamente o plano de progresso enciclopédico. Cinco doutrinas ou teorias do mal, atualmente presentes no mundo, correspondem perfeitamente às cinco grandes fases do desenvolvimento filosófico.

O Ciclo da Teoria

As cinco teorias do mal:

1. O Ante-humano
2. O Inter-humano
3. O Supra-humano
4. O Espiritual
5. O Harmonial

O Ciclo da Filosofia

As cinco fases da filosofia:

1. A Superstancial
2. A Circunstancial
3. A Instantial
4. A Substancial
5. A Centerstancial

O Pensador Harmonial, pela superioridade da sua psicologia, reconhecerá e marcará certas sucessões consecutivas de ondulações vibratórias, na peregrinação cíclica do pensamento filosófico humano. Talvez a seguinte escala ajude a revelar e fixar o significado pretendido pelo autor:

Épocas	Métodos	Resultados
--------	---------	------------

Primeira Era <i>A Era Superstancial ou Poética</i>	Instintivo, Método Hindú - Feminino	Sonhador, sobrenatural, grotesco, fantástico, magia, astrologia — Indianos, Sírios, Egípcios, Persas.
Segunda Era <i>A Era Circunstancial ou Física</i>	Sensual, Método Aristotélico - Masculino	Dieta, vestuário, exercício, arquitetura, aritmética, mecânica, acústica, etimologia — Hindus, Chineses, Gregos, Romanos.
Terceira Era <i>A Era Instancial ou Metafísica</i>	Analógico, Método Platônico - Feminino	Alquimia, magia, música, símbolos, visões, parábolas, espiritualidade — Gregos, Judeus, Cristãos, Turcos.
Quarta Era <i>A Era Substancial ou Científica</i>	Indutivo, Método Baconiano - Masculino	Raciocínio dos efeitos às causas, do particular ao geral, análise, química — Alemães, Franceses, Ingleses, Americanos.
Quinta Era <i>A Era Centrestancial ou Harmônica</i>	Dedutivo, Método Unitário - Feminino	Analítico, sintético, eclético, hospitaleiro, da causa ao efeito, inteligência progressiva, espiritualidade — Americanos, Europeus e, no fim, toda a humanidade.

(NT: Entenda-se que por Superstancial e Centrestancial e Instancial que são neologismos do autor, referem, respectivamente Além do Substancial, Unificação numa Sítese ou Sistema Equilibrado, e à Manifestação ou Exemplificação de Princípios Metafísicos, como o desencolcimento da espiritualidade, símbolos e visões.)

Na história da Filosofia existe um núcleo elementar — germes de pensamento interligados e integrativos — que, cedo ou tarde, começam a expandir-se uns dos outros e a desintegrar-se, emitindo fibras-radulares em abundância e crescendo rumo ao próximo grau de desenvolvimento. Ainda que inicialmente fragmentários e fracionados, esses germes partidos e raízes intactas produzem pensamentos, não mais aos pingos, mas com precisão instintiva e profusão desembaraçada. Assim se manifesta o crescimento da lógica natural e da filosofia inata. Os fluxos e convergências da história assemelham-se à subida e descida das marés oceânicas. A primeira história incha a partir de dentro, até alcançar, por todos os lados, a maior altitude e as dimensões mais amplas. Nesse ponto de equilíbrio — onde nada há de incoeso ou desproporcional — nasce a primeira grande era, que já descrevi e denominei.

Mas esta era primitiva, com as suas incontáveis correlações e projeções de pensamento instintivo, começa a convergir para o futuro. À medida que sobe na

linha do progresso, a imensidão da expansão anterior vai-se desvanecendo gradualmente, uma concordância entre os pensamentos dominantes torna-se visível, os princípios imanentes encontram-se, um novo gérmen ou núcleo embrionário forma-se — e então, com glória auroral, nasce outra era filosófica. Esta marquei como a segunda fase.

Sem súbitos saltos nem ruturas, mas pela mesma força orientadora que faz crescer uma árvore, esta segunda era começa a divergir e a expandir-se como uma vaga poderosa. Ao atingir o ponto de máxima dilatação — onde se amplificam ao melhor grau todas as perfeições de que é capaz — nasce a terceira era, conforme indicado. De imediato, inicia-se o movimento ascendente seguinte, inclinando-se e convergindo para cima, reduzindo o poder da era precedente e fixando o gérmen fundamental do quarto desenvolvimento. Este núcleo, alargando-se e desabrochando progressivamente como os anteriores, trazendo à floração e frutificação todas as perfeições dos desenvolvimentos passados, desdobra a quinta era.

Assim como o olhar começa pelas raízes de uma árvore e segue o desdobrar lógico até aos ramos, folhas e frutos mais distantes, assim também se deve abordar a orla da história mental e, do planalto da presente idade, contemplar as sucessivas expansões e contrações do oceano divino de que tu és apenas uma gota — e, ainda assim, uma representante fixa e indestrutível. Tal como há noites que caem e dias que nascem, marés que sobem e descem, e invernos que se extinguem no brilho do verão, também há ondas ou ciclos de ondulações definidas na história interior da mente. Há subidas e descidas, como o sol — refluxos e fluxos, como o sangue da vida; há expansões durante o florescimento de uma era, seguidas por um número correspondente de contrações e transições no declínio dessa era e no início da seguinte — inspirações e expirações — como os batimentos massivos e recuos volumosos do oceano em maré.

Recorde-se que, desde o início, tenho frequentemente apresentado e sustentado a doutrina da universalidade dos dois princípios sexuais — masculino e feminino, externo e interno, destrutivo e construtivo — de modo que, para o Pensador Harmonial, a caracterização de um método filosófico e de uma era como “feminina” e da seguinte como “masculina”, alternando e misturando-se reciprocamente, é algo natural, sem qualquer mistério.

A dualidade de princípios e substâncias manifesta-se por toda parte. “Polaridade, ou ação e reação,” diz um filósofo de mente límpida, “encontramo-la em todas as partes da Natureza — na escuridão e na luz; no calor e no frio; na maré cheia e na maré vazia; no masculino e no feminino; na inspiração e expiração das plantas e dos animais; na equação de quantidade e qualidade nos fluidos do corpo animal; na sístole e diástole do coração; nas modulações dos fluidos e do som; na gravidade centrífuga e centrípeta; na eletricidade, galvanismo e afinidade química...

Um dualismo inevitável divide a Natureza, de modo que cada coisa é uma metade, e sugere outra coisa para a tornar inteira: espírito e matéria; homem e mulher; ímpar e par; subjetivo e objetivo; dentro e fora; cima e baixo; movimento e repouso; sim e não. E tal como o mundo é dual, também o é cada uma das suas partes. Todo o sistema das coisas está representado em cada partícula. Há algo que se assemelha ao fluxo e refluxo do mar, ao dia e à noite, ao homem e à mulher, numa simples agulha de pinheiro, num grão de milho, em cada indivíduo de cada tribo...

Tudo é feito de uma única substância oculta; tal como o naturalista vê um único tipo em cada metamorfose, e considera um cavalo como um homem a correr, um peixe como um homem a nadar, uma ave como um homem a voar, uma árvore como um homem enraizado. Cada nova forma repete não apenas o carácter principal do tipo, mas parte por parte, todos os detalhes, todos os fins, obstáculos, energias, e todo o sistema de todas as outras. Cada ocupação, ofício, arte, transação, é um compêndio do mundo e um correlato de todas as outras. Cada uma é um emblema completo da vida humana — do seu bem e mal, dos seus inimigos, do seu percurso e do seu fim. E cada uma deve, de algum modo, acomodar o homem inteiro e recitar todo o seu destino...

O mundo globula-se numa gota de orvalho... Assim está o universo vivo... O mundo assemelha-se a uma tabela de multiplicação ou a uma equação matemática, que, gire-se como se girar, se equilibra a si mesma... Esta lei escreve as leis das cidades e das nações.”

— R. W. Emerson, capítulo sobre *"Compensação"*

Tudo o que é interior é feminino; o exterior é masculino. Por isso, todos os elementos do Amor, e todos os atributos da Sabedoria, são puramente femininos e carregados de energias e órgãos reprodutivos; mas o Conhecimento, sendo exterior, e lavrador da vinha interior, é masculino, positivo e limitado. Assim, a filosofia Instintiva, por nascer da consciência interior, é feminina; tal como o são a filosofia Analógica e a Harmonial; enquanto os métodos Sensualista e Indutivo são masculinos e positivos nas suas operações. Quando os termos Conhecimento e Sabedoria são usados como sinónimos para significar inteligência, então a Sabedoria — pela sua natureza positiva e busca exterior da verdade — é justamente chamada de departamento masculino da mente, companheira do hemisfério do Amor.

É devido à lei da correspondência universal entre as partes e o todo, que a organização do homem representa a história completa da raça, repetindo, secção por secção, o plano e o destino de todo o vasto sistema do universo. Não só isso, como o corpo humano, da base ao cume, é um registo simultâneo do seu crescimento físico e da sua progressão psicológica. Existe uma correspondência perfeita entre certas partes do corpo e partes da cabeça, entre sistemas de órgãos viscerais e grupos de estruturas mentais, entre nervos do corpo e nervos do cérebro; de tal forma que,

através da observação atenta dos sinais e sintomas acima ou dentro das regiões frenológicas, o médico pode determinar com precisão surpreendente quais os órgãos ou nervos afetados no organismo dependente. Assim como o corpo é um epítome do crescimento físico e um representante piramidal do progresso e experiência psicológicos, também a cabeça é o resumo de cada órgão, sistema, qualidade e princípio do corpo.

Os pés do homem mantêm comunhão íntima com as Forças germinativas e as Formas primárias; a sua cabeça, no extremo oposto, com as personalidades finalizadas e os Princípios impessoais. Abaixo — visto de fora — está o Finito; acima — visto interiormente — está o Infinito; entre ambos, a existência humana ou Indefinida: de modo que o homem representa a esfera dos Próximos, com os Primordiais abaixo e os Íntimos acima. Assim, por correspondência, os factos da germinação e da gestação situam-se abaixo e anteriores à existência dos pés humanos; enquanto os pés, quando existem, representam o facto e o período do Nascimento; a meio caminho até aos joelhos, a Infância; os rápidos e ágeis joelhos, a Juventude; entre os joelhos e o estômago, ao nível da cintura, a Idade Adulta; toda a subida até ao pescoço, a Maturidade; a zona que envolve o plano da testa média, a Inação; e as partes superiores ou cimeiras do cérebro, a Morte — que, como o verdadeiro Pensador pode saber de forma absoluta, sem observação sensorial, é apenas o fim do primeiro ciclo do ser eterno, e o começo de outro ciclo num plano mais elevado e trans-rudimentar. Onde e quando a morte termina a primeira ronda do progresso, ali mesmo, naquele instante, começa a Vida individualizada no mundo aromal. O verdadeiro tipo do Homem requer e consome cerca de oitenta e cinco anos na sua passagem por este mundo até ao limiar do outro. Talvez o diagrama na página seguinte ilustre e reforce esta maravilhosa e bela verdade.

Cada nova estimativa da verdade excita e eleva o entendimento, pois cada nova apreensão de um princípio propõe uma nova forma. Assim, a conservação é superada e o estandarte do Progresso é erguido. Estive prestes a dizer que a Verdade é simultaneamente indivisível e incompressível — e isto é verdade acerca da Verdade; no entanto, com que frequência ouvimos dizer que o Princípio cabe dentro de uma casca de noz! Ou seja, talvez uma frase ou credo abrangente transmita um pensamento poderoso, que a mente generalizadora imediatamente percebe, penetra e apropria. Mas essa apropriação instantânea é uma prova incontestável de que a mente já possuía, de antemão, essa verdade.

Parece-me que Robert Browning disse com razão:

“A verdade está dentro de nós; não nasce
De coisas externas, por mais que acredites.
Há em todos nós um centro interior,
Onde a Verdade habita plenamente; e em redor,

Muro após muro, a carne grosseira a encerra,
Esta percepção límpida e perfeita — que é a Verdade!
Uma rede carnal, enganadora e distorcida,
Cega-a, e gera o erro; e conhecer
Consiste mais em abrir um caminho
Por onde o esplendor aprisionado possa escapar,
Do que em fazer entrar uma luz
Supostamente vinda de fora.”

Mas o próximo capítulo conterà as minhas impressões sobre o que constitui uma “mente veraz”; por isso, aqui, devemos concluir a nossa análise e síntese do Pensador da Harmonia.

O MUNDO DOS ÚLTIMOS E DOS PRINCÍPIOS

Morte – 80 anos

- Entrada no estado espiritual.
- Nova existência a despontar.

Inação – 60 anos

- Período de sono.
- Tempo de meditação e retrospeção.

Maturidade – 70 anos

- O ser atinge a plenitude da sua experiência e sabedoria.

Homem – 40 anos

- Período de maior influência e descoberta.
- É espiritual, ama o belo, lê, pensa e age com honra.

Juventude – até aos 36 anos

- Período de devaneio, impulso, aventura e excentricidade.
- É muito sociável e procura laços familiares.
- Reconhece o valor da boa influência. É generoso e ama a humanidade.

Criança – 10 anos

- Período de acidentes.
- Facilmente afetado por causas físicas.

Nascimento

- Período de descuido e doença.
- As impressões mais fortes são recebidas dos pais e do meio envolvente.

Regiões dos abortos

Deformações pré-natais

- Situação em que a formação física ou espiritual é interrompida ou deformada antes do nascimento.

- Estas regiões correspondem às interferências nos primeiros estágios da encarnação e desenvolvimento do ser.

ELEMENTOS DA EXISTÊNCIA

1. Amor-Próprio
2. Amor Conjugal
3. Amor Parental
4. Amor Fraternal
5. Amor Filial
6. Amor Universal

FONTES DE SABEDORIA

1. Intuição
2. Inspiração
3. Aspiração
4. Determinação
5. Justificação
6. Centralização

FONTES DE CONHECIMENTO

1. Percepção
2. Penetração
3. Análise
4. Reflexão
5. Combinação
6. Distribuição

Os elementos da Vida, que são Amor, são centrais e profundos, como as raízes de uma árvore em flor; mas irradiam e ramificam-se em todas as direções, por todo o cérebro e corpo. No tronco de uma árvore vemos as raízes; nos ramos, o tronco; nos galhos, os ramos; nas folhas, os galhos; nas flores, as folhas; nos frutos, as flores; e no fruto, uma reprodução de toda a árvore, da base ao cimo.

De modo semelhante, cada forma de amor que ascende contém as propriedades de cada forma anterior, até chegar à forma transcendente ou divina — o Amor Universal, que completa o círculo e deposita os germes de um desenvolvimento mais celeste. O mesmo se dá com a **Intuição** — base embrionária de todos os princípios intelectuais e filosóficos — que incorpora e sustém todo o sistema da Sabedoria. Todas as formas e fontes de sabedoria, até à mais perfeita (que é a centralização eterna ou individualidade do Espírito), contêm em si todos os poderes clarividentes e divinos da Intuição.

Mas do conhecimento não afirmo o mesmo. Conhecimento é o nome dado àquilo que não é inato, e portanto não é imanente a cada um dos princípios mentais, mas sim àquilo que é convencional e efêmero. Factos, coisas, palavras, pessoas — que habitam como imagens fixas na memória — constituem o conhecimento. Todas as faculdades e fontes de conhecimento são como laboratórios químicos ou canais, pelos quais o homem recebe e organiza as impressões que os objetos exteriores lhe transmitem à consciência sensível ou inferior.

Portanto, que fique claro na mente do leitor: toda a região frontal da cabeça é o vestibulo e a galeria de imagens do edifício interior.

**Parece prudente recordar mais uma vez ao leitor que, para estar em sintonia com o método harmonial de leitura e raciocínio, os seus pensamentos devem fixar-se no primeiro grau de qualquer desenvolvimento como sendo o mais baixo e imperfeito.*

Numa generalização mais ampla, pode-se afirmar que a constituição mental do homem divide-se em três partes:

- Afeição
- Vontade (Volição)
- Intelecto

O terreno intermédio é o domínio dos poderes voluntários; ou seja, o departamento da **Sabedoria** é o reino da Vontade na alma. É a guarnição fortemente entrincheirada de cada ideia essencial ou princípio dominante; daqui procedem a individualização permanente do carácter e todos os mandatos da lei e governo morais. Eu chamo-lhe a **região dos princípios impessoais** — isto é, a parte da mente que identifica todas as outras partes com Verdades ilimitadas e não localizadas. Esta afirmação será mais amplamente desenvolvida e ilustrada nas páginas seguintes. Entretanto, o leitor cauteloso e investigador poderá suspender estas reflexões até ter considerado o capítulo sobre “**Cultivo Moral**”, no segundo volume de *Harmonia*.

A Afeição, ou o departamento do Amor, e o **Intelecto**, ou departamento do Conhecimento, são guiados por princípios definidos e eternamente fixos. Eles não realizam, pois ainda não possuem — neste estágio rudimentar do crescimento espiritual — poderes voluntários. O Amor é, por natureza, sujeito à inclinação para aquilo que o atrai e deleita, e igualmente sujeito à repulsa perante o que o repele ou lhe inspira aversão. Deve reconhecer e seguir as leis fixas e inevitáveis do prazer e da dor. Não aceita nem adora o que é temível e repugnante; nem se afasta daquilo que é atraente e belo. A mesma fixidez e clareza de obediência à lei caracterizam o departamento do Conhecimento.

As leis do raciocínio são definidas e imutáveis. A Razão, em todas as raças humanas, é uma só; mas o método varia de acordo com a impressionabilidade ou densidade do temperamento. O pensamento é preciso, mesmo nos intelectos mais ignorantes, e mais cedo ou mais tarde seguirá as linhas invariáveis da lógica. O rapaz sem instrução conta as suas maçãs ou berlindes logicamente, e vê que dois mais dois são quatro, e que duas vezes quatro são oito, tão seguramente como o melhor matemático.

E quando brinca com a bola, solta o papagaio, ou vai ao rio pescar, e faz dia após dia os vários atos impensados e impulsivos da infância, fá-lo de acordo com as regras do raciocínio lógico. Nunca joga à bola sem ter uma, nunca solta o papagaio sem que esteja pronto, não nada em terra seca, não corre enquanto está sentado, não ri sem haver alegria, nem chora sem causa adequada.

1. Necessidade Lógica

Refere-se à **ciência matemática da certeza**. Esta ciência é a coerência da consciência lógica entre a premissa e a conclusão.

Exemplo:

Quando a faculdade da percepção transmite a imagem de um objeto à mente, esta inicia imediatamente um processo de pensamento mais ou menos sistemático e lógico. O objeto transmite necessariamente várias impressões: forma, posição, tamanho, cor, etc., são inseparáveis. O objeto é uma substância. Toda a substância, por necessidade lógica, é ponderável e possui peso. Nenhum objeto com peso se move sem uma força adequada. Nenhuma força pode manifestar-se inteligentemente sem ser dirigida por inteligência. E inteligência sem organização é logicamente impossível. E mais: organização torna a individualidade localmente certa; e a personalidade é, por necessidade, parcial, não geral — deve ser uma parte e não o todo.

Este ramo do raciocínio tem realizado e continuará a realizar grandes benefícios.

2. Realidade Lógica

Refere-se à **convicção da Intuição**, ou à pré-julgamento da consciência central, quanto ao fundamento de uma proposição.

Exemplos:

O todo é composto por partes.

Todo o efeito deve ter uma causa adequada.

Algo não pode vir do nada.

Não existe substância imaterial.

O menor não pode conter o maior.

Um princípio eterno não é perecível.

Amargo e doce não fluem da mesma fonte.

Aqui, torna-se evidente que as **leis inatas da lógica são absolutas**. Platão, Sócrates, Jesus e muitas das mais brilhantes mentes da humanidade viveram e ensinaram de acordo com esta lei.

"Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus"
— é uma profecia baseada na lei da realidade lógica.

Assim, Deus é onnipresente e perfeito em espírito e verdade, e se o homem — a parte finita — também fosse perfeito, então o clímax da unidade com Deus seria atingido; e a criança, vendo essa unidade, poderia dizer:

"Eu e o Pai somos um."

Leibniz, Kant, Hegel, Descartes e Schiller deram exemplos luminosos e sistemáticos desta lei. "O mais alto pensamento vivo do homem," diz o poeta, "é Deus."

Descartes, ao tentar demonstrar a existência divina, disse:

"Concluimos necessariamente, a partir deste único facto — de que existo e tenho a ideia de um ser perfeitíssimo, de Deus — que a existência de Deus está perfeitamente demonstrada."

Paulo, Fénelon, Agostinho, Malebranche e Emerson, na sua maioria, afirmam a partir da lei da realidade lógica, a qual tem origem na raiz-intuicional do Amor, ou seja, na Intuição.

A terceira lei é —

Possibilidade Lógica — por esta se entende tudo aquilo que a mente pode discernir como legítimo a partir dos fundamentos estabelecidos pelas leis precedentes. Existem certas proposições que nenhuma mente consegue harmonizar com as leis fixas da sua Intuição. Por exemplo: que a saúde é doença; que Deus criou tudo a partir do nada; que dois vezes dois são cinco; que um terço é maior do que o todo; que Deus pode criar duas montanhas sem um vale entre elas; que Ele é todo-poderoso e pode criar um potro de dois anos em cinco minutos.

A impossibilidade de harmonizar qualquer uma destas proposições com a lei inata da possibilidade lógica fixa a mente, infalivelmente, na linha do raciocínio correto. Dogmatismo nada mais é do que afirmação sem razão — a autoridade de intelectos ociosos, pomposos, falsos e vaidosos. É a lei da possibilidade lógica, residente no departamento da Sabedoria, que regula os pensamentos do Pensador harmónico. As faculdades pensantes obedecem instintivamente a este princípio inato. Grandes matemáticos e mentes mecânicas não são lentas nesta região do argumento.

Esses mesmos conseguem, inclusive, discernir a possibilidade de certas profecias extravagantes e o cumprimento de muitas afirmações poéticas. "A verdade é

poderosa e prevalecerá” — é uma convicção espontânea da Intuição. Mas mais ilustrações não são necessárias neste momento. Nas páginas seguintes tratarei mais dos resultados do pensar do que do seu método, para que o leitor estudioso não se canse das classificações aqui apresentadas.

A estrada real para o conhecimento, embora belamente pavimentada com a mais fina classificação de factos e coisas, e ornamentada de ambos os lados com árvores frutíferas e de seiva eterna da vida interior, conduz em espiral pela colina eterna — e não pode ser trilhada com sucesso por aqueles que se recusam a obedecer às leis do progresso. A Natureza, ou Deus e o Universo, não podem ser conhecidos senão pela Razão; e esta, como já afirmei, está enraizada na Intuição. A Revelação, como demonstrarei mais adiante, nada significa se não for compreendida. E, sendo compreendida, então, pela lei da necessidade lógica, a revelação deve ser inferior, em magnitude, ao poder inato que a aceita e compreende. E se desejas estudar o que entendo por "Inspiração", abre o capítulo respectivo no terceiro volume desta série. Nesse livro apresentam-se também os sete estados da experiência mental, que estabelecem as regras de progressão para a obediência individual.

Se as tuas relações exteriores ou conjugais forem discordantes, e se o teu corpo estiver mais ou menos doente, então adquire o primeiro e o quarto volumes desta série — *“O Médico”* e *“O Reformador”* — e inicia, sob as bênçãos da Natureza e da Razão, um novo e ressuscitado modo de vida quotidiana e noturna. Pratica todos os dias alguns atos naturais; passa a acreditar em algumas verdades naturais; ama, com reverência, os caminhos agradáveis da Sabedoria; supera ou ultrapassa os teus males pessoais com o bem; abandona a cidadela da teologia popular; deixa de pensar na possibilidade de escapar ao castigo do pecado por meio de expiação vicária; purifica a tua memória e os teus sentimentos de diabos imaginários e infernos após a morte; deposita a tua fé na Humanidade, em Deus Pai e Mãe — e assim darás os teus primeiros passos firmes na caminhada da felicidade, subindo pela eterna ascensão da **estrada real do conhecimento**.

O Pensador harmónico trabalha para fora a partir das profundezas insondáveis da sua essência divina central. Mas o homem de mente animal limita os seus pensamentos às sensações do corpo e dos sentidos; e é assim, infelizmente, que o mundo ainda vive e pensa. O progresso é impossível, no entanto, sem que as leis lógicas sejam compreendidas pelos mais velhos e ensinadas aos mais novos. Permite-me descrever uma operação natural.

Primeiro, os sentidos recebem uma impressão: a este processo chamamos Percepção. Em seguida, as faculdades intelectuais, movidas pela curiosidade, procuram sondar essa impressão: chamamos a isso Penetração. Depois, para apreender com justiça os seus constituintes elementares, as faculdades separam e decompõem essa impressão: é a Análise. A seguir, os poderes superiores ou interiores da sabedoria sobem ao

trono do julgamento, examinando tudo — substância, essência, propriedades, leis lógicas, etc.: a este processo chamamos Reflexão.

Uma vez tomada a decisão, e as partes classificadas em harmonia, as faculdades realizam um trabalho dialético coroado com síntese: é o processo de **Combinação**. O ato de arranjar e combinar impressões em conformidade perfeita com o objeto que originalmente as produziu é a mais sublime demonstração de Verdade intelectual — é a coincidência entre o objeto e o sujeito; o casamento da árvore exterior com a mente que a vê.

Resta apenas mais um processo no domínio do conhecimento: a graciosa apresentação da impressão polida e perfeita a todo o “lar da fé” dentro do templo — chamamos a isso **Distribuição**. É um sentimento moral e uma expressão de hospitalidade para com o novo visitante — o novo pensamento que pode conter os elementos de uma Ideia; esse sentimento, do lado humano da vida, chama-se **Benevolência**. [Ver o Cabeçalho Ilustrativo.]

Quem acredita que a mente de toda criança bem estruturada percorre progressivamente esta cadeia maravilhosa de processos? Nada é mais certo — e o mesmo vale para qualquer mente adulta; mas a lassidão descuidada da memória dissipa muitas vezes os resultados, e a pessoa não se sente verdadeiramente enriquecida. Por exemplo: a criança vê um monte de pequenos blocos de madeira. Penetra de imediato a possibilidade de brincar com eles. Depois separa-os ou desmonta-os, como quem desmonta um relógio, e impulsivamente começa a Refletir sobre as partes; essa reflexão é seguida pela Combinação — a construção de uma casinha ou outra forma de brincadeira; e por fim, se estiver bem equilibrada no poder da generosidade, a criança distribuirá o prazer entre os órgãos da sua própria consciência e também entre os familiares e companheiros. E assim deveria todo ser humano, jovem ou velho, praticar o raciocínio correto.

Pois, como diz o inteligente e sistemático Kaufmann:

“Ao ver o mundo humano dividido em inumeráveis seitas políticas e religiosas, e ao perceber mesmo os homens dedicados exclusivamente à ciência e à ostensiva busca da verdade igualmente divididos em escolas antagônicas e seitas filosóficas, todas combatendo entre si com veemência acirrada, a mente que não for suficientemente profunda (ou disciplinada) para ir à raiz da querela, concluirá apressadamente que, já que essas partes se opõem por inteiro, então não há verdade alguma comum entre elas.”

Mas, nos capítulos futuros, penetraremos até ao mais fundo desta oposição universal, e revelaremos ao Pensador harmónico a VERDADE CENTRAL de cada sistema particular.

Estive a extrair lições do mecanismo do Conhecimento, e a explicar as causas da sua fidelidade às leis imutáveis da lógica. O mesmo veredicto foi já atribuído às atividades do Amor — que estas também são reguladas, e sujeitas, aos princípios lógicos de atração e repulsão. Mas ainda resta algo a dizer sobre o terreno intermédio, o qual compreende os seis grandes caminhos que conduzem à estrada real.

“A sabedoria do homem é loucura”, disse alguém. Mas como poderia ser mais afrontado o Infinito? Que descrédito, que mancha de desonra sobre a imanência do Espírito Divino! Se a sabedoria do homem é loucura, então também o é a de Deus. Com igual justiça poder-se-ia afirmar que a vida do homem não é vida, mas morte; que o seu prazer é dor, e que a sua saúde é uma doença perpétua. Certos pirrônicos e alguns “santos”, cuja piedade é pior do que o pecado dos pecadores, fazem da auto-humilhação uma virtude. Chamam-lhe humildade, vejam bem, e reclamam beatitudes paradisíacas por essa “virtude”! Os verdadeiros santos, porém, não sabem que o são, nem se fazem passar por pecadores. Possuem, antes, uma consciência isenta de hipocrisia e cobiça. São sábios e tolos, humanos e angélicos, conservadores e progressistas — e a inesgotabilidade da natureza flui através deles.

Penso que estavas prestes a acusar-me de falta de fé, de negar-lhe qualquer missão ou lugar. Ao que respondo: a Sabedoria é a Fé perfeita. Ela é o ponto médio, “do qual tudo pode ser afirmado ou negado com igual razão.” Dizes que isso é contraditório? Não é — é apenas outra forma de afirmar a plenitude inesgotável e a harmonia universal. A Sabedoria conhece o seu Pai-Deus, sente a sua Mãe-Natureza — e é perfeita na fé. Discernindo e acreditando em toda a verdade, poesia, filosofia e esperança, ela é a eterna profetisa da Verdade.

Todo o sentimento, toda a vontade, toda a razão, e os frutos do conhecimento, são naturais à Sabedoria. Já disse que o princípio do amor (o coração) ama apenas aquilo que é semelhante a si; mas a Razão é a consciência inteligente e impessoal. O que quero dizer com isto? Que, enquanto o Amor gera o sentimento da autoexistência e atrai para si tudo o que é da sua mesma essência, a Razão eleva a pessoa para além de si mesma e comunica-se imparcialmente com a Natureza.

A Razão parece fria e impessoal para as almas impulsivas, porque, ao contrário do partidarismo sedutor das Afeições, identifica-se, por eliminação e justiça, com todo o ser. As mais elevadas sensações do espírito são invariavelmente autoconscientes e, ainda que não raciocinem de forma deliberada, obedecem sempre às leis da lógica. Os sentimentos de amor comandam todas as eleições entre o homem-pessoal e o homem-filantropo. O coração aceita a si mesmo sob a forma de outrem — como a mãe ama o filho, o companheiro ama a companheira, e o irmão ama o irmão; mas rejeita, com igual certeza, aquilo que não lhe é afim nem recetivo. O sentimento mais elevado do homem, portanto, é o Amor universal — ou seja, o amor por um

Deus de Amor. E a ideia mais elevada do homem é a Sabedoria universal — isto é, a concepção de um Deus de Sabedoria.

O reverso desta afirmação é igualmente verdadeiro: que o amor reverente do homem por Deus é afeição e reverência pelos seus próprios atributos conscientes; e a concepção do homem sobre a grandeza, pureza e imortalidade de Deus é, na verdade, uma concepção das qualidades inerentes e do destino do seu próprio espírito. A Razão confronta a existência de tudo quanto a rodeia; é perpetuamente ativa, e leva a pessoa ao aniquilamento temporário de si mesma — ou seja, esquece-se completamente ao observar e compreender a realidade objetiva e o exterior do seu eu. Ela contém os elementos de toda a Fé, e confia nas leis imutáveis do seu próprio ser sob o nome de “Fé em Deus.”

A teologia, ao ver a marcha progressiva da Razão, entra em alarme; condena-a como sendo o “jardim das tentações” do diabo, e refugia-se então no seu oposto mais próximo — os sentimentos poéticos e elevados. Ao fazer da “fé” um grande mistério, e ao chamar de “sobrenatural” aquilo que não passa de manifestações constitucionais do espírito, o clero consegue prender mulheres e crianças às suas formas e organizações. E depois, em muitos casos, os homens sentem-se obrigados a seguir — para manter a paz familiar. O passo seguinte é oprimir o exercício da Razão justa e imparcial, lançando-lhe no caminho inúmeros obstáculos, interrompendo as suas manifestações saudáveis e, por fim, impondo-lhe as mais vis calúnias e anátemas.

Existem três tipos e três fontes de fé:

1. Fé Essencial
2. Fé Constitucional
3. Fé Psicológica

Esta classificação visa tornar mais clara a compreensão da nossa natureza humana.

I. Fé Essencial — É a fé que o sentimento encontra em si mesmo. É a revelação e reconciliação do espírito consigo próprio, sob a forma de fé no Criador e Preservador. Trata-se de uma manifestação objetiva daquilo que é subjetivo e natural no espírito do homem. A mente pagã, influenciada pelos impulsos do raciocínio instintivo, expressa essa fé sob a forma de culto cerimonial. A concepção que a mente tem de Deus é o reflexo da sua própria natureza essencial; assim, quando os sentimentos se fixam num Ser objetivo com atributos divinos, a mente está apenas a relatar a sua vida interior aos seus próprios sentidos corporais.

Mas que nenhum leitor pense que estou a afirmar — ou a insinuar — que não existe uma Existência Divina para além da consciência humana. Digo apenas isto: que as concepções e intuições humanas têm a capacidade, sob diferentes formas, de refletir a natureza e a extensão dos seus atributos inatos. E, no entanto, apesar de as faculdades humanas estarem limitadas a compreender somente o que lhes é essencial, existe, fora do homem, uma existência divina elaborada e desdobrada até ao infinito, com entidades pessoais exatamente idênticas àquilo que a natureza do homem sente e representa.

II. Fé Constitucional — É a fé que a mente nutre por força da herança ancestral. Já se disse que algumas mentes absorvem disposições diretamente da mãe. Não poderá a fé brotar também dessa fonte materna? Por exemplo: há organizações mentais que parecem compelidas a acreditar em certas doutrinas e a rejeitar outras; algumas são “fatalistas”, ou presbiterianas do tipo calvinista-filosófico; outras, mais poéticas por natureza, são livres e não se sujeitam a credos; outras creem num Deus sensível, entronizado no espaço; outras num Deus de espírito e verdade, que ilumina o sentimento e a razão; muitos são crentes orgânicos no estoicismo; alguns, por todo o lado, aceitam Platão — e assim, ao longo das formas da mente, a influência parental tem muito peso na formação das crenças. Mas, assim como a fé essencial é a única fé verdadeiramente lógica, também o espírito, um dia, **superará as persuasões meramente constitucionais** e sentirá a essência original de uma crença ilimitada nos Princípios imutáveis.

III. Fé Psicológica — É a fé oriunda do egotismo e da educação mal orientada. O homem pode auto-iludir-se, adotando uma fé espúria, ou ser vítima dessa condição pelo contacto e convivência com pessoas egotistas. Há mentes que se comprazem em inocular outras com a sua própria forma de fé. Mas essas pessoas são, geralmente, pedantes, auto-suficientes, enfáticas e intrometidas. São **charlatões intelectuais**, ambicionando exercer “um pouco de autoridade breve.” As suas vítimas ficam invariavelmente “psicologizadas.” Há também uma segunda classe deste tipo: mentes ainda limitadas, que creem que toda a Verdade redentora se encontra cristalizada num determinado credo. Estes, ao contrário dos primeiros, são profundamente conscienciosos no seu esforço para converter o mundo. Essas mentes, repletas de finitude — e os seus discípulos, igualmente — estão saturadas de fé psicológica.

Mas a Sabedoria — que inclui vontade, conhecimento, intuição e toda fé permanente — vem em socorro. A vida interior anseia por libertar-se de todos os seus mistérios. A Razão, verdadeira parteira, assiste. O espírito renasce. A Fé Essencial explica, ilumina e devolve a alma a si mesma. A Razão — universal e livre no exercício dos seus atributos — sobrepõe-se às escolhas parciais do Amor e sai a banquete no festival da Natureza. A essência orgânica da Natureza é Deus; a essência voluntária do homem é a Razão; e o verdadeiro matrimónio entre essas essências é a Harmonia.

O Amor aprende a amar um objeto ou relação lentamente, e, uma vez atingido o clímax, nada vê com tanta perfeição como aquilo que adora. Daí amar todos os outros objetos ou relações com menor intensidade — ou não amar de todo. Já a Razão pura, elevando e expandindo a autoconsciência limitada, e contemplando todas as coisas do alto do trono da justiça, transcende o partidarismo e traz a paz universal.

Há, como bem sei, uma controvérsia não resolvida em torno da Fé e da Razão — sobre qual destas deve ascender ao trono, ocupar o lugar supremo e governar a mente humana. Pois nada é mais evidente do que o facto de que os sentimentos e condutas dos homens são, mais ou menos, afetados e regulados pela convicção dominante. E nada é mais indiscutível do que isto: em todos os elementos e posições da vida, a “fé” é um ingrediente essencial do sucesso humano. Há ainda outro ponto igualmente incontestável — que tanto o indivíduo como o mundo só são verdadeiramente salvos dos seus inimigos pela Sabedoria.

Fé, sem conhecimento, é como olhos sem luz. Fé em Deus, portanto, nada mais é do que a crença natural do Espírito em si mesmo — na sua capacidade inata de compreender e progredir em todas as direções. Mas uma Fé tão bela, sem a Razão que vá adiante e torne claro o caminho agradável, é como uma semente sem solo, ou uma pomba errante sem pouso seguro. A fé na imortalidade, por exemplo, é inferior ao conhecimento. A história pode ser contada com encanto e sobrenaturalismo pela fé, mas nenhuma mente repousa até encontrar demonstração.

Imagina um rapaz que acredita na ciência dos números e diz que não precisa estudar porque tem fé na tabuada — será que a sua crença torna o esforço intelectual desnecessário? Ou um homem que se recusa a cultivar os seus campos porque tem fé nas leis da agricultura — colherá ele algum fruto? Ou ainda, um religioso dogmático que, por acreditar na imortalidade, recusa-se a procurar uma evidência física e nega a mim o direito de investigação — saberá ele realmente aquilo que afirma com tanto fervor?

A Fé, considerada objetivamente, é como uma estrela no céu noturno da mente: brilha com esplendor, salvando do desespero, muito antes de o sol da Razão surgir por trás dos Alpes ascendentes do ser. A Razão pura, unida à Fé pura (na Verdade, na Justiça, no Direito, no Progresso e na Liberdade), conduz ao mais elevado crescimento e felicidade.

Lutero, com uma inclinação constitucional contra toda forma de filosofia e uma alma transbordante de fé psicológica, acreditava em mil histórias bíblicas. “Deixa a ciência natural de parte,” diz o líder protestante; “basta que saibas que o fogo é quente, a água fria e húmida... sabe apenas como deves tratar o teu campo, a tua vaca, a tua casa e o teu filho — essa é ciência natural suficiente para ti!” Depois de

afastar a filosofia do caminho, declara: “Pensa antes em como conhecer Cristo, que te mostrará a ti mesmo e as tuas capacidades. Assim encontrarás Deus e a ti próprio — coisa que nenhum mestre natural ou ciência natural jamais te ensinou.”

Lutero impõe assim os seus próprios egotismos à mente do seguidor. Repudia a Natureza e a Razão, adota a fé do sobrenaturalismo educativo, e prossegue:

“Todos os artigos da nossa Fé parecem tolices e ridículos para a Razão. Nós, cristãos, parecemos loucos por acreditar que Maria foi a verdadeira mãe desta criança, sendo ainda assim virgem...

Não devemos perguntar,” insiste ele, incutindo uma consciência educativa contra o uso da Razão, “se algo é possível, mas dizer: ‘Deus assim o disse’, logo acontecerá, mesmo que seja impossível. Pois, embora eu não consiga ver ou compreender, o Senhor pode tornar o impossível possível, e do nada fazer todas as coisas.”

A fé de Lutero é completa: “Deus”, afirma ele, “poderia facilmente ter preservado Noé e os animais por um ano inteiro sem alimento.” Qual é a sua evidência? Toma como prova aquilo que a Razão exige primeiro que seja provado antes de ser aceite como tal: “Assim como preservou Moisés, Elias e Cristo durante quarenta dias sem alimento.”

Noutra passagem, exalta a fé sobrenatural e educativa dizendo:

“A Fé é mais forte do que o céu e a terra ou todas as criaturas. Transforma água em pedra. Do fogo, pode tirar água, e da água, fogo... Nós sustentamos, cremos e ensinamos que o corpo de Cristo é verdadeiramente e corporalmente consumido na Ceia do Senhor. Mas como isto ocorre, ou como Ele está no pão, não sabemos, nem somos obrigados a saber... Quem quiser ser cristão não deve perguntar como é que o pão pode ser o corpo de Cristo e o vinho o sangue de Cristo.”

Mas fiquemo-nos por aqui com o sobrenaturalismo de Lutero.

A Sabedoria, imortal na sua juventude, e sempre a expandir-se pelos canais profundos de um Oceano Infinito de Princípios impessoais, surge e confronta cada pregador dogmático de credos. Diante deste eterno Patrício, todos os poderes plebeus se silenciam, e os anjos curvam-se em reverência.

“Coloca-te no meio da corrente de poder e sabedoria,” disse um espírito sábio, “e serás levado, sem esforço, até à verdade, ao justo e à perfeita paz.”

Quem ousará lutar contra as leis fixas da mente? Sobre todas as coisas paira uma Mente matematicamente precisa, que pensa por nós e nos governa; aos nossos sentimentos, ela é a Natureza; ao nosso intelecto, é Deus. Mas, quer a chames Natureza ou Divindade, a tua harmonia com os seus desígnios é perfeita. Para o

sábio e o tolo, para o justo e o injusto, para o animal e o anjo, é o mesmo Destino imutável e sereno.

“Um pequeno exame do que se passa à nossa volta diariamente mostrar-nos-ia,” diz um espírito imortal, “que uma lei superior à nossa vontade regula os acontecimentos; que os nossos trabalhos penosos são desnecessários e infrutíferos; que apenas nas nossas ações simples, fáceis e espontâneas reside a força; e que, ao contentarmo-nos com a obediência, tornamo-nos divinos...”

Há uma Alma no centro da Natureza, e sobre a vontade de cada homem, de modo que nenhum de nós pode ferir o universo.”

Algumas palavras finais, resumidas, são agora necessárias, para fixar no espírito do leitor este facto: que todas as escolas de Filosofia, todos os sistemas de Lógica, e todas as seitas de Metafísica — antigas e modernas — são acolhidas, e não excluídas, pelo sistema ecleticamente abrangente do Pensador Harmónico. O método hindu (instintivo), o método aristotélico (sensível), o método platónico (analogico), o método baconiano (indutivo); o Superstancial, o Circunstancial, o Instancial, o Substancial — todos se sublimam e expandem praticamente dentro do método Unitário (Harmonial), ou Contrastancial, que representa a forma final do ciclo.

E acredita, caro leitor pensante, que nenhuma mente viva é digna de ser chamada de Pensador Harmónico, a menos que os seus pensamentos fluam em sintonia musical com o compasso dos Princípios impessoais. E o verdadeiro estudante e amigo do Progresso encontrará nas leis da lógica integral e da harmonia metafísica inata, os melhores métodos para descobrir e realizar as essências eternas da Verdade. Cada método é fácil de perceber e usar, porque é natural à mente e de utilidade suprema em qualquer investigação.

Insiste em ter clareza mental.

Sê livre para progredir espiritualmente, sem interrupções.

Come, bebe, dorme, levanta-te, trabalha, caminha, lê, observa, sente e pensa — com esse único fim em mente. E concede aos outros aquilo que desejarias possuir e desfrutar tu mesmo.

O navegador mais experiente e bem-sucedido no mar sem limites da descoberta mental é aquele que, tendo fé reverente e perfeita no Mais Alto, toma o Amor por navio, a Vontade por timoneiro, a Integridade como lastro, a Verdade como carga, a Liberdade como companheira — e o Conhecimento como capitão. Mas o navegador feliz — o verdadeiro comandante supremo de todas estas forças — é esse intercessor impessoal e omnipresente, a quem chamamos: Sabedoria.

(Answers)

Pergunta: “Em alguns dos seus escritos, afirma: ‘O que sabemos agora é exatamente aquilo em que acreditamos, e não acreditamos em mais nada.’ Ora, se um homem não pode acreditar senão naquilo que sabe, isso deve pôr um travão no progresso mental — quase, se não totalmente, impedindo o avanço da mente. Estarei certo nesta conclusão? Se não, desejo mais esclarecimento.”

Resposta: O valor relativo da Fé e do Conhecimento foi amplamente considerado no 5.º volume de *Harmonia*, e mencionado incidentalmente em várias das nossas obras anteriores. Talvez possamos tornar o nosso significado ainda mais claro com algumas frases adicionais.

Primeiro: É uma proposição fundamental da Filosofia da Harmonia que a essência interior do espírito humano é composta por todos os princípios infinitos. Espiritualmente considerado, o homem é um representante finito — um microcosmo — da totalidade infinita da Natureza e da Divindade; “a imagem e semelhança” (no que diz respeito a princípios construtivos e essências imortais) do universo incomensurável, tanto material como espiritual. O nosso Irmão está, certamente, familiarizado com esta proposição. Talvez até nela acredite.

Segundo: Como corolário desse princípio fundamental, ensinamos que aquilo que é verdade e realidade fora da mente humana é, também, verdade e essencialmente real dentro da sua constituição espiritual. O universo exterior e o universo interior mantêm uma afinidade secreta, através da sua correspondência e geminação essenciais — tal como uma gota minúscula de água é um reflexo essencial do oceano ilimitado, e vice-versa. Essa é a base da simpatia entre ambos.

Terceiro: Segue-se ainda, como corolário do anterior, que a mente humana não pode “acreditar” de forma inteligente ou proveitosa em nada que não provenha de quatro fontes do seu “conhecimento”, a saber: Intuição, Reflexão, Percepção e Testemunho. E deveríamos ter dito que colocamos fé apenas nas afirmações dessas quatro fontes de Conhecimento (e Sabedoria). A Intuição abrange tudo o que é espiritual e eterno; a Reflexão, tudo o que é lógico e racional; a Percepção, tudo o que é externo e sensorial; o Testemunho, tudo o que é histórico e externo à consciência individual.

Quarto: Acreditar, ou tentar investir fé, naquilo que não é afirmado por uma ou mais dessas fontes internas de conhecimento é supersticioso e absurdamente insustentável. A história religiosa do mundo transborda de loucuras e guerras sangrentas — todas originadas em “fé” arbitrária (sem conhecimento) em certos dogmas e doutrinas que contrariam a experiência espiritual (ou interior) da humanidade. Por exemplo: milhares de seres humanos foram perseguidos por não conseguirem acreditar em impossibilidades como a concepção imaculada (compreendida literalmente), o sol parado no céu, a ressurreição física, ou o

sacrifício de um homem para pagamento parcial das dívidas morais da humanidade, etc.

Tal “fé” supersticiosa e arbitrária não encontra qualquer acolhimento consciente na alma humana. Algumas crianças, infelizmente, nascem com uma inclinação particular para certa superstição — herdada da ignorância dos pais, juntamente com outras debilidades morais. Assim, há mentes que nascem organicamente presbiterianas, metodistas, muçulmanas ou brâmanes. Outras, nascidas livres de tais “distorções religiosas”, acabam por ser psicologicamente influenciadas e seduzidas para alguma forma popular de superstição — que passam a estimar, anos mais tarde, como se fosse a própria verdade divina. Mas o nosso Irmão sabe bem que repudiamos, de forma perentória, todas essas “formas de fé” como pior que inúteis.

Quinto, e por fim: Existe, contudo, uma Fé essencial — uma convicção interior da verdade, que se eleva acima de todas as fontes de conhecimento científico, e projeta-se muito além de toda experiência exterior — e que constitui para a alma um íman irresistível, atraindo-a para dentro, para diante, para fora e para cima. A possibilidade lógica de um facto pode animar a mente muito antes da sua realização ou manifestação. Esse tipo de “Fé” é homogêneo e idêntico à consciência da humanidade. Não é arbitrário nem educativo, mas intuicional, e inseparável da própria constituição da alma.

Foi sobre esta espécie de Conhecimento, como base da nossa crença, que nos apoiámos ao responder à pergunta referida. O que sabemos (segundo a definição acima das fontes de conhecimento), isso acreditamos também — e nada mais. Nada que seja arbitrário ou estranho à Intuição, Reflexão, Percepção ou Testemunho.

PARTE II

O PANTEÃO DO PROGRESSO

As causas absolutas do Progresso não são superficiais, nem estão ao alcance da observação sensorial. Elas anicham-se no coração, no âmago de todos os fenómenos. Os factos são sinais, e as forças são os seus significados. As manifestações, portanto, são expressões de Princípios. E os Princípios são inteligências operantes em toda parte. No império infinito do ser, não há lugar sem princípios; nenhum ponto está desprovido dessa infalível inteligência; nada carece da energia divina, indivisível. Assim, os estratos de pedra são tão sabiamente formados e dispostos quanto as partes mais subtis da organização do homem. Uma formação mineral é tão perfeita no seu lugar como o é a mente humana no cume de toda a matéria.

A universalidade e a irrestrita perfeição dessa estrutura cósmica é profundamente consoladora e inspiradora de esperança. É um júbilo reconhecer que o Pai Divino não é limitado nem insuficiente; que, no cerne e no princípio do ser e do agir, Ele

não é centralizado nem objetivo, como uma pessoa ou uma coisa. Se o fosse — se existisse como uma entidade pessoal e particular nas operações da vida — então seria meramente fenoménico, e não causacional.

Do mesmo modo, se os Princípios não fossem integralmente inteligentes em todas as partes e lugares, seriam apenas vias de passagem — viadutos, e não energias auto-estruturantes e perpétuas, tal como se manifestam em toda parte. Nessa hipótese, pertenceriam exclusivamente à categoria dos factos, dos sinais, dos fenómenos. Mas não são.

Os fenómenos são expressões de Princípios; os Princípios, porém, não são expressões, mas sim as linhas vitais imutáveis dos nossos Pais eternos — “Deus” e “Natureza”. Os Princípios, assim, são finalidades. Não têm início nem fim. Pois, desde eras inimagináveis do passado, existem e manifestam-se apenas em círculos, que não contêm começo nem fim, mas incluem todas as linhas do raio, todas as figuras geométricas, e encerram todos os atributos que conhecemos ou sonhamos como divinos, eternos e harmoniosos.

Ao convidar-te a contemplar as causas do progresso, convido-te apenas a acompanhar-me, tanto quanto possível, até à Presença divina. Para além dos véus que encobrem essa verdade eterna. Dos sinais às forças que significam. Acima e abaixo dos fenómenos até às causas inteligentes que os produzem. Afastemo-nos, então, do circunstancial para o substancial; penetremos na substância, ainda mais fundo, até ao oceano ilimitado da essência, que eternamente flui, sem jamais recuar.

Aqui estamos, pois, a trilhar os belos caminhos de solo sagrado, entre montanhas de IDEIAS! Mas quão diferentes são das meras "pensamentos"! O que são pensamentos? Pensamentos são apenas Ideias em movimento, e diferem da essência que se move tanto quanto as ondas diferem da água que as sustém. Os movimentos e comoções da água são as ondas e os redemoinhos; assim também, os pensamentos e sentimentos são as comoções e emoções do espírito. O lago permanece sereno e imóvel — até que alguma força exterior o perturbe, como o vento ou uma pedra atirada ao seu seio — então começa a mover-se, a vibrar e a ondular em múltiplas direções, se não em todas.

Assim também é com a essência ou espírito — o lago interior e místico da vida humana. Ele é muito sereno, tão tranquilo quanto a luz das estrelas, até que algo ou alguma influência externa atinja um ou mais dos sentidos do corpo; então, como por magia, o espírito vibra e ondula, primeiro com sentimentos; depois com inclinações; em seguida com pensamentos; com vontade; e, por fim, com a AÇÃO — através e por meio da organização. Mas a diferença entre a substância ou essência em movimento e os movimentos dessa essência é tão evidente que “até quem corre pode ler.” A diferença não é menos clara e impactante entre Ideias e pensamentos.

Permitam-me afirmar: o espírito não é uma essência simples e indivisível. O espírito é como o vinho extraído da vindima do universo. É obtido, em suma, a partir dos éteres últimos de todos os elementos combinados. O espírito é, portanto, uma essência composta; e, contudo, devo defini-lo como original e indivisível. É original no sentido da sua incomparabilidade. Nenhuma outra combinação de elementos pode reclamar igualdade com ele; nenhum néctar jamais procurado fluiu por canais tão cristalinos e celestiais. E é indivisível no sentido de auto-sustentável atratividade. Nenhuma essência externa ao espírito pode exercer sobre os seus elementos interpenetrados um poder de decomposição; nenhum princípio é suficientemente magnético e afim para os atrair ou separar. O seu casamento é harmónico e eterno; e, conseqüentemente, na nossa filosofia, o espírito é marcado como “indivisível.”

Mas, então, o que são Ideias? Em que medida e em que aspetos diferem do próprio espírito? As Ideias são Princípios — os elementos a partir dos quais a essência do espírito é extraída. O espírito é o vinho último de todos os elementos; é o filho, essencialmente, não por organização, mas da fonte Paterna e Materna da Unidade Divina — de "Deus", como dissemos, e da "Mãe" Natureza. O espírito é, portanto, um Universo em miniatura — “todo o cosmo em pequeno” — a reprodução ou o derradeiro resultado, como um filho o é dos seus progenitores preexistentes, e herda todos os elementos essenciais e atributos imortais dos seus autores. As Ideias, portanto, são as propriedades internas do espírito — os constituintes inteligentes, ou princípios, dessa essência indivisível.

Na nossa analogia inicial, a água foi usada para representar esta essência espiritual — o lago espiritual da vida interior — e as ondas e redemoinhos representaram os pensamentos e sentimentos comuns ao espírito quando tocado e agitado por qualquer causa. Esta imagem é considerada precisa e ilustrativa, porque a água parece, à vista, uma substância simples; no entanto, é na realidade o resultado de dois ou mais elementos e éteres em combinação harmoniosa. Em correspondência, o mesmo se diz da essência espiritual. À manifestação, parece ser nada mais que um elemento susceptível de impressões, excitação, educação e dissolução; no entanto, o espírito é um vinho exprimido de incontáveis elementos, cada um dos quais é uma IDEIA inteligente, impessoal, intuitiva e infalível.

As Ideias são, como já afirmado, princípios, e são universais. Todos os espíritos encarnados são constituídos de modo semelhante no que toca às suas propriedades elementares; isto é, todos os seres humanos são essencialmente os mesmos, diferindo apenas — mas universalmente — na região da organização. Os mesmos elementos, em quantidades semelhantes quanto à essência, em combinações diferentes; daí a vasta variedade entre pessoas, tribos, raças e nações. Mas, na região do espírito, não há desigualdade, nem dissemelhança, nem originalidade, nem progresso absoluto. Todo o progresso é fenoménico — ou seja, no império dos

sinais e movimentos; nos factos, não nos princípios; nas substâncias, não nas essências; nos pensamentos, sentimentos, juízos, vontade, acção — mas não nas Ideias.

As Ideias, portanto, são património comum. Nenhuma mente pode originar aquilo que é inato a toda a inteligência. O Pai não é parcial. “Ele vive em toda a vida.” Assim, acontece que uma ideia, quando reconhecida, é universalmente afim. É um velho amigo que apenas parece estranho ou novo por um momento. Se ele surge com novo traje, e com associações diferentes contra as quais tenhamos adquirido algum preconceito, podemos, na pressa e confusão, fechar-lhe a porta no rosto — à nossa própria parente (a Ideia), nascida do coração. Mas, uma vez dentro do vasto vestíbulo da Razão sem preconceito, o recém-chegado é reconhecido como um velho conhecido — afim à Intuição e exaltante para todo princípio interior de verdade.

Em suma: as Ideias não viajam de mente em mente, como o fazem e devem fazer os pensamentos, sentimentos, imagens, palavras e sentimentos — elas permanecem sempre em casa, no lago-essência da vida, onde se banham e batizam diariamente, apenas à espera da chegada da pergunta certa ou influência adequada, à qual respondem em suaves sussurros de sabedoria (novos para o juízo do seu possuidor), ou então em declarações inspiradas, surgindo de dentro, ardentes e carregadas de verdades emocionantes e irresistíveis.

Mas sejamos muito claros a distinguir pensamentos de Ideias. A diferença absoluta entre uma e outra é facilmente percebida por quem pensa. Os pensamentos são os movimentos das Ideias, tal como as ondas são os movimentos da água. As ondas, sob a força de ventos tempestuosos, podem viajar a 120 quilómetros por hora, enquanto a água, sem maré nem corrente, pode não se mover nem um quilómetro em vinte e quatro horas. O mesmo se passa com os nossos pensamentos, em distinção às Ideias interiores. Agitados pela força do medo, da saúde, da inclinação ou da resolução, os pensamentos viajam com celeridade inconcebível, multiplicando-se uns aos outros com rapidez impercetível.

Os pensamentos de cada homem são individualizados e não se assemelham exatamente aos de nenhuma outra mente. Estes movimentos da essência espiritual não devem ser confundidos com a essência em si, assim como as ondas não devem ser tomadas como sendo a água — pois os primeiros são apenas atividade, sem substância nem capacidade de existência separada das causas, enquanto o segundo (o espírito) é a realidade verdadeira, e pode existir independentemente do pensamento e da ação.

O pensamento não pode viajar para fora ou além dos limites da essência espiritual individualizada, mas o espírito em si é, de certo modo, ubíquo, e não pede permissão

para ultrapassar os impedimentos do espaço a fim de ser conhecido; porque contém, por concentração focal, na solução do seu próprio vinho ou essência-vida, toda a sabedoria que possa existir em qualquer lugar. A mente verdadeiramente cultivada não necessita de viajar, pois conhece, por Ideias imanes, tudo aquilo que o mundo é capaz de mostrar. Viajar pode ser útil a tais pessoas apenas como desvio para o juízo e refresco para os sentidos; como uma criança que se encanta com um conjunto de contas coloridas — se estas formarem um caleidoscópio que gira obediente à sua vontade. As contas, como as Ideias, são sempre as mesmas e imutáveis; mas o prazer proveitoso reside em vê-las sob todos os ângulos do raio infinito. Nesta visão, recomendaríamos viajar a todos os homens.

Apesar de se demonstrar que as Ideias são inatas e essencialmente iguais, os pensamentos, a cada momento, são diferentes em cada mente, tal como cada pessoa é distinta das demais. Daí que seja possível obter novos pensamentos acerca de princípios antigos ou de Ideias fixas. O homem pode criar novas vestes para a sua casa espiritual. Novas concepções podem ser transmitidas de uns para outros, seja por simpatia ou por rotinas educativas, mas a causa inspiradora dessa novidade é interna, e não será expulsa, emprestada nem transferida. As Ideias podem ser despertadas, não transmitidas — tal como a música é despertada da harpa silenciosa onde habita. E tal como cada artista dá a sua própria expressão à música, assim também cada mente humana imprime a sua própria idiossincrasia de temperamento e organização à Ideia que é a sua causa inspiradora interior. A música é a Ideia; o artista é o vaso ou forma pela qual a essência se manifesta. Todo o espírito é, essencialmente, o mesmo vinho etéreo da eternidade — mas os seus movimentos (pensamentos) e operações (ações) tomarão a forma do invólucro individual que o contém.

Portanto, repito: é possível progredir em pensamentos, sentimentos, concepções, emoções, ser e agir; mas na região das causas, ou no império das Ideias, nenhum progresso é possível, pois a essência é perfeição absoluta e eterna.

Falando com maior rigor, numa definição mais cuidada, diria que os Pensamentos não viajam como entidades. Não são transmitidos como coisas que se dão e se recebem, mas possuem o poder de se imprimir, ou melhor, de comunicar movimentos e vibrações correspondentes — tal como as ondas que ondulam e enrugam o oceano, chegam à costa e gravam a sua imagem na rocha sólida, criando réplicas exactas nas areias da praia inclinada. Os pensamentos das inteligências individualizadas, do mesmo modo, começam como pequenas ondulações e aumentam de tamanho e poder, até adquirirem domínio sobre inteligências contíguas, nas quais se imprimem e abrem canais por onde persistentemente fluem e moldam.

Se um semelhante se dirigir a mim sobre determinado assunto, e eu, cortês e passivamente, abrir os ouvidos e a mente, os seus pensamentos não penetram na

minha substância cerebral como correntes de ar atravessando um coador; simplesmente despertam o meu espírito para um padrão correspondente de sentimento e atividade. Dois instrumentos musicais afinados na mesma nota vibram e respondem em uníssono, se um deles for tocado. É apenas desta forma que o pensamento pode ser “transmitido.”

Arriscando-me à acusação de repetição nesta tentativa de definir a dissemelhança entre Ideias e Pensamentos, direi ainda que aquilo a que chamamos “concepções” são apenas imagens palpáveis que a mente adota de verdades ou coisas que se supõem exteriores a si mesma. Assim, ao leres geografia e estudares mapas escolares, a tua mente absorve impressões de países, cidades e povos distantes, dos quais, por observação direta, nada sabe. Essas impressões misturam-se, e muitas vezes confundem-se, com outras adquiridas através dos sentidos ao longo da vida. À noite, sonhas e tens concepções de lugares e rostos familiares, mas em combinações novas e, talvez, desconcertantes.

“Os meus pensamentos,” dizes, “viajaram como relâmpagos.” E ficas com a impressão, no dia seguinte, de que os teus pensamentos empreenderam excursões pelo espaço, consumindo tempo como farias se partisses fisicamente em viagem. Mas essa impressão é ilusória. A verdade é que os teus pensamentos apenas ondularam dentro de ti, movendo-se de uma impressão ou imagem para outra, todas com existência individual e objetiva na memória da mente. Cada tal impressão é tão objetiva quanto a coisa que a originou.

Por exemplo: se os teus olhos, obedecendo ao desejo e à vontade do teu juízo, contemplaram e mediram cuidadosamente a beleza e proporções do Capitólio dos Estados Unidos em Washington, a tua mente recebe uma impressão correspondente. Partes na manhã seguinte de comboio para Nova Iorque com o edifício inteiro na tua mente. O revisor não te cobrará bagagem extra, apesar de carregares consigo a imagem de um facto imenso, que podes conservar pela vida fora. A tua mente pode absorver um milhão de outras impressões semelhantes ou diversas. Agora, quando reletes acordado ou sonhas durante o sono, os teus pensamentos não saem da tua cabeça, mas, como ondas, flutuam de uma impressão contida na essência espiritual para outra — segundo o princípio já estabelecido.

As operações da mente são, para alguns filósofos, consideradas como entidades. Outros afirmam que o Pensamento é uma substância, e não apenas o movimento de uma substância. Com todo o respeito, deixo esses especuladores a percorrer os meandros profundos deste tema.

Para maior elucidação, pode afirmar-se com verdade que, nos pensamentos, sentimentos, concepções, inclinações, desejos e vontade, o homem é especial, particular e egotista. Tal característica não é defeito, a menos que esteja fora de

lugar. Os ossos, o sangue, o coração e o cérebro, todos contribuem para a formação do juízo. Os pensamentos refletem a textura e o temperamento da pessoa em quem surgem. Por isso, os pensamentos de ninguém deveriam ser autoridade para outrem, tal como nenhuma cabeça deveria ser forçada a caber num chapéu de forma e tamanho fixos.

Mas, na essência espiritual, todos são semelhantes em todo o vasto, profundo, elevado e eterno universo. No espírito, ou na Ideia em si mesma, o egotismo é absolutamente impossível. Através deste éter principiador, vislumbramos a justificação infinita da fraternidade. A essência espiritual é um solvente universal. As personalidades dissipam-se neste oceano de vida e amor divinos, e as inteligências mais remotas, de construção e costumes diferentes, tocam-se como filhos do mesmo Pai-Mãe supremo. O chinês é irmão do anglo-saxão sob a luz dourada desta essência mais elevada, profunda e sagrada — o espírito — e os caracteres opostos, de origens locais e preconceitos diversos, aproximam-se através da realidade mais íntima e partilham a mesma mesa em paz e alegria.

Para ilustrar isto, remeto-te à universalidade e naturalidade da Linguagem. Trata-se de um elemento do espírito, uma Ideia — ou seja, um princípio tão vasto quanto o império da Natureza. O desejo de comunicar é universal; e também o é a gratificação que advém disso. Na Ideia ou elemento da Linguagem, não existe egotismo nem discórdia. Animal, pássaro, rosa, árvore, inseto, riacho, estrela, pedra, homem, anjo — para todos, a mesma linguagem é inata e afim; mas a discórdia torna-se aparente, e os egotismos pessoais evidenciam-se, quando a única essência espiritual entra em harmonia com as formas e organismos diversos que a revestem. Um único Princípio exige — e obtém — uma infinita variedade de expressões.

Sensualmente considerado, quão fraca parece a conversa dos insetos ao lado do uivo do lobo ou do rugido do vento norte! Os riachos podem falar belamente à alma sofrida, mas não quando a voz rouca da paixão humana ressoa no ar. Cada expressão da Linguagem é invariavelmente musical, quando ouvida com verdade e no seu devido lugar; mas, fora disso, o mundo soa como uma verdadeira Babel. O verdadeiro reformador é aquele que, discernindo a paz e a unidade no coração de toda esta diversidade e confusão, deixa a maior e melhor impressão nos seus semelhantes.

O mesmo se aplica à Ideia divina chamada “Música”. Música é um elemento presente na essência-vida oceânica do universo — uma lei fixa da mente e da matéria — um princípio absolutamente perfeito, que existe em toda a substância e em toda a vida, apenas à espera de ser tocado com justiça e despertado. Como ainda ela dorme e sonha por toda a Natureza! O conhecimento e as expressões da Música são aperfeiçoáveis e capazes de progresso; mas o seu princípio e a sua inspiração amorosa não são ensináveis nem transmissíveis como um dom.

A junção unitária de vários tempos na Música, dispostos com certa ordem e proporção, chama-se ritmo; reconhecível apenas pelas faculdades que distinguem e classificam factos. Dórico, Lídio, Frígio, Jónico, Eólio, etc., são nomes que indicam as diversas formas de expressão que a Música — como fluido vital ou princípio de amor inflamado de inspiração — assumiu em diferentes épocas e culturas. Mas a Ideia é universal, e vibra em todas as partes da criação, sempre com a mesma verdade imutável.

Temperamentos diferentes exigem — e realizam com mestria — diferentes expressões. O mundo oriental estava repleto de formas diversas desta vida espiritual divina, omnipresente e eterna. As formas, claro, são egotistas e transitórias. Duram apenas um dia, comparadas com a infinitude das eternidades em que o Princípio existiu e continuará a manifestar a sua presença interior.

O som do mar dentro da concha é como a música da varinha mágica ao longo da encosta do vale. As árvores são harpas, os ventos são artistas, e o Espírito Universal da Música é despertado dentro da alma humana! Assim, a música do mar responde à sua irmã, a música do ar, e a música do sol funde-se com a música da terra; e o espírito pleno do homem, contendo o princípio imortal, responde como um irmão encontra o outro na Terra Melhor. Completa-se, assim, o circuito das simpatias harmoniosas, pois o diapasão é infinito.

Quanto à Ideia divina chamada "Poesia", a mesma linguagem é igualmente adequada. Ao longo das eras que passaram como num sonho, a poesia foi suscitada e expressa sob formas inumeráveis e mutáveis. Mas, sob os trajes individualizados e localizados do egotismo, o mesmo princípio impessoal e eterno manifestou-se com fidelidade. Caldeus, Hindus, Egípcios, Persas, Gregos, Romanos, Chineses — estes nomes indicam algumas das expressões particulares e egotistas que velaram a essência vital da Poesia; todas manifestações diferentes, mas o mesmo espírito!

Os princípios inatos e indestrutíveis — reconhecidos e nomeados apenas pelas suas manifestações fenoménicas — designados como Comércio, Ciência, Filosofia, Arquitetura, etc., são homocêntricos à essência espiritual do ser humano, elementos da sua constituição mental — em suma, Ideias, contidas nesse tesouro infinitamente rico e indestrutível a que chamamos “Mente”. E o que foi dito sobre os outros princípios, entrelaçados e naturais ao espírito, pode também ser afirmado acerca destes. Os efeitos exteriores são sempre sinais de causas interiores. Os princípios são os progenitores das manifestações. Se observas obras de Arte no palácio cristalino da História, contemplas nada mais do que demonstrações daquilo que é integral à essência celestial do homem.

As expressões musicais são centrifugações espirituais. A atração-mestra e a causa produtora permanecem invisíveis, incognoscíveis, como o espírito deve ser. Os

sabinos, há muitos séculos, adoravam imagens, manifestando assim o princípio da veneração como ingrediente do espírito. Os magos persas adoravam Deus sob a forma de Fogo, “pela sua pureza, brilho, atividade, subtileza, fecundidade e incorruptibilidade, como símbolo mais perfeito da Divindade.” Diz-se que Platão discerniu a Ideia espiritual por trás de todas estas manifestações caldeias e persas — por vezes rudes e contraditórias, como todas as especialidades tendem a ser — e definiu-as como “um ato de adorar os deuses de forma condigna.”

Os Magos entre os Persas eram sábios, filósofos e médicos habilidosos. Sustinham o ofício sagrado entre os antigos persas, tal como, entre os indianos orientais, havia homens eruditos chamados Gimnosofistas e Brâmanes, como os Druidas eram sacerdotes venerados entre os gauleses, ou como os ministros nos Estados Unidos são sustentados e temidos pelos ignorantes e supersticiosos. Cavalos fogosos de grande beleza, atrelados a carros de construção magnífica, eram dedicados ao Sol nascente na Pérsia; nada, para um adorador oriental ou devoto espiritual, era mais glorioso ou mais simbólico da Divindade invisível.

Quem não discerne a única e indivisível Ideia por entre todos estes pensamentos reticulados ou demonstrações egotistas de diferentes temperamentos? O progresso dá-se apenas na região dos efeitos; não no império das causas, onde cada Ideia é um deus separado, mas cooperante, perfeito e eterno. A História relata que um famoso Meda, convertendo-se à forma de culto Magiana, “mandou construir templos de beleza imensa, nos quais um fogo sagrado era cuidadosamente preservado; fogo esse considerado descido do céu. Sobre essa chama divina, sacerdotes ordenados mantinham vigília contínua, de dia e de noite, para evitar que se extinguísse.” (Ver Rollin, vol. II, p. 219.)

A progressão na forma, como se mostra neste exemplo, não resulta sempre na destruição total da forma anterior. Velas sagradas ainda ardem nos altares de alguns santuários modernos; e sacerdotes da Igreja Romana vigiam hoje essas chamas simbólicas, para que não desapareçam. Mas a Ideia de veneração permanece a mesma de século em século. Séculos de evolução nas formas não transformam nem obscurecem o brilho do princípio imortal. Temperamentos diferentes exigem demonstrações diferentes. As formas, símbolos e pensamentos são expressões das peculiaridades do indivíduo, do lugar ou da época; mas não indicam perfeitamente a Ideia pura e indivisível, que é integral e eterna à essência espiritual do homem.

Para encerrar estas observações e explicações introdutórias, deixo dito: as Ideias são ubíquas e impessoais, enquanto os “pensamentos” são locais, egotistas e carregados do odor do indivíduo. Originalidade nunca pode ser, com verdade e filosofia, afirmada de qualquer pessoa em relação aos princípios espirituais ou Ideias; mas no que respeita aos pensamentos, toda inteligência individualizada no universo pode reivindicar, com razão, alguma autoria e originalidade. Mostrei, com várias

ilustrações, que os sinais e as palavras são inventivos, exteriores e arbitrários; mas que a Linguagem, enquanto causa inerente e universalmente inspiradora, é natural e eterna. Progresso ilimitado em extensão, e incontável em número, pode, portanto, ser afirmado e esperado no reino dos sinais, figuras e palavras; mas, quanto à causa — à Ideia, ao princípio inato da Linguagem — nenhuma progressão é possível, pois, como já dito, o princípio é superlativamente perfeito e imutável de eternidade em eternidade.

A mesma posição filosófica é válida e verdadeira no que respeita aos pensamentos, sentimentos, símbolos, concepções, imagens intelectuais, desejos e vontade — ou seja, as causas dentro da constituição mental, as essências espirituais, os verdadeiros elementos do nosso ser, que são princípios inteligíveis por si mesmos. Neles não há mudança, nem melhoria desejável ou possível. Mas — e isto que fique bem presente — nas operações e métodos pelos quais esse princípio interior se manifesta através do indivíduo, podem ser esperadas e cultivadas alterações infinitas, e progressos gloriosos em magnitude e valor.

Chegados a este ponto, peço a atenção das tuas faculdades de sentimento e juízo — desapassionadas e, creio, desprovidas de preconceito — para mais um ramo desta árvore da vida que cresce no jardim do pensamento. Se está estabelecido, como filosoficamente inquestionável, que as Ideias são impessoais e presentes em todo o lado, sendo a essência vital universal do Pai e da Mãe, de Deus e da Natureza, então estamos autorizados a afirmar, com igual lógica, que o espírito do homem é diferente da sua alma nervosa, tanto na derivação como na sua constituição.

Os elementos materiais ou ditos imponderáveis, quando perfeitamente rarefeitos e eterealizados, tornam-se altamente voláteis, e começam a ascender de todas as substâncias visíveis. Estes elementos formam a parte da mente humana a que se chama, com verdade, o "corpo espiritual" — ou o "vestido" da essência absolutamente perfeita, o Espírito em si. O mais íntimo do homem é, assim, uma emanção consciente em si mesmo e intercoerente de elementos eternos (Ideias) provenientes do oceano universal do Amor Divino e da Sabedoria Divina. O primeiro é feminino, o segundo é masculino, e os dois formam no homem — tal como fora dele — uma união perfeita. Esta unidade é indissolúvel; é, como os ingredientes sagrados que a compõem, perfeita e eterna.

Com o tempo, o homem pode tornar-se perfeito, tal como o “Pai que está no céu [ou harmonia] é perfeito” — ou seja, pode tornar-se espiritual, livre, e consciente da sua mais alta e profunda natureza — e deixar de ser físico, não por rejeição da matéria, mas por superação das necessidades avarentas que têm origem e se multiplicam na alma nervosa, entre o corpo físico e a essência espiritual central. Noutra ocasião, e noutro contexto, voltaremos a aprofundar este tema tão atraente.

Sendo as Ideias o nosso tema, prossigo para expor, nos termos mais breves, o efeito do temperamento sobre a expressão das verdades integrais. O temperamento é fenoménico — um efeito, não da essência espiritual mais íntima, mas dos elementos eterizados que entram e elaboram o "corpo" do espírito, ou a alma nervosa. Este espírito nervoso, o rio intermédio da vida, é a fonte causal do temperamento.

Mas permite-me, aqui, insistir uma vez mais sobre esta verdade impactante: este corpo espiritual — este vestido presente e futuro do Espírito mais íntimo — deriva-se dos princípios vitais e das dinâmicas contidas em tudo o que o homem come, bebe ou respira. Os alimentos fornecem elementos imponderáveis da sua própria qualidade, tal como o fazem as bebidas, e não menos o fazem os ares e éteres abundantes que entram por via da inspiração.

Nas frutas, cereais e ervas reside, em segredo, um tipo particular de éter da alma nervosa; nas bagas e legumes, outro; e ainda outro nas substâncias sólidas dos corpos animais que os homens preparam e consomem. É a partir destas fontes ponderáveis e exteriores que o homem obtém os trajes substanciais que individualizam a sua existência mais profunda neste mundo e a revestem no próximo. Daí que seja de máxima importância o tipo e a quantidade de alimentos e líquidos que a humanidade ingere; pois, como foi dito, o “corpo espiritual” é assim formado, e os seus constituintes devem necessariamente corresponder à natureza e proporção da matéria consumida.

Poetas não conseguem receber inspiração nem escrever, se a sua alma nervosa estiver manchada por elementos ou éteres extraídos de uma alimentação grosseira e vulgar, como carne de porco e batatas; nem os agricultores podem lavrar, semear, ceifar e executar os seus múltiplos e pesados trabalhos nos campos, se as suas almas nervosas forem frágeis como as dos lactentes ou dos desprovidos de razão.

O corpo físico é elaborado, individualizado e sustentado pela organização espiritual intermédia. Partículas ponderáveis flutuam na corrente e maré progressiva dos princípios formativos. O corpo exterior e o espírito nervoso crescem juntos, como gémeos siameses. Cada um trabalha com e sobre o outro, até que o mais íntimo se individualize perfeitamente e se separe do oceano universal das Essências Divinas; então, a alma nervosa assume as rédeas do governo, controla o coração e o cérebro, o sangue e os sistemas nervo-musculares, e mantém esta distinção e domínio por anos ou séculos, ou até que a essência espiritual mais divina, mais profunda, mais elevada e ideal, seja autorizada a ascender ao trono e governar o “reino dos céus que está dentro de vós.”

A organização espiritual, consequentemente, é o resultado de refinamento material, produto de éteres atenuados, de eletricidades, magnetismos, e dinâmicas vitais que, como os poderes animais e os princípios terrestres, preenchem e vibram em cada

átomo de substância no mar sem margens do infinito. Mas, entre estes termos e distinções filosóficas, que se recorde sempre que o mais interior do homem — o seu espírito per se — é uma essência não-particulada, indivisível, auto-atractiva, inter-magnética, perfeita, absoluta e imutável; um tesouro de Ideias; um lago separado do oceano universal dos Princípios inter-inteligentes.

Que se mantenha bem presente, também, como regra de fé e de prática neste mundo, que, embora os homens diferenciem e se antagonizem largamente no domínio dos fenómenos e dos sentimentos exteriores, há, no mais profundo de cada um, uma essência fraterna ou semelhante, pela qual todos os estranhos hão de tornar-se amigos, todos os inimigos futuros amantes, todos os escravos pares dos seus senhores, e todos os errantes habitantes de um só e amplo mundo-lar “para além das nuvens e para além do túmulo.”

Este aparente desvio do tema direto — o efeito do temperamento na expressão da verdade — será, estou certo, perdoado, quando estas considerações forem vistas como logicamente necessárias ao que se segue. É devido à contrariedade das causas terrestres que as mesmas essências assumem formas e combinações tão numerosas e dissemelhantes. As brisas marítimas e terrestres moldam o temperamento. Milhões de causas minúsculas — efeitos, elas próprias, de causas mais profundas — misturam-se e formam os temperamentos do homem. A forma esférica da Terra, que se apresenta variadamente à influência solar durante a sua rotação, dá origem a diferentes zonas de temperatura e a diferentes raças de temperamento. As linhas de maior calor terrestre estão em constante mudança, devido ao movimento elíptico do Sol, o que modifica os fluídos e sólidos do corpo humano por via das alterações de forças na sua alma nervosa.

Podem ainda observar-se as variações incessantes das condições corporais causadas pela divisão do globo em terra e água, em dia e noite; o fluxo de correntes elétricas de todos os centros de depósitos minerais para o pólo norte, causando elevações e depressões nas forças nervosas, modificando assim o tom dos temperamentos estacionários; e, por fim, como já se disse, os alimentos e bebidas de qualidades e quantidades variadas, sejam de origem estrangeira ou nacional — tudo isto, atuando no interior e sobre a alma nervosa, afeta e altera para o bem ou para o mal o arranjo de propriedades a que chamamos temperamento.

O temperamento é a ponte entre o interior e o mundo. A essência mais íntima deve percorrer, no seu período rudimentar, este caminho estreito e reto. Embora, nos espíritos mais avançados e emancipados, o Espírito por vezes ultrapasse todos os limites corporais — e irrompa, em êxtase divino, no império da liberdade Ideal, rejeitando toda a lealdade ao tempo, ao temperamento ou às circunstâncias educativas — ainda assim, na experiência comum, a Vida Interior do homem

manifesta-se legitimamente em conformidade com as leis inexoráveis do temperamento, das predisposições e das circunstâncias dominantes.

Em harmonia com esta observação, é natural concluir que a diferença entre Zoroastro e Pitágoras — a desigualdade entre Platão e Bacon, Homero e Milton — reside apenas na diferença expressa nos seus respectivos temperamentos. Com base nesta lei e nestas causas, Ninrode é caçador, Daniel profeta, Jeú condutor de carros, Ciro conquistador, Sócrates mestre, Alcibíades sensualista, e Shakespeare poeta. Cada indivíduo é, por natureza, a mesma entidade essencial. Assim, no poeta poderás encontrar o elemento do palhaço; no filósofo, algo do tolo; no civilizado, uma vaga de selvageria; no professor, a necessidade de aprender; no guerreiro, um amante da paz; e no sensualista, um traço verdadeiramente celestial. E de todos estes — e do mundo inteiro, além — sou filosoficamente autorizado a dizer: “vice-versa.”

Alguns temperamentos são propícios à expressão da Ideia inata através da forma da Música; outros favorecem a aquisição e articulação de diversas formas de Linguagem; outros ainda facilitam os caminhos da sabedoria e a disseminação do conhecimento das Ciências. Mas, entre as incontáveis variedades de temperamento, há uma combinação que promove a declaração das Ideias no reino Moral do interesse humano — e é a esses temperamentos e às figuras proeminentes da História a eles associadas que pretendo chamar agora a atenção dos vossos pensamentos mais capazes.

No domínio religioso do progresso humano — e dos preconceitos — talvez mais intensamente do que em qualquer outro aspeto da vida individual, deparamos com controvérsias verbais e incompatibilidades incontáveis. Ora, sustento, como já afirmei, que essas diferenças são fenomenais e não essenciais; que, em resumo, todos os antagonismos religiosos nascem dos pensamentos — e não das Ideias! Ortodoxos e heterodoxos, crentes e céticos, aceitantes e rejeitadores, conservadores e reformistas, trinitários e unitários, deístas e ateus — todos, no âmago, são o mesmo; e são assim registados pelo anjo escriba no céu do destino.

É minha inspiração, neste momento, exhibir as afinidades reais que habitam na alma de todas as preocupações religiosas; e, além disso, demonstrar a nossa proposição central: que nos Princípios ou Ideias não existe, em si mesmos, progresso nem retrocesso, ganho nem perda, graus nem diferenças — mas que todo o progresso, todo o ganho, toda diferença e evolução são fenomenais e centrifugados pelo temperamento, a partir do Oceano absoluto de princípios imutáveis (Ideias), de onde, por segregação e individualização integrada, o íntimo do homem é derivado e fixado para a eternidade.

BRAMA, no Panteão do progresso, é o nosso primeiro representante Idealista. Na confusa solidão da antiguidade oriental e nas tradições e mitologia subsequentes dos

religiosos Hindus, Brama tornou-se inseparavelmente identificado e confundido com a Divindade Chefe na cosmogonia. Analisando a organização e as contemplações espirituais, ou ideias individuais, deste reformador e legislador entre os Arábico-Hindus, encontro muitas das melhores, das mais verdadeiras e das mais sábias inspirações da Verdade eterna. Algumas das suas revelações não perdem em nada quando colocadas ao lado dos melhores ditos das escrituras modernas. As ideias de Brama, quando vistas à luz da Aurora de céu dourado, não parecem extravagantes nem incomuns. São fantasiosas e maravilhosamente absurdas apenas quando contemplados e medidos pelo padrão de sentimento e utilitarismo tão popular na Europa moderna ou na jovem América.

Sob a inspiração onírica da atmosfera oriental e das dietas de lótus, a mente de Brama discerniu, na vista turva e no vórtice da matéria, duas personalidades formativas. Divindades amigáveis, na verdade; mas, na prática, as suas operações eram positivamente antagônicas.

Substância ou Matéria, criada pela Divindade principal original, que foi posteriormente denominada Brama, as divindades opostas iniciaram os seus trabalhos duais. “Preservação” era um dever universal atribuído ao deus Vishnu; enquanto ao deus Siva foi designada a missão coextensiva de “Destruição.” A decomposição era, pois, contrabalançada por novas combinações. Inovação num extremo e renovação no outro. O evangelho da “Justiça” intrínseca ou da compensação natural e invariável foi então proclamado. Especulações bramânicas, mitologias e tradições foram agrupadas numa rica profusão ao redor dessa inspiração fundamental. As ideias e extravagâncias sentimentais dos discípulos originais e subsequentes são interessantes e emocionantemente sugestivas.

Se abençoado com uma visão clara e sem preconceitos, o amante e explorador da religião Ocidental precisa apenas ler os sagrados Vedas dos eruditos Hindus. Esta maravilhosa compilação de “ideias” e tradições é igualada apenas pelos comentários chamados “Sastras” e Shatras da primeira coleção, chamada Vedas. A ignorância Protestante do século dezanove não impede nem intimida as investigações dos que buscam a verdade e dos que são livres.

O verdadeiro leitor da Antiguidade descobre as “pegadas do Criador” no temperamento prolífico dos mais antigos Caldeus, Hindus, Assírios ou Persas. “Deus é o único criador de todas as coisas,” diz o livro Bramânico Baghavad Gheeta. “Ele é imaterial, acima de toda a concepção humana, invisível a todos os olhos, eterno, onipotente, conhecedor de todas as coisas e presente em todos os lugares. Deus é Brama, uma esfera perfeita, sem começo nem fim.” Os verdadeiros seguidores desse sistema são, ou foram, estudiosos reservados e altamente brilhantes.

Médicos da antiguidade remota, assim como astrónomos e muitos sacerdotes devotos, pertenceram a essa ordem. A centralização de interesses e instituições que seguiram a Ideia fundamental de Brama, demonstra a proposição de que todas as instituições brotam de sistemas ou teorias que têm origem nas primeiras poucas “pensamentos” que se cristalizam em uma IDEIA central. Mas nós acolhemos esse reformador no seu lugar no Panteão do progresso.

Mas, repudiando as *ideias* de Brahma e todas as instituições Hindus como impróprias para a digestão moderna, peço ao vosso espírito que sinta a doçura e a onipresente simpatia dele e da sua querida Ideia central. "Qual era?" vocês perguntarão. Resposta: que em todas as coisas, em todos os reinos da mente ou da matéria, *dois princípios opostos governam e operam à mesma*. Quem poderá rejeitar essa verdade profunda? Quem poderá perceber que foi percebida e recebida muito antes da existência da Grécia e de Roma? Uma dualidade onipresente de Divindades adequadas e oniscientes. A positiva, conservadora, preservadora e feminina por natureza; a outra, uma força masculina, igualmente inteligente e potencial, que desintegra e distribui todas as coisas.

Agora, que seja legitimamente observado e jamais esquecido, que toda a moderna ciência filosófica e religião científica perfeitamente substanciam esta Ideia Bramânica inspiradora. Nenhum estudante de medicina poderá negar isso, pois fala do caráter *dual* de todas as formas e funções corporais. Nenhum estudante de química poderá rejeitá-la, porquanto ela se espalha como um princípio infalível por todo sólido e fluido, todo composto e elemento, toda força e substância, todo ácido e alcaloide, que considere no âmbito das suas percepções e demonstração. Em suma, a ideia Hindu não é Oriental nem Ocidental; não é fruto de latitudes, de zonas nem de dietas; mas desprovido dos seus multifacetados egotismos orientais e especialidades locais, o Princípio flui refulgente e imparcialmente de cada centro ou corrente em direção a cada ponto na circunferência ilimitada!

BUDA vem em seguida ao palco. Ele aparece como um Lutero entre os sacerdotes e destinatários de Brama. Ele também falou da “montanha de deleite” da inspiração e Ideias. O seu temperamento e as suas ideias correspondiam, é verdade; mas não dizem muito respeito à posteridade dele. No entanto, é justo assinalar os passos da sua influência estupenda e valente reforma.

Os fiéis Brâmanes tinham os Shatras e os Vedas na conta de sagradas autoridades enviadas pelo céu aos habitantes da terra. Buda disse imperiosamente: “Eu digo-lhes que não,” e assim influenciou um grande número a rejeitar os venerados volumes. Os seguidores de Brama acreditavam e cometiam os mais sanguinários e repugnantes sacrifícios.

Buda disse: "Os antigos feitos das trevas não mais serão praticados;" e os seus discípulos recusaram-se a obedecer aos supostos mandamentos sagrados de Brama, o grande Criador de todas as coisas! As distinções partidárias e as castas institucionais, que surgiram das ideias e sistemas de Brama, foram intransigentemente atacadas e abolidas pelo corajoso Buda. O Espírito divino, na religião deste idealista protestante do antigo Hindustão, varreu o santuário Shoomadoo, ou templo das imagens, como o vento do verão que carinhosamente desliza de flor em flor. A veemente invocação de Buda ao Espírito Santo no ar, e a crença que então prevalecia a respeito da sua forma de visita, sugere um tanto a Convocação de William Cullen Bryant:

"Ele ouve-me! Vê, naquelas colinas arborizadas,
O pinheiro a curvar a sua orgulhosa copa, e agora
Entre os bosques mais próximos, castanheiros e carvalhos
A sacudir os seus verdes ramos. Ele chega!
Vê! Onde o prado relvado corre em ondas!
O profundo e angustiante silêncio da cena,
Quebra-se com o entrelaçar de incontáveis sons
E movimento universal. Ele chegou,
Sacudindo uma chuva de flores dos arbustos.
E traz consigo a sua fragrância; e traz
A música dos pássaros, e o sussurrar dos jovens ramos,
O som dos galhos a balançar e a voz
Das cataratas distantes!"

Nada é mais doce e encantador do que a visão de Buda desse Espírito Santo que visita os Pagodes, assim como dos fiéis que, em silêncio e com perfeita devoção, se dirigem ao Shoomadoo e a outros grandes templos para o culto. Os ministros da nova dispensação—isto é, os sacerdotes Budistas do último testamento—não só exigiam ser tão morais e justos como as pessoas comuns e os crentes, mas muito mais: eles eram obrigados ao *celibato e à castidade e, se casado antes da sua iniciação, o casamento era dissolvido. Eles não deviam nem tocar uma mulher, ou mesmo uma criança do sexo feminino, ou qualquer animal feminino.*”*

Esta referência tem o propósito de desenvolver a Ideia, entre as múltiplas “ideias” inúteis e preceitos de Buda. É a mesma inspiração impessoal interior que brotou nas palavras de um outro reformador, em eras posteriores: “Estreita é a porta e estreito é o caminho que conduz à vida; e poucos são os que o encontram.” Com base nesse princípio de devoção estrita ao espírito, crucificando e degradando a forma material, o mundo desenvolveu várias classes de ascetas.

Embora a própria IDEIA seja imortal e universal, e seja propriedade espiritual de todo homem, as *ideias* dos seus muitos recetores conscientes têm sido egoístas e absurdas.

Embora a ideia de perfeita justiça na submissão e conduta de alguém para com tudo o que seja bom, verdadeiro, divino e belo—para com o puro, justo, amável sábio e misericordioso—é um princípio do ESPÍRITO, sempre presente e influente com o consciencioso e poético em religião, mas, quando qualquer pessoa ou grupo de pessoas o aceita como regra de vida, com os regulamentos egoístas e disposições e prescrições do líder afixadas neles, o resultado são formalidades míopes e devoções cegas.

Como prova disso, veja-se os Budistas, tanto sacerdotes como o povo comum, nas suas longas punições e orações de louvor. Porque ser verdade que "Reto é o portão e estreito é o caminho que conduz à vida," deverei assumir como igualmente verdadeiras as proposições e "*ideias*" de Buda, com respeito à aplicação à minha individualidade, ou as prescrições egoístas de qualquer outro médico espiritual? Cada um, enquanto uma existência individual, deve resolver o enigma divino por si próprio de forma fiel e completamente—deve tirar a joia da sua configuração Hindu, o diamante do perturbado Ganges das especialidades, e colocá-lo no seu próprio peito onde, por herança ele brilha secretamente, deixar que toda a sua luz se derrame sobre o trono da Razão, e *então fazer o que a consciência ordenar*.

* *Vide Goodrich Hisfory p.547*

A consagração e a abnegação budistas não eram, como se me torna perfeitamente ciente por meio de impressão, mais imperativo e um sacrifício para os interesses egoístas do que aqueles das ordens de religiosos brâmanes anteriores, contra as quais, à semelhança de Lutero, o inspirado Buda ergueu a sua poderosa voz e fixou o seu poder que amplamente se disseminou.

As fastidiosas devoções dos antigos brâmanes, os seus sacrifícios batismais e parentais ao deus do Ganges, as suas atuações leais perante o Krishna sem vida nos templos do Jagannath* e sob as pesadas rodas de outras imagens poderosas do poder criativo, o martírio pela queima de belas pessoas e relacionados ao sagrado sobre o altar em chamas—tudo concorre para o estabelecimento de que os religiosos Brâmanes eram ignorantemente formais e necessitavam de reforma.

Em resumo, que Buda foi para Brama o que Jesus foi para Moisés, ou Lutero para a Roma Católica; e nada é mais palpável no pano de fundo dessa história do que isso, tal como Lutero reteve muitas opiniões e perpetuou, como sagradas, certas

cerimônias do desenvolvimento papal; ou como Jesus anulou certas partes e endossou mais da dispensação e fé Mosaica, assim também Buda rejeitou uma grande quantidade de doutrinas e requisições de Brama, mas, ao mesmo tempo adotou e reforçou uma lista maior de crenças e formas Hindus como verdadeiras e obrigatórias para todo sacerdote e devoto.

** (N.T.: Jagannath, ou Juggernaut no original Sânscrito é termo envolto em conotação negativa que traduz o poder esmagador a força dominante e avassaladora da máquina de Estado, poder político, sistema social (no sentido metafórico) que na sua procissão imensa esmaga, devora e destrói, à semelhança dos enormes carros que desfilavam nas procissões ao deus Vishnu na antiguidade, no Estado de Odisha, na Índia. A sua forma esculpida era passeada em carruagens monumentais durante o famoso festival Ratha Yatra em que, grandes carros de pedra carregando a imagem do deus eram puxados por milhares de devotos.)*

No entanto, num princípio ou IDEIA impessoal, Buda foi, na expressão, uma nova revelação. Em todo o universo incomensurável, é igualmente verdade— “Reta é a porta, e estreito é o caminho que conduz à vida,” e nenhuma pessoa jamais alcançou “Vida” por meio de nenhum outro princípio menos imperativo. Nenhuma alma jamais se tornou senhora de si e se relacionou conscientemente com os seus Pais Infinitos em amor e sabedoria, em termos menores ou diferentes. Portanto, conforme já exortado, conquanto não possamos adotar as cristalizações Hindus e os orientalismos egocêntricos que envolvem e repousam ao redor desta verdade, intuitivamente aceitamos a IDEIA em si; porque, em suma, é um elemento de todo o Espírito, e prega a lei soberana de todos os jovens. Daí que acolhamos este reformador no Panteão do Progresso.

SANCONÍATON, outro representante, tem direito a uma posição no nosso panteão. Ele viveu e escreveu antes de Moisés. Um Assírio de nascimento, um Fenício por educação, um cosmólogo por inspiração e nas IDEIAS, nosso irmão. Lançamos os nossos olhos fraternos sobre a estupenda ponte em arco de três mil seiscentos e trinta e dois anos, e saudamos um membro amado da nossa família—um homem que, em virtude da organização e da luz inspirada das esferas superiores, deu à luz aquilo que é comum a toda a humanidade.

Na névoa dourada do seu temperamento, e através do alambique da sua individualidade, ele viu e disse que a Criação é resultado de dois poderes inteligentes—Caos e Zoroal, ou Jehoi (Jeová). Na sua cosmogonia e teologia, o Criador e único preservador foi Zoroal, que, antes do evento da Criação, ao encontrar o Caos, entrou em planos tanto de amor-próprio como de inteligência. Com respeito a essa parte, as suas inspirações e ideias eram estritamente egocêntricas e sem importância.

“O espírito do ar,” disse ele, “apaixonou-se pelos seus próprios princípios”; o resultado foi uma vasta Criação, repleta de todos os luxos e coroada de inteligências humanas formada por súditos, devotos e preciosidades. Este Assírio-Fenício foi assim o intermediário de uma Ideia impessoal, a saber: que a Causa dos Fenómenos é dotado de inteligente própria, amor-próprio, recompensa própria, absoluta, imutável!

Por que procurar rejeitar esse amigo divino, esse Princípio sempre crescente da nossa mais profunda intuição, por o encontrarmos fixado em associações pré-Egípcias? Quem o poderá rejeitar? Nenhuma alma na terra! É possível, eu sei, fechar os olhos e liquidar, junto com o que é repulsivo, muitas variantes do bem e da beleza; mas não é possível ao Espírito recusar os elementos que inspiram e determinam a sua própria individualidade peculiar. Por um lado, estendo a Sanconíaton o caloroso braço direito da fraternidade. Transmito-lhe alegria pela Ideia, nobre e salutar; mas pelas suas “ideias,” conforme ele sabe, não consigo perceber e praticamente não expresso simpatia.

MOISÉS, e não o seu protótipo, o lendário Baco, vem em seguida. Pesquisadores cronológicos reportam que a sua existência pessoal surgiu há três mil e trinta anos atrás—no passado, bem longe, e por trás dos inúmeros eventos aos quais nós, como modernos, naturalmente nos apegamos e confessamos algum tipo de relação reverencial. A obscuridade está fortemente estabelecida na história e nos escritos desse homem. Mas, se ele viveu ou não, não é uma questão de importância. Que um sistema de cosmogonia e um governo de teocracia existem, e são chamados de “mosaicos,” é um facto que não é disputado em lugar nenhum. Com os monumentos imponentes e as revelações carrancudas da antiguidade, portanto, agora não temos nada a fazer; só com a Ideia áurea subjacente, iniciadora, envolta pelos inúmeros “ideias” desenvolvidas e projetadas naquele período.

“No princípio,” disse ele, “Deus criou os céus e a terra.” Esse foi o estandarte de ouro ao redor do qual os Judeus foram influenciados a congregar-se. Desse rochedo eterno fluiu a fonte das águas celestiais. Jehoia (Jeová) como o único criador e único preservador, a única autoridade. “Não terás outro Deus!” Ideias e teorias, sistemas e instituições, rituais e cerimoniais, inúmeras devastações e corações desesperados resultaram das interpretações egocêntricas e locais desta Ideia única. Usurpações clericais, pilhagem nacional e astúcia régia têm caminhado de forma lasciva e horrenda sob os mal-entendidos desse glorioso princípio. Quem poderá recusar amizade pela ideia Mosaica? Quem o fará, quem poderá contestar a proposição de que toda a integridade, toda a lealdade, é para o Poder que permeia, aviva, governa e sustenta? Como, quando ou onde deveria ou deverá essa lealdade ser realizada e

manifestada, é uma questão aparte. Nem o manso Moisés nem os Judeus fiéis têm autoridade para dizer “Desta forma”—“Agora”—“Aqui.”

A minha alma deve ser a autoridade suprema na presença do anjo dessa IDEIA. E o mesmo é o seu privilégio, caro leitor destas palavras; pois você também é um microcosmo, “em pequeno TODA a esfera,” e comporta o princípio. É uma necessidade sublime que, no círculo encantado desta independência mental, você deva, mais tarde ou mais cedo, expressar as apreensões que tem da Ideia em harmonia com os ditames soberanos do temperamento privado. Assim que você começar a imitar a expressão do outro nesse momento você muda da probidade para o perjúrio—renuncia à sua vida legítima, maturidade e honestidade—e torna-se um pobre e submisso escravo da moda, inteiramente fraco, desprezível, hipócrita.

Não será a afirmação de que Deus é a necessidade divina, à qual devemos a nossa existência e o nosso destino, uma verdade universal? Será a concepção particularmente Judaica? Terá sido mais verdadeira com Moisés e os antigos Hebreus do que com os povos anteriores ou que agora vivem? Os dez mandamentos! O que serão eles? Decretos pessoais e instituições egocêntricas e nada mais. Muito bom quando elaboradas, mas para esse período; mas quem poderá ser ao mesmo tempo Judeu e Americano, na expressão da sua religião? Ninguém que seja sincero, robusto e real.

Mas possuindo, como o todo espírito humano possui, a IDEIA da inspiração Mosaica, pode rejeitar a forma e ainda assegurar o progresso por obediência independente ao Princípio. Nós, pois, estendemos a Moisés a mão direita da fraternidade, e o consideramos ternamente e com gratidão, embora não seja do nosso sangue nem era do mundo. Ele reside no Panteão do Progresso.

ZOROASTRO, o segundo cronologicamente a seguir a Moisés, posiciona-se verdadeira e majestosamente no panteão das Ideias. Contemple-se Este espiritualmente inspirado em meio às hostes de nobres Persas! Há dois mil e quatrocentos e noventa anos atrás, o nosso irmão pagão (?) escreveu e falou. Lemos com reverência e ouvimos os sentimentos carregados de brilho da aurora e palavras doces com melodiosa ternura. Deliciosa e gloriosamente proclamou ele e reformou o evangelho dos Magos. As suas realizações pessoais foram positivas e influentes.

Nas suas doutrinas, em cada aspeto da sua proposta de reforma, brilhava a glória do ouro, a alvura da prata, das pedras preciosas e pérolas de beleza imortal. Odores e unguentos, canela e incenso, vinho e iguarias, feras, ovelhas, cavalos e carruagens, escravos de vestimentas diversificadas e fontes de música e jardim de flores, anjos e satãs, o bem e o mal da terra e o ar, o tempo, o espaço, a sorte e o destino—tudo isso é mobiliário em exposição, no mágico Palácio de Cristal de Zoroastro.

Se a cidade santa e eterna que João viu descer do céu, preparada como uma noiva adornada para o marido, foi tirada das visões do reformador Persa, ou não, não nos interessa agora; mas é importante que, entre seiscentos e setecentos anos antes do profeta de Patmos, Zoroastro descreveu a residência do glorioso Ormuz, que brilhava atrás do sol, como sendo como o jaspe e mais claro que o cristal mais brilhante. As fundações guarnecidas tinham lugar nela; os doze signos zodiacais também, como doze portões perolados; a esmeralda, a calcedônia, a safira, o jaspe, a crisólita, o topázio, o berilo, a ametista resplandecente e outras pedras caras, mescladas com ouro, prata e belezas peroladas; e, como John o próprio diz: “A cidade não tinha necessidade do sol, nem da lua, para brilhar nela... E os portões não se fecharão de dia, porque não haverá noite lá.”

O materialismo e a objetividade da visão celestial de João são perdoados com base na correspondência figurativa e emblemática que apresenta. A mesma nobre cortesia será, é claro, estendida ao estranho mais velho, Zoroastro; pois não somos escravos de clima, de país nem de educação. O reformador Persa foi um excelente estudante dos céus visíveis; um astrónomo, um crente na alquimia; um mago hábil no sentido de compreender a ciência nos seus graus elementares, e conhecia algo do que é, agora, denominado "Psicologia." Acrescente-se a isso as suas aquisições educacionais e uma suscetibilidade à inspiração dos mundos superiores, e ter-se-á uma concepção completa dos factos externos e internos da pessoa dele.

Em todos os países, ele foi conhecido pela sua grande pureza, virtude, veracidade, benevolência, presciência, humildade, beleza e saúde. Dizia-se que o amor que tinha pela verdade pulsava como sangue nas veias desse filósofo. Ele veio como um Lutero austero, um raio da reforma, entre os veneráveis Magos. Os antigos devotos do fogo (Athravans) datavam de um legislador de uma antiguidade mais remota, também denominado “Zoroastro”; de quem o mundo oriental obteve muito do seu Zenda Vesta místico, e outros escritos, que avançaram ideias e teorias sobre o fogo e o sol. Não é possível, entretanto, extrair das histórias cristãs nada mais do que um relatório preconceituoso. Eles consideram todo inspirado, antigo ou moderno, que não seja integrado pelas autoridades mosaicas ou cristãs na categoria de Deus, como um pagão, herege, criador de falsidades ou infiel, indigno de ser até mesmo decentemente mencionado nos capítulos da História.

O grande e bom Deus de Zoroastro, Ormuz, era belo e magnificamente circunstanciado. Os seus atributos também foram exaltados além da concepção. “Poder-se-á aferir a onipotência? Poderás tu conceber a onipresença? —que guia o réptil mais cruel e vivifica o serafim mais brilhante; que dirige a partícula de pó e comanda o curso do cometa?” Ninguém poderá responder pela afirmativa a essas questões. Baal era um poder subordinado; o mesmo eram Azazel e Zimathus, e as

divindades invisíveis de riachos e montanhas por toda a Assíria, Caldeia e todo o Oriente sublime. O Deus majestoso e reinante era Ormuz. Ele era indescritivelmente brilhante, puro, poderoso, preservador, sempre presente e incorruptível. Na cosmogonia Persa, essa divindade, cujo melhor emblema é o fogo (até Moisés o viu na “sarça ardente”) era o principal criador e preservador infinito.

Mas, infelizmente! como a maioria dos outros deuses, ele não era absoluto no exercício do atributo designado "onipotência." Luz ele não poderia criar, a menos que a condição de *escuridão* pré-existisse; nem poderia criar os dias, sem permitir a existência e recorrência das noites. A vida era capaz de encarnar apenas sob determinadas condições; como a matéria, os elementos primordiais, a passividade e as afinidades químicas. Embora Ormuz fosse todo paz, ele não podia evitar as causas que entre os homens geravam a guerra. Ele era todo saúde e contentamento, mas os poderes inferiores (os filhos da Terra) contraíam doenças e avançavam rapidamente para o sofrimento corporal.

Vendo tudo isso e contemplando com as suas infinitas capacidades os meios de fuga, Ormuz primeiro resolveu dividir o mundo físico; a seguir, resolveu classificar a família humana em homens bons e maus; e, por último, atribuir e designar o Mundo Inferior como um lugar de residência e governo para aquele líder sem lei de todas as abominações terrenas, chamado "Arimã."

Arimã, possuindo um império aparte, tornou-se reconhecido em toda a parte como o antagonista e igual a Ormuz. A operação desses poderes sobrenaturais naturalmente contrários, embora tendo a mesma origem pura e divina, era terrível, por meio de demonstrações contrastantes. Daí que a luz do sol, a beleza, o crescimento, as colheitas, o vinho, a virtude, a vida, a paz, o amor, a graça, a prosperidade, a sabedoria e inúmeras outras boas dádivas descessem do seio infinitamente rico do todo-poderoso e celestial Ormuz; enquanto do reino negro e miserável de Arimã, do mundo das forças selvagens abaixo de todas as montanhas e abaixo de todos os rios poderosos da terra, surgissem doenças, infelicidade, morte, adversidade, vício, assassinato, guerra, ódio, ignorância, e os incontáveis males que cercam o caminho tortuoso da humanidade distraída e errante.

Ovelhas e cabras, bem e mal, virtude e vício, vida e morte, Deus e Satanás, céu e inferno, foram assim supersticiosamente concebidos e plasmados em alto relevo pelas revelações teosóficas do inspirado Zoroastro. Sentimos arrependimento que o reformador Persa não tenha percebido, de forma inteligente, a par com o autor de “Filosofia Proverbial,” que “o pecado é uma mancha terrível, mas conferiu uma nova glória à luz. O pecado é uma capa negra, mas realça as joias do céu.” Conforme delineado pelas "ideias" e temperamento de Zoroastro, o personagem Arimã não é diferente daquele dos génios monstruosos retratados nas "Mil e Uma

Noites." Ele visitou os seus emissários noturnos e agentes clandestinos, um pouco à maneira de erupções vulcânicas e catástrofes surpreendente. Se o autor de 'Thanatopsis' (poema de Wiliam Cullen Bryant) perdoará o emprego das suas palavras a este respeito, apropriar-me-ei do seu 'Hurricane', em parte, como descritivo da visita de Arimã aos seus preciosos:

"Escurecem depressa; e o dourado fulgor
Do sol apaga-se na chama de horror,
E envia, pela sombra, um raio funesto,
De luz que não é noite nem é dia, um gesto —
Um feixe que toca, com os matizes da morte,
As nuvens acima e a terra, o norte!
Para o abrigo desliza o pássaro calado,
Enquanto a voz do Furacão é escutado,
Erguido entre as montanhas ao redor,
E as florestas ouvem e respondem ao clamor.

"Ele chegou! Ele chegou! Não ouvis
Não ouvis os seus largos mantos que o vento desenrolou?
Gigante do ar! Viemos te saudar!
Como as suas saias cinza ao vento a esvoaçar!
Como de braços contorcidos se curva, imenso,
A abarcar a zona do firmamento,
E, ao fim, envolver com o seu abraço sombrio,
De montanha a montanha, o espaço visível e frio!
E escutai o longo, alto brado,
Do carro de Deus na nuvem de trovão saltado!"

Tudo isso, e muito mais que poderia ser escrito com respeito às doutrinas do Oriente, serve para ilustrar as especialidades e ideias pessoais do bom Zoroastro. "O seu sistema religioso," diz um historiador moderno, "foi considerado o mais perfeito que já foi inventado pela razão humana sem auxílio." Por que deveria qualquer Cristão supor que o espírito de Zoroastro tenha trabalhado "sem ajuda," não é evidente; mas quando suscitamos a memória o efeito dos preconceitos hereditários e adquiridos, todo parcialismo e observações tendenciosas são ao mesmo tempo explicáveis e desculpáveis.

A verdade é que a teologia do Persa é semelhante à dos colégios populares, ou seja, demónios pessoais, infernos literais, sofrimento pelo fogo após a morte, expiação, celebração, fé, regeneração, ressurreição, um dia de juízo e o ajuste final. Estes são aspetos cardeais e eventos fundamentais no sistema de Zoroastro, cuja razão é

considerada "não assistida." É bastante triste que as suas penetrações não fossem inteiramente independentes das concepções predominantes!

Ele foi, de facto, bastante “assistido” pela sua organização e era, como os Cristãos foram pelos seus teológicos e doutrinas ancestrais; e o resultado, em ambos os ramos do progresso, é poucos frutos e muitos espinhos—quintilhões de noções, pessoais e inúteis para o mundo, mas de IDEIAS a quantidade é alarmante de tão limitada.

Por meio das peculiares concepções particulares e afirmações místicas de Zoroastro, no entanto, flui para a frente, como um rio dourado da vida, uma inspiração impessoal. A sua declaração sobre isso foi que, em eras futuras longínquas, um “dia” de juízo e de justificação surgiria em todas as partes do universo. Ao som da grande trombeta, os mortos na terra, no mar, nos reinos do sofrimento, junto com todos os génios abandonados, chefiados pelo seu líder Arimã, ascenderiam e congregar-se-iam na Corte do bom deus, Ormuz. A partir desse momento, o mal chegaria ao fim. Os domínios da maldade seriam transformados em jardins floridos.

A própria morte morreria! A noite não existiria mais, pois o deus-Sol prevaleceria em toda a parte. A selva floresce, a guerra suaviza a “sua frente enrugada” e o mundo será regenerado. Ormuz estará triunfante! O seu amor puro, incorruptível, imutável, finalmente abriria caminho para o âmago da alma de Arimã, e o ser mais maligno seria conseqüentemente salvo "numa salvação eterna." Todos os homens, todos os espíritos, anjos e serafins, seriam redimidos e perfeitamente felizes; e haveria apenas um reino de Paz e Sabedoria, e ORMUZ seria tudo em todos.

Descartando essa afirmação e o seu entorno institucional, como as belas preocupações da própria individualidade e educação do Reformador, eu interiormente olho e deteto a ideia universal. Que ideia? Resposta: “Vencer o mal com o bem.” Adotar cristalizações do pensamento Persas ou Cristãs, respeitando essa Verdade ou IDEIA intrínseca, seria uma violação da nossa própria era e temperamento.

Batizar e denominar o “mal” Satanás ou Arimã, e chamar o “bem” Deus ou Ormuz, é fraqueza e uma loucura da imitação. Mas é sinal de sublime força e sabedoria permitir que o princípio, “Vencer o mal com o bem,” flua de dentro e sobre todas as relações que alguém tenha com os seus semelhantes. Outras Ideias subsistem no sistema de Zoroastro—cosmológicas, éticas e espirituais; mas nenhum membro vivo da nossa raça alguma vez deu a um único princípio tal expressão sublime e de triunfo eterno. Vamos, pois, estender a este irmão Persa a nossa mão direita. A sua ideia soberana um dia será desenvolvida em todo o espírito assim como em toda a ação; pois todos os princípios são inatos e se tornarão potentes no devido tempo.

CONFÚCIO, o legislador Chinês, é o que se segue na classificação das mentes inspiradas. Desse personagem distinto, muito pouco se sabe de positivo. Os seus repórteres foram escritores preconceituosos. Pelas penetrações da psico-clarividência (psicometria?) —aquele poder pelo qual um ser humano pode pesquisar o passado e aferir o caráter de indivíduos que viveram outrora e atuaram no amplo palco do mundo—Confúcio é considerado um dos primeiros mestres orientais.

Harmonioso por herança física e abençoado com a glória culminante de uma constituição espiritual bem equilibrada, aberta à *anima mundi* por todos os lados, suscetível a inspirações que conduziam revelações sublimes para o seu intelecto, ele caminhou e trabalhou entre os seus conterrâneos como se possuísse uma autoridade despretensiosa. O vasto império da China não era nada para Confúcio quando comparado com um princípio moral. Embora longe de compreender a pureza, simplicidade e sublimidade das suas declarações orais, os milhões estavam prontos a todo o instante a conceder-lhe o mais alto lugar de honra e glória que cabe ao poder de um povo conferir. Ele foi seu intercessor, um poder de persuasão entre eles e os deuses desconhecidos.

Confúcio ensinou muitas coisas que só podem ser aplicadas a ele próprio e aos de sua dispensação particular. As doutrinas da transmigração, tão comuns nas primeiras eras de inspiração, foram misturadas nas suas ideias com muitas verdades expansivas em filosofia psicológica. A explicação que dou à prevalência dessa crença singular é que, nos períodos antigos da história humana, quase toda a inspiração era dirigida às porções posterior e lateral da cabeça—partes mais desenvolvidas e, portanto, mais impressionáveis—transmitindo a convicção que impregnava os seus recetores com toda a misteriosa força de inspiração, de que o mundo animal não passa de reflexo do mundo humano degradada, para afins de disciplina e punição. O universo dos demónios, conseqüentemente, era o reino animal que morde e luta.

Hades era a existência noturna, plutoniana e cerberiana* dos seres humanos—na forma de moscas, morcegos, dragões, escorpiões, lagartos, ratos, sapos, tigres, ursos, leões, cavalos, camelos, elefantes etc.; e assim por diante, para cima e para baixo na escala, de acordo com a depravação e magnitude dos vícios sentidos e crimes cometidos.

*(N.T.: Relativo a Cérbero, famigerado cão de três cabeças da mitologia Grega que guardava a entrada do submundo (Hades), que simboliza vigilância feroz, proteção ou aspetos infernais.

Mas Confúcio deve ser visitado e estudado no palácio da sua melhor apresentação. O que ensinou como filósofo moral ou religioso é digno de toda a atenção da cristandade. Assim rezam algumas das suas palavras:

“O firmamento é a obra mais gloriosa produzida pela Grande Causa Primeira. O que se chama razão é propriamente um atributo de TIEN, o Deus Supremo. A luz que ele comunica aos homens é uma participação dessa razão. O que é chamado de razão em Tien é virtude no homem e, quando reduzido à prática, é chamado de justiça.

“Pensar que possuímos virtude é ter muito pouco dela. A sabedoria consiste em ser muito humildes, como se fôssemos incapazes de qualquer coisa; contudo ardente, como se pudéssemos fazer tudo.

“Quando estiveres nos lugares secretos de tua casa, não digas: 'Ninguém me vê,' porquanto existe um Espírito Inteligente que tudo vê. O Supremo penetra nos recessos do coração, como a luz penetra num quarto escuro. Devemos esforçar-nos por estar em harmonia com a sua luz, como um instrumento musical perfeitamente afinado.

“A humanidade, oprimida por aflições, parece duvidar da Providência; mas quando chegar a hora de pôr em execução os seus decretos, ninguém poderá resistir-lhe. Ela então mostrará que, quando puniu, foi justa e boa e que nunca foi movida por vingança nem ódio.

“Quão vasto é o poder dos espíritos! Um oceano de Inteligências invisíveis rodeia-nos em toda a parte. Se os procurarem, vocês não os verão. Se se puserem a escuta-los, não conseguirão ouvi-los. Identificados com a substância de todas as coisas, eles não podem ser separados dela.

“Aquele que conhece os princípios corretos não é igual àquele que os ama.

“Existem quatro regras, pelas quais um homem perfeito deve alinhar:

“1. Ele deve praticar, em respeito a seu pai, o que exige do seu filho.

“2. No serviço do Estado, ele deve mostrar a mesma fidelidade que exige dos seus subordinados.

“3. Ele deve agir, em relação ao seu irmão mais velho, da mesma maneira que faria com que o seu irmão mais novo agisse para consigo próprio.

“4. Ele deve comportar-se com os seus amigos como desejaria que os seus amigos se comportem com ele.

“Não te aflijas porque não foste promovido à grandeza e dignidades públicas; em vez disso, lamenta por não estares, porventura, adornado com aquelas virtudes que podem tornar-te digno de ser promovido.

"O homem bom ocupa-se apenas com a virtude, o mau apenas com as suas riquezas. O primeiro pensa continuamente no bem e nos interesses do Estado; mas o último tem outros cuidados, e só pensa no que lhe diz respeito.

“Faça ao semelhante o que você gostaria que ele lhe fizesse e não faça o que você não gostaria que lhe fosse feito a si. Precisam apenas dessa lei; é o fundamento e o princípio de tudo o mais.”

Da deriva das inspirações escritas desse personagem, extraímos o princípio impessoal—o núcleo cristalino em torno do qual todos os seus grandes ensinamentos se reuniram de boa vontade—a saber, que a CARIDADE É JUSTIÇA FRATERNA. Igualdade de favores e desfrute equitativo—um equilíbrio de direitos, deveres e privilégios—era o seu evangelho refulgente. Caridade ilimitada era o seu tema constante, benevolência irrestrita para com cada pessoa em cada posição; e nenhum imperador da China celestial, por mais poderoso que fosse, ousou negar ou permanecer indiferente às doutrinas de Confúcio, embora todos os governantes tenham falhado notoriamente em incorporá-las e praticá-las.

A regra de ouro universalmente ignorada: “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também a eles,” era simplesmente intrínseca ao espírito do antigo Confúcio. Amar os amigos e odiar os inimigos era um provérbio bárbaro e não recebeu qualquer favor junto do nosso moralista Chinês. A terra dos espíritos animava-lhe o espírito. Ele ensinou em todos os lugares que “o sol nasceu sobre maus e bons;” que bênçãos abundantes eram para todos e deveriam ser igualmente concedidas à humanidade; portanto, que nenhum homem tem justificação para retribuir o mal com o mal, mas o bem apenas em todas as circunstâncias e para com toda a humanidade.

Mas não precisamos das interpretações pessoais desse homem. A nossa é a nossa. A ideia animadora e central é propriedade comum. Não é Judia, Japonesa, Chinesa, Budista nem Cristã; nenhum devoto de ídolos, nenhum defensor dos chefes deificados, tem qualquer direito exclusivo ao princípio; porque nenhuma Ideia que seja um atributo inerente do Espírito imortal pode ser originada.

Mas as “ideias,” as teorias, as instituições, os estatutos e os regulamentos, credos e despotismos de que vemos o princípio rodeado; isso é a propriedade da pessoa. “Justiça fraterna,” regra de ouro da igualdade ou da caridade, era a ideia de Confúcio.

Milhões de outros ditos bons emanaram da sua alma não-civilizada (?) e bárbara; mas o maior de todos, o eixo sobre o qual todas os outros feitos e realizações notáveis equilibravam-se e giravam, era esse eixo de ouro com a sua ponta de diamante, a IDEIA da *Justiça para o próximo a qualquer custo*. Deus abençoado, damos-te graças pelo Confúcio! A luz do sol do teu Espírito eterno brilhou através dele sobre os Mongóis, sobre a sua lã dourada de seda ano após ano, sobre os vastos campos de borboletas e flores, sobre os rios fluentes de todos os climas do Oriente; portanto estendemos, por toda a extensão dos séculos, a nossa mão direita do afeto a Confúcio, e saudámo-lo com o título celestial de "irmão." Assim reconhecemos, de joelhos fletidos, a tua Paternidade como igual à nossa Mãe; de quem derivamos o afeto fraterno universal e, portanto, "a Fraternidade do Homem."

PITÁGORAS, da sagrada Samos, foi formado pelo amor e pelo espírito da beleza. Não muito depois de Confúcio, esse personagem inspirador tornou-se a maior entre os homens vivos. Nós passamos acelerados o longo período das eras, dois mil e trezentos e oitenta e três anos, até onde esse gênio divino fez pressão pela primeira vez—quinhentos e vinte e quatro anos antes do início da era Cristã.

Especialidades temperamentais são, nesse personagem, muito mais simpáticas. Que sublime estabilidade de caráter, suavidade, força, saúde, simplicidade e profundidade! Como adoro assistir às aulas educacionais desse homem! O conhecimento que tinha dos Caldeus, Hindus e das doutrinas dos Magos da Pérsia não dilui as suas inspirações particulares. Os antigos contos dos deuses falham na descrição de Pitágoras. Os seus grandes olhos proféticos fervorosos "desmontavam a estrela mais alta."

Terra, Ar, Fogo e Água—ele era mestre desses elementos. Ele viu mais fundo, sabia mais do que eles, e assim revelou os seus melhores segredos. Com que veneração religiosa cada estudante de filosofia contempla o seu mestre. Mas o mestre não escraviza a mente. Que amizade divina! O professor está altruisticamente perdido na Verdade celestial, que, ao ser comunicada ao discípulo, o deixa nas mãos da liberdade maior. Nenhum dogmatismo sombrio tem lugar na escola de Pitágoras. Cada um é graciosamente apresentado a si mesma, após o que o divino precursor sai para uma caminhada.

Ideias dentro das ideias, rodas dentro das rodas, coração dentro do coração! Algo da descoberta Assíria tem lugar aqui, dos Egípcios aqui há algo; e vejo em Pitágoras o primeiro grande filósofo eclético da Terra. Ele era vasto demais para Samos, universal demais para o patriotismo, verdadeiro demais para promoções egoístas, grande demais para qualquer época, cheio demais para qualquer nascimento isolado e sábio demais para uma origem circunscrita. O sangue de eras inteiras pulsava

como verdade nas suas veias; e, influenciado intelectualmente por esse sentimento, ele revelou uma ideia sistemática e uma declaração da sua "pré-existência." Quisera que ele tivesse sido mais profundo e filosófico na sua análise.

Mas por que reclamar? Pitágoras era mestre em síntese. Ele recolhida em grande parte, e apropriava-se graciosamente. A metempsicose, ou a ciência da pré-existência, era para o seu espírito o que um berço é para uma criança. Ele foi controlado por ela e sonhadoramente acalmado, mas não inflacionado nem lisonjeado. Os seus seguidores afirmaram dele uma origem divina; que um certo espírito do amor celestial, um dos deuses sobrenaturalmente se unira à mãe terrena, e produzira esse trabalhador de cabelos dourados de milagres morais.

Mas o filósofo por si próprio afirmava, e acreditava conscienciosamente, que conseguia seguramente recordar-se que era filho de Mercúrio e que tinha sido conhecido como Aethalides na primeira encarnação; e que posteriormente, numa outra aparição, ele pensava ter sido Euforbo, e ter sido morto no cerco de Troia; em seguida, em uma terceira encarnação, ele tornou-se Hermotimus, altura em que, como ele supunha que conseguia facilmente recordar-se, ele entrou no Templo de Apolo; depois, ele reproduziu-se na forma de um pescador chamado Delos; por último, ele não era outro senão o multifacetado Pitágoras.

Perdoemos amavelmente as reminiscências e outras personalidades desse idealista, desculpemos as excentricidades da sua síntese e mergulhemos no princípio impessoal. Ele tinha o poder de psico-intuição, conforme eu percebo, e o atributo, inteligente em si mesmo, de saber mais do que um mundo de livros poderia transmitir. Mas, embora esse poder fosse adequado e estivesse disponível em mil sentidos para com a tona da sua existência, a faculdade falhou quando colocada à prova de exame e libertação dele próprio.

O lógico era psicológico e verdadeiro em geral, até que a sua própria experiência se tornou no problema; então o erro e a derrota estavam apenas na conceção e na instrução; pois não será verdade que, por herança, um único espírito humano é uma edição resumida de todo o universo? Trabalhamos nessa questão e nossa resposta foi entregue—a saber, que cada um contém, em concentração focal, os atributos de todos.

Nas IDEIAS, ele será lembrado, não há perda nem ganho, tempo nem espaço, ignorância nem progressão; conseqüentemente, quando um ser humano chega a perceber a indescritível opulência do seu espírito e transmite revelações disso a outros igualmente ricos, mas que ainda permanecem inconscientes, os recetores sentem o jorro de uma resposta agradável dos recessos das suas mentes há muito silenciosas. Mas o revelador, como no caso de Jesus, pode falhar na investigação de

si próprio; a solução da sua própria experiência fica surpreendentemente aquém da sabedoria desenvolvida em outros aspetos.

O mesmo se deu com Pitágoras, conforme eu o avalio; ele caiu na superstição, *com as ideias*, no momento em que a solução dele próprio foi tentada. A IDEIA que tinha da metempsicose era, pois, simplesmente a intuição da natureza impessoal e onipresente dos princípios interligados por inteligência de que todo o ESPÍRITO é essencialmente constituído.

Como mestre de religião, o eclético de Samos foi posteriormente influente. Sobre esse ramo do interesse humano, as suas *ideias* eram muitas, incorruptíveis, mas orientais na expressão e adaptação.

A sua sabedoria era agradável, e seus modos pacíficos, a ponto do seguinte, a saber:

“A guerra deve ser feita apenas contra cinco coisas:

- 1 - Doença do corpo;
- 2 - Ignorância da mente;
- 3 - Paixões do coração;
- 4 - Sedição de cidades;
- 5 - Discórdia de famílias.”

Mas precisamos contemplar as suas revelações cosmológicas, a fim de obter um vislumbre da sua ideia central; pois ainda não vimos mais do que uns vislumbres e umas cintilações da aurora. Livrando-se de ideias e concepções sistemáticas da criação, ele disse: “O universo é uma harpa divina. Foi feito em imitação da lira. As esferas celestes são musicais nos seus movimentos; elas emitem sons melódiosos enquanto rolam pelo abismo.”

Eis, pois, a IDEIA Pitagórica—a saber, a DIVINDADE DA HARMONIA! De acordo com isso, todos os seus discípulos foram educados em música. O último som da noite era música, e a música era o primeiro som ao início da manhã. Harmonia do corpo e da mente, pois, era a prescrição lógica.

Rejeitamos os “modos e os meios”; as ideias, como um todo, também, e praticamente todas as diversas concepções de Pitágoras; mas pela IDEIA nós experimentamos perfeita simpatia, e bradamos Amém! mil vezes, e acolhemos o estrangeiro de coração como nosso “irmão.” A sua organização era a mais adequada para a expressão da ideia de que a “Harmonia é universal”; e por essa expressão ele será imortalmente consagrado e entronizado no Panteão da humanidade.

SÓCRATES, o homem que promoveu as suas melhores ideias, foi influenciado por uma inspiração central. A história tradicional está repleta de anedotas desse

personagem humilde. Voltemos ao longo do rio místico do Tempo e deter-nos-emos no nascimento desse espírito opulento, dois mil e trezentos e vinte e nove anos atrás, ou quatrocentos e setenta anos antes da dispensação cristã. Uma inteligência maravilhosamente dotada! As estrelas da manhã escurecem-lhe a glória dourada e cantam um novo canto na presença desse sol humano. De que escopo metafísico não se tratava que podia penetrar no significado e extensão de princípios impalpáveis!

A filosofia Grega foi espiritualizada por Sócrates; e, no entanto, tão grandioso era ele que "o povo o escutava com alegria"; pois a linguagem e ilustrações de verdades poderosas e sublimes, eram atraentemente simples e compreensíveis.

Seria proveitoso assistir aos discursos orais, os sermões do mercado, desse irmão antigo; mas o nosso objetivo, neste capítulo, não exige que lhe damos ouvidos. Foi feita alusão às ideias deste homem em outros volumes. Da Inteligência Suprema, ele confirmou proposições e discorreu elaboradamente o mesmo que Brama, Buda, Zoroastro, Moisés, Jesus, e muitos outros da antiguidade, a saber.: um Ser pessoal enquanto Criador e Preservador; o autor de toda verdade, virtude e bondade.

As opiniões que tinha sobre a morte eram animadas e filosóficas; e não diferiam, em substância, das crenças entre os inteligentes. Mas buscamos o seu princípio principal; a IDEIA; aquilo para que todos os seus pensamentos e prestavam constante serviço. Aqui está:

“A BONDADÉ É A ÚNICA FELICIDADE.”

Virtude Suprema! Integridade, independentemente das circunstâncias, era o seu evangelho. A felicidade é um efeito, de que a bondade é a única causa possível. A possibilidade de felicidade sem virtude (bondade) foi firmemente negada por Sócrates. Raciocinadores sofistas não podiam suportar o brilho da sua lógica; todos os espelhos polidos da sua mente ele focalizou na astúcia deles. Pela força da sua sátira, a profundidade da sua ironia, a palpabilidade das suas afirmações e a elevação dos seus princípios, o sofisma de lógicos talentosos e sensualistas ricos da Grécia foi varrido do campo da controvérsia. A inveja, a malícia, a traição, a deturpação—em suma “mentir” —deslocaram a posição desse homem com a apreciação do povo.

Martírio—crucificação—morte—apoteose—seguiram-se em rápida sucessão. O seu crime estava "muito à frente dos preconceitos populares—demasiado livre da superstição para agradar aos politeístas— numa palavra, demasiada verdade, para atender às necessidades conscientes da sua época e público." Monoteísta glorioso, teísta verdadeiramente inspirado como era, com o princípio soberano:

"A felicidade vem somente do bem."

Aceita a nossa grata oferta, ó Sócrates! Nós te colocamos no pedestal da REFORMA. Contra o vasto pano de fundo da ignorância oriental, negra como a perdição plutoniana, contemplamos o teu trabalho pessoal, as tuas ideias, os teus debates e sentimentos robustos; mas, acima de tudo, desprovidos de especialidades e expressões de agrupamento, contemplamos e, por intuição, aceitamos a tua ideia central. Bem-vindo, irmão, ao vasto templo do progresso humano.

PLATÃO, a mente inspirada interiormente, vem em seguida ao palco, quatrocentos e vinte e oito anos antes de Jesus, ou dois mil e duzentos e oitenta e sete anos atrás. É porventura impossível escrever qualquer coisa de novo acerca desse real Príncipe dos Princípios.

O eu conhecimento que tenho dele acabou de ter lugar, como se fosse ontem; no entanto, encontro um mundo de revelações. Nesse personagem encontro novas complicações de pensamento traduzível. O eu misticismo e excessivos caprichos não me afetam mais a avaliação. A razão foi adequada para transcrever os transcendentalismos de Platão somente depois de ter sondado as inúmeras idiossincrasias do mestre e, assim, alcançado a "chave" de todos os seus aposentos privados, a IDEIA central, à qual toda a sua profusão de riqueza intelectual se curva, como um poderoso conquistador que se ajoelha diante o trono de algum poder mais poderoso.

O pensamento puro e os escritos sistemáticos de Platão revelam plenitude e erudição indizíveis. Mas quão obscuras e dolorosamente perplexas as suas proposições até que se detete o princípio dominante. Se eu pudesse expressar inteiramente a impressão que tenho da Ideia secreta de Platão, eu diria: "Todas as coisas vieram de fontes internas de Causalidade." Por outras palavras, "as formas são encarnações de forças inteligentes." Ideias, princípios inteligentes, precedem todas as manifestações. A matéria segue o exemplo de causas invisíveis, que são, *per se et inter se*,* conscientes de si e divinas em qualidade. Nas suas revelações etnológicas e cosmológicas, como em todos os temas metafísicos como o do espírito e da imortalidade, este erudito Príncipe dos Filósofos Gregos apresenta a inspiração central da sua alma.

*(NT: *Por si só e entre si.*)

Que mente viva poderá recusar essa proposição? Nenhuma! Não me importa que seja sábio ou tolo, intuitivo ou meramente lógico—seja Alemão, Inglês, Francês, Italiano, Mexicano ou Americano—os elementos integrais do espírito sempre responderão às suas IDEIAS intrínsecas, não importa quando proferidas, com relação ao quê, ou por quem. Anaxágoras, quinhentos anos antes da era cristã,

antecipou a teologia popular, ao proclamar a agência ativa de um Deus individual na criação de todas as coisas.

Dentro da cortina disforme, ou por trás dessa máscara de fraseologia, percebemos a Ideia Platônica—a existência arquetípica das forças Divinas. “Deus é antes de todas as coisas,” disse o Apóstolo aos gentios, “e Nele todas as coisas consistem.” Platão e Paulo pregaram a *mesma* doutrina, em termos muito diferentes; o primeiro como psico-filósofo, o último como religioso da escola zelosa e sacrificial.

A origem espiritual de todas as coisas era primordial em todas as ideias de Platão. Essa doutrina, quando apresentada, era a própria ambiguidade; no entanto, como me parece, nada no universo é menos obscuro. Mesmo à minha frente está uma árvore inteiramente florida—aparência maravilhosa! De onde vem este fenómeno róseo? O que significam essas flores? Um milhão de coisas, talvez; mas uma coisa é certa, eles pressagiam *frutos*. Dentro de poucas semanas, então, e estas flores terão sido deslocadas pelos efeitos e corpos que representam. Começa, pois, com esta fruição, e indutivamente com Bacon, o filósofo Inglês, segue do efeito para a causa, para baixo, dentro, debaixo, longe da vista, além da química, mais fino do que o amor, mais sublime do que a poesia, mais sagrado do que a palavra enunciada da Sabedoria para o núcleo da árvore visível.

Então platonizam—a fruta leva-os a flores e botões; os botões remetem-no de volta para as flores e folhas; as folhas a galhos e ramos; da ramagem aos braços e ramos do tronco; do tronco e corpo, até as raízes que crescem sob o solo; das raízes ao envoltório da semente; da semente às suas forças invisíveis em desenvolvimento; e dessas forças impregnadas, dentro do germe ou célula, remetem—ao quê, leitor? Ó raciocinador Platônico, até onde vai? A árvore vestida de rosa não constitui mistério nenhum?

Nem Platão, nem eu, nem o ar que respiramos; *mas o fenómeno*, tão simples e inequívoco, *é no fundo um espírito!* UMA IDEIA* reside dentro das forças delicadas que revestem os átomos minúsculos do germe. O crescimento dessa árvore não é aos zigue-zagues, ao acaso, idiota e acidental. É tão filosófico quanto Platão foi, em todos os estágios do seu desenvolvimento—a sua entrada e manifestação gradual, não-espasmódica, simétrica—quão sabiamente obediente e espiritualmente gracioso! Por que não se torna ele coquete, ou caprichoso com os éteres do caos inerentes, ou altera o estilo da sua vida e produz frutos diferentes da ideia germinativa? Porque, simplesmente, como afirmou Platão, a forma se encontra sujeita à Força inteligente; a IDEIA divina pré-existente é a mestre de cerimónias em todas as festas da manifestação material.

*(NT: Em Platão, as Ideias reportam-se aos Arquétipos, que constituem uma constelação específica, e inalcançável, não obstante o esforço plasmado no empenho por atingir o ‘Ideal’ mas, paralelamente, podem reportar-se às causas, causas essas que são movidas, não pelo Divino aleatoriamente, mas pela Divina Vontade intrínseca ao Homem.)

Apoiando-se intuitiva e inteligentemente nesse princípio central, Platão sempre pôde falar de maneira sublime e raciocinar profundamente. A graciosidade e a juventude digna sempre o acompanharam, como os deuses de Samos ou dos céus da Grécia, e os seus alunos foram santificados e salvos pelo anjo da sua presença. Ele era Sócrates de novo, com uma forte infusão do divino Pitágoras, e nenhum homem jamais esteve tão próximo de ser todo outro homem.

Posicionado no *centro espiritual*, como o feixe de trigo do meio de José, como poderia ele fazer outra coisa senão tocar a superfície em quase todos os aspetos? A mente dele apreendeu a “essência” divina de infinitos tesouros de pensamento. Será de surpreender que os melhores académicos presentemente vivos encontrem um mestre em Platão? Eles acham-se focados no mundo externo e indutivo; enquanto ele se focava no dedutivo e interior.

O seu era um grande espírito feminino na flor da humanidade, a atrair e a apropriar-se do pólen fertilizante dos estames masculinos, que se erguiam tão altivos e orgulhosos ao seu redor. Todo o universo físico era menor do que a sua mente, por ele ter apercebido o princípio germinal da IDEIA no âmago da matéria. Quando Platão contou uma fábula, ela imediatamente se tornou uma realidade visível, mas toda realidade conhecida ele transformou em fábula; ou seja, em novas relações que geraram novas folhas de beleza e significado. Platão relatou que Gyges, da raça Síria, usava um anel; cuja pedra, quando se voltava para ele, o tornava invisível, de modo que tinha a vantagem de ver os outros sem ser visto; e que, por meio desse anel, com a concordância da rainha Síria, ele privara Candaules da sua esposa e trono.

Homero, Hesíodo, Heródoto e outros historiadores contaram essa fábula como uma verdade literal. Mas apenas Platão, com a sua percepção da IDEIA central e força espiritual, viu que o anel significava que Gyges usava todos os truques e estratagemas, que o mundo chama de política refinada e sutil, que penetrava nos segredos dos outros sem revelar os motivos e objetos que espreitava por trás da sua conduta.

Todavia, Platão era, em termos organizacionais, um Grego, e tinha as especialidades temperamentais daquela era e povo. Os seus individualismos são, sem dúvida, interessantes para o amante de interpretações privadas. O que ele pensou sobre a

“Nova República” tem pouco valor. Altos muros são construídos entre o governante e os governados, entre os sábios e os irrefletidos, e outras teorias anti-republicanas são apresentadas como verdades que não se podem prestar a uma serventia terrena, exceto para o próprio Platão. Para ele, eram tão essenciais quanto cabos para enxadas ou linguetes para os carros.

Com as tuas apreensões pessoais particulares de princípios, oh, Platão! teremos, talvez, muito pouco ou nada a fazer; as tuas diversas afirmações são belas, é verdade, e a tua fraseologia é tão doce e pura quanto flores celestiais; mas nós te acolhemos, nobre e príncipe dos mestres Gregos! pela impessoalidade e eternidade de tua IDEIA principal: que *"todas as coisas vieram de fontes espirituais de causação consciente de si."* O Panteão do progresso humano está aberto para ti, irmão! entra e recebe a admiração e a gratidão do mundo.

ARISTÓTELES, quarenta e quatro anos após Platão, ou dois mil e duzentos e quarenta e três anos a contar da presente data, chega à plataforma como o seguinte na ordem. Logo no começo, diga-se sobre esse suposto filósofo, que as impressões que colho são singulares de tão desagradáveis. Talvez nenhum espírito da antiguidade de grande conhecimento e diligência intelectual tivesse consciência mais intensa de si próprio como mestre. Algumas pessoas consideram esse *sentimento* inseparável do génio. [Eu não.] Aristóteles decidiu-se entre dois extremos, a saber: a "totalidade" e "infalibilidade."

Ele começou com a intensa ambição de compreender a *totalidade* dos fenómenos criados; e, além disso, por dar uma explicação *infalível* deles; de modo que a partir dos seus postulados e ampliações não poderia haver variação possível da verdade. As impressões repulsivas que colho desse personagem decorrem de uma antipatia nata por essa intensa presunção, que encontro na constituição intelectual desse filósofo realmente grandioso.

Aristóteles ensinou substancialmente as doutrinas herméticas da força e da substância. A conexão, sutil "e etérea, entre elementos e corpos, era, na sua teoria, considerada o efeito da simpatia espontânea. O encontro recíproco da humidade e dos elementos (ou forças) resultava na formação de formas animadas. Vida e animação, em toda parte representada por geração e proliferação, eram alcançadas a partir dessa humidade e desses elementos. A alquimia era um forte ingrediente dessa filosofia.

Os solos, metais e sais formavam as paredes da fundação, enquanto o edifício vinha da operação de princípios mais sutis inerentes aos ponderáveis. Ao vasto mundo sombrio em expressões singularmente forçadas, esse escritor enviou o que tinha de mais profundo. As paredes adamantinas da ignorância ele quebrou como uma onda

furiosa do oceano de pensamento; e encheu de temor e admiração milhares que vieram de longe para estudar no seu templo do conhecimento. Na ciência, ele foi realmente um sistematizador sábio e um expositor encantador. Ele escreveu bem sobre questões éticas, foi exemplar na sua vida privada e teve grande influência no pensamento dos legisladores.

A veracidade absoluta, entretanto, foi a sua determinação positiva. A infalibilidade foi o seu orgulho ardente. A sua positividade e dogmatismo, conseqüentemente, eram notáveis; tanto era isso verdade, que os seus discípulos obtiveram a crença de que a progressão ou variação, fora do sistema aristotélico, era absolutamente impossível, não, absurdo. Disseram: “Assim escreveu ele” ou “assim nos ensinou,” conseqüentemente os seus alunos apenas trabalharam para compreender o seu mestre, e não para divergir, mas para inculcar as suas ideias e fazer cumprir os seus princípios.

Por outro lado, os alunos de Pitágoras foram elevados ao reino dourado da liberdade sem limites. Eles foram impelidos pelas generalizações ecléticas do mestre a ter uma mente aberta e a ser sabiamente independentes. Aristóteles prendeu e escravizou todos os alunos da sua academia. Ele insistiu, com uma positividade autoritária, na veracidade exata e imutável das suas declarações. As suas afirmações dogmáticas excediam as de todos os outros mestres individualizados da filosofia. E refiro isso porque foi, não obstante os seus inúmeros escritos e ensinamentos, a sua IDEIA central ou predominante.

Alguns podem não considerar a infalibilidade do pensamento uma “ideia, mas, após devida reflexão, acho que assim será aceite. [Remeto o leitor para a primeira seção, neste volume, intitulada “A Truthful Mind,” para mais observações confirmatórias.] O bem lido *‘Life of Samuel Johnson’* de Boswell contém a opinião do médico sobre este assunto. Ele deu uma recomendação muito séria do que ele próprio praticava da forma mais conscienciosa: “Quero dizer,” diz o biógrafo, uma atenção estrita à verdade, mesmo nos detalhes mais minuciosos.”

Acostumem os vossos filhos constantemente com isto: “se algo aconteceu a uma janela, e eles, ao relatá-la, disserem que aconteceu em outra, não deixe passar, mas verifique imediatamente—pois vocês não sabem onde o desvio da verdade vai acabar.” A nossa animada anfitriã, cuja fantasia era impaciente com as rédeas, inquietou-se com isso e aventurou-se a dizer: “Não, isso é demais. Se o Sr. Johnson me proibisse de beber chá, eu obedeceria, pois sentiria a restrição apenas duas vezes por dia; mas pequenas variações na narrativa devem acontecer mil vezes ao dia, se alguém não estiver perpetuamente a presenciar.” “Bem, senhora,” respondeu Johnson, “mas você deveria estar perpetuamente a presenciar.

É mais por descuido para com a verdade do que por mentira intencional que existe tanta "falsidade no mundo." Na sua revisão do ensaio do Dr. Warton sobre os escritos e a genialidade de Pope, Johnson diz: "Nada além da experiência poderia evidenciar a 'frequência de informações falsas, ou permitir a qualquer homem conceber que tantos relatos infundados devessem ser propagados, já que todo homem de eminência pode ouvir falar de si próprio.

Alguns relatam aquilo que pensam como aquilo que sabem; certos homens de memórias confusas e imprecisões habituais, atribuem a um homem o que pertence a outro; e alguns falam sem pensar ou se importar. "Tivesse Johnson vivido para ler "o que Sir John Hawkins e a Sra. Pioggi relataram a respeito de si próprio," diz Boswell, "o quanto ele não teria achado a sua observação ilustre. Ele estava, de facto, tão impressionado com o predomínio da falsidade, voluntária ou não intencional, que jamais conheceu alguém que, ao ouvir uma circunstância extraordinária, descobrisse mais sobre os *odi incredulus*.* Ele diria, com um olhar significativo e num tom decisivo: 'Não é verdade. Não diga isso de novo.

** Não acredito e odeio.*

'Ele inculcou em todos os seus amigos a importância da vigilância perpétua contra os mais pequenos graus de falsidade; o efeito do qual, como Sir Joshua Reynolds me observou, foi que todos os que pertenciam à sua escola se distinguem por um amor à verdade e à exatidão, que não teriam possuído, na mesma medida, caso não tivessem conhecido Johnson."

Com Aristóteles, esse amor pela verdade e exatidão foi exercido principalmente na direção dos postulados doutrinários. A concepção de professor que nutria foi abraçada pela palavra "infalibilidade." Questionar as suas posições e procurar invalidar princípios por ele assumidos como verdade absoluta era um insulto à majestosa prerrogativa do mestre.

Mas quem não perceberá que, por detrás dessa aparência egocêntrica e aplicação imperativa, paira uma grande IDEIA sublime? É, resumidamente, o desejo de existir em plena expressão—do que o espírito é na essência— "absolutamente infalível." O princípio impessoal acha-se, em muitos casos, associado à ambição particular de um mestre ou líder; caso esse em que, os seguidores se tornavam meros escravos de especialidades, opiniões e instituições, e possuíam apenas o zelo de partidários e defensores do credo bloqueado e delimitado. Mas, no que diz respeito à identidade própria, é da mais sagrada importância que a IDEIA de Aristóteles, "veracidade absoluta," seja o único esforço e oração perpétua. À luz disso, repelindo o seu dogmatismo e ideias pessoais, contemplamos e acolhemos outro "irmão" no nosso Panteão.

EPICURO, que apareceu há dois mil duzentos e um anos, ou trezentos e quarenta e dois anos antes da Era Cristã, é o seguinte cronologicamente a exigir uma audiência. Os ensinamentos deste homem são descuidada e culposamente confundidos pelo mundo cristão com os dos sensualistas e glutões. Um glutão à mesa, e aquele que se entrega desenfreado às suas paixões animais, é frequentemente chamado de "epicurista," do que nenhuma falsidade é mais ignorante e vergonhosa. A verdade é que o mundo deve a este filósofo algumas das suas lições mais sublimes. Ele ensinou "temperança em todas as coisas," e exortou o amor mais perfeito pela verdade e pela virtude. As suas revelações cosmológicas podem ser encontradas na majestosa corrente da epopeia do talentoso Lucrécio, em que o "curso fortuito de átomos" é apresentado com muita força e plausibilidade.

Epicuro foi o que eu deveria chamar de entusiasta; no entanto, ele não desanimava com o ceticismo nem ficava febril com o fanatismo. E a muitos desses entusiastas, o mundo está profundamente devedor por todas as suas grandes iniciativas e sucessos. Cada alcova e nicho da história é ocupado com a imagem de alguma pessoa, iluminada pela inspiração divina que fluía como uma piscina prateada sobre a alma consagrada. Sobre a mente sincera e espiritual de Epicuro, o mundo fenoménico foi autorizado a fazer suas próprias traduções.

Ele não descartou as suas atrações como um cético, nem permitiu que as suas seduições o consumissem como um fanático. Com que zelo inabalável estudou as leis divinas, que, obedecidas, rendem o repouso abençoado dos justos!

A primeira e última necessidade é comer. O mundo animado está incessantemente a comer e a digerir a si próprio. Ninguém conseguia ver essa verdade com clareza, a não ser o nosso entusiasta; que, descobrindo a qualidade de ser irrepreensível da lei natural, procedeu ao trabalho de adaptação. Oceano, lago, riacho, foram interrogados separadamente. Quanta comida deliciosa contêm vocês? Quais são os vossos preparados? Quando deverá o homem participar?

Quando deverá o homem alimentar-se? Da mesma forma, o entusiasta peregrinou pelo império da Natureza, fixando o seu olhar químico sobre plantas, arbustos, bagas e vinhas — perguntando a cada criatura rastejante e também ao reino animal: "Que podes tu fazer pelo homem?" E que verdades os anjos lhe transmitiram! O mar, a terra e o ar transbordavam, sobrecarregados com incontáveis "meios de felicidade." O mundo inteiro era um armário de alimento, ou um gabinete de prazeres. A vida não deve ser sacrificada pelo homem, pois assim estaria a frustrar o próprio fim que procura. O fino amor do homem à vida deve salvá-lo de a tirar. No mundo das frutas, bagas, vinhas, flores, ervas, cereais e pastos, encontra-se todo o alimento apropriado ao "conforto do corpo e à tranquilidade da mente."

Vede o entusiasta! Classifica os sentidos humanos a serem satisfeitos à mesa. Todos os pratos devem ser belamente preparados e dispostos, para seduzir e conquistar o sentido da visão; os alimentos dispostos devem exalar aromas harmoniosamente misturados, para deleitar e cultivar o olfato; e cada substância deve equilibrar-se com as demais em sabor, para satisfazer as exigências naturais do paladar. Caso contrário, o banquete perde a sua virtude de abençoar e tranquilizar a alma. A nutrição é deixada ao génio do corpo, pois de uma única substância, vinte homens de constituições diferentes extrairão (sem qualquer conhecimento de química orgânica) vinte qualidades distintas de alimento.

Como exemplo, dez prisioneiros alimentados durante anos com batatas, pão e água extrairão, dessa dieta, propriedades suficientes para manter todos os matizes possíveis de cabelo, olhos, pele, temperamento, sentimento e pensamento! Daí que o nosso entusiasta da alimentação não tenha investigado as infalíveis químicas do império visceral. A sua inspiração era revelar objetos, odores, sabores, prazeres; e assim elevar o homem acima do mundo animal, mesmo nas mais pequenas exigências do seu organismo.

Mas, eis que surge o fanático da alimentação! Miseravelmente abrasado em devassidão gluttona. Banqueteou-se com mil mortes. A corte de Belsazar alimentava-se com peixes de todos os tipos, aves de todos os voos, bestas de todos os climas, e juntava-lhes cada luxo conhecido do catálogo do temperado Epicuro. O fanático Nero concebeu excessos ridículos de profusão alimentar, com manjares tão numerosos e extravagantes que mil famílias ficaram, durante três dias, à beira da fome. A nobreza grega e os seus exclusivos prediletos eram todos fanáticos nas questões da dieta. Não reconheciam limites à indulgência corporal. Pinturas, música e danças — em todos os climas quentes, ou em naturezas fanáticas — eram barbaramente misturadas com a satisfação do desejo físico de alimento. “Conforto do corpo e tranquilidade da mente” são luxos desconhecidos para os fanáticos. Sobrecarregam-se e queimam em doenças — quando...

Eis os céticos! Um grupo trémulo de espectros ácidos à sua escassa mesa, comendo o mais grosseiro, cru e miserável dos alimentos — não por falta de dinheiro, note-se, mas por um desprezo azedo e altivo por aqueles que talvez tenham exagerado os prazeres da alimentação. Os céticos estudaram química. Marcam com precisão utilitária o valor nutricional: pão, leite, farelo, nabos, cebolas, batatas, maçãs — rendem tanto de amido, tanto de açúcar, tanto de nitrogénio, tanto de nutriente. Basta!

Viver é o fim da alimentação, não o prazer nem a elevação com objetos, aromas, sabores. Por isso, bem-vindos sejam alguns poucos alimentos, mesmo que em violação de todo o fino senso estético. Engula-se e mastigue-se o mais cru e indigesto dos mantimentos — mal cozinhados, mal apresentados, mal cheirosos, mal

saborosos e de pior digestão — devorai-os rapidamente; e depois, entre dores de cabeça e espasmos gástricos, orgulhai-vos de virtudes e de autocontrole que nenhum estudante da escola gastronómica de Epicuro possui!

Mas seja perpetuamente lembrado em honra de Epicuro, apóstolo da alimentação e da vitalidade com temperança, que no seu sistema religioso, comer era um processo “sacramental,” e não meramente um ato físico de indulgência, como alegam os ignorantes.

Portanto, Epicuro merece a nossa admiração fraterna, não apenas pelo seu génio, mas pela sua IDEIA central tão pura e bela, que “a temperança em todas as coisas” dá ao homem a posse do universo, e salva a sua alma, em vez de a perder. A alma saudável goza de todas as coisas. “Conforto do corpo e tranquilidade da mente” são o efeito do evangelho praticado pelo nosso entusiasta inspirado.

JESUS, há mil oitocentos e cinquenta e nove anos — ou quatrocentos e vinte após Platão — surge em seguida. Tanto se tem pregado, escrito e publicado sobre esta figura espiritual, que já mal resta sílaba por acrescentar. Os de corpo frágil, sensíveis e melancólicos por constituição, os imensamente imaginativos e devotos, com temperamentos desequilibrados e cérebros suscetíveis — aqueles, enfim, que não se sentem bem nas suas naturezas interiores, e que conscientemente “necessitam de um médico” que pense e cure por eles — esses foram os que discerniram o que consideram ser a mais infalível evidência interna de que Jesus é, de facto, tudo quanto o mais extravagante pregador da teologia o proclama.

Diferentemente de Pitágoras, este mestre — segundo os intérpretes ortodoxos, seus modernos discípulos — não deixa margem de liberdade segura ao indivíduo. A intensidade e inferioridade da admiração e adoração do discípulo para com o Mestre eliminam todo e qualquer vestígio de progresso pessoal e autodeterminado. De facto, a escola de Jesus não admite liberdade moral senão com enormes riscos e temores de males eternos. És forçado a reconhecer um limite espiritual à tua “livre agência.” Crê, ou sê condenado — é esta a palavra fatal lançada às nações consternadas; e os vários graus da tua impotência, vileza interior, perversidade ardente e rebeldia resplandecente permanecem como sintomas da tua doença — demonstrando a necessidade vital deste médico em particular, em exclusão e desmotivação de todos os outros mestres e salvadores da humanidade.

O sectarismo é natural aos parcialistas. O efeito está filosoficamente relacionado com a sua causa; mas isso não o torna admirável — apenas reconhecemos essa relação e lamentamo-la. Os grandes recetores de Brahma, como único criador e preservador, não ultrapassaram, nas alturas estonteantes da sua superstição, os devotos cristãos em manifestações de parcialidade religiosa. Os veneráveis e reverentes hindus elevavam as suas santas mãos e vozes em louvor e gratidão

imensuráveis. Ele era tão bom, tão misericordioso, tão justo, tão onipotente e de beleza tão suprema; e, na constância e grandeza das suas doações generosas, quão condescendente e afavelmente concedeu a encarnação de Krishna! Esta parte da constituição divina havia de fazer mais de uma vinda à humanidade. Havia de vir finalmente num cavalo pálido, com as chaves jurisprudenciais de cada túmulo humano ou coração vivo, para “resolver” os assuntos de todo o mundo.

Os budistas não ultrapassaram muito os seus predecessores e contemporâneos neste aspeto. As mesmas contemplações unilaterais, os mesmos louvores desmedidos, as mesmas declarações irracionais de mérito e misericórdia, eram características dos budistas. Passando rapidamente por Confúcio, Pitágoras e Zoroastro — cujos respetivos seguidores se entregaram às mesmas extravagâncias de louvor e culto — cheguemos à escola de Jesus, e escutemos as declarações e elogios clericais ao Mestre.

Um nobre e imaginativo erudito desta escola, falando de Jesus, disse: “O ensinamento do Novo Testamento é que este ser divino e principesco, elevado a uma altura inconcebível de excelência, de onde procedem todas as coisas nobres e boas, resume em si todas as qualidades que, em estado fragmentado e disperso entre almas raras e grandiosas da Terra, excitam a nossa mais entusiástica admiração. Aquele que une em si todas essas qualidades **é Alguém que, por natureza e escolha, nos contempla perpetuamente com ternura e emoção tão íntima, que a nossa própria vida é, por assim dizer, reescrita e reinscrita no sentimento simpático do seu coração.””

“Quando o governo francês,” continua este eloquente eulogista com boa digestão, “tomou providências para adornar a Academia de Belas Artes em Paris, entregaram a Delaroche a pintura daquele quadro que se tornou mundialmente célebre, chamado ‘*O Hemiciclo*’, no qual, com cerca de setenta ou oitenta figuras, ele agrupou em torno de um Tribunal da Arte imaginário todos os arquitectos, escultores, gravadores e pintores, tanto do mundo antigo como moderno. Agora, imagine-se um tribunal ainda maior que esse, e que, numa vasta arena, fossem reunidas todas as grandes almas que enobreceram a vida humana e enriqueceram o mundo desde o princípio — todos os grandes pensadores; todos os grandes legisladores, começando pelo maior de todos, Moisés; todos os grandes poetas, que vêm a seguir aos legisladores, como os ordenadores da luz do povo; todos os grandes diplomatas; todos os grandes filósofos; todos os homens que tiveram uma profunda visão da Natureza; todos os homens de grande generosidade, benevolência e liberalidade.**

Todos os homens de riqueza principesca; todos os artistas eminentes; todos os sábios notáveis; todos os homens, de todas as épocas e classes, cujos nomes chegaram até nós na história — imagine-se uma tal assembleia reunida, e que cada um deles estivesse plenamente consciente e sensível à especialidade em que se destacou: que Miguel Ângelo tivesse plena consciência de todas aquelas maravilhosas

combinações que povoaram a sua mente; que Rafael estivesse plenamente consciente de todas aquelas doces e requintadas concepções que se apresentavam à sua visão interior; que tudo o que Murillo viu, tudo o que Claude imaginou, e tudo o que qualquer outro artista eminente alguma vez concebeu, estivesse vivo e presente neles com total sensibilidade — imagine-se, pois, essa assembleia, e que então descesse, desde o mais alto ponto do céu, ESSE Cristo, e se colocasse no meio da multidão de todos os grandes de todas as eras e nações, e que um por um se aproximassem e lhe falassem daquilo que lhes era mais precioso.

****E**, um a um, ao falarem com ele, descobrissem que todo o pensamento que possuíam era dele, que toda a concepção que tinham era sua, que toda a sensibilidade e gosto de que se orgulhavam pertenciam a ele; descobrissem que ele estava familiarizado com tudo aquilo em que cada um deles se julgava preeminente; que o poeta descobrisse que, comparado com Cristo, era uma criança balbuciante; que o escultor visse que, perante Cristo, não passava de um artista ainda por começar; que o orador reconhecesse que as suas palavras, comparadas com as de Cristo, lhe caíam inertes nos lábios — e todos eles, sem exceção, se prostrariam diante dele, dizendo: ‘Nunca homem algum falou como este homem!’”

****O** arquiteto, o escultor, o pintor, o poeta, o orador, o filósofo, o geólogo, o conchologista — cada homem na sua própria especialidade; aquele que vasculhou o mundo por esta linha de beleza, ou por este poder particular; aquele que explorou a Natureza neste campo de cores; os que produziram obras de arte que desafiaram a admiração das multidões; os que arrebatam as massas com a sua eloquência; os que se elevaram nos campos do saber, da ciência ou da arte — todos eles diriam, instantaneamente: ‘Eu sou apenas uma centelha, e aqui está a grande alma flamejante de onde saltei como uma faúlha apenas, e o pensamento que lhes ocuparia a mente seria: ‘Se todos nós fôssemos reunidos e fundidos numa só grande experiência, numa única entidade viva, ainda assim seríamos menos do que nada perante esta majestade de excelência, que contém tudo o que há no céu, e tudo o que pode haver na terra, e de quem brotou tudo o que é, e tudo o que já foi’ — e o reconhecimento universal seria: ‘Nele vivemos, nos movemos e existimos.’”

O leitor perdoar-me-á este extenso excerto. Ele merece ficar registado como o último e mais grandioso surto de deificação da escola de Jesus; e é duvidoso que alguma generalização vinda do púlpito possa jamais ultrapassar esta, seja em amplitude de concepção, seja em profundidade de erro. O Etna não precisa voltar a entrar em erupção, pois o púlpito de Plymouth contém mil vezes mais fogo vulcânico — e fumo também — e pode fornecer os elementos necessários de equilíbrio entre a terra e o ar. O Vesúvio pode descansar. A eloquência dos bispos católicos romanos está eternamente eclipsada. Já não precisam explorar léxicos gregos nem dicionários latinos para encontrar palavras com que exaltar e lisonjear o jovem intuitivo de Nazaré; e outros estudiosos imaginativos desta escola, onde o

discípulo se dissolve no Mestre, podem ser poupados aos elogios já gastos ao Filho de José e Maria; pois tudo já foi escrito que podia ser escrito, e toda a palavra já foi proferida que era necessária para redimir o mundo.

Excerto do sermão de Henry Ward Beecher, 1 de Maio de 1859

Ó vós, Esferas Populosas de Luz! podeis dizer-nos quando o nosso mundo se libertará de tão eloquente desatino? Quando é que os nossos favoritos de coração valente e espírito inspirado ascenderão às alturas da Razão infalível nas questões da justiça e da eternidade? Eis um vigoroso e robusto professor da doutrina do Novo Testamento, tão (ou mais) escravizado aos pensamentos e especialidades do seu Mestre como jamais algum discípulo de Brahma o foi ao seu — e estamos exaustos desta sublima, perene enfermidade! Cada devoto tem uma “Encarnação,” que se pode observar de lados opostos; de frente, vemos o lado divino do homem, e por detrás, o lado humano do deus. O “divino” e o “humano” de Brahma, de Krishna, de Buda, de Zoroastro, de Pitágoras, de Jesus, e de — todos os favoritos “encarnados.” A história é oriental e já está gasta; mas a IDEIA dentro dela é imortalmente útil — como veremos na dissecação do apóstolo Paulo.

Dos vários discursos relatados e fragmentos de falas atribuídos a Jesus, bem como das declarações interpoladas sobre provações e milagres diversos, sabe-se demasiado pouco para que qualquer homem honesto afirme algo como positivamente “verdadeiro”. O que se pode afirmar, na melhor das hipóteses e à luz dos factos modernos, é a *possibilidade* e, talvez, a *probabilidade*. Os seus pensamentos, também, eram os seus próprios — e sem adequação para outros de temperamento e missão diferentes.

“Bem-aventurados os pobres de espírito” é um pensamento, não uma ideia — pois é local tanto na sua origem como na sua aplicação. Que espécie e quantidade de pobreza espiritual seria uma “bênção” é deixado à imaginação de um ministro, de um leigo ou de um comentador. Queria ele dizer “pobreza” no intelecto, nos órgãos morais ou nas faculdades semi-intelectuais e sociais? E, depois de identificares o tipo de pobreza aqui recomendado, poderás também quantificar a “dose” necessária para herdar “o reino dos céus”?

“Bem-aventurados os que choram” é outra convicção pessoal e particular, apresentada com a solenidade de um princípio universal, e deixa o devoto na ignorância quanto à razão de o luto ser necessário — e por quê? Por perda da família? Por bens? Por saúde? Por capacidade mental? Ou por tristeza e dor relativas a algo completamente diferente? Tudo permanece incerto, como a “bênção” que daí supostamente resulta.

“Não vos preocupeis com o dia de amanhã” é outra inspiração especial, aplicável ao indivíduo que a sentiu e a expressou; e ainda assim, diz-se que essa mesma pessoa

acrescentou: “Todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as põe em prática será como o insensato que construiu a casa sobre a areia — e grande foi a sua ruína.” Apesar disto, no entanto, o próprio Jesus *preocupou-se com o amanhã* em dezenas de situações; endereçou o peso da sua doutrina ao bem-estar *futuro* do povo; e nada teria podido fazer, ou vestir, ou comer, se não houvesse outros, mais mundanos, que tivessem providenciado para o dia seguinte, com juízo e previsão, os mantimentos, a roupa e o abrigo.

As peculiaridades temperamentais, porém, não nos devem inquietar. Basta que o Nazareno tivesse IDEIAS subjacentes aos seus ditos e obras como filantropo. “Bem-aventurados os puros de coração” é mais do que um pensamento: é um princípio sublime e inquestionável — uma *ideia*, em suma — que transcende todas as nações e limites do tempo, e se ajusta instantaneamente a todo e qualquer espírito humano. Eis o primeiro grande princípio positivo que encontramos na mente deste Reformador.

“A luz do corpo é o olho; se o teu olho for simples, todo o teu corpo será luminoso” é uma expressão menos concisa da mesma ideia. “Sede, pois, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celeste” é esse mesmo princípio, ainda menos conciso, mas ainda mais brilhante e inspirador, enquanto possibilidade santa e sublime para a natureza humana.

A próxima IDEIA, de plenitude imortal, que atravessa os ensinamentos e o comportamento deste Reformador é: “Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-lho vós também a eles.” É verdade que Confúcio já expressara esta mesma ideia — essa imperitura “palavra de Deus” — no seu soberano código de justiça. Mas Jesus deu-lhe a expressão mais vigorosa, fresca e eloquente. Disse-a e exemplificou-a repetidamente. Jorrava constantemente do seu espírito generoso, tão plenamente talhado para sentir e afirmar esse princípio. Esta ideia de bondade universal, de caridade sem fronteiras, foi o sublime fardo da sua inspiração dourada.

Dominava-lhe cada emoção, e estava presente, como princípio redentor, em cada instante do seu breve trabalho pela humanidade. Esta — e a anterior ideia da “pureza interior” — foram as únicas IDEIAS que consigo consegui identificar. Naturalmente, ele possuía e compreendia outras ideias, partilhadas com as demais figuras históricas já aqui mencionadas; mas esta, com os seus dois ramos — “Pureza Universal” e “Caridade Universal” — foi o anjo duplo de beleza eterna que se sentava e pregava no templo do seu ser.

É importante recordar, neste contexto, a distinção que fizemos entre pensamentos e concepções, e a pureza, dignidade e universalidade das Ideias. Nenhum sistema religioso exemplifica de forma mais clara a promoção e expansão de pensamentos (locais e pessoais) até ao ponto de os elevar à esfera e majestade de princípios

eternos. Jesus, como todo espírito profundamente inspirado, colocou muita personalidade na sua doutrina religiosa. A sua caridade era transparente, ampla, inegável e avassaladora. O reverso da moeda, porém, ficou eclipsado. As assembleias infernais do Hades grego, as chamas da vingança persa sob o mundo, os desertos áridos e os porões sangrentos — todas essas imagens das teologias anteriores ou contemporâneas a Jesus — não lhe seduziram a sensibilidade nem dominaram o seu juízo.

Contudo, numa análise minuciosa e desapaixorada, as suas ideias e concepções revelam, com demasiada clareza, “a época” em que viveu, “a sociedade” em que se moveu, e as “inspirações” que moldaram o seu ser. É certo que Jesus não adotou os sistemas de Zoroastro ou dos caldeus, nem mesmo a terminologia dos poetas gregos; mas as suas concepções sobre a vida presente e a existência futura são praticamente idênticas às dessas três correntes. Os “lagos de fogo”, os “choro e ranger de dentes”, o “juízo final”, a “ressurreição dos mortos”, o “diabo” como inimigo de Deus — tudo isso provém diretamente dos sistemas caldeu, sírio, persa e, em parte, grego (como no *Inferno* de Dante). Segundo Josefo, eram doutrinas amplamente aceites pelos essénios e ainda mais pelos fariseus — os dois grupos mais cultos e respeitados entre os judeus do tempo de Jesus.

Nem Jesus divergia muito dos harmoniosos e ascéticos essénios nas suas regras espirituais. Essa seita era anti-matrimonial (exceto para os “do mundo”), defendia a virtude como causa de saúde, era ordeira e industriosa, partilhava todos os bens em comum (tal como os apóstolos), e não só acreditava e conversava com espíritos, como os seus líderes eram tidos por videntes, bons médicos e profetas fiáveis — até entre os descrentes.

Assim, a nossa denúncia, concentrada e cristalina, é esta: milhões aceitaram Jesus não como “irmão mais velho”, membro de uma linhagem de semideuses que, de tempos em tempos, são enviados à Terra com grandes dons e sabedoria — algo que se enquadraria nos princípios da justiça e da progressão eterna —, mas sim como sacrifício literal da Mente Infinita, cordeiro imolado num altar sangrento em favor da humanidade, pagador de dívidas que não contraiu, mártir por pecados que não cometeu, redentor de grandes pecadores por mero “crer e batizar-se”, entre muitas outras absurdidades e contradições pagãs. Que mundo de imitadores!

Se o vosso deus predileto e messias adorado — seja ele Zoroastro, Pitágoras, Platão, Jesus, Maomé, Buda, Krishna ou Brahma — faz, ou se diz que fez, um gesto de virtude, então lá ides vós imitá-lo com toda a pompa e cerimónia! Se ele comeu ou bebeu de certa maneira, vós também o fareis; se entrou num rio e foi batizado por alguém designado para tal, lá tereis de vos imergir também, pois não sois bons senão na *mímica*; se ele orou de certa forma, também orareis assim; se ele caminhou, falou e trabalhou num estilo particular, vós vos sentis obrigados a imitá-lo — porque

acreditais que nada em vós é mais importante do que esse reflexo superficial, essa cópia obediente, essa adoração mecânica do líder que confundistes com o Mestre, cujos modos vos julgais obrigados a adorar e replicar.

É contra esse vosso abominável hábito que este protesto se ergue firmemente. Vós deseducais os simples, promoveis os serviços mais inúteis e imitativos, e espalhaiis sementes de estupidez teológica (e de cupidez também, nem menos!) por todo o tecido social. Suponhamos que Zoroastro vestia uma túnica púrpura, bordada a ouro e cravejada de diamantes, encimada com emblemas e símbolos da sua fé e messianismo — tendes vós de fazer o mesmo? Suponhamos que Maomé viveu seis meses numa caverna na floresta, alimentando-se apenas de frutos silvestres — teríeis vós também de seguir-lhe os passos?

Ou que Jesus se retirou ao deserto e ali permaneceu quarenta dias em reclusão, ou que se sentiu impelido a ser batizado, a partir o pão e a beber vinho antes de se despedir deste mundo — terá vós de sentir e fazer o mesmo? Acaso não sois capazes, agora e para sempre, de distinguir entre as IDEIAS de um mestre e as suas idiossincrasias pessoais ou temperamentos particulares? Os caminhos dele não são os vossos, porque ele e vós sois indivíduos distintos, vivendo em épocas diferentes, imersos em circunstâncias diferentes. Que se proclame, pois, que este é um protesto contra toda e qualquer imitação que não seja compatível com a vossa própria natureza — e igualmente contra a deificação indiscriminada de qualquer pessoa, exceto do Espírito-Pai, que não exige esse reconhecimento involuntário e esse serviço labial de nenhuma criatura viva.

A mitologia popular (vulgo “teologia”) foi gerada, nascida, acalentada, educada e, por fim, tornada favorita entre os povos de uma terra e clima onde cada temperamento era hereditariamente quente, sensorial, sonhador, bélico, místico e profundamente entusiástico. O próprio ar que se respirava nessa era estava saturado de imaginações vaporosas, grotescas e grandiosas; e lendas tradicionais, carregadas de temores noturnos e maravilhas indisciplinadas, flutuavam sobre a inteligência germinada da época como nuvens a deslizar entre a paisagem resplandecente e o sol distante do mistério.

“A vida espiritual do hindu”, diz Rhode, com muita verdade, “exprime-se em formas genuinamente poéticas. A característica distintiva do seu temperamento é o domínio da imaginação sobre a razão” — em contraste direto com o estado mental europeu moderno, onde predomina a razão sobre a imaginação. Eu, no entanto, substituiria “razão” por julgamento: pois razão é o desenvolvimento do ser humano total — um equilíbrio perfeito, uma conquista de sabedoria — o que, infelizmente, ainda não aconteceu a nenhum povo terrestre. Já o julgamento, sendo educacional e fruto da experiência acumulada, como um hábito adquirido, pode ser afirmado dos europeus e de outras nações menos apaixonadas. O julgamento declara

o que é verdade de acordo com as leis férreas do pensamento e da experiência individual (não intuicional); já a imaginação dirige-se ao “sentido e ao sentimento, às emoções do espanto, da reverência, ao desejo por formas grandiosas e belas.”

Com esta distinção em mente, perguntamos, como o fez um escritor no *Christian Examiner*: “Será estranho que símbolos oriundos da Pérsia, do Egito ou da Palestina — alegorias e emblemas que brotaram da fantasia do mundo antigo — sejam hoje insignificantes para a mente prática da Inglaterra ou da América?” As Igrejas que os acolheram eram Igrejas do Oriente — igrejas da Ásia Menor, da Macedônia, da Síria, da Fenícia, da Arábia, da Palestina, do Egito e da Mesopotâmia, da Trácia, da Acaia e de Épiro — onde o temperamento predominante era quente, entusiástico, místico e sensorial.* Esta pergunta corta até ao osso! O cerne da questão é atingido, e o resultado é a libertação das Ideias (ou Princípios) do monte alpino de personalidades inúteis que nelas se agarraram e entrelaçaram.

“Pureza Universal” é a grande ideia aspiracional de Jesus; e, por sequência lógica da intuição, surge o seu outro ramo de ouro: “Caridade Universal.” Tudo o que ele pensou, concebeu, sugeriu, instituiu ou aboliu, para além da expressão deste Princípio imutável, é interessante e, talvez, útil como pistas e exemplos — mas nada mais.

Cada homem deve ser guiado pela sua própria experiência orgânica, e esse sol orientador não pode brilhar de igual modo sobre todos. Assim como a experiência de cada alma é essencialmente e beneficentemente sua — a escada privada pela qual sobe até ao seio dos seus Pais Infinitos — é, pois, injusto e improdutivo impô-la a outrem como evangelho e forçá-lo a escalar por esse mesmo método emprestado.

PAULO, o apóstolo e crente fervoroso, surge agora nesta galeria de vultos, entrando involuntariamente no seu lugar dentro do Panteão do Progresso. Poucas palavras são necessárias sobre este destemido propagandista e mártir, pois as regiões civilizadas da Terra transbordam de elogios pagos e de pregadores habilitados. O que Paulo escreveu é tido como de importância extrema por milhões que ainda não se conhecem interiormente.

Mas o melhor antídoto para a superstição é a Sabedoria. Se queres conhecer o teu único Salvador, se desejas cair, afetuosa e confiadamente, a seus pés — entra na presença da Sabedoria. O anjo mais radiante na câmara da alma é a Sabedoria. O seu esplendor percorre o Palácio infinito da Verdade. O seu peito jovem e desapegado arde apenas com os fogos imortais do amor divino, e a voz das suas palavras mistura-se com a cadência estelar da imensidão, uma música tão arrebatadora que ultrapassa as cristas crescentes do oceano eterno dos Princípios e enche o universo atento de alegria, esperança e aspirações indizíveis.

Se procuras autoridade — e é certo que precisas — apressa-te ao templo da Sabedoria. As verdades do seu entendimento são operativas em toda parte e aplicáveis com graça a todas as tuas necessidades. Canta de alegria aquele que habita a terra eterna do verão, e que se inclina em reverência à sua autoridade irrevogável. Sabedoria (e não Paulo) é quem ensina Princípios imutáveis.

“O filho da Sabedoria é homem firme e sereno, fiel e corajoso, mais destemido que leões, confiante e forte; nunca duvida do seu direito ao bem, e não teme o mal se não faz o mal... simplesmente corajoso e sublimemente justo.”

Não está em causa o carácter de Paulo. Mas o que ensinou? Sobre que tema escreveu mais? Entre todas as suas belas recomendações e sugestões religiosas, que frases revelam a causa do seu zelo e o segredo do seu entusiasmo? Pois no coração espiritual do “Apóstolo dos Gentios” havia algo nuclear e precioso, uma verdade sagrada ali abrigada como Deus no âmago de tudo — e é essa verdade que pedimos ver.

A epístola aos Hebreus (do capítulo primeiro ao quinto) contém essa essência sublime pela qual ansiamos:

“O teu trono, ó Deus, é para sempre e eternamente; o cetro de justiça é o cetro do teu reino... Que é o homem, para que dele te lembres? Ou o Filho do Homem, para que o visites?... Coroaste-o [Jesus] de glória e honra; todas as coisas puseste debaixo dos seus pés... Vemos Jesus, que foi feito um pouco menor que os anjos por causa do sofrimento da morte, coroado de glória e honra... Pois na verdade ele não tomou a natureza dos anjos, mas sim a descendência de Abraão... Visto que temos um grande sumo sacerdote que penetrou os céus, Jesus, o Filho de Deus, mantenhamos firme a nossa profissão; porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; mas um que, em tudo, foi tentado como nós, mas sem pecado.”

Existem outras declarações mais sucintas nas cartas de Paulo, e outras palavras que talvez transmitam melhor a sua inspiração soberana — mas escolho as anteriores como a melhor generalização da sua fé.

Tal como o olmo em pleno Verão — a glória da paisagem, o abrigo dos cansados, curvando-se para a terra não por fraqueza ou indignidade, mas pelo peso da sua riqueza e da sua grata graça — assim nos surge este magnífico trabalhador na vinha de Deus, recortado contra o céu oriental no fundo confuso e obscuro da história da sua época e missão. Misturado e interpenetrado por mil máximas e regras espirituais de vida, vemos emergir, aqui e além, a conceção-mestra de Paulo, o seu princípio dominante, a sua IDEIA todo-poderosa — brotando e ramificando-se em beleza por todos os pontos, tal como os ramos do olmo pendem do tronco ancestral. Essa ideia era simplesmente: “A Encarnação.”

Deus, uma inteligência pessoal — e, por isso, não infinita — “fez-se carne e habitou entre os homens... Jesus Cristo, o unigénito Filho, que está no seio do Pai.”* Paulo inspirava-se neste grande princípio: a manifestação carnal da Mente Eterna. Ele via a misericórdia esmagadora e a condescendência afetuosa de Jeová, a sublime grandiosidade do drama mosaico, e as reverentes maravilhas do trágico processo de salvação possível do mundo, por meio de Jesus, o Deus encarnado. Esta verdade central, no espírito de Paulo, conduzia-o “ao Rochedo sublime / onde paira sobre o Mar Eterno / o filho do tempo, trémulo e suspenso.”

*Ver João 1:14–18

Como se verá mais adiante neste volume, a esperança e filosofia de Paulo acerca da vida imortal baseavam-se na sua crença e veneração pela encarnação de Jesus. Esta era a sua IDEIA central. Outras ideias possuía, como muitos dos seus contemporâneos, mas esta reinava sobre todas — como senhor absoluto. “A fé na existência futura”, diz Feuerbach, “é a fé na existência presente tornada efetiva.” Em Paulo, tal é plenamente verdadeiro. O seu juízo era judaico — exigia experiências palpáveis, demonstrações óticas e auditivas — e as aparições e sinais maravilhosos de Jesus deram à sua mente plena e jubilosa satisfação. Paulo estava tão grato pela manifestação sensível de Deus! Não sendo de temperamento espiritual, mas inteiramente factual, como são todos os judeus, não podia crer em teoria sem aquilo que considerava milagres autênticos e comprováveis.

Uma vez aceites os factos como provas genuínas de que o SUMO SACERDOTE JESUS era uma ENCARNAÇÃO do verdadeiro Deus de Abraão, o apóstolo tornou-se ilimitado na fé, desmedido na gratidão, extraordinariamente zeloso — e, em tudo, um homem diferente e melhor. À exceção, talvez, de certos preconceitos judaicos, como a defesa da circuncisão e a rejeição da pregação pública do evangelho por mulheres. Mas, a tais preconceitos, podemos responder como alguém respondeu ao filósofo antimatéria dos tempos modernos: “Se o Bispo Berkeley diz que a matéria não existe, então não importa o que o Bispo Berkeley diz.” O “bom senso” de Reid surgirá. A “Razão Intuitiva”, como definida por Kant, não pode ser suprimida. “A verdade é poderosa,” e por isso a superstição, com a sua querida “mentira”, só pode viver por um tempo.

Abundam as confirmações de que as ideias respondem amorosamente umas às outras, tal como a causa e o efeito se reverberam mutuamente no mar ilimitado da matéria. Assim, é verdade que as marés do espírito individual ecoam por todos os outros espíritos ao longo das eras. As concepções budistas, enquanto vestes de ideias integrais, despontam com pureza em Paulo. A capacidade e profundidade do seu espírito elevavam-no a uma eminência espiritual onde os ecos de experiências ancestrais ressoavam como conversações inequívocas de anjos.

O valor das IDEIAS só pode ser concebido por elas próprias. É impossível que o pensamento compreenda as perfeições impessoais, a plenitude e a ubiquidade divina das IDEIAS. O todo de qualquer princípio é uma IDEIA; o pensamento é apenas uma parte — a ondulação mais ínfima do mar infinito. Pensamentos também comunicam entre si; mas apenas como falésias respondem umas às outras, despertadas pelo trovão de Verão. Os ecos da cascata respondem à sua nascente, tal como os pássaros fazem silêncio para ouvirem a resposta dos vales. Assim, no grande mar do Pai e da Mãe infinitos — cujos seres essenciais são Ideias imortais, inter-inteligentes e onnipresentes — os espíritos individuais, ao mergulharem, ignorantes ou sábios, ouvem repetidas vezes, na Terra, os seus próprios sentimentos e experiências privadas. A abundância flui e alegra-se consigo mesma; como o coração saudável rejubila no pulsar da sua própria vida.

Assim foi com o apóstolo gentio. Projetou, sobre a tela aberta da biografia humana, os mesmos pensamentos que repudiara como erros noutras formas religiosas. A justificação pela fé era, para ele, um grande pensamento, pois as “obras” pertenciam à ordem abraâmica e pouco valiam em glória e honra. Mas a “Encarnação” era a sua IDEIA — e o seu pensamento consistia em que Jesus era o “Unigénito”, a única possível encarnação física de Deus.

Que a ideia de “Encarnação” é de consciência e aplicação universais, prova-o a sua universalidade no mundo. Cada canto da história exhibe algum deus encarnado. As tribos mais selvagens têm deuses emblemáticos. O sentimento de que o Criador e Preservador se deu a si próprio em forma humana, para o bem da humanidade, é tão vasto como os princípios do sentimento e do juízo. Essa é a IDEIA. Mas o “pensamento” é que cada manifestação foi sobrenatural e extra-humana; e é com esse pensamento que surge o erro. Os seguidores de Brahma, de Buda, de Pitágoras, de Jesus, como Paulo, fundaram todas as suas esperanças eternas na ideia de uma demonstração específica e particular.

Os primeiros discípulos de Pitágoras acreditavam sem questionamento na metempsicose — uma imortalidade mutável da experiência pessoal — unicamente porque o mestre assim o imaginou e afirmou de si próprio. A alma de Paulo ajoelhou-se por completo perante o altar de uma encarnação específica. Jesus era o seu “Sumo Sacerdote”, o seu auxílio na Terra, a sua vida no Céu, o seu juiz na eternidade. Aqui vemos as ideias do homem — mas também o seu temperamento. Fiquemos com a IDEIA, deixemos os traços individuais e as doutrinas do apóstolo como fenómenos de si mesmo — e vejamos quão abundante ela é!

Nada sem Deus! Ao sopro deste princípio, todas as partes da Natureza se abrem como flores animadas pela vida do Pai. O globo inteiro está cheio de fruto. Cada semente é um princípio encarnado! Maçãs são tão plenas de vida como anjos — a grande glória reside apenas na quantidade.

As marés de toda a animação vêm à tona prateadas com orações. Ontem, pensava eu com Paulo que Deus estava oculto, exceto através de um certo “Jesus”; e, de súbito, via miséria por todo o lado. Dos milhões que já viveram e vivem, apenas um punhado parecia ter “fé” suficiente. A morte e a destruição, como demónios da desesperança, percorriam o mundo. A escuridão enchia tudo. Em vão tentava eu ver misericórdia e sabedoria divinas — agradecer por um amor que não via, por um saber que não tinha. Mas depois, caminhando pelos campos, o véu ergueu-se como uma montanha.

A “Encarnação” do Pai Infinito não estava num só homem — mas em tudo! O Sol brilhava com mil vezes mais esplendor. A onda do barbarismo dissipara-se. O espírito elevava-se desde as raízes do mais profundo inconsciente. Como uma rosa, alegrava-me ao Sol, e os meus pensamentos voavam como aves soltas. A beleza misteriosa envolvia-me como por encanto. Cada árvore, do cimo à raiz, era uma imagem divina. Tanto como qualquer templo, era verdadeira encarnação da Dualidade Infinita. Animais, insetos, coisas rastejantes, já não ofendiam — eram irmãos do mesmo Espírito. Os meus semelhantes — todos — eram semideuses por dentro. Via-lhes a espiritualidade, a suscetibilidade à Divindade comum. A criança imbecil, o desventurado, estavam a caminho da sabedoria. Os pobres dos asilos herdariam riquezas eternas. Os presos e oprimidos seriam libertos pela marcha lenta, mas segura, do Progresso. Tudo havia mudado — ou estava a tornar-se novo!

E, ao regressar a Paulo, a minha alma reforçava-se para rejeitar os seus pensamentos particulares e doutrinas, mas — na luz viva da RAZÃO — eu contemplava a sua IDEIA central, a “Encarnação”, e descobria que ela era minha também, e natural a todos os espíritos. E assim, aceitei o Apóstolo como um irmão na exploração e proclamação dos Princípios.

ORÍGENES, que viveu e trabalhou há cerca de mil seiscentos e vinte e nove anos, ou duzentos e trinta anos depois de JESUS, exige agora a nossa atenção. A idolatria politeísta e o culto a imagens constituíam a teologia e expressão religiosa da Judeia na época de Orígenes, o grego. A Síria a norte, o Egipto a sul, a Arábia a leste e a Fenícia a oeste — todos partilhavam as formas ditas “pagãs” de concepção e culto espiritual. Ptolemeu, Josefo, Tácito, Estrabão, Plínio e muitos escritores e historiadores árabes, gregos e romanos são classificados como pagãos, judeus ou membros não convertidos da vasta família humana.

Orígenes foi um convertido do paganismo e, com grande zelo e capacidade, dedicou-se aos problemas da literatura das escrituras. Os leitores modernos da história eclesiástica negligenciam frequentemente os escritos antigos, a não ser quando chegam até eles por via de citações e comentários de autores posteriores, como Tertuliano, Eusébio e Jerónimo.

Os relatos desses historiadores são considerados, pelos cristãos populares, dignos de plena aceitação. Talvez, à exceção da Bíblia, não existam autoridades sobre a Antiguidade mais reverenciadas pelos sobrenaturalistas da atualidade. Esses autores citam assuntos históricos de escritores pagãos, judeus e árabes, sempre que esses dados coincidem com os seus dogmas prediletos; caso contrário, rejeitam as histórias e factos mais antigos como sendo falsidades naturais perpetradas pelos inimigos da especial “Encarnação”, os quais eram idólatras e pertencentes à velha dispensação.

Pelos escritos recomendados pelo mundo cristão — Tertuliano, Eusébio, Jerónimo e outros de crença romana — pode obter-se conhecimento das perseguições intensas sofridas pelos antigos ou primeiros crentes em Jesus. O terrível e impiedoso Nero juntou-se à “respeitável” turba que odiava e afligia os primeiros cristãos, tendo inventado falsidades e acusado os cristãos de terem incendiado a cidade de Roma; e, com base nessa falsa acusação, grande número deles foi punido com requintes de crueldade. Pôncio Pilatos era procurador romano, no reinado de Tibério, na época em que Jesus foi martirizado pelas suas crenças e princípios.

A destruição do líder era considerada pelos bárbaros (ou seja, os eruditos, populares, orgulhosos e respeitáveis) como o equivalente à aniquilação imediata de todos os cristãos. “Por um tempo,” diz um historiador, “esta superstição perniciosa [o Cristianismo] foi em parte suprimida, mas voltou a emergir, não só na Judeia, de onde teve origem este mal, mas também na cidade de Roma, para onde correm, de todas as partes, todos os escandalosos e flagrantes horrores.” Cito isto para que os “cristãos respeitáveis” modernos contemplem o que os inteligentes da Antiguidade diziam dos seus antepassados religiosos.

Diante da força dos testemunhos históricos e dos dados acreditados, é razoável acreditar que, num país não muito populoso, já existiam muitos recetores assumidos do cristianismo por volta do final do segundo século. Quando o procônsul da Bitínia, Plínio, escreveu ao pagão Trajano, é citado assim: “Nunca estive presente no julgamento de cristãos, por isso desconheço quais as práticas usuais, o que se investiga, e até onde se estende a punição... Será que não se deve distinguir entre idades? Haverá lugar para perdão em caso de arrependimento? É uma vantagem para aquele que foi cristão e deixou de o ser? Deve o simples nome [Cristão, lembremos, não ‘espiritualista’], sem qualquer crime adicional, ou os crimes associados a esse nome, ser punido?”

A resposta de Trajano a Plínio é igualmente citada:

“Seguiste o método correto ao examinar os casos dos acusados de cristãos... Não se devem procurar ativamente, mas se forem acusados e condenados, devem ser punidos; com a ressalva de que quem negar ser cristão, e o comprovar suplicando

aos nossos deuses — mesmo que o tenha sido anteriormente — deve ser perdoado se mostrar arrependimento. Quanto a denúncias anônimas, não devem ser tidas em conta, pois isso seria um exemplo pernicioso.”

Cristãos modernos que, dos cimos do seu prestígio eclesiástico, se lançam em perseguição contra os “espiritualistas”, fariam bem em recordar a posição que os seus próprios antepassados ocuparam perante os “respeitáveis” do seu tempo.

Cotton Mather, o Trajano da Nova Inglaterra, e outros cristãos do estilo de Nero, em Salem, Massachusetts, não há muito tempo, acusaram, perseguiram e executaram pessoas cujo único “crime” foi uma experiência que os recetores da Bíblia não consideravam piedosa! Os primeiros cristãos eram escarnecidos e perseguidos por levarem apenas esse nome. E, muitas vezes, mesmo após renegarem a fé e regressarem ao culto dos deuses populares, eram ainda assim perseguidos e levados à morte.

Além destas razões para citar a história, há outra diretamente relacionada com a personagem em análise. Entre os pagãos instruídos — ou seja, os convertidos ao cristianismo vindos das fileiras da eminência e poder pagãos — acreditava-se que os ensinamentos de Jesus, conforme expostos pelos seus primeiros apóstolos, precisavam apenas de ser explicados e alinhados com as formas anteriores e as antecipações patriarcais para serem amplamente aceites. Que existia harmonia perfeita nos escritos judaicos — que profecia e cumprimento se encaixavam como juntas da anatomia humana — não era duvidado por nenhum descendente instruído de Abraão.

Mas que os escritos, sinais e ensinamentos cristãos coincidissem entre si, e que, no seu conjunto, pudessem ser integrados no templo sobrenatural da história e teologia hebraicas com perfeita harmonia — isso era considerado por muitos como improvável, senão absurdo. Tal ceticismo não era, contudo, partilhado pelos primeiros convertidos como Paulo, nem mais tarde por Orígenes e pelos pais das primeiras igrejas.

Orígenes submeteu-se, abdicou dos prazeres do corpo, preparou a sua mente cultivada, obteve todos os manuscritos cristãos disponíveis e iniciou o labor de revisão e comentário. Talvez tenha sido o primeiro a escrever um “Comentário às Sagradas Escrituras”; pelo menos, foi a sua própria autoridade e o melhor intérprete vivo de passagens obscuras. Pela sua investigação e labor incansável, os pergaminhos foram divididos, classificados, marcados, transpostos, copiados, pontuados e corrigidos nas suas referências — elevando, assim, o conjunto ao plano de aparente coerência.

Se as descobertas do Professor Tischendorf, sob o generoso patrocínio do governo russo, virão confirmar o trabalho de Orígenes, ainda é incerto. A Antiguidade é uma

autoridade duvidosa — caracteristicamente envolta nas mortalhas do erro, da superstição e das deturpações dos factos mais simples. O século IV é considerado como o tempo da elaboração do maravilhoso Vaticano, o qual, alegam os comentadores populares, continha os primeiros manuscritos das Escrituras Sagradas.

O Cântico dos Cânticos, o Pastor de Hermas, o Livro das Guerras de Jeová, e várias páginas apócrifas da antiga árvore da experiência espiritual, poderão ainda surgir de relações harmoniosas sugeridas pelos primeiros progenitores da igreja. Resta-nos aguardar que o explorador russo complete a sua missão.

Quando forem encontrados os manuscritos bíblicos originais, assinados pelos próprios escritores cujos nomes ostentam — sem vestígio da intervenção de Orígenes como harmonizador dos evangelhos, nem de qualquer outro seguidor conhecido ou anónimo do Nazareno — então o mundo poderá deparar-se com uma nova revelação de incompatibilidades e doutrinas discordantes, capaz de paralisar toda a fé na infalibilidade dos Testamentos.

A Igreja Episcopal, tal como o sistema católico romano, arroga-se o privilégio de datar de antes da era cristã. Reivindicam imperialmente uma anterioridade a todos os registos sagrados; portanto, por lógica fácil, “a Igreja” é investida de autoridade mais profunda e mais elevada sobre os atos religiosos do homem do que a própria letra da Bíblia. Esta posição foi assumida por sabedoria mundana. Nada poderia demonstrar com mais clareza a sagacidade e a inteligência premeditativa dos bispos romanos e episcopais.

Eles previram que a posteridade demonstraria que a Bíblia está internamente desalinhada com a sua alta pretensão de infalibilidade. Mas se a “Igreja” fosse compreendida e aceite como a fonte da sabedoria perfeita — o recetáculo da vontade infalível de Deus e das Suas promessas à humanidade — então seria fácil defender a Bíblia contra todas as investidas da infidelidade, simplesmente afirmando que o seu conteúdo não passava de “registos eclesiásticos”. Toda a pregação e realização de milagres foi feita (dizem eles) para e na Igreja de Cristo, que, quanto à sua origem, é anterior aos escritos que compõem o Novo Testamento; sendo estes apenas o “registo” dessas palavras, sinais e poderes milagrosos, os quais, segundo a alegação solene de cada uma das instituições eclesiásticas rivais, ainda permanecem “na Igreja” como provas de que Deus é fiel à Sua palavra e cumprirá os Seus desígnios sobre a humanidade.

Mas o devoto e erudito Orígenes, ao converter-se no sentimento e no juízo ao evangelho esseniano de Jesus, entregou-se por completo, sem reservas — com o coração, a mente e toda a força — à afeição e às glórias sobrenaturais das doutrinas cristãs.

E a sua primeira grande impressão central foi a ideia de que existe uma “Harmonia da Verdade Divina”. Se os manuscritos dos diversos profetas e escritores dos evangelhos contêm comunicações da mente de Deus — se, de facto, são a Sua Palavra à humanidade — então devem concordar internamente entre si, como causa e efeito, ou como as estações do ano, sendo que anacronismos ou contradições não podem existir. Dado que a fonte da inspiração é UMA e não se divide contra si própria, então cada fluxo que dela emana deve convergir num só grande rio de Verdade. “Assim deve ser a Bíblia”, raciocinava o pai devoto e orante, e lançou-se à sua busca dentro dos manuscritos sagrados. Fê-lo por acreditar que os escritos eram, por si só, sinais e ensinamentos da própria mente de Deus. As afirmações populares das igrejas Católica Romana e Protestante Episcopal, relativas à prioridade das estruturas eclesiais e episcopais e dos milagres, eram-lhe desconhecidas — e, como tal, irrelevantes ao espírito vasto e corajoso de Orígenes.

Todos os pensamentos religiosos de Orígenes tinham um matiz de mitologia oriental. Em relação à região subterrânea de agonia e desespero mortal, chamada Hades ou “Inferno” por alguns escritores, Orígenes pouco afirmou e menos ainda acreditou; duvidava bastante da existência de um “lago de fogo inextinguível” sob o mundo, previamente determinado por Deus; e embora admitisse a possibilidade da presença de um arcanjo ou gigante maligno à porta de bronze que se abre e fecha sobre os domínios da perdição temporal, inclinava-se mais, nos seus pensamentos, para a doutrina do bom Zoroastro no que dizia respeito à duração dessa região e dos seus castigos noturnos.

Um historiador judeu da época dizia:

“Os justos recordam apenas as suas obras retas, pelas quais alcançaram o reino celestial, onde não há sono, nem tristeza, nem corrupção, nem preocupação; onde não há noite nem dia contados pelo tempo; nem sol guiado pelo círculo do céu, nem lua minguante ou crescente, nem mais estações que alterem a terra. Não haverá mais gerações de feras, nem produção de animais; não nascerão mais homens, mas o número dos justos permanecerá e nunca falhará, juntamente com os anjos e os espíritos justos... Um coro de homens e mulheres justos, que nunca envelhecem, cantarão eternamente hinos ao Deus que os elevou a essa felicidade.”

As impressões de Orígenes sobre a imortalidade eram mais próximas das de Paulo do que das dos Profetas. A concepção judaica da vida eterna nunca subia aos Alpes do futuro — limitava-se a um vale horizontal: a crença de que uma Terra purificada e celeste se tornaria a morada dos justos. Trinitarismo ou pensamentos politeístas acerca dos poderes divinos não impressionavam grandemente a mente de Orígenes.

Ele era um profundo amante da inspiração, um tipo de Unitário, pertencente à escola restauracionista dos universalistas. Quanto às ordenanças eclesiais e cargos,

deixou sugestões muito boas, embora locais e circunstanciais, aplicáveis aos tempos e às gentes que o rodeavam. Mas quanto à sua IDEIA central, que transbordava da sua inteligência santificada, muito poderia ser dito e aproveitado.

“A Harmonia da Verdade Divina” é uma persuasão universal. Ela aninha-se, como uma missão de amor, no próprio seio da Intuição. Judeu, Grego, Gentio, Cristão ou Infiel, todos são amigos perante esta proposição do Espírito. Todos exclamam, com uma só voz cheia de amor e verdade, que para a mente de Deus, contradições são eternamente impossíveis. Tudo o que Ele diz permanece dito para sempre. Todos os conceitos sobre o Criador e o Preservador são homogêneos e fraternos neste princípio. A Sua Harmonia é incontestável. Veríssimo!

Mas que fez, então, o nosso Orígenes? Na maré arrebatadora desta sublime inspiração, perante a Beleza majestosa e estupenda desta IDEIA eterna, impessoal e onnipresente — o que fez o nosso irmão Orígenes?

Permitiu que os seus pensamentos dominassem e sobrepujassem o princípio. Com a plenitude do seu fervor devocional e a força concentrada da sua inteligência, fixando o olhar como o de um amor ciumento sobre o tesouro resplandecente que buscava nos textos sagrados, sondou, reorganizou, classificou e transcreveu palavras e sentenças para desenvolver a “Harmonia da Verdade Divina” a partir de relíquias documentais e escritos póstumos de quase todos os entusiastas e discípulos autorizados da religião.

Concordamos, portanto, ao dizer que os pensamentos de Orígenes consistiam na crença de que “a Bíblia”, enquanto conjunto de livros redigidos por mentes diferentes sob estados de inspiração diversos, é capaz de ser harmonizada. Mas a sua IDEIA era que a Verdade Divina é Harmoniosa por necessidade de unidade — e esta unidade é eternamente característica da sua fonte insondável.

As concepções e comentários de Orígenes são-nos gratos como provas da sua erudição e devoção escolar às doutrinas do coração; mas a sua brilhante e auroral IDEIA da Unidade da Verdade não é aceite por nós como empréstimo, porque é parte integrante da nossa própria constituição espiritual — não pode ser rejeitada, e permanecerá sempre, flamejando como “uma coluna de fogo” no jardim do Espírito, guiando-nos no caminho infinito da sabedoria. É uma luz orientadora para seguir, não um farol de advertência; e caminharemos sobre o eterno mar dos Princípios com a sua ajuda, acima das tempestades, inabaláveis e constantes.

Saudamos o nosso irmão Orígenes, com a sua inspiração predominante, e damos-lhe as boas-vindas ao Panteão da Verdade Eterna!

MARTINHO LUTERO, há trezentos e sessenta e seis anos — ou mil duzentos e sessenta e três anos depois de Orígenes — entra finalmente em cena na animação do

nosso tempo. Entre estas duas figuras notáveis, e ao longo de cada ano desses doze séculos, que transformações colossais e progressos imensos se verificaram! Mudanças políticas, em número e magnitude, foram incontáveis; guerras e tratados de paz foram proclamados repetidamente, com alternâncias espantosas; tiranias e empreendimentos piratas multiplicaram-se e alastraram por vastas regiões do mundo então dito civilizado; capacidades transcendentais, qualidades de uma beleza e poder solenes e quase sagradas, e conquistas abrangentes na eloquência e nas artes, foram ofuscadas pelo brilho apagado da Idade Média — as chamadas “Épocas das Trevas”. Contudo, a imensa superioridade das forças naturais sobre todos — até os mais nobres e poderosos — cálculos e esperanças humanas, foi aí perfeitamente demonstrada. O resultado provou como verdadeira a palavra do poeta:

“Nações podem cair para nunca mais se erguer,
Mas na velha costa do Oceano ressoa,
Em meio à vastidão infinita,
A eterna pausa de Deus,
Sempre, sempre em frente!”

Uma constelação de mentes idealistas poderia ser reunida de entre os milhões que viveram e ascenderam durante esses doze séculos tão marcantes. Os diferentes filósofos, artistas e comentadores bíblicos da Antiguidade continuavam a viver pelos seus dignos e imortais representantes. Os comentadores primitivos e pais espirituais mais respeitados e citados incluem Ambrosiaster, Ethulairus, Atanásio, Eusébio, Crisóstomo, Jerónimo, Teofilacto, Clemente de Alexandria, entre outros.

Jerónimo, autor da célebre tradução Vulgata da Bíblia, foi, sem dúvida, eminente num certo sentido — assim como Tertuliano, Agostinho, Hildebrando, Alberto Magno e outros nomes modernos do pensamento cristão ou católico que ainda se erguem, belos e imponentes, no distante pano de fundo da história. Contudo, com nenhum deles teve início uma era de novo pensamento, de resistência à tirania, de revolução, de exemplos dignos de grandeza. E assim somos autorizados — e mesmo pressionados — a prosseguir rapidamente, embora com respeito, até aos tempos e desenvolvimentos da figura anunciada.

E ainda assim os meus pensamentos demoram-se nesse caminho silencioso das séculos românticos e dourados como trigo maduro. Não são as pesquisas biográficas que aqui mais me atraem, mas sim as características morais e as profecias implícitas desse grandioso período sob contemplação.

O amante das antiguidades ao luar, que devotamente aprecia a lei da força majestosa e da beleza bravia, poderia interrogar os acontecimentos e personagens dessa era e retirar disso um prazer intelectual épico e desimpedido. Mais vastos e sublimes que qualquer palácio idealizado pela imaginação mais exaltada, foram os

desenvolvimentos subterrâneos da vida medieval. Até o seu silêncio tinha imponência; a sua escuridão, um manto misterioso de promessa régia; e cada feito notável, fosse no governo ou na religião, continha em si a semente de um continente inteiro de progresso e liberdade futuros. A luz irrompia na escuridão medieval — mas a escuridão não a compreendia.

Rija, sem dúvida, era a majestade desse despotismo! Intensamente consciente de si própria era cada autoridade pessoal, à medida que avançava, com ambição, rumo à consumação dos seus propósitos. Muitos espíritos audazes tornaram-se sementes de um bem infinito para a humanidade. Os déspotas julgavam que prestavam honra ao género humano simplesmente ao olhar para aqueles sob o seu cetro, e ao governá-los como com vara de ferro; mas os princípios todo-poderosos da Verdade e da Justiça brincavam com os tiranos como o Tempo joga com os palácios, e assim, o entardecer dos Césares tornou-se berço e cobertura de dias melhores.

A reverência, porém, era a principal característica espiritual desses séculos. Florescia como magnólia perfumada nos jardins da religião. Concedamos que enraizava num solo supersticioso; que as suas pétalas eram orvalhadas por preces vespertinas sem valor no céu; que era agitada e alimentada por ventos mornos de agitação sacerdotal e cobiça clerical; mesmo assim, na glória resplandecente dos tempos atuais — cuja luz maior deveria interpretar o silêncio de embalar e a escuridão portentosa do período medieval — não podemos deixar de reconhecer o bem que se escondia no seio desse sentimento de veneração. Entre os católicos e entusiastas do continente europeu, esse sentimento sereno e belo continha os germes de toda a progressão protestante na arte e na teologia.

Sobre cada estrutura governamental, lançava uma luz sublime e digna. Cada reino organizado era por ela abraçado — todos os exércitos permanentes, todas as autoridades militares — todo o talento, expressões mistas ou formas simples de génio — todas as classes sociais, desde o trono até à casa mais humilde — todos eram objetos de oração, atenção respeitosa e reverência. E, acima de tudo, a reverência dessa época sacerdotal expressava-se em relação à literatura sagrada, relíquias, imagens, santos, chefes militares e reis. O indivíduo, o “eu”, era insignificante perante o Estado e a Igreja. Por isso, essas manifestações de reverência eram, muitas vezes, rudes e parcialistas.

As suas atividades e gestos formais tinham o mérito da sinceridade e da grandeza; mas, enquanto esse sentimento se expressava de forma subserviente e servil perante o Papa, o Arcebispo, o Rei, o Imperador e o Padre, não deixava de trair o seu desprezo e rudeza animalesca para com aqueles que ousavam desejar democracia ou independência pessoal. Que a reverência é elemento de verdadeiro amor e adoração, ninguém negará; mas que, como todas as forças afins, é capaz das mais diabólicas

perversões e feitos, é a causa de espanto universal. Tal é a sua história dentro da religião.

Os homens, na sua ignorância, adoravam os santos já falecidos, mas abominavam com repulsa qualquer semelhante que ousasse pensar-se tão “bom quanto o Papa”. Martinho Lutero cometeu esse “crime”. A sua falta de reverência pelas autoridades teológicas reconhecidas, até mesmo pelo Santo Padre e o seu anfiteatro de conselheiros consagrados, teve, durante algum tempo, consequências desastrosas. Não me admira, pois, que nessa época nenhum homem fosse considerado digno, a menos que fosse parte da família reverencial do Santo Padre. Respeito, riqueza e adoração eram dádivas diárias dos incontáveis poderes e populações. Mas o doutor de Wittenberg, auxiliado e inspirado por uma combinação peculiar de circunstâncias favoráveis, rompeu abruptamente com os constrangimentos institucionais.

Uma dose plena de independência robusta nascera com o seu espírito; e por uma estranha afetação de reverência contínua pelas autoridades eclesiásticas, travou guerra contra os poderes combinados.

Agora, os descendentes espirituais de Lutero podem professar reverência profunda pelo seu líder auto-suficiente e progenitor. Podem afogar-se nas suas doutrinas sobre as “indulgências” e outras especulações da Igreja Apostólica; podem curvar-se perante o altar do seu saber enquanto comentador do Antigo e Novo Testamentos; podem crer que “a fé basta para justificar”, e venerar as concepções e egotismos do seu Reformador como dons do céu para a humanidade. Mas eu digo, a todos e cada um, que em nenhum desses tópicos, pensamentos ou doutrinas, nas suas concepções de tempo, Deus, religião ou eternidade, contemplam eles o verdadeiro âmago do homem forte, firme, altivo e arrogante que foi o doutor de Wittenberg.

A sua IDEIA era mais poderosa e mais rica do que todos os reis, cardeais, imperadores e Papas. A majestade imperturbável da sua inspiração central, o Princípio, é o sol predominante da sua vida — em comparação com o qual as suas doutrinas religiosas e sugestões éticas, os seus pensamentos, não são mais que mosquitos dourados no ar da tarde perante a humanidade inteira.

Ao dizer isto, não agravo os mais sensíveis entre os seus adoradores reverenciais. A Reforma, como bem sabem todas as mentes esclarecidas, não nasceu de novos comentários sobre Mateus, Marcos, Lucas e João; longe disso. Ela emergiu inteiramente daquela erupção vulcânica e sísmica chamada “Soberania do Indivíduo.”

Doces como os prazeres do verão eram os sorrisos da legislatura papal; mas as suas carrancas tinham o estrondo dos raios de Júpiter sobre os ofensores. A inspiração absoluta de Lutero foi esta: a supremacia da consciência individual sobre as autoridades institucionais. E para proclamar essa sua ideia, utilizou todas as formas

concebíveis de sagaz astúcia e convicção apaixonada. Alternava entre gostos, opiniões e acusações, elevando-os ao trono ou retirando-os com igual fervor. Arrependeu-se várias vezes, oficialmente, e escapou, por igual número de vezes, à destruição. Mas, como um vulcão que não pode mais conter o fogo vital que o consome, o rebelde perdoado irrompia novamente, mais feroz do que nunca, com renovadas rajadas de repúdio.

A Igreja-mãe, por sua parte, sofreu, sacrificou, perdoou, acusou, aceitou cartas explicativas, rezou, suplicou ao Todo-Poderoso para receber luz divina — tudo em vão.

A ideia de Lutero tinha de sair à luz! E diante dos grandes dignitários da Igreja e dos príncipes do Estado, na Dieta de Worms, na Alemanha, o Doutor justificador proclamou:

"Assentei-me em oração e consciência; fundamentei-me na razão — e deste lugar não me posso retratar; assim me ajude Deus."

Com estes factos diante de nós, como poderemos definir de outro modo a ideia central de Lutero, senão como o que hoje se denomina "Soberania Individual"? A fundação da ordem no pensamento está sempre nos princípios. Não há desenvolvimento amplo e verdadeiro em qualquer mente desprovida da consciência da presença interior das Ideias, como acontece, infelizmente, com grande parte da humanidade. Opiniões surgem de pensamentos; sistemas derivam de teorias; instituições emergem de sistemas; tiranias crescem a partir de instituições; e revoluções reagem contra tiranias. Mas nenhuma dessas fases, nem para indivíduos nem para nações, cumpre o seu propósito sem estar sustentada, desde dentro e desde cima, pela inspiração viva de um Princípio central.

E embora, como já dissemos, todo espírito humano seja igualmente dotado de ideias essenciais — constitutivas do próprio ser espiritual — é também verdade que, geralmente, apenas uma (entre tantas) atinge o seu pleno florescimento. Alguns, como foi o caso de Jesus, expressam dois ramos imortais brotando de um mesmo Princípio.

Quanto às especulações religiosas de Lutero, quanto aos seus pontos doutrinários, egotismos e particularismos, pouco mais é necessário dizer: são válidos e úteis apenas no seu devido lugar. Mas quanto à ideia da "Soberania Individual" — ou seja, da preeminência da pessoa sobre todas as formas de despotismo ou constrangimento — abrimos as portas da mais sincera hospitalidade espiritual. Aproximamo-nos dela reverencialmente, como de um princípio de Deus e da Natureza, residindo como um arcanjo eterno no âmago do nosso espírito. O ser humano, individualmente, carrega a balança do poder entre a Ignorância e o

Despotismo. Mas que não se inche de orgulho, pois só pela mais rigorosa integridade, sinceridade, franqueza, reverência e verdade, poderá ser “Mestre.”

Demos graças aos Céus, irmãos, pela estrada régia que se abriu através do deserto da superstição e da tirania dogmática, caminho esse por onde a Humanidade pode alcançar a liberdade infinita e a consciência independente.

Martinho Lutero arrombou os portões do Despotismo Religioso com a força dos seus ombros robustos, como Atlas sustentando o mundo. Derrubou, com arrogância rude e inflexível, o edifício inteiro do erro institucionalizado. Declarou que a alma humana é uma criação livre e responsável do Todo-Poderoso, à qual apenas Ele pode pedir contas. E, portanto — não obstante a sua visão rude da mulher, e a superficialidade das suas ideias sobre demónios, fé, fantasmas, infernos, orações e céus — estendemos-lhe a mão fraterna, e saudamo-lo como digno de um lugar no Panteão do Progresso.

Seria, porém, injusto não mencionar, ainda que brevemente, as causas circunstanciais da manifestação individual de Lutero. O profundo desejo e ambição louvável de concluir a construção da Basílica de São Pedro, em Roma, levou o Papa Leão X a publicar as indulgências, cuja gestão comercial e venda foi confiada ao dominicano alemão Tetzel. Lutero insurgiu-se de forma firme e inesperada contra esse esquema nefando, redigindo severos protestos. Tetzel, que supervisionava pessoalmente o caso, mandou queimar a sua objeção. Vede como uma faísca pode atear um incêndio que consome impérios!

O Papa convocou Lutero a Roma. O rebelde eclesiástico recusou, colocou-se sob a proteção da Saxónia e exigiu que o julgamento ocorresse em solo alemão. Augsburg e Leipzig foram palco de investigações eclesiásticas, sem que se alcançasse satisfação nem para o Papa, nem para os amigos da Reforma. A oposição alimentou simpatia crescente por Lutero entre os estudantes da Universidade de Wittenberg.

O rei Henrique VIII escreveu contra Lutero sobre os “Sete Sacramentos”, mas a resposta do Reformador foi como fogo lançado sobre pólvora. A sua rejeição do culto da “Missa” foi tão veemente quanto revolucionária.

Filipe Melanchthon possuía, entretanto, grande valor pessoal e utilidade privada, pois conseguia “caminhar sobre o mar agitado” com brandura e sem jargões. A sua vida foi uma santa exemplificação de um “caminho melhor”, o qual Lutero, suando e praguejando, lutava por estabelecer. Elevado de espírito, piedoso, benevolente, gentil, inteligente, persuasivo, magnético — todas essas qualidades adoráveis e enobrecedoras brotavam do espírito de Melanchthon, nascido no verão e envolto em céu, de tal forma que o individualismo rude e robusto de Lutero foi, por muitas vezes, suavizado antes de vir a público.

Contudo, os seguidores do Reformador logo adotaram os seus pensamentos, ignorando por completo a sua inspiração central — a Ideia interinteligente — e o resultado foi, e continua a ser, a formação de uma “Instituição” sectária, tão disposta a esmagar o individualismo, a consciência privada e o uso da Razão avançada na religião, quanto o fora o velho sistema Papal materno, do qual a sectarização luterana se individualizou e foi centrifugada.

JOÃO CALVINO, vinte e seis anos após Lutero — ou mil quatrocentos e oitenta e três anos depois de Jesus — surge a seguir neste palco de atores e ações. Situa-se, portanto, como segundo na peça religiosa da Reforma civilizadora. À semelhança do seu predecessor e contemporâneo, foi desde cedo envolvido e sensibilizado pelas catedrais e pela fé dominante. Mas as sementes do progresso já germinavam no seu espírito, e a sua *Instituição da Religião Cristã* foi redigida a partir de uma combatividade moral, destinada a defender os movimentos e pensamentos reformistas da época.

Os sofrimentos dos protestantes sob o reinado de Francisco I de França foram atrozes, e foi nesse contexto que Calvino compôs a sua obra dita imortal.

Este reformador foi alternadamente respeitado e rejeitado. Da sua terra natal, Noyon, partiu para a França; depois, por segurança, voltou a Estrasburgo; e, finalmente, estabeleceu-se em Genebra, onde deixou o corpo.

A fixação, na mente do leitor, da nossa proposição apresentada no início deste capítulo, de que o espírito é modificado na expressão pelo “temperamento”, é tida como essencial ao raciocínio correto neste ponto. Embora as Ideias de cada espírito humano sejam as mesmas em qualidade, em quantidade e em convicção final, devido à interposição dos órgãos físicos, situados no meio do temperamento, a expressão de ideias idênticas (ou princípios e verdades) poderá variar o suficiente entre pessoas diferentes, a ponto de criar a ilusão de que diferem em essência.

É dessa origem que nascem os mal-entendidos entre reformadores e verdadeiros amigos da humanidade. O debate e a controvérsia, assim, inflamam-se e tornam-se amargos, ferozes, vingativos, quando uma análise filosófica das proposições fundamentais resultaria numa resolução amável e fraterna.

Disputas elaboradas, em diversas épocas, que inundaram impérios de sangue e destruíram famílias inteiras, poderiam, noutras condições, ter gerado as mais sublimes generalizações de amizade e prosperidade. Mas isso nunca acontece quando não há Princípios como base da divergência.

A repulsa de Cícero ao dissoluto Catilina, por exemplo — um filibusteiro sem princípios que tentava submeter Roma à sua sede de riqueza e licenciosidade —, não foi debate de ideias, mas oposição à falta delas.

Outro exemplo é o da escravidão americana, onde os princípios não formam a base do debate, salvo por um lado; pois a controvérsia nasce — e ainda hoje nasce — não da má compreensão sincera de princípios de filosofia e humanidade, mas do egoísmo de um lado, misturado com a religião dominante, e da aplicação da regra de ouro (ou “ideia”) pelo outro lado, expressa pelas mentes progressistas. Nestes casos, dizemos: “Que a Verdade e o Erro se enfrentem!” — e o resultado será regenerador e desejável.

Em centenas de disputas, porém, não existe verdadeira diferença essencial entre os partidos em conflito. O temperamento é o verdadeiro causador das percepções distintas e das expressões desiguais de princípios idênticos. E o temperamento, por sua vez, é provocado primordialmente pelas influências físicas e climáticas.

Não é agora o momento para traçar o labirinto dessas forças exteriores e seu impacto na formação do temperamento. Trata-se de uma questão vasta e profunda, que não admite tratamento sumário. Mas basta, por ora, observar que os traços rudes e ousados de raças ou indivíduos nascidos e educados em montanhas abruptas, onde animais, vegetação e clima estão em pleno acordo, moldam almas como a de Martinho Lutero ou João Calvino.

Esses temperamentos não podem ser cultivados nas regiões sensuais e sempre estivalizadas que viram nascer os temperamentos de Brahma e Buda, bem como as religiões do Oriente.

Por isso mesmo, no mundo oriental não encontramos tais reformadores ou teólogos. Dai-nos um clima eterno de verão, uma monotonia inflexível nas estações, raios solares invariáveis geração após geração — e voltaremos, dentro de cem anos, com a pele escura, olhos embaciados pela ignorância, e braços fracos, balançando em desuso. O calor abrasador e a vastidão arenosa da África contribuem para o temperamento dos seus filhos. Lá, pouco se sabe da progressão ancestral, e nada de altares consagrados à liberdade.

Egipto e Pérsia, com as suas circunstâncias físicas, forneceram força material e imaginações elevadas. Construíram templos e pirâmides, e manifestaram ambição inútil e uma intrepidez impressionante. Mas apenas os Gregos, com os seus montes, rios, ventos e mudanças climáticas, foram capazes de consagrar um Olimpo ao poderoso Júpiter, de sonhar a Liberdade, de acender a Filosofia, e de imaginar um Elísio além-mar, no abismo transcendental repleto de glórias e bem-aventuranças eternas.

Mas deixando esses países, absorvamos a lição essencial: João Calvino foi um efeito da sua época e das circunstâncias físicas do seu ambiente envolvente. Embora fraco de corpo, possuía força mental de ferro, e imprimiu-se profundamente na vida de milhares que viveram depois dele.

O seu temperamento encerrava uma grandeza imponente. Isso atraiu para si as forças mais potentes do reino das Ideias — e, no entanto, não foi fecundo nesse domínio. Foi, antes, seco e áspero, frio e austero, como os mais nórdicos forjadores de temperamento rígido.

Que advogado lógico ele era! A sua visão teológica era um espelho perfeito do seu temperamento glacial e inflexível.

“Afasta-te de mim, Satanás” — era uma ordem dura que soava como doce música ao seu espírito inquebrantável.

A sua resistência notável às tentações do mundo não tinha mérito especial: não era tentado pelo amor, pois era feito de ferro; não pelo excesso à mesa, pois tinha saúde amarga; nem pela cobiça do dinheiro ou poder terreno, pois saciava-se sempre que surgia o desejo. Mas, nos pontos onde era realmente vulnerável, não resistia, antes entregava-se com todo o peso do seu temperamento severo, e buscava derrubar e eliminar qualquer um que ousasse discordar dele na interpretação doutrinária das Escrituras.

Por instigação impiedosa de Calvino, um magistrado foi destituído do seu cargo, James Gruet foi decapitado, e Servet foi queimado na fogueira; tudo isto estava em plena sintonia com o espírito do déspota religioso e dogmático.

A sua capacidade de conceber, construir, concentrar e sustentar um argumento era assustadoramente irresistível. Nenhum Godo ou Vândalo foi alguma vez mais destemido ou impiedoso nas manifestações de coragem conquistadora e poder. Não havia um sopro límpido, uma fonte de água cristalina, uma flor solarenga de jardim, um dia sem nuvens, um trecho de música, um voo de pensamento livre — nem sequer a mais ínfima conceção daquela existência paradisíaca para toda a humanidade, tão magnificamente sustentada pelos épicos elevados e raciocínios espirituais dos intuitivos gregos; mas sim como um bafo abrasador vindo de um Hades sem esperança, um lago de sangue que brota do flanco aberto de um mártir moribundo, uma nota autoritária e inflexível vinda das profundezas pétreas do destino, ou um estremecimento de morte vindo do continente sem coração da vastidão intelectual — assim se apresenta a teologia gélida, gélida, congelante, arrasadora e condenadora de João Calvino.

E, no entanto, por mais estranho que pareça, as suas doutrinas contêm muitos germes da mais nobre civilização. Porque o seu autor, Calvino, era moralmente poderoso. O seu intelecto parecia uma rocha rugosa, uma falésia ameaçadora, uma fortificação perigosa. Podia, à ordem da sua vontade, disparar uma tempestade de definições teológicas que, no seu efeito aterrador, se assemelhavam a uma sombria tempestade de granizo de ferro, lançada das ameias do desespero. Mas, do cume sublime do castelo que era a sua constituição moral — severo e rude como era —

desciam os mais temíveis mandatos de “dever”, de “justiça”, de “piedade”, de “verdade”, de “virtude”, de heroica “fortaleza” e de “JUSTIÇA”.

As penalizações por qualquer ato de desobediência eram a degradação eterna e a realização intelectual e moral de sofrimentos abrasadores num inferno perpetuamente escaldante. Tão gélidos eram os ares e os benefícios do seu sistema moral, de onde, como do trovejante Sinai, saíam os mandamentos calvinistas de dever e responsabilidade; ainda assim, o transgressor estava, em boa verdade, a caminho de poder vir a ser descongelado e salvo. As suas doutrinas (ou pensamentos e proposições egotistas) cintilavam como balas de canhão em brasa.

Era pontual no local e na hora marcada, e complementava o evangelho de um destino rígido com uma conduta que parecia ser movida pelos decretos inflexíveis do Criador.

Todos os mistérios morais eram resolvidos por ele com referência às leis fixas e determinadas da mente de Deus. A Bíblia era tomada como “a Palavra” imutável, e Calvino apresentava inúmeros versículos para fundamentar as avassaladoras doutrinas da predestinação. A sua mente era um reflexo do mundo físico que o rodeava, da sua ascendência, das influências atmosféricas daquele país; e os seus desenvolvimentos teológicos, por sua vez, eram um reflexo da sua mente — e não da de Deus, como ele e outros líderes religiosos egotisticamente imaginavam. A sua constituição intelectual era das mais intratáveis e destemidas.

Fisicamente e socialmente não era forte; mas “moralmente” era altamente dotado — ainda que obscuro como o erro. O seu ódio ao pecado estava fixado no pecador. A ardente indignação da sua consciência ofendida raramente era temperada com misericórdia. Justiça — escura e carrancuda; justiça — a jorrar de vingança implacável; justiça — onipotente e impaciente na execução; justiça — o princípio mais divino da constituição da trindade misteriosa; justiça — a grandeza imutável do carácter intelectual de Deus; o sustento do céu e do inferno — posso acrescentar, “justiça” — o clima gélido do Reino dos Céus, o traço selvagem da teologia calvinista, o atributo refractário no coração do combate destrutivo — é o princípio favorito, a quase IDEIA central, a força motriz indestrutível da crueldade e da visão impiedosa da humanidade, pela qual até os presbiterianos modernos e os seguidores hereditários de Calvino são universalmente conhecidos.

Mas este não era o princípio central de Calvino — “justiça” não era a IDEIA impessoal no seu sistema — se a minha impressão deste homem e desta matéria for minimamente fiável. A erguer-se com imponência, tal como o vejo, está o centro da inspiração de Calvino. Ele pendurava todos os seus pensamentos na lógica imóvel do seu Deus de mente de ferro. Na magnitude sombria da Sabedoria Divina, o teólogo austero via as leis irresistíveis do destino. A Sabedoria Infinita implica o

conhecimento ilimitado do — Passado, Presente e Futuro — sobre o vasto vazio das eternidades anteriores, e também transcendendo e fixando todo o universo ainda não acontecido nem imaginável de eventos.

Na mente de Deus, a vasta e ininterrupta extensão do Passado, juntamente com todo o cenário do Futuro ainda por nascer, estavam sempre presentes; de tal forma que nada aconteceu e nada acontecerá de importância mínima — “nem um pardal cai” — sem que seja no local exato, da forma apropriada, com o poder de previsão e predeterminação. Nenhum pedaço de madeira à deriva jamais flutuou no mar aberto, nenhum tremor percorreu o ar, nenhum peixe nadou na imensidão azul do velho oceano, nenhuma espuma se formou na costa cavernosa, nenhuma ondulação rompeu sobre as ondas maternas do tempo, nenhuma sombra caiu da asa escura da ignorância, nenhum olhar cintilou, nenhum pensamento ocioso foi embalado na maré da vida humana, sem a supervisão da mente toda-realizadora e produtora de Deus. As influências e circunstâncias que regem os sentimentos humanos e moldam os julgamentos não são mais do que fios puxados e cálculos matemáticos da presciência absoluta.

Aqui está, então, a inspiração central do intelecto moral de João Calvino — a saber, “A suficiência de Deus para a realização de todos os seus propósitos.” É a suficiência e a eficiência de Deus — “o que tiver de ser, será” — Deus não só é tudo e está em tudo, mas também é anterior e posterior a tudo, e o controlador do destino de toda a existência pessoal. E este destino fatal de cada indivíduo, esta predestinação eterna, esta aprovação pré-concertada e condenação premeditada das nações e das miríades de personalidades que compõem as raças, é obra da Trindade indestrutível — não de Brama, Vishnu e Shiva, note-se, mas de Jeová, Jesus e Espírito Santo — os emblemas eternos, na mitologia, de certos princípios fixos, naturais e ainda por descobrir.

Mas este destino é, segundo Calvino, repartido em direções opostas — “a direita e a esquerda” — evocando outras concepções entre os Gregos e os Romanos. Eis uma tradução de uma passagem de Virgílio:

“Aqui em duas amplas estradas o caminho se divide,
A da direita conduz-nos na viagem destinada,
Pelo palácio de Plutão, até aos campos Elísios;
A da esquerda leva ao Tártaro, onde, acorrentados,
Uivam os condenados em dores eternas.”

A presciência e a pós-ciência de Deus — o que significam estes termos? Implicam que a Mente Eterna é suscetível de aprendizagem — de adquirir conhecimento antes do desenvolvimento e de recordar eternamente tudo o que aconteceu. Se a mente humana consegue conceber um Deus onnipresente, uma personalidade espiritual

que preenche toda a infinitude, então a conclusão lógica é que, com tal ser, não pode haver divisão de espaço; e, do mesmo modo, com esta concepção, uma Mente Infinita habita necessariamente todos os instantes do tempo, em todos os pontos da eternidade, de forma igual. E, por consequência, para tal inteligência, não existe qualquer divisão chamada tempo. Tempo e espaço, assim, são absorvidos na infinitude e eternidade do Ser Divino; e nada é mais razoável do que a crença calvinista: que cada ato, cada ator e todos os instrumentos são executados, possuídos e predeterminados por essa “energia toda-comandante e soberana, à qual até o próprio Deus é sujeito por necessidade.”

Esta lógica férrea da Necessidade fere os impulsos amantes da liberdade, as forças de voo sempre impacientes e em expansão, que estão inseminadas e prontas para voar em cada espírito verdadeiramente humano. Assim, para escapar às abominações do fatalismo e “aos rochedos da presunção e do desespero nos quais multidões naufragaram”, os anti-predestinacionistas construíram um argumento deste tipo: Deus é — em todos os momentos, Passado, Presente e Futuro — infinito, indivisível, eterno, onnipotente, omnisciente, mas infinitamente livre — “ainda que Deus possa fazer todas as coisas, Ele não faz todas as coisas.”

O julgamento infinito dirige as operações do Seu poder, de tal modo que Ele pode, mas não faz tudo — apenas aquilo que é adequado ser feito. Não se segue, do facto de Deus poder tudo, que portanto deva fazer tudo. Deus é omnisciente, e pode conhecer todas as coisas; mas segue-se disso que tem de conhecê-las todas? Não será Ele tão livre nas volições da Sua sabedoria como o é nas volições do Seu poder? Deus determinou algumas coisas como absolutamente certas. Outras coisas, Ele ordenou como contingentes; e estas, Ele conhece como contingentes. Seria absurdo dizer que Ele conhece algo como apenas contingente se o determinou como absolutamente certo; e seria igualmente absurdo dizer que Ele prevê algo como absolutamente certo, quando, no seu conselho eterno, o considerou contingente.

Por absolutamente certo [prossegue o Dr. Adam Clarke], entendo algo que tem de acontecer naquela ordem, tempo, lugar e forma que a Sabedoria Divina determinou; e que não pode ser de outro modo senão o que este conselho infinito ordenou. Por contingente, entendo aquelas coisas que a sabedoria infinita de Deus achou por bem equilibrar na possibilidade de ser ou não ser, deixando à vontade de seres inteligentes a decisão da balança. Negar isto [acrescenta o grande comentador] implicaria as mais evidentes contradições e os mais monstruosos absurdos. Se não houver coisas contingentes no mundo, então tudo está fixado e determinado por um decreto e propósito inalterável de Deus; e não só a ‘livre agência’ está destruída, mas toda a forma de agência, exceto a do próprio Criador — pois, neste caso, Deus é o único operador, tanto no tempo como na eternidade.

Consequentemente, cada ato seria d'Ele; pois, se Ele os determinou todos como absolutamente certos, sem nada de contingente, então foi Ele que os ordenou assim; e, se não há contingência, não há 'livre agência', e Deus é o único ator. Daí a conclusão — blasfema, ainda que lógica — de que Deus é o autor de todo o mal e pecado existentes no mundo; e, daí, surge o absurdo de que, como Deus não pode fazer nada de errado, “tudo o que é, está certo.”

Toda esta argumentação é retirada do comentador metodista e, para dar ao leitor uma ideia do valor que ele atribuía à sua própria exposição da eterna questão, citarei mais umas palavras suas. Ele diz: “Com razão colocou Milton os seus espíritos condenados a debater tais assuntos, tornando isso parte do seu castigo eterno —

‘Outros, afastados, sentavam-se num monte retirado,
Em pensamentos mais elevados; e discorriam altivamente
Sobre providência, presciência, vontade e destino;
Destino fixo, livre arbítrio, presciência absoluta,
E não encontravam fim, perdidos em labirintos sem saída.’”

Em ligação com esta questão, pode ainda ser incluída a opinião de outro pensador que continua a explicar à humanidade algo mais sobre Deus e o seu governo. “Uma coisa é saber que algo será feito necessariamente; outra é saber, necessariamente, que algo será feito. Deus sabe, com necessidade, tudo o que acontecerá; mas Ele não sabe que as coisas que se realizarão voluntariamente, o sejam por necessidade. Ele sabe que acontecerão; mas sabe também que podiam ter acontecido de outra forma, não obstante tudo o que Ele tenha ordenado em contrário.”

(E agora deixemos que este teólogo nos diga o que é que Deus deixou no reino das “contingências” e possibilidades). “Deus sabia”, diz o nosso informador, “que Adão iria cair; e, no entanto, sabia que ele não cairia necessariamente; pois era possível que não tivesse caído. E, no que toca à ideia de que a preordenação de Deus precede a sua presciência como causa de todos os eventos: isso seria tornar Deus o autor de todo o pecado no mundo, pois o seu conhecimento abrange o mal tal como as outras coisas. Deus, de facto, prevê tudo, porque acontecerá; mas as coisas não acontecem porque Ele as conhece. É impossível que qualquer homem, através da sua forma voluntária de agir, consiga iludir a presciência de Deus; mas, ainda assim, essa presciência não torna a vontade forçada.”

Toda esta argumentação serve um único propósito — a defesa do carácter de Deus contra a imputação lógica e irresistível de que, se a bondade de Deus e o seu poder forem equivalentes e suficientes para a realização de todos os fins concebidos pela sua inteligência infinita e benigna, então é impossível atribuir a origem do mal e a existência do sofrimento às volições da insignificância humana; todas as condições, bem como todas as criações, devem ser atribuídas à única fonte primordial.

“Pela noção eclesiástica [pensamentos e especulações egotistas], há um mal absoluto em Deus, um fundo sombrio e profundo de onde surge o mal na própria natureza das coisas; e daí a depravação total do homem, daí a ira de Deus a alimentar eternamente o fogo do inferno, que nenhuma inundação de lágrimas ou sangue humano poderá jamais apagar. Assim, o mal no mundo é eterno, não é reconciliado nem expiado; não pode ser removido, nem nesta vida nem na próxima, porque é parte essencial de Deus. Novecentos e noventa e nove em cada mil homens são pecadores, e o seu pecado é eterno, irremovível; e, por isso, a sua agonia não tem fim.”

Se seguirmos a lógica até à sua causa última, tudo é culpa de Deus. Assim, todo o pecado não arrependido que tu e eu cometamos não é apenas uma miséria perpétua para nós, mas também uma nódoa eterna no carácter do Deus eclesiástico. Sob as janelas envidraçadas do seu pequeno céu, onde “os eleitos” se estendem languidamente nos seus divãs, olhando para fora e dedilhando preguiçosamente as suas harpas de ouro, jaz o imensurável esgoto do inferno, onde os demónios — essas bestas impuras do mundo infernal — se revolvem continuamente, dilacerando as almas humanas, enquanto o fumo da sua agonia se eleva para sempre e eternamente.*

Afirmar que Deus sabia que todas as coisas aconteceriam tal como aconteceram e acontecerão, e ao mesmo tempo sustentar que essa presciência não determina nem torna inevitável a ocorrência desses mesmos eventos, é o mesmo que dizer que Deus previu coisas nas quais, no fundo, se poderia ter enganado — salvo quanto à sua possibilidade. Todo este vaivém de argumentos faz lembrar o debatedor que, quando o seu oponente defensor do “livre-arbítrio” afirmou que todo o homem era livre de fazer aquilo que quisesse, respondeu: “Muito bem, senhor! Admito que um homem pode fazer o que quiser, e creio que não pode fazer de outra forma.”

A ideia ou princípio impessoal de Calvino está latente e a afirmar-se na consciência universal da humanidade. É este facto — mais do que a rigidez moral do Reformador ou a precisão da sua lógica jurídica — que explica a grande difusão da sua teologia. A rigidez, o fanatismo, a inteligência de ferro, a caridade formal, a justiça severa, a verticalidade espectral dos presbiterianos ou calvinistas são notáveis em todo o lado. A Alemanha, a Inglaterra, a Escócia e, por transmissão hereditária, muitos americanos nativos, podem orgulhar-se — ou corar — da prevalência entre eles desta teologia terrível e estupidificante.

A Itália artística e a França imaginativa são terrenos pouco favoráveis, e as regiões mais quentes de cada país são hostis à proliferação desta doutrina rígida. As manifestações católicas romanas e episcopais, tanto na igreja como na crença, são muito mais atraentes para os religiosos sensíveis e românticos. Têm imagens, quadros, tradições, poesia, música, calor, entusiasmo.

Mas os congregacionalistas, os batistas, os presbiterianos e várias outras denominações de menor dimensão são, no fundo, todos calvinistas e rigidamente piedosos! A ideia é: “A Verdade é poderosa e prevalecerá” ou, como outros expressaram, “A Justiça é lenta, mas certa”; ou, em termos mais filosóficos, “A grande Causa Primeira de todas as coisas é igual ao Universo e dirigirá e controlará os destinos de todas as inteligências criadas.”

Este princípio, sendo a inspiração central da teologia de Calvino, torna-o nosso aliado; e, por isso, damos-lhe as boas-vindas — mas sem os seus pensamentos eclesiásticos — ao Panteão do Progresso.

GEORGE FOX, mil seiscentos e vinte e quatro anos depois de Jesus, ou há duzentos e trinta e cinco anos, vem a seguir. As suas doces caridades e porte viril eram fraternais. O meio-dia profundo e maravilhoso de Deus fluía silenciosamente através do mais íntimo deste homem. A sabedoria simples estava estampada no seu carácter — o brasão e emblema do verdadeiro embaixador do Espírito. Nenhum homem teve maior ignorância da história da igreja e da história da humanidade do que ele; mas, por inspiração, por perguntas silenciosas e respostas recebidas pela sua razão receptiva, tornou-se um homem sábio e um grande pregador.

Substituindo a inspiração condescendente pela opinião pessoal e adotando a adoração silenciosa no Espírito em vez do mero sinal e demonstração religiosa da moda, ele fez avanços e descobertas notáveis. Sentenças divinas, carregadas de verdade e com mais valor do que volumes inteiros de sermões, fluíam dos seus lábios honestos. O seu desenvolvimento intelectual era semi-filosófico e notoriamente desproporcional.

Raramente a sua mente ansiava por saber o “porquê” e o “para quê” das coisas. Não era logicamente inquisitivo, nem se identificava com aqueles que confiavam nas deduções do raciocínio judicioso. Considerava o excesso de raciocínio inútil e perigoso. Estudar um discurso religioso e depender do intelecto para discernir as lições e satisfazer os requisitos da lei moral, era algo que ele frequentemente censurava e condenava.

Na plenitude vibrante do seu espírito vigilante cintilava a vida renovada do Infinito. Dos Bramas e Budas, dos politeístas e panteístas da humanidade passada, George pouco sabia. Mas sabia quando o coração universal do Deus vivo batia contra o seu peito. Tinha sede de justiça; e, ao encostar os seus lábios silenciosos à nascente da vida eterna, bebeu e ficou “cheio.” Raios de Amor cristão desciam sobre a assembleia em espera. Mais embriagantes que as orações de Maomé eram as verdades cintilantes de George, proferidas com reverência. Que respostas subiam das almas que o escutavam! Outros também eram “movidos” pelo “Espírito”, e as suas palavras eram calmas e lentas, mas poderosas.

O Cristianismo foi, mais uma vez, compreendido e exposto publicamente no seu sentido mais primitivo. Era um princípio moral impessoal, não um sistema de ideias adaptadas à redenção humana. A religião institucional foi ignorada, como a parede divisória nociva entre o homem e o Espírito Infinito; em seu lugar, buscava-se e encontrava-se a liberdade total do indivíduo na percepção e prática da religião. A sabedoria e o heroísmo moral dos nossos antepassados foram efeitos dessa independência espiritual e responsabilidade pessoal.

Mais forte do que o mil-cérebro Platão, mais feliz do que o mais alto sacerdote de qualquer igreja, era o verdadeiro cristão. Não precisava de uma inteligência forjada na universidade para penetrar no centro da bondade e da verdade. A insignificância material, o cetro do papa ou do rei, e todo o luxo perecível e os instrumentos de prazer físico, eram vaidade e tolice em comparação com a alegria do verdadeiro crente vivo. Uma nova maré de vida cristã desceu, pura e perfeita, e correu — sem ruído e sem ostentação — entre os primeiros Amigos de GEORGE FOX.

O seu protesto prático contra as hipocrisias da igreja era poderoso e sublime. Os padres eram inimigos da humanidade, e os reis estavam, com os padres, ao longo de todas as eras, em aliança contra a liberdade espiritual. Nada havia de eclesiástico na constituição deste homem; e, por isso, era inesgotável no seu poder de condenação de tudo. A degradação piedosa e as pretensões religiosas eram fruto do “padre” enquanto intermediário entre o homem e o Rei dos Reis. “O ritual gasto, o abuso antigo, a fraude piedosa, agora transparente”, eram logicamente rastreados até àquela adulteração inicial do Cristianismo, de onde surgiram o sacerdócio pago, os sistemas de formalidades restritivas e toda a iniquidade.

George Fox recuou a maré institucional da religião popular. Não só compreendeu e reafirmou o princípio central de Orígenes, Lutero e Calvino, como, além disso, o seu arado penetrou até às raízes do orgulho da igreja em todos os cantos da vinha cristã. O Cristianismo tradicional, as especulações doutrinárias, até mesmo os Testamentos, em si mesmos, nada eram — e não podiam redimir o indivíduo do pecado e da miséria, a menos que a “voz suave e subtil” fosse permitida, através do silêncio e do sofrimento, sussurrar as suas mensagens morais de Deus para o progresso diário da alma na verdade.

Cantar louvores de domingo a domingo não fazia bem algum; grandes hinos estavam em desvalorização nos ouvidos do Céu; padres pagos e reinos de opressão política eram abominações indizíveis aos olhos do Senhor; Deus era Espírito, não carne nem sangue, e buscava apenas o espírito para o adorar: assim, os primeiros Amigos, preenchidos com o espírito inspirador do Cristianismo primitivo, não construíam “templos” nem “igrejas”, não acreditavam na Guerra nem na Opressão Política, e o seu “testemunho” era, por isso, profundamente inspirador em sentido genérico, e eram sublimes na força moral que investiam na defesa e vivência dos

seus princípios. A mulher foi, por este grupo, reconhecida pela primeira vez como igual diante do Céu. Confiavam num Deus de sabedoria, amor, poder e justiça. A sua piedade era simples e de fácil compreensão, mas a sua moralidade (ou prática) era simultaneamente revolucionária e incompreensível para o mundano mais erudito.

A Igreja de Inglaterra temia a consciência de um Quacre! Era mais poderosa naquilo que se recusava a fazer do que todo o Exército e Marinha juntos! A sua temperança, a sua castidade, a sua integridade perfeita, o seu amor e fé em Deus, a sua absoluta confiança nas promessas da Verdade, e a sua aplicação prática da Regra de Ouro — foi tudo isto que deu aos primeiros Amigos a força para resistir aos inimigos armados, com humildade, suportando o mal sem multiplicar as suas sementes por meio da retaliação, e que lhes garantiu vitória completa em cada posição e país que os acolheu. “Houve um tempo,” disse alguém, “em que um Quacre conseguia abalar o país num raio de dez milhas.” Hoje, porque o mundo os engoliu com as suas mandíbulas imensas de orgulho e riqueza, e eles se afundaram no sectarismo, pode dizer-se, com justiça, que “são precisas dez milhas de país para abalar um Quacre.”

Mas o passado deste partido maravilhoso ainda serve hoje, e os seus “exemplos” continuam a impactar a consciência moral do mundo com mais assombro do que os milagres de Júpiter ou Jesus. Thor e Odin podem continuar a viver nas tradições rudes do Velho Mundo, tal como as conceções cruas dos teólogos populares podem prevalecer, por um tempo, entre os que não procuram nem raciocinam; mas a mitologia será gradualmente destruída pela zoologia, tal como Zeus, Baal, Moloque e os touros de Basã — e até os do Vaticano — desaparecerão sob os raios decompositores e fertilizantes do progresso filosófico no conhecimento dos princípios imutáveis.

O princípio central, ou a IDEIA, da inspiração de George Fox era — “A presença de Deus na alma”; que o “Divino é hóspede do peito de cada homem”; que a “voz suave e subtil” é o monitor perpétuo da Verdade, que se entristece com cada transgressão e se alegra quando o portador percebe e age segundo as regras da retidão. O testemunho do Grande Espírito — à consciência do espírito encarnado — foi a semente-verdade soberana deste pregador e reformador. Uma intuição natural da verdade religiosa dá a todos o amor pela supremacia moral. Existe também uma faculdade natural de veneração, que ama e adora o Ser Supremo, e ainda outra que inclina o indivíduo a regular os seus sentimentos e conduta segundo aquilo que Deus supostamente ordena.

Um sentimento de insuficiência pessoal leva o adorador a aceitar como palavra de Deus aquilo que é recomendado por homens de posição e reconhecida profundidade. Daí surgem os credos, códigos, ritos e rituais das diversas igrejas. George Fox rebelou-se moralmente, como Lutero antes dele, e disse: “Há uma luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo — a voz suave e subtil — o princípio interior de

justiça e verdade; ouve-a, obedece-lhe, e a tua redenção do pecado será absolutamente certa.” É por esta ideia ser dourada e universal, e por ter sido proclamada mais frequentemente e com mais perfeição por George Fox do que por qualquer outro, antes ou depois, que o saudamos como nosso irmão no Panteão do Progresso.

EMANUEL SWEDENBORG, sessenta e cinco anos após George Fox, vem a seguir. A era cristã contava mil setecentos e quarenta e três anos quando Swedenborg começou a escrever por inspiração. Sob o amparo de princípios filosóficos bem estabelecidos, este homem do Norte, de mente montanhosa, abriu as portas hospitaleiras à mais ordenada cavalcada de estranhos da teologia.

A sua fé era bela pela sua simplicidade vasta, e profunda também pelo significado dos objetos sobre os quais fixava a sua admiração. A sua convicção penetrava toda a sua inteligência, e cada faculdade de pensamento, na grandeza do repouso eterno, era sondada até às suas profundezas pela luz deslumbrante da iluminação resultante. Nem o orgulhoso Febo conduziu mais audazmente o seu carro pelos abismos insondáveis do firmamento. Nenhum carro esplendoroso de qualquer deus oriental ressoou trovões mais profundos através da vastidão infinita.

As suas inspeções e contemplações espirituais, sob os fluxos fertilizantes da inspiração celeste, acumulavam-se densamente e deslizavam entre si como nuvens outonais em movimento, que se fundem e se curvam rumo à terra, e que, para todo o observador, parecem tornar-se cada vez mais distantes e baças, embora ainda resplandeçam com luz fenomenal e mistério glorioso.

O espírito trabalhador e poderoso de Swedenborg foi, por necessidade estrita, moldado pelas fortalezas boreais do seu temperamento físico. Embora mestre de si mesmo, não deixava de ser sujeito aos factos do organismo. A sua individualidade intelectual fortemente marcada, destacando-se como um promontório escarpado sobre um mar agitado, dava forma, método e objetividade a todas as suas experiências subjetivas. Anos de deliberações e reflexões diligentes transformaram-se em factos e visões nos seus posteriores “Memorabilia.” As energias cativantes da sua mente meticulosa conferem valor científico à imagem das suas experiências, especialmente aos olhos dos estudiosos modernos.

A geografia física, a civilização peculiar e a religião do Norte estão presentes nos seus escritos. Rochas, frio, coragem, austeridade, pontos férteis, rios, estudo, intelecto, fantasia vigorosa, poesia elementar, formas cristalinas de pensamento, palácios, santuários, cores rudes, senhores e damas, ministros, sacerdotes, cortesãos, romance, força, cavalheirismo (e um pouco do contrário também), emergem dos volumes deste escritor inspirado. A Pérsia não poderia produzir um homem assim; nem a Grécia, nem as famílias da China. Contudo, as mitologias desses países

tornaram-se “factos” de sabedoria ancestral na mente de Swedenborg. Os domínios de Plutão, com as suas dores e diabolismo, são re-apresentados — demarcados em planos e secções habitáveis, como vigorosos pioneiros mapeiam um novo país — e o Elísio da antiga inspiração é retratado de forma a adequar-se ao génio, gosto e pensamento do autor-artista.

Céus azul-celeste curvam-se sobre os jardins da existência pós-morte; palácios de sabedoria e bosques de amor embelezam a Jerusalém celestial; e há beatitudes incontáveis para os soldados vitoriosos da cruz.

Se rastrearmos logicamente os “pensamentos” de Swedenborg até à sua nascente, encontraremos um temperamento herdado combinado com uma fé inquestionável adquirida na juventude, modificada pelo país e pelas circunstâncias materiais. (No terceiro volume desta série o leitor encontrará muitas sugestões importantes sobre este tema.) Entre as mais vívidas das suas “Relações Memoráveis”, não há “correspondência” mais óbvia e incontestável do que esta: que o conteúdo de “Céu e Inferno” e o imenso comentário sobre inspirações orientais, chamado “Arcana Celestia”, refletem, quase como um filho reflecte os pais, o temperamento do homem e os seus ambientes físicos.

A sua mente era vasta, preenchida com incontáveis detalhes. O que Napoleão disse sobre Laplace, o grande matemático e astrónomo francês, pode ser aplicado justamente a Swedenborg: “Ele leva o infinitamente pequeno a tudo.” O nosso inspirado nórdico avançava com majestade, sempre com modéstia auto-confiante e apoiado pelos convidados de esferas superiores, mas em cada canto do seu imenso jardim mental, somos obrigados a ver a vegetação psicológica do seu país e clima. Em resposta a essa crítica e necessidade, pode dizer-se que “é a pequenez do homem que não vê grandeza naquilo que é pequeno.” Ámen!

Mas, na dispensação harmonial, nenhuma mente inteligente e afim é solicitada ou esperada a construir a sua esperança de eternidade sobre detalhes, pensamentos, pontos de vista, especulações ou episódios; nem se espera que sistematize os seus pensamentos, ou que classifique os itens da sua fé com a régua de ferro ou a medida de qualquer outra individualidade; por isso protestamos totalmente contra a autoridade das correspondências arbitrárias de Swedenborg, e contra o seu sistema religioso em geral — como sendo impróprio para o crescimento intelectual e a felicidade progressiva da humanidade. Por mais triunfantes que sejam muitas das suas declarações — e muitas serão, sem dúvida, — e por mais científicas que sejam a grande maioria das suas deduções espirituais, nenhuma outra mente deve ser submersa ou limitada por elas.

Uma impressionante sucessão de considerações filosóficas e de belezas sublimes pode, durante algum tempo, cativar uma inteligência irmã; e, sob a influência

psicológica dessas ideias, pode sentir-se enobrecido, agir com elevação e estar em paz consigo próprio; mas nenhum outro homem pode, com razão, depositar confiança nesse irmão enquanto as forças imperiosas da sua individualidade não estiverem novamente livres e sob total controlo. Só então, e não antes, começam a germinar os princípios substanciais do desenvolvimento pessoal e a manifestar-se; e só então são também apropriadas, com sabedoria, as IDEIAS centrais do mestre como parte integrante da vida e da imortalidade — o verdadeiro início da sabedoria.

Tão transparente e inegável quanto é a justiça desta posição, não espero que passe pelo mundo sem contestação, nem tão-pouco desejo tal coisa. “A doutrina dos graus” é verdadeira, vista de um certo ponto; tal como o são as “Visões do Céu e do Inferno” a partir de outra perspectiva; tal como é verdadeiro qualquer outro pensamento ou sistema de pensamentos conhecidos na história da vida do mundo. Mas será esse facto suficiente para que a declaração de UM só homem, sob os mais amplos e iluminados arcos de luz celestial, se torne a minha “regra de fé e prática”?

De modo algum. A “Visão do Julgamento”, de Byron, dirigida contra Southey, satisfaz o autor — tal como os magníficos infernalismos de Milton serviram um desejo pessoal de agradar a um grupo e punir outro, no mundo ao seu redor; e não espero ver motivação diferente a animar certas inteligências que hoje pescam pensamentos. Mas, dos IDEALISTAS, tanto os do presente como os do futuro, a humanidade pode esperar com confiança Princípios impessoais, e palavras com poder para a redenção do mundo; e assim hão de chegar, com inteligência e beleza, a cada um, de acordo com a sua melhor forma, as doutrinas celestiais da Nova Jerusalém.

Entre corpos e princípios interiores há invariavelmente uma correspondência bem definida no exterior. A beleza subjetiva — isto é, a beleza da constituição espiritual — expressa-se objetivamente. Ou, objetos belos do mundo exterior produzem efeitos internos correspondentes. A violeta objetiva transmite à tela mental a imagem da sua própria forma.

Um mundo exterior de corpos não polidos — reforçado em incontáveis rusticidades e repleto de rudimentos — exerce influência correspondente sobre o carácter humano. Uvas verdes fazem ranger os dentes do homem com a idade, senão com o espírito; mas “tudo está bem” no interior quando a terra mana leite e mel. A existência de zonas frígidas e tórridas, na matéria, é prontamente traduzida e registada pela mente. Este planeta material nosso está, ao mesmo tempo, a tremer com “tremores” e a derreter com “febres” — as condições conhecidas como Ártica e Tropical; e, coincidentemente, também o mundo mental humano está afligido com “dúvidas” sem Deus, e com uma “fé” demasiado divina para ser boa. Pode parecer impossível, mas é verdade: à mesma hora, do mesmo dia, do mesmo ano — sob a

supervisão da Divindade imutável — partes opostas do mesmo globo estão a passar por mudanças opostas e transformações paradoxais.

Sob o cinto do frio, o mundo congela; sob o fogo tropical, derrete — fluidos solidificam, sólidos dissolvem-se em fluidos; e, da mesma maneira, no mesmo instante e sob o mesmo Grande Princípio Imutável de toda a mudança, há mentes compostas de qualidades semelhantes que se solidificam em ceticismo ou se liquefazem em fanatismo. Uma “dúvida” demasiado profunda é um arrepio mental, um endurecimento e sufocamento dos éteres interiores; assim como, do outro lado, uma “fé” excessiva é um fogo consumidor entre as faculdades — uma inflamação!

O mundo sempre esteve doente de si próprio. É sempre ou demasiado sólido, ou demasiado fluido; demasiado frio, ou demasiado quente; demasiado odioso, ou demasiado amoroso; demasiado tolo, ou demasiado sábio; demasiado tirânico, ou demasiado liberal; demasiado invernos, ou demasiado estival; demasiado mecânico, ou demasiado transcendente; demasiado voltado para o inferno, ou demasiado para o céu; demasiado terrestre, ou demasiado espiritual; demasiado demoníaco, ou demasiado divino! Estes contrastes e queixas são demasiado evidentes e dolorosos para serem negados; e assim a humanidade suspira durante séculos inteiros, sem um único dia de alívio.

Os céticos resmungam, os fanáticos uivam; enquanto o mesmo Deus faz girar este globo contraditório sobre os seus eixos. O mundo está repleto de zelosos salvadores de almas, não menos do que de reformadores sociais; e assim os caminhos da Providência tornam-se misteriosos.

Mas quem não anseia por um terreno intermédio onde se possa firmar e crescer? Cercado por estes hemisférios antagónicos, quem não deseja partir para uma região de moderação saudável, “onde os ímpios cessam de perturbar, e os cansados encontram descanso”? A resposta é: “Toda a gente!” Toda a humanidade anda às apalpadelas numa busca comum pela “média dourada”, não maculada pelo toque contaminante dos extremos doentios e mortíferos — por algum lugar e posição onde sempre impere a zona temperada do pensamento, do sentimento e da vida, cobrindo os céus elevados — dando a cada mente o seu direito inerente à liberdade, divindade e felicidade. Quem não anseia viver onde a mais alta posse é o domínio de si mesmo? Onde a maior riqueza é a da mente? Onde cada mente é um congresso de anjos? Onde cada homem é “uma lei para si mesmo”?

Certamente há, ou deveria haver, uma Estrada Central, de Largo Perfil e em Linha Aérea, da Paz, através do Mundo Mental; um canal seguro que flua perpetuamente entre a Cila e a Carídis do ceticismo e do fanatismo; um Pavilhão da Razão, um jardim do Éden de repouso, algures, na paisagem ilimitada e ondulante entre esses dois embaraços certos — o berço e o caixão! Por mim, creio que existe um terreno

intermédio entre os extremos da Dúvida e da Fé. E indicar as possibilidades desta existência equilibrada — de ser e agir naturalmente e com progresso sob uma zona mental que não seja nem tórrida nem frígida — é o objetivo querido de todo este capítulo sobre a Fraternidade das Ideias.

O leitor não concordará comigo ao afirmar que os verdadeiros amigos do mundo são os ENTUSIASTAS? Os seus pés são tropicais, as suas cabeças são árticas; e os seus corações batem sob a zona fertilizante dos equilíbrios dourados? Estes são os nossos melhores REFORMADORES — pés quentes, corações quentes, cabeças frias — os poderes intermédios, filantrópicos e reais, que ajudam os milhões necessitados. Fanáticos, rudes, cínicos e conservadores: estes são os CÉTICOS. São para o mundo o que os calhaus, os grilhões, o alcatrão, o lodo, os pântanos e as doenças são para o corpo. Se olharmos para o outro lado, os nossos olhos pousam sobre construtores de prisões, fabricantes de torturas, empilhadores de lenha, incendiários, criadores de guerra — todos embriagados com a sede selvagem de poder e ardendo para incendiar o mundo: estes são os FANÁTICOS.

Entre estas vítimas do frio e do calor residem, quase contentes, os verdadeiros amigos do mundo — os “Entusiastas” — os de coração vivo e cabeça sábia, “um pouco abaixo dos anjos!” São eles os que nunca veem os céus fechados. Primeiro, estabeleceram as suas habitações na terra firme — nas rochas eternas — e os portões do inferno nunca prevaleceram contra eles.

As cheias podem crescer e varrer a terra: os verdadeiros amigos do mundo permanecem seguros! As tempestades podem devastar a terra, contendidas ferozes podem rugir até à destruição à sua volta; mas os Entusiastas permanecem incólumes e inalterados. Retira do mundo os Entusiastas — aqueles que reconhecem a plenitude inerente de Deus na alma — e os antípodas procurarão a sepultura. Seria fatal, de imediato! Tão impossível como tentar existir sem atmosfera, viver num corpo sem coração, ou agarrar-se a um universo físico que não alberga uma Inteligência imortal.

Permitam-me ilustrar esta filosofia com exemplos. O Entusiasta da Moda é o verdadeiro amigo do mundo. As suas inspirações delineiam a anatomia humana; assinalam as diferenças de tez; estabelecem as utilidades e belas adaptações. O que é áspero deve ser suavizado, o torto endireitado, e as cores devem combinar com as peles. A ocupação é um facto no seu julgamento de adequação. A ordem é visível por todo o seu corpo; e a ordem encanta igualmente quem passa. Pois a base de toda a beleza é a limpeza — dentes limpos, cabelo limpo, unhas limpas, mãos limpas, pés limpos, corpo limpo por completo! Não há excesso de roupas; nem joias ou pedras supérfluas; nem esforço falso para agradar à moda.

Mas observemos agora os fanáticos da indumentária! Que exibição de fausto e joalheria! Absurdos nos tecidos, deformações nos cortes, incongruências nas cores dispostas de forma fantasiosa — e todo o brilho estufa das invenções da moda! Quem não se cansa disso rapidamente? A alma, durante muito tempo silenciosa, acaba por se rebelar; se não na própria pessoa fanática, certamente nos que a observam — e então, eis que surgem os céticos! A sujidade corporal é palpavelmente repulsiva. Uma emanção de casa mortuária insulta-nos as narinas. A imundície física declara-se por estilhaços de odor e vapores compostos, que ofendem e geram doença, como as exalações mefíticas dos ossos dos mortos. Estas pessoas orgulham-se de ter o poder de insultar os outros com o seu desleixo.

Se o Sr. Marquês Jones é fanático pela limpeza e pelo vestuário, isso basta para o velho Jim Brown se tornar sarcástico e excessivamente negligente. O nosso fanático enfeita os seus dedos brancos e o peito perfumado com joias dispendiosas; logo, o nosso cético sente-se encorajado a comer com as mãos por lavar e a babar-se de tabaco por toda a cara. O primeiro só aparece em fatos de casimira, botas finas e chapéu da moda; logo, o cético prega praticamente o evangelho das calças de estopa, casaco de macaco, sapatos de couro rústico e, na cabeça, qualquer trapo pendurado com desleixo. Entre estes extremos ridículos caminha o homem racional, vestido com dignidade — o verdadeiro entusiasta e modelo. Mas vejamos outra ilustração:

O entusiasta do dinheiro é também um verdadeiro amigo da humanidade. Adquire riqueza para alcançar fins altruístas e filantrópicos. Nas relações e atividades do mundo dos negócios, é de uma seriedade impressionante. Trabalha com todas as suas forças para acumular capital com o qual fundar uma escola pública, uma galeria de arte, um jornal com verdades práticas para as massas, um asilo, uma faculdade — ou para comprar o seu próprio tempo livre e dedicar-se a labores ainda mais nobres e afins. Contudo, angaria o seu dinheiro apenas por meios “justificados pela honra” — nunca à custa do orgulho intrínseco da sua dignidade. Por isso, as suas riquezas crescem lentamente, mas com certeza; sem tremores nem febres; o trabalho dos seus semelhantes é apropriadamente valorizado; e, com a sua fortuna, todos os demais são enriquecidos. Vive sob a zona dourada — é temperado no seu empenho — e torna-se fértil como os jardins do céu.

Mas observemos o fanático. O valor do dinheiro é, para ele, inestimável. É o senhor do homem! Poetas e poesia, músicos e música, reis e reinos, sacerdotes e as chaves do paraíso — sim, e tudo o mais que se possa imaginar ou desejar — tudo está ao comando do homem rico! Que mundanismo mesquinho infiltra as suas meditações! Sonha com Crespo, com a lâmpada mágica de Aladino, com os tesouros enterrados pelos Quarenta Ladrões, com os cofres de Rothschild, com milhões necessários para mobilar a Nova Jerusalém, com os seus portões dourados, ruas de ouro, parques de ouro, pássaros, peixes e flores de ouro, com o poder da riqueza entre os pobres (e também entre os ricos); e assim, o nosso fanático alimenta a sua febre até esta

explodir à sua volta em forma de contrafações, desfalques, assaltos a bancos, fraudes governamentais e grandes roubos — tudo dentro de um sistema comercial “estritamente organizado.” Diante de tudo isto, e não vislumbrando remédio —

Surge o cético do dinheiro. Quão mesquinho é ele na sua pobreza sem fim! A “raiz de todo o mal” não encontra calor nem humidade na sua natureza. Lança fora a ambição pelas riquezas como uma roda em rotação lança uma partícula. Que independência suprema! Não é suficientemente pobre para possuir propriedade — e espera nunca vir a sê-lo — e troça de todos os que se curvam perante libras, xelins e pence.

Entre estes extremos doentios, encontraremos o homem ou a mulher honesto, direto, esforçado e bem-sucedido — alguém sempre notável, que conduz o seu navio por entre passagens perigosas, incólume, com companheiros alegres e um carregamento de ouro. Ou, vejamos ainda outro exemplo:

O entusiasta da saúde é também um verdadeiro amigo da humanidade. A sua ciência é a realização do bem-estar. A mastigação, absorção, respiração, assimilação — os processos progressivos do trabalho silencioso do organismo mensurável e pesável — são-lhe tão sagrados como orações de sabbat. À mesa, comunga alegremente com a Natureza — com os objetos, sabores, prazeres — e come de forma tão verdadeira que, no Céu, dizem que é “espiritual.” Este homem lava frequentemente o corpo com água, e batiza a mente continuamente com temperança. Não se deixa humilhar pela doença!

Nisso é entusiasta, e teme os corpos doentes, evita hospitais e ganha reputação de insensível para com os enfermos. Tem vergonha de adoecer — cora, rosto pleno, quando o vizinho se queixa de fraqueza, e pede com entusiasmo ser salvo do leito da debilidade prematura. Mas vejamos o fanático da doença! Que entretenimento diário é, para ele, a sua enfermidade! O amor egotista pela atenção é alimentado pelo facto de estar doente. Pensa que toda a gente está doente, ou prestes a cair, e admira-se de como conseguem “aguentar tanto tempo.”

Em todas as ocasiões, na presença de estranhos ou conhecidos, os seus sentimentos físicos são o tema principal! Quão necessário é que todos ouçam falar da sua última cólica, dor de cabeça, prisão de ventre, nevralgia, ou de alguma nova tosse com escarro — mesmo que a companhia esteja reunida num santo sacramento de refeição!

O seu pulso é assunto de interesse público. Quão genuíno é o seu catálogo de sintomas! Os médicos e os manuais de medicina são agentes divinos e instituições sagradas. É tão agradável ser o centro de todos os grupos — não pela genialidade, graça, beleza, ciência, ou saúde — mas porque se está “tão doente”, coroado com o possível cipreste da morte, ou trajado de branco, como que a sugerir “o túmulo

silencioso.” O nosso fanático estima a sua doença. Se for pobre, guarda-a como um cheque em branco enviado pela filantropia pública — o valor a preencher por ele próprio — que lhe permite sobreviver, entrincheirado durante anos, em condições toleráveis. Se for rico, alimenta cuidadosamente a sua doença de estimação com todos os luxos mais viciosos — é cauteloso ao ponto de não “prejudicar” a enfermidade com exercício físico ou ar puro, e é devoto nas orações da noite, onde informa o Céu dos sintomas existentes e dos seus desejos por uma quota razoável de prazer corporal.

O cético da doença é um sujeito áspero! Com que indignação inflexível responde às suas perguntas! Está doente — ele sabe, tu sabes, todos sabem! Para quê atormentá-lo? A sua ira é feita não de fogo, mas de areia seca e cortante. Os seus olhos ardem com o pó do deserto, levantado e arremessado pelo vento do seu discurso violento. A doença é odiosa, porque o coloca ao mesmo nível do desprezível fanático doente, por quem nutre antipatias indescritíveis. Lê livros de fisiologia apenas o suficiente para recolher as opiniões correntes sobre os efeitos dos estimulantes alcoólicos nos bebedores — tanto nos rústicos como nos requintados; e para armazenar interpretações pouco caridosas do comportamento humano nas relações amorosas; de modo que, ao pensar nos doentes e sofredores entre os ricos, possa exclamar: “Ah! mais devassidão, mais vilanias na vida privada, mais licenciosidade entre os libertinos, não é?”

Se manifestas simpatia quando sabes da sua doença, ele traduzirá isso como sarcasmo; e os teus gestos amáveis interpretará como zombaria. O seu afeto fraternal é invertido. A sua religião é fria e cínica — mais lobo ou cão do que homem-irmão — geme e rosna de dor quando doente, esconde intencionalmente a sua bondade real, “mostra os dentes” quando não ladra — e defende-se, irritado, contra qualquer ministração, seja terrestre ou celestial. Entre estas classes dissonantes, poderás encontrar aqueles que não são nem cétricos nem fanáticos, mas que, no fluxo profundo e sincero do seu entusiasmo pela saúde e pelas suas bênçãos, reconhecem a divindade da virtude fisiológica e preservam aquele equilíbrio espiritual que é a base de todo prazer superior e de todo poder de multiplicar alegrias no mundo.

Mas vejamos um exemplo:

O verdadeiro estadista é um entusiasta. E ele é, também, um verdadeiro amigo da humanidade. Vê que os fluxos do poder nacional devem emanar — e deveriam fluir diretamente — da mais elevada fonte de toda autoridade legítima: O POVO. As mentes que lançaram a (suposta) base sólida do império americano, no seu preâmbulo, declararam: “Nós, o povo dos Estados Unidos, com o propósito de formar uma união mais perfeita, estabelecer a justiça, assegurar a tranquilidade interna, providenciar a defesa comum, promover o bem-estar geral e garantir os benefícios da liberdade para nós e para a nossa posteridade, estabelecemos e

promulgamos esta Constituição para os Estados Unidos da América.” Aqui está o espírito público aliado ao entusiasmo privado. As Vestais nunca guardaram com mais fidelidade os fogos dos deuses. Pax, a deusa da paz, nunca presidiu no seu templo Vespasiano, segurando o Cornucópia da Abundância, com um senso mais firme de justiça, do que cada verdadeiro estadista do mundo.

A literatura é útil para refinar o sentimento moral, e a lei é boa quando criada pelo povo e para o povo, e o estadista é bom quando estuda essa lei e a coloca em funcionamento. Não é monarquista. As nações são capazes de suportar fardos pesados — até os dos seus próprios governos colossais, muito depois de terem perdido a sua utilidade — mas o estadista não é agente de mais legislação. Coopera com todos para substituir leis boas e justas pelas más e cruéis, e trabalha com fidelidade para elevar o poder privado de cada pessoa com vista à autogestão. Mas não apoia, de modo algum, qualquer combinação de decretos que possa restringir as liberdades do mais humilde cidadão da república. As opressões de uma nação são muitas: o governo, a guerra, a escravidão, a degradação, a ignorância, o vício, o crime.

Mas o verdadeiro estadista concentra todos os seus talentos na obra da melhoria, prevenção, liberdade pessoal e felicidade sem limites. O fanático legislativo, esse é uma outra criatura. Gostaria de ver leis promulgadas e aplicadas para cada gesto humano. “Sem lei,” diz ele, “tudo é anarquia.” Que lealdade fervorosa a sua! A majestade da lei é a divindade de Deus. A maquinaria legal é o seu consolo. O homem nunca está apto para ser livre. Leis fortes, aplicadas com força. É um Nero, um déspota, um crente em monarquia. O melhor sistema de governo é o dos reis absolutos.

Os chamados trinta “Tiranos da Grécia” foram demasiado brandos. Ele oprime as massas com leis, senhores, conquistadores — com assassinos legalizados, chamados de exércitos, e generais: Faraó, Moisés, Josué, Alexandre, Xerxes, César, Calígula, Napoleão, Frederico, o Grande — e assim sobrecarrega o mundo com governos tão pesados quanto a ignorância e o egoísmo. O fanático da lei é um paciente febril. Precisa de atenção imediata, porque dele nasce o cético legislativo! Frio, sem esperança, de carácter carrancudo — opõe-se aos tribunais, às urnas, aos parlamentos e a qualquer interferência legal nos desejos individuais. Não é que tenha grande fé em Deus ou no homem, mas leu na história os atos assassinos de todos os que estiveram no poder. Todo legislador, para ele, é um latitudinarista da “nobre arte da guerra” — um salteador que se enriquece a si mesmo — um nadador no sangue de milhões inocentes. Detesta toda a lei, os advogados, os juízes, os tribunais, os governos. “Sai da minha frente!” é a sua ordem existencial. Mas vejamos ainda uma última ilustração:

O entusiasta eclesiástico é um verdadeiro amigo da humanidade. Acredita no ministério, nos missionários, nos mestres das grandes verdades — ele próprio é um ministro. Mas deseja que a humanidade marche no seu caminho sem o fardo dos sacerdotes. George Fox foi um entusiasta religioso, mas não fanático. Assim também o foram Ann Lee, dos Shakers, e William Ellery Channing, da escola Unitarista. Que serenidade no seio da verdade! Tão profunda quanto o fluxo do mar imenso! A mente que ama o sublime nunca se cansa da constância e da grandeza do oceano; da mesma forma, o ESPÍRITO contempla, com entusiasmo sempre renovado, o rio divino da vida que nasceu do eclesiástico natural.

A alma pode estar sobrecarregada por uma teologia falsa e carregada de um sacerdócio dispendioso e débil — como um navio que leva tanto maquinismo e tal quantidade de combustível que não resta espaço para carga ou passageiros. Uma religião mecânica é suficiente para deformar e esmagar qualquer pessoa; contudo, toda alma humana há de ter, deve ter, algum tipo de religião e teologia. O nosso entusiasta sabe que “Deus é hóspede do coração de todo ser humano.” Com as pérolas deste saber, borbulhando da sua consciência como diamantes do mar, vive e trabalha, e torna o mundo melhor.

Mas vejam o fanático! Despreza a carne e o sangue, todos os pingos da vida mundana, sobe a um monte ou coluna e põe-se a girar sobre a roda dos rituais isolados. Na tempestade do inverno ou no calor do verão, entre neves geladas ou areias abrasadoras, o nosso fanático avança no seu caminho para o Céu. Abaixo o corpo! Nunca o laves; mortifica o teu orgulho físico; deixa os vermes banquetear-se; come como o animal que mais desprezas; dorme com um olho aberto, como um criminoso, pois assim és; bebe amargura em cada fonte corrente; despreza a sociedade; odeia o teu vizinho; ama o teu Deus; amaldiçoa o pecador; bendiz os anjos; louva o Criador; repele e calunia a sua criação — e aí tens o nosso fanático!

Um padre é o consolo de Deus. Nada é possível sem que o eclesiástico esteja presente. Abre as portas, varre o caminho, empurra o portão do jardim, pois o ministro está a chegar à tua casa. “Ele está entre ti e a tua eternidade,” diz o fanático — “Crê ou serás condenado!” Mas vê o seu oponente:

O cético eclesiástico. Todos os sofrimentos do mundo são, para ele, atribuíveis à manipulação clerical; não vê coisa alguma de boa em Nazaré. O homem já está suficientemente algemado; pelo amor do Céu, não lhe somem ainda sacerdotes ordenados aos seus grilhões! A religião é uma impostura consumada. Quem beijaria a faca prestes a matá-lo? Quem abraçaria o papa ou o padre que queimaram John Huss e Miguel Servet? Será o homem inimigo de si mesmo? Fora com o clero! Mentirosos, luxuriosos, preguiçosos — fora todos! Morrei, desapareci da memória — ide para debaixo dos Alpes! Para o fundo do mar! Fora, malfeitores, inquisidores, escribas e serpentes das trevas!

Parti! Para sempre, ao longo dos séculos eternos. O nosso cético está enraivecido — mas a sua fúria é como aço frio de bandoleiro: cortante, gélido, sem brilho, sem ardor. Ele tem um arrepio religioso, o fanático, uma febre; e entre estes dois doentes opostos, caminha o entusiasta eclesiástico inspirado — alguém calmo, de espírito devoto, que faz o bem e ensina verdades pelo valor intrínseco que possuem — em caminhos de paz e veredas aprazíveis; os caminhos e veredas da Sabedoria.

Swedenborg surge-me como um Entusiasta Eclesiástico; mas nada havia nele nem de cético, nem de fanático. Daí a profunda reverência do seu espírito por cada fragmento de sabedoria ancestral. Um Tempo Melhor já tivera lugar (assim pensava e escrevia ele), e acreditava na possibilidade de o recuperar. O “Paraíso Perdido” era um dos seus pensamentos — em torno do qual organizava, em desfile vasto, todo o seu saber escolástico e inspirações transcendentais. A “Idade de Ouro” por vir, ou o retorno da humanidade aos seus santuários de “Amor e Sabedoria Divina,” era o seu pensamento seguinte; e por ela, como uma mãe verdadeira que trabalha por seus filhos dependentes, este Mestre convocava toda a sua reverência religiosa e erudição.

As reflexões de Swedenborg sobre a “caridade” e sobre o “amor conjugal” estão entre as mais luminosas e afins das suas proposições excessivamente repetitivas. Levava a pequenez infinita a tudo — aos itens passageiros e incidentes fugazes da sua experiência pessoal — com os quais nenhum outro espírito humano pode simpatizar de forma justa ou natural. O efeito do seu infinito catálogo de “itens” espirituais privados é visível na atitude refletida de muitos dos seus seguidores.

Muitos dos que recebem as “Doutrinas da Nova Jerusalém” estão inteligentemente cheios de caridade superabundante por todas as mentes que habitam planos espirituais diferentes — o que, por eles, é rotulado de “falsidade” ou erro “doutrinal” — e guardam, com cortesia e satisfação própria, uma montanha de pena pela cegueira e materialidade alheias, tendo, ao mesmo tempo, um notório orgulho intelectual. Assim, sob o efeito direto da crença nos “Relatos Memoráveis” de Swedenborg e nas especialidades das suas longas visões de maus presságios e correspondências infernais, os discípulos tornam-se amigos do maravilhoso e espectadores refinados — mas não verdadeiros trabalhadores nas grandes lutas entre Verdade e Erro, Liberdade e Escravidão, Ciência e Estupidez, Progresso e Conservadorismo.

Limitam-se a crer e a cristalizar-se em torno das “ideias” palacianas do seu chefe religioso. Ele é o verdadeiro mensageiro de Deus, trajado com elegância, dotado de visão sobrenatural sobre ditos sagrados e paradoxais, e imperiosamente autoritário em todas as coisas do espírito.

Mas este não é o lugar para prosseguir com uma revisão das doutrinas de Swedenborg, nem para expor as relações espúrias existentes entre os seus amigos modernos mal-educados e toda reforma definida. Os ensinamentos herméticos — ou “pensamentos” — deste grande e autojustificado vidente podem ser encontrados dispersos em dezenas de autores místicos. Quase todos os escritores sabísticos expressaram pensamentos e configurações doutrinárias semelhantes. Os escritores astrológicos não ensinaram teorias muito inferiores — quando lhes damos a melhor interpretação — àquelas propostas e defendidas pelo inspirado Swedenborg. Quantas mentes e afetos verdadeiramente refinados não se libertariam apenas por traduzirem as proposições principais de Swedenborg para uma linguagem compreensível e, depois, as compararem com pensamentos, opiniões e concepções — incluindo o método e a forma — de origem síria, caldeia, egípcia, persa, grega e romana, de há muitos e obscuros séculos.

A consciência religiosa do mundo é, em toda parte, natural e fecunda.

Deus — a Causa e Providência de todo o universo — é visto de maneira diferente por olhos diferentes; e nenhum homem, nem mesmo o principesco Swedenborg, está autorizado por esse Deus a vê-Lo e relatá-Lo em nome de todos os demais. Vejamos com os nossos próprios olhos e compreendamos com a nossa própria razão! O próprio Swedenborg recomenda o uso dos poderes racionais em todas as questões do espírito eterno. Aceitemos então esta sugestão — apliquemos essa liberdade de julgamento luterana ao venerável mestre tão reverenciado, analisemos os seus ensinamentos — e, no fim, talvez possamos olhar com amor para o rosto do grande mestre e, vendo ali um brilho de aprovação, dizer:

“Suave tornou-se o semblante daquele que temia;
A carranca que me assustava dissipou-se,
E em seu lugar ficou um sorriso que me alegrou
Como a aurora nascente.”

Hermes, Melkartha, Siamiah, Sanconianthon, Moisés, Phenius, Zoroastro, Pitágoras, Platão, Jesus, Orígenes — todos tiveram pensamentos (e também Ideias) análogos aos que Swedenborg recebeu como verdades e expressou. As inspirações enrugadas e empobrecidas do Período Médio — os astrólogos, as visões alquímicas dos semirreligiosos Böhme, as expressões míticas e revelações correspondentes de Von Helmont — nenhum destes pode ser ignorado quando chegar o tempo da genuína análise de Swedenborg. Embora este mestre rejeite Paulo como alguém de iluminação inferior, é surpreendente que a mesma ideia da “Encarnação”, que tanto absorveu e consumiu o Apóstolo dos Gentios, tenha sido também um dos pilares centrais no palácio espiritual da verdade teológica de Swedenborg.

Tal conceito quase submergiu o intelecto do sueco. O conhecimento mais antigo — mesmo o fundado na superstição — é o conhecimento de Deus. E todo selvagem que habita a floresta é crente em “encarnações”. Os brâmanes da Índia veneram e celebram a tradição de nove diferentes manifestações, ou encarnações específicas, de uma só divindade, retirada da “trindade” que julgam ver em momentos de comunhão extática. Assim, mesmo nos corações dos selvagens, “há anseios, desejos e lutas por um bem que não compreendem”, e embora andem às apalpadelas nas trevas, acabam por tocar na mão direita de Deus — e com isso são erguidos e fortalecidos.

O grande Princípio central de Swedenborg — a sua ideia mestra — é estrita e puramente platónica. Excetuando-se a terminologia — e concedendo uma margem ampla ao facto de que o grego foi, na Filosofia, o que o sueco foi na Religião, razão pela qual os pensamentos de ambos se apresentam com roupagens muito distintas — não consigo discernir diferença de essência entre os dois espíritos. O princípio central de Platão era a pré-existência de forças vitais inteligentes — emanações ideais da Mente Suprema — que, ao descerem para a substância e a matéria húmida, assumiam formas materiais.

Consequentemente, como resultado lógico, cada corpo organizado era considerado uma “imagem e semelhança” da sua personalidade espiritual interior. O útil, o belo, o poético, o divino — ideias guardadas no homem — manifestam-se aqui e ali nas suas obras, estruturas e escritos. Os princípios fluem do céu, ou da fonte divina, através do intermédio do homem interior, e refletem-se em formas físicas. Esta foi a grande VERDADE de Platão; o seu princípio mestral em filosofia.

E a mesma verdade universal transparece em cada página da obra literária de Swedenborg. O seu sistema de correspondências baseia-se nesta Ideia representativa. O mundo físico, com os seus cenários e formas diversificados, é um tipo, uma imagem, do mundo espiritual.

Assim como o rosto e o corpo humanos representam o espírito invisível, também o universo material veste e corresponde ao mundo espiritual de onde descende. Os “pensamentos” de Swedenborg, sobre este princípio universal do desenvolvimento, são muitos e variados. Para mim, têm o mesmo valor que os pensamentos de qualquer outro teólogo místico — nem mais, nem menos. Ele fabrica matéria a partir da essência espiritual degradada; e ervas venenosas, répteis, horrores — tudo desce (ou sobe e emerge) dos infernos espirituais, que são instituições permanentes.

O vício tem origem em fontes espirituais de mal.

O pecado torna-se o próprio fogo do inferno do homem — mas apenas depois de os deuses o terem, furtivamente, depositado sobre o altar das suas afeições corrompidas. Por outro lado, “todo dom bom e perfeito” desce das divindades que

supervisionam o bem. A mente humana é uma espécie de balança entre as forças do bem e do mal — e o prato de cada lado será preenchido, e pesado, de acordo com as inclinações e escolhas individuais. Na teologia de Swedenborg, cada mente é um templo de livre-arbítrio e de afeição irrestrita.

O bem e o mal são colocados sobre a terra, ao alcance da compreensão e do amor de cada ser, para que cada um escolha o seu senhor. Se a escolha for pelo mal, então os infernos espirituais rejubilam, e miríades de espíritos malignos acorrem ao seu lado. Alimentam as suas paixões, inflamam a sua ambição, cercam-lhe a razão, derrubam o governo das boas faculdades interiores — e estes são os pensamentos noturnos de Swedenborg. Mas se a escolha for sábia e celeste, então há alegria nos céus, e os bons anjos apressam-se, felizes, a agir como guardiães e ministros de força — e estes também são os “pensamentos” de Swedenborg, repletos de uma verdade profundamente associada.

As suas ilustrações, longas e repetitivas, sobre a aplicação local e egotista deste princípio soberano — ou seja, de que os exteriores provêm e representam os interiores — podem interessar ao colecionador de pormenores entre os Alpes das maravilhas modernas, mas nenhum Idealista pode prender a sua inspiração a regras e figuras tão arbitrárias e tão... swedenborgianas.

O correspondencialista — o amante do ensino simbólico e dos emblemas — tenta justificar filosoficamente tal método. Exclui a análise do mal existente, impede a possibilidade de um apelo inteligente às circunstâncias na explicação das causas da discórdia humana, e afirma, ad libitum, ad infinitum, que cada facto, tal como cada forma, tem origem espiritual: que uma verruga no rosto, tal como o próprio rosto, emerge de uma causa espiritual interior correspondente, da qual o visível não é mais do que uma sombra, símbolo, semelhança ou reflexo palpável.

Segundo esta forma de raciocínio, o correspondencialista remete não apenas a humanidade, mas também os seus pensamentos e atos, para um mundo de inteligência criativa e sugestiva. E este método de esquadrihar a Terra e a humanidade, sendo promovido e imposto aos outros como “a verdade”, conduz a todos aqueles males religiosos entre os swedenborguianos, contra os quais o Idealista justamente se queixa.

Mas, por outro lado, se o estudante devoto e sincero de Swedenborg ou de Platão — sendo um teólogo, o outro filósofo — mergulhasse até ao âmago da sua inspiração, e se esforçasse por alcançar a pérola de grande valor (a Ideia), então a saúde espiritual e a força para a reforma seriam consequência, e o génio mais elevado de cada mente veria o seu Deus e adorá-lo-ia em espírito e em verdade. Porque Swedenborg recebeu, republicou e explicou mais e melhor do que qualquer outro homem, antes ou depois, a ideia sublimemente impessoal de que “todas as coisas brotam de fontes

espirituais de causa”, saudamo-lo desde a costa sonora do Tempo, chamamo-lo “Irmão” e damos-lhe boas-vindas à sua posição régia no Panteão do Progresso.

JOHN WESLEY, embora tenha nascido depois de Swedenborg, precedeu-o no facto da sensibilidade espiritual e da expressão oral. Por isso, surge agora e reivindica o seu próprio lugar imortal no templo das Ideias. Mas neste momento, sou levado a afastar o leitor das personalidades, para uma breve contemplação de Princípios.

I. Aquela vitalidade invisível que constitui o espírito e a energia de uma árvore, torna-se, por meio da ascensão e da expansão, o corpo celeste do espírito no homem.

II. Todo o elemento da Mente-Fonte divina é visto por presença real, ou por representação de algum princípio afim, na forma e função de toda substância.

III. Os Princípios, ao contrário das substâncias, são instanciais e omnipresentes.

IV. O espírito humano, sendo uma cristalização unitária de princípios, é capaz de um relacionamento consciente com cada elemento que constitui a Mente-Fonte divina.

V. Assim como o corpo total de um oceano se encontra representado, a cada instante, em cada gota que o compõe, assim também a inteligência ilimitada do universo se manifesta, mais ou menos perfeitamente, em cada forma de matéria.

VI. A atmosfera do globo mantém em solução as partículas aromáticas de todas as substâncias orgânicas; e, de modo análogo, as atmosferas de todas as coisas contêm a presença espiritual de cada princípio imutável.

VII. Que se recorde: os Princípios não são as vontades de uma inteligência pessoal, mas contêm, por si próprios, a qualidade celestial da sabedoria eterna. Eles existem, pensam e amam por toda parte.

VIII. A qualidade dessa sabedoria e amor, em todas as partes do sistema infinito, é precisamente idêntica e absolutamente imutável; mas a quantidade é graduada, em cada ponto do sistema, de acordo com a capacidade e a missão do veículo.

IX. Se os princípios não fossem, por natureza, inteligentes e representativos da sabedoria central mais perfeita, então seria impossível o menor átomo mover-se sem um milagre da Vontade divina.

X. Seria necessário um esforço intencional e específico, por parte de alguma inteligência pessoal adequada, para fazer com que os átomos se associassem de modo a formar não apenas uma semente de mostarda, mas também para que essa

vontade se mantivesse, incessantemente, em ação para sustentar cada etapa subsequente no crescimento da árvore ou da erva.

XI. Cada folha de relva, o mais diminuto inseto, a menor trepadeira — com as suas partes distintas e características apropriadas — só poderiam existir em obediência ao fiat miraculoso de uma Mente pessoal incompreensível.

XII. A esta hipótese, a Natureza opõe objeções especiais e universais.

XIII. Cada átomo, pela sua conduta sábia, prova ser o veículo de uma inteligência integral.

XIV. As ervas, as plantas, as flores demonstram a sabedoria dos princípios da sua origem, existência e missão.

XV. As coisas são bocas que bebem na fonte perpétua dos princípios omniscientemente inteligentes.

XVI. As coisas são temporárias porque, em nenhum momento, satisfazem plenamente as exigências progressivas das suas dinâmicas inteligentes.

XVII. Os Princípios, como reis e rainhas opulentos no palácio do universo, têm acesso ao mais rico material com que tecem as suas vestes mais belas e adequadas.

XVIII. Cada inteligência, ou poder dinâmico celestial, elabora e veste a si mesma com um novo manto a cada estação.

XIX. A Verdade é a imutabilidade deste processo: a harmonia paralela entre princípios e manifestações.

XX. Esta unidade — entre teoria e prática — é a VERDADE.

XXI. A Verdade, como demonstrei, é a exatidão e completude da representação — a igualdade e integridade entre essência e substância — o equilíbrio nupcial, em suma, entre um princípio inteligente e a combinação da matéria através da qual a sua expressão se realiza.

XXII. A Verdade é uma flor, cuja semente é a coincidência entre a lei omnisciente e a matéria que a serve.

XXIII. A matéria é plenamente animada por princípios sexuais, que, por sua natureza pensante e afeto imutável um pelo outro, encontram incessantemente expressão através de formas sexuais.

XXIV. Assim, a matéria não realiza, por si só, o labor do pensamento, mas é o agente elástico, plástico e sempre eficaz ao serviço das forças-mestras, que tem o privilégio de vestir e acompanhar.

XXV. A mais alta posição a que o átomo mais ambicioso pode aspirar é fazer parte da organização indestrutível que representa o espírito humano.

XXVI. Embora a matéria desfrute do prazer de peregrinações intermináveis, sendo um turista num campo infinito, ela alcança a sua mais alta honra e realização no momento em que o espírito humano se retira da existência fenomenal presente.

XXVII. Para qualificar-se para ascender a tal altura — assumir essa posição sagrada e cumprir as missões gloriosas que inevitavelmente lhe cabem — a matéria viaja em companhia de princípios inteligentes actuantes; desde centros sem fronteiras até circunferências imensuráveis, pelas profundezas abismais até aos cumes mais elevados, para trás e para diante, para fora e para dentro, através de ciclos sem fim.

XXVIII. Para cada partícula de matéria visível, cada organismo físico é uma universidade.

XXIX. Cada grau e manifestação da matéria é um laboratório químico para cada elemento ou átomo de posição inferior, e é uma escola primária ou trampolim educacional para algum cadinho ou instituição ainda mais refinada, capaz de conceder qualidades superiores, recompensas mais ricas, e validar com uma inscrição mais divina.

XXX. Toda a matéria está, perpetuamente, a caminho da associação espiritual. As partículas nunca recuam, não caem da sua posição ou refinamento adquiridos, mas são sustentadas pelos princípios que primeiro as ergueram. E, no entanto, quando um corpo morre, a aparência é a de que os átomos constituintes retrocedem ao seu estado original.

A causa dessa aparência é esta: aquelas partículas que não realizaram verdadeiro progresso no organismo onde estavam encontram-se, logo à retirada dos princípios refinadores que temporariamente as exaltaram, a recuar para o seu nível original; enquanto que os átomos que realmente se elevaram nessa associação jamais regressam à sua condição anterior, mas continuam — embora quimicamente reconhecidos como os mesmos em nome e qualidade — a cumprir funções correspondentes em nível elevado na universidade da organização.

XXXI. A decadência e a decomposição, portanto, são verdadeiras apenas para os átomos que não ingressaram num grau superior de refinamento material. Os átomos que já foram transformados em osso, sangue, dentes, cabelo ou pele nunca gravitam de volta para níveis abaixo dessas estruturas; embora seja verdade que possam

aparecer, posteriormente, em milhares de outras formas de matéria em planos inferiores de organização. Onde quer que tais átomos surjam de novo, ou em que nova conexão material se revistam de forma, a missão que desempenham estará sempre em perfeita harmonia com a nota-chave para a qual foram previamente afinados. Nunca desonram os seus mestres, nem o ofício que lhes foi confiado.

Voltemos agora às pessoas.

WHITFIELD, intimamente associado a Wesley, foi, durante algum tempo, o mais eloquente e eficaz colaborador na vinha do evangelho. Nenhum **Damon e Pítias** demonstrou amor fraternal mais intenso. Em muitos momentos, eram uma reprodução de **David e Jónatas**. Embora lutando pelo mesmo objectivo, e inspirados pelas mesmas Ideias, possuíam pensamentos diferentes e chegaram a conclusões opostas. Wesley possuía talento vigoroso e método; Whitefield, génio religioso e liberdade: o primeiro dedicava-se com entusiasmo à organização; o segundo à evangelização. Por isso, não podiam concordar nos seus métodos de transmissão nem nas políticas externas de proselitismo e de “igrejação” do mundo; e assim, cada um reuniu a sua armadura e prosseguiu, de forma independente, no combate contra o pecado, em nome de outros. Pouco depois da dissolução dessa parceria fraternal, o irmão de sangue de John uniu-se-lhe mais firmemente no labor da evangelização sistemática, e os dois continuaram a cooperar até ao fim dessa notável dispensação.

As impressões psicométricas do verdadeiro **John Wesley**, que iniciou uma nova era na administração do cristianismo, representam-no como um espírito de sinceridade ilimitada e confiança inabalável. Embora dotado de apenas moderado poder de análise intelectual, e deficiente também nas suas faculdades de síntese e concentração sobre temas filosóficos, todo o seu nobre ESPÍRITO derramava uma inspiração metódica desde as actividades de Niagara da sua organização espiritual. Não poderia dizer, como Tennyson:

“Há mais fé na dúvida honesta,
Acredita, do que em metade dos credos.”

Não era suficientemente crítico ou racional (nem filosófico) para gerar ou acolher com ousadia uma dúvida poderosa. A fé de uma criança permeava a mente deste bom homem. O maravilhoso era, para ele, uma voz legítima vinda do Trono da Graça. Por maior que fosse o ceticismo que o afetava a nível sensorial, ou por mais que sofresse com a incredulidade aberta de muitos que com ele trabalhavam, nenhum sopro de dúvida jamais pairou sobre as flores plenamente desabrochadas das suas faculdades religiosas. A beleza brilhante, o perfume poético, a atitude reverente e a atividade reprodutiva dessas faculdades eram sempre visíveis nos seus sermões, conversas, atos e esforços sistemáticos.

John Wesley era caloroso de espírito e plenamente desenvolvido espiritualmente. Se tivesse de o definir com precisão, eu diria que era “um espiritualista” — mais ainda do que George Fox ou Swedenborg — mas nenhum homem jamais fez tanto, com método, “para a glória de Deus e a salvação dos homens” como ele. Trabalhou, trabalhou, e trabalhou; ano após ano; da manhã de segunda-feira até altas horas do sábado seguinte; viajou e falou; orou e pregou; e “o Espírito Santo” inspirava continuamente o seu coração adorador; de tal modo que o seu zelo ardia como sol vivificante sobre os outros; até a sua oração final, moribunda, reanimou e inspirou os mais sensíveis. Os humildes ouviam-no com alegria; e os convertidos bendiziam a Deus com inúmeros “améns” pelo poder salvífico e a energia ativa do novo ministro do evangelho. Calcula-se que as viagens missionárias de Wesley, somadas em milhas, equivaleriam a **quinze voltas ao globo terrestre!**

Ao analisarmos cuidadosamente os seus “pensamentos” teológicos, chegamos aos seus fundamentos — princípios ou ideias — e verificamos que já haviam sido propostos e eruditamente expostos por muitos predecessores. O trinitarismo da Ásia é republicado por Wesley, embora com terminologia moderna e com ajustamentos religiosos adequados à mente inglesa. A cosmogonia divina e o dualismo de Zoroastro também são reproduzidos — o Diabo e a Divindade — Ahrimã e o bondoso Ormuzd. O individualismo de Lutero é rejeitado; assim como o fatalismo absoluto de Calvino; mas os prodígios espirituais, os milagres de Jesus, as providências particulares de Orígenes, as declarações de Zwingli, a encarnação local do Deus-homem de São Paulo, o zelo dos brâmanes e a adoração extática dos budistas — tudo isso surge, em justaposições renovadas, no arminianismo de John Wesley. Os habitantes de Nootka Sound não eram mais abandonados ao espírito do que certas classes de discípulos em fase de prova, sob a influência deste chefe totalmente abnegado e devoto. Mas os **metodistas modernos** derivaram para as sonoras margens da respeitabilidade.

Muitos dos seus templos são hoje santuários em mármore e estuque, com cúpulas e torres. Os bancos de madeira de outrora, os pavimentos sem carpete, os púlpitos simples e em caixa, foram transformados em sofás acolchoados, tapetes floridos (não tanto para “os pobres”, como antes), e púlpitos simétricos, suaves em veludo e ornados com incontáveis franjas de seda. Que dirá o despretenso, auto-sacrificante e modesto Wesley? Olha ele para baixo, através dos olhos do seu Salvador, e admira a magnífica degradação dos seus seguidores?

A denominação metodista é um despotismo organizado. Cristalizou-se em torno dos “pensamentos” e “exemplos” de um homem que trabalhou por uma única e avassaladora IDEIA. O sistema de Wesley adapta-se às capacidades das massas não instruídas. Investigações filosóficas, descoberta de ideias científicas em Arte e Mecânica, novos princípios da mente e da matéria, o evangelho de Deus tal como

escrito na constituição da Natureza e do Homem — nada disto pode ser atribuído às investigações de qualquer metodista rigoroso.

Não fosse o comentário escolástico de Dr. Adam Clarke, um dos irmãos arminianos ou wesleyanos, e dificilmente haveria, ainda hoje, uma mente dita “erudita” no longo rol metodista. A sua entrega desenfreada às emoções espirituais; o método não-filosófico (mas popular) dos seus avivamentos e acampamentos anuais; a forma entusiástica de agarrar a religião, e de expressar, sem ponderação ou profundidade, as suas “convicções” e “o poder” que subitamente invade os mais impressionáveis — tudo isto, quando avaliado pela Igreja Anglicana cortês ou pelos calvinistas de coração de ferro, produziu e perpetuou o preconceito que (até há poucos anos) animava quase todas as seitas — e até as multidões — contra os metodistas.

Por isso, foram, em tempos, um povo simples, sem luvas, sem batismo formal, entusiástico e perseguido; mas agora os deuses deste mundo entraram para habitar e adorar com eles; são hoje largamente estimados; apelidados de “evangélicos”, louvados pela sua piedade; possuem faculdades para “formar” ministros regulares; e, conseqüentemente, os Reformadores da Época já não encontram favor aos olhos da sua elevada respeitabilidade.

Poderia ser interessante, para o explorador ardente das ideias alheias e das suas formulações sistemáticas, classificar as principais opiniões e exposições de Wesley. Mas, como foi afirmado no início deste capítulo, tais especificidades e desenvolvimentos egotistas não constituem o alimento espiritual que agora buscamos e pelo qual temos fome. Os Princípios são a vida essencial do Espírito — embora seja verdade que os “pensamentos” sirvam para cultivar e concentrar as faculdades de reflexão e juízo. Assim, enquanto procuramos e utilizamos o pensamento, e classificamos as nossas convicções de verdade, mantemos continuamente a distinção entre os meios de crescimento e as Ideias que crescem; entre as operações e deduções do entendimento, e os ensinamentos da experiência pessoal e dos princípios interiores impessoais (ou Ideias) que constituem o Espírito imortal.

Não fosse o escritor de hinos religiosos do mundo, Isaac Watts, os irmãos Wesley ocupariam hoje o lugar mais elevado no templo do cântico sagrado. E não fossem os seus predecessores na descoberta teológica e na especulação emocional terem antecipado todas as suas principais posições, John ocuparia hoje uma posição de destaque entre os entusiastas religiosos do mundo. Mas, tal como é, não devemos suprimir a nossa admiração pelo trabalhador da mente sincera e plenamente crente, nem deixar de reconhecer a sua função suprema e inigualável como demonstrador de uma IDEIA.

O grande Princípio central de Wesley — através do qual os céus o inspiraram — foi o de que “Deus fez da humanidade missionária de si própria.” Ele percebia que os homens nunca estão isolados, nem absolutamente inativos. De cada alma procede, ou bem, ou mal. As atmosferas mentais fundem-se ou encontram-se para algum uso ou disciplina religiosa. Foi esta percepção de Wesley — e a convicção correspondente em Swedenborg — que levou a uma troca de cartas entre ambos. Alguns homens trabalham com as mãos: são os “fabricantes”. Outros, com as suas paixões: são os “malfeitores”. Um terceiro grupo trabalha com as suas virtudes: são os “benfeitores”. E há ainda outros, que não pertencem a partido algum, sendo neutros em qualidades e motivos — trabalham para todos e de todas as formas: são apenas “fatores”.

Wesley descobriu esta disposição humanitária por inspiração. Havia “um corpo”, mas diferentes “membros”. Esses membros agem constantemente — para o Diabo ou para Deus, para o bem ou para o mal; e daí nasceu a doutrina de converter o mundo por meio de “missionários”. Cada homem mau é um adversário; cada neutro, um emissário; cada pessoa boa, um missionário.

A antiga dispensação mosaica ensinava “as obras” como via de salvação: fazer, para viver; mas Jesus inverteu esse plano: viver e agir, ou crer e fazer — ao que Wesley exclamou: “Amém!” E a partir desse “poder” que se acumulou sobre o seu espírito, como resultado de inspiração, incendiou milhares com uma ideia imortal. Mas a nossa tristeza é que os seus amigos entusiastas, em vez de captarem o Princípio-diamante da sua doutrina, cristalizaram-se institucionalmente em torno do seu “pensamento” acerca do Princípio. Sem, pois, admirar ou contestar as suas opiniões particulares, saudamos o inspirado Wesley no seu lugar eterno no Panteão do Progresso.

ANN LEE, há oitenta e cinco anos, ou no ano de mil setecentos e setenta e quatro após Jesus, iniciou a sua era prática. A sua vinda e o seu labor apresentam-se diante de mim com importância e magnitude. Vejo na sua posição e inspiração algo de grande e revolucionário. Na exemplificação da espiritualidade típica, como sinal de marés ascendentes no oceano das Ideias divinas, ela é gloriosamente útil e indispensável. Tal como o seu nascimento se registou no seio de uma civilização moderna, que superava a dos tempos de Orígenes, Lutero ou Calvino, assim o seu desenvolvimento religioso ultrapassa o deles em espanto e relevância para a humanidade. As razões são:

- I. Porque era uma mulher.
- II. Porque era uma mulher inspirada.
- III. Porque alargou o alcance da experiência religiosa.
- IV. Porque desvelou um Princípio, uma IDEIA, que nenhum homem — nem mesmo Jesus — anunciara ou talvez suspeitasse.

Abraão, Isaac, Jacob, Jesus, Paulo e outros inspirados foram iluminados sobre muitos princípios integrais, mas nunca ao ponto de perceberem a plenitude da natureza feminina e a igualdade do seu destino. O seu Deus era de força onipotente, de inteligência infinita, de temperamento inconstante, de amor pelos amáveis, de ódio pelos detestáveis; um céu para os amigos, um inferno para os inimigos. Mas, no esforço desses espíritos para compreenderem e apresentarem o seu Deus, deteta-se uma dependência unilateral, uma obrigação míope, uma responsabilidade limitada, e um reconhecimento semi-civilizado da personalidade e do carácter divino. Era tudo virado para o homem; Deus era um “Ele-Deus”, e a mulher era suplementar.

Paulo, por isso, permitia que as mulheres “falassem” nas reuniões — mas com certas restrições insultuosas e regulamentos anexos. Os judeus mantinham as mulheres nos bastidores, senão na cozinha das tendas; e em nenhum lugar se vê o seu Deus a condenar tal costume! Lutero alimentava e expressava sentimentos quase selvagens sobre a natureza e função da mulher; o seu antagonista real e indignado, o polígamo Henrique VIII, não discordava do doutor de Wittenberg sobre o papel feminino; nem o fogo das lógicas canhoneiras de Calvino destruiu as fileiras de preconceitos então dominantes contra a mulher.

De facto, a mulher não foi reconhecida pelos líderes religiosos como possuindo valor superior ao de elemento secundário no universo dos “Homens”, até à chegada do bom, justo e inspirado **George Fox**; depois dele, recebemos uma revelação ainda mais elevada da natureza feminina, vinda do miraculoso **Swedenborg** do Norte; então **John Wesley**, pela luz dos seus dons inspirados, reconheceu a mulher como agente divinamente precioso na missão doméstica, e como voz “persuasiva na oração”, como o canto das estrelas da manhã. Mas aguardámos, vigiámos e suplicámos, ao longo de todos estes dezassete séculos de comoção e progresso religioso, por uma revelação do carácter de Deus — tal como aquela que surgiu, de forma inesperada, através de Ann Lee.

Sobre esta notável figura, e a qualidade e efeito dos seus ensinamentos, as Igrejas alemãs, inglesas, escocesas e americanas publicaram relatos caluniosos. Os sacerdotes são transparentemente injustos. Nenhum erro, nenhuma falsidade, é tão imoral como a que brota do púlpito. O púlpito teme uma nova revelação. Mas deverá a humanidade manter-se reverentemente pendurada ao pescoço da Superstição? Fecharão os homens os olhos à luz das estrelas, para os abrir nas trevas da teologia nascida da terra? Da concepção limitada, finita e estereotipada de Deus, em breve se afastará a parte melhor da humanidade. O Concílio de Niceia, em 325, foi apenas um congresso de religiosos preconceituosos e litigantes; e, no entanto, tanto católicos como protestantes, dogmáticos como progressistas, temem repudiá-lo abertamente.

Os tribunais eclesiásticos são lugares onde a justiça é impossível. As orações dissipam a confiança da alma no Princípio integral. Os verdadeiramente piedosos são, com frequência, os moralmente mais sofisticados; ou seja, a “fé” verdadeira em Jesus é mais eficaz do que as boas “obras” sob Moisés: assim, quando a fé de alguém está certa, segundo o padrão da nova aliança, as obras podem servir fins egoístas e perversos sem punição para o agente. Neste terreno, ou sob essa segurança infalível, os padres puderam — e podem ainda — forjar falsidades contra Ann Lee, e travar a investigação das suas experiências, tudo “para glória de Deus e salvação das almas”.

Mas o fim de tudo isto aproxima-se. Entre os justos da Terra, ergue-se um rio de fogo devorador, vermelho de séculos de indignação contida, e os “sepulcros caiados” de mentes desonestas serão inundados e destruídos. Durante mil seiscentos e cinquenta anos, o “Credo dos Apóstolos” foi aceite como evangelho imutável; mas até isso está a ser abandonado por centenas de espíritos filosóficos e espirituais, cujos antepassados veneravam-no como verdade eterna. **“O mundo move-se!”**

O seu crime foi: ser mulher com um chamado sobre a humanidade, pela inspiração do Céu. Isso não lhe seria perdoado. O seu pecado era imperdoável. Céus misericordiosos! Uma mulher inspirada? Que mancha sobre a fraternidade masculina! Proíbam-no Abraão, Isaac e Jacob! Moisés, Jesus, Paulo, concílios de papas e bispos — exorcizem os “sete demónios” desta nova Madalena! Deus de quantidades masculinas infinitas — o eternamente isolado “Ele” dos Profetas e Apóstolos — abaixo com esta Vénus ambiciosa da Religião, assustem os seus seguidores fanáticos, confundam o povo que escuta nas suas reuniões!

Mas ela **não** se curvou ao seu comando! O “Deus-Ele” das Igrejas viveu tão plenamente e essencialmente nesta “Ela”- Encarnada quanto no universo expandido. E aqui surge um grande bem deste novo “Nazareth”: Ann Lee demonstrou a IDEIA, o Princípio impessoal, de que a inspiração e a revelação não estão confinadas à China, Índia, Pérsia, Judeia, Grécia, Alemanha, França, Inglaterra, Austrália ou América; que, tanto em qualidade como em quantidade, os rios celestes fluem com igual certeza através da alma da mulher como da do homem, fertilizando e igualando os hemisférios sexuais à medida que correm. Ela derrubou o muro que o costume erguera entre o espírito feminino e a sua Fonte celestial.

Das doutrinas e “pensamentos” desta Inspirada, nada direi agora; refiro-me apenas à sua ideia central — ao Princípio — através do qual a inspiração fluiu até à humanidade. Entristecemos-nos ao contemplar a cristalização de indivíduos em torno desse núcleo. Não que as suas instituições sejam anticristãs, ou impróprias para a regeneração moral e o progresso espiritual de muitos, mas porque qualquer organização tida como “finalidade” e assim venerada é inimiga da humanidade e pedra de tropeço no caminho da sabedoria. Se existem na Terra homens e mulheres

justos, espíritos sinceramente cristãos, pessoas conjugalmente livres, exatos seguidores do Mestre e dos seus primeiros Apóstolos, almas que se esforçam por viver e agir com justiça e paz, no amor e no temor de Deus, com opiniões mais avançadas que os estabelecimentos evangélicos da América ou da Europa — são os **Shakers**, o povo que se congrega em torno dos “pensamentos” de Ann Lee, os Amigos que, como irmãos e irmãs, vivem no fulgor espiritual da Ressurreição!

Para que o leitor não fique privado dos “pensamentos” práticos e religiosos dos **Shakers**, e para que toda a mente tenha os dados necessários ao verdadeiro conhecimento sobre este assunto, apresento aqui um breve resumo de algumas características da teologia Shaker. As dezassete proposições, com observações críticas, foram redigidas por “**F. W. E.**”, uma autoridade fiável:

I. Jesus Cristo foi o primeiro cristão. Praticou o que ensinou — a absoluta necessidade de nascer de novo, sair do elemento terreno e entrar no celestial; e, quando isso se cumpre em qualquer alma, todas as coisas antigas dessa alma desaparecem.

II. Não há uma só alma na Terra que tenha nascido de novo.

III. Há algumas que fazem disso o trabalho das suas vidas: vigiam-se estritamente para que “o Maligno não as toque”, nem interfira no gerar de Deus nas suas almas.

IV. A Igreja de Cristo na Terra é composta por essas almas — e por mais ninguém.

V. Elas são a Igreja militante. Porquê? Porque vivem em estado de antagonismo contra o elemento terreno dentro das suas próprias almas.

VI. A missão de Cristo no mundo foi salvar o seu povo dos pecados — colocando-os nesse estado de antagonismo. “Aquele que quiser ser meu discípulo, tome a sua cruz diariamente.”

VII. A Igreja Romana, a Grega e a Protestante não são, nem pertencem, à Igreja de Cristo, pois não vivem em antagonismo com o elemento terreno referido acima.

VIII. Se vivessem em antagonismo com todo o mal, não cometeriam pecado.

IX. Mas cometem pecado.

X. Portanto, “pelas suas obras os conhecereis.” Fazem guerra e lutam, como em Sebastopol: os russos da Igreja Grega, os franceses da Romana, e os britânicos da Protestante.

XI. Existiu simultaneamente uma Igreja Judeu-Cristã e uma Igreja Cristã Pagã (ou Gentia).

XII. A Igreja Judeu-Cristã em Jerusalém tinha todas as coisas em comum; não se casavam, abstinham-se da guerra, possuíam o poder da ressurreição — de se elevarem do elemento terreno ao celestial, angélico ou crístico. Todos os que estavam dentro do espírito dessa esfera eram salvos do pecado. Com eles repousava o Espírito de Cristo; e todos os que entravam nesse Espírito viam os seus pecados perdoados na Terra e, por necessidade natural, também no Céu.

XIII. As Igrejas Cristãs Pagãs não eram continuação da Igreja Pentecostal, nem sequer parte integral dela, mas sim corpos distintos. Não foram admitidas na Igreja Pentecostal, apenas toleradas como um átrio externo. A Igreja Cristã Pagã possuía propriedade privada, casava-se, possuía escravos e praticava a guerra. Foi esta “corte” que, eventualmente, “dispersou o poder do povo santo” — a força que salva do pecado, usurpando autoridade, “ocupando o lugar santo onde não devia estar”, pisando as coisas sagradas, falsificando e fingindo o poder de Cristo, tornando-se, assim, o **Anticristo**.

XIV. A Igreja Cristã Pagã era composta por materiais heterogêneos (tal como hoje): gálatas tolos, coríntios carnavais, culpados de atos “nem sequer nomeados entre os gentios”.

XV. No segundo século, deu-se um grande cisma na Igreja Cristã Pagã. O então bispo de Roma excomungou todos os bispos do Oriente, porque estes não comiam cordeiro quando ele o fazia. Os do Oriente, por sua vez, excomungaram o bispo de Roma — anulando, assim, toda a Igreja Cristã Pagã (“Cristo não está dividido”). Ambas as partes mantiveram-se obstinadas a discutir sobre o cordeiro pacífico sacrificado, e não se reconciliaram até hoje. Assim, existem dois papas no cristianismo: o patriarca da Igreja Grega e o papa de Roma. E, sendo da natureza das partes possuírem as propriedades do todo, se a Igreja Pagã possuía infalibilidade quando se dividiu em duas, essa infalibilidade deve ter sido dividida também; e quando a Igreja Romana se fragmentou com Lutero e Calvino, estes, por natureza, também retiveram a sua porção de infalibilidade e de “poder de ministrar nas coisas santas”. Estes homens foram bons católicos, e deveriam ter sido canonizados. O único problema foi serem um pouco zelosos demais: queriam que a velha senhora do Vaticano andasse um pouco mais direita, e não escondesse tantas coisas sujas debaixo de tanto volume de saíotes — só isso!

XVI. As Igrejas Grega e Romana de hoje são descendentes diretos da referida Igreja Cristã Pagã. Os Protestantes são fragmentos da Igreja Romana, e têm com ela a mesma relação que as partes têm com o todo; e, tal como a água não penetra na rocha, mas encontra caminho entre os seus fragmentos, há mais luz, progresso, liberdade pessoal, civil e espiritual, e segurança de vida, nos países protestantes do que nos católicos.

Por isso, é desejável que se complete uma dissolução perfeita da rocha e dos seus fragmentos (o processo já começou), e que a mente seja liberta, para que esse Poder que tudo cria de novo possa, sem impedimentos, fazer surgir os novos céus e a nova terra onde habite a justiça — como na Igreja Pentecostal.

XVII. As Igrejas Grega, Romana e Protestante não terão relação com a Igreja do fim dos tempos. Nela, os seus membros não mais aprenderão a arte da guerra, e o rugido terrível dos canhões não será ouvido dentro dos seus limites. Vinde, pois, homens e mulheres de bem e verdadeiros, de todas as seitas e partidos, de todas as cores e de todos os climas, de todas as religiões e de nenhuma, e erguei a vossa voz e a vossa mão para trazer à Terra o reinado do Amor, da Justiça, da Igualdade e da Paz Universal. Soltai os pesados fardos; libertai os oprimidos; curai os corações partidos; dai liberdade aos cativos; e a todos uma oportunidade igual para uma parte igual de todas as bênçãos de Deus, espirituais e temporais.

Mas é o Princípio central, a IDEIA de Ann Lee, que agora procuramos reverentemente. Esse princípio, resumidamente, é este: DEUS É DUAL — “ELE” e “ELA” — PAI e MÃE!

Os mestres hindus obtiveram um vislumbre dourado desta verdade impessoal. Princípios criadores e destruidores, energias masculinas e femininas e suas leis foram percebidos e ensinados pelos povos antigos. Mas nenhuma pessoa, desde o deus Brahma até ao presidente Buchanan, fez o que Ann Lee fez por esta ideia revolucionária para o mundo. Ela centrifugou-a em mil formas diferentes de expressão. Ganhou asas no seu espírito. Melhor que a posição santa da Virgem Maria no templo ético é o simples anúncio de que Deus é tanto Mulher como Homem — uma unidade composta por duas metades individuais e iguais, Amor e Sabedoria, absolutas e equilibradas eternamente.

As melhores mentes das melhores culturas por todo o mundo aceitam, e repetem com palavras diferentes, esta verdade central de Ann Lee. Disse Theodore Parker, na sua mais viva inspiração:

“Há um Deus para todas as nações” — que inspira tanto a Grécia liberal como a Roma prudente, não menos do que a Judeia piedosa; um Deus para os bebês baptizados, e para os bebês jamais tocados por mãos sacerdotais; um Deus para Jacob e Esaú, judeus e gentios; um Deus para quem toda a humanidade é querida — Pai e Mãe da raça humana.”

A esta verdade maravilhosa e bela, ele acrescenta:

“Então podeis explicar a história humana: os diversos talentos do egípcio, hindu, persa, hebreu, grego, teutão, celta e americano são dons diferentes, que não implicam favoritismo da parte d’Aquele que faz do carvalho um verde de verão e do

pinheiro um verde de inverno. Encontramos o Deus infinito [isto é, o Pai e a Mãe] na história humana como no mundo da matéria; pois, assim como o plano da combinação material — mineral, vegetal e animal — não reside em nenhuma das sessenta substâncias primitivas, nem nos mundos dos minerais, plantas e animais, mas em Deus, que é a substância pensante dessas formas não pensantes — assim o plano da história humana não está em Abraão, Isaac, Jacob, nem em toda a humanidade, mas sim em Deus Infinito, que é a Providência moldando os nossos fins para um grande propósito que ainda não compreendemos.”

Noutra passagem, ele diz:

“Geralmente, penso eu, os homens e mulheres de sentimento religioso simples fornecem os factos que os homens de grande génio reflexivo desenvolvem em teologia filosófica. É raro que alguém possua génio tanto para a intuição instintiva como para a generalização filosófica daí resultante. Um homem assim, quando surge, enche todo o céu — do nadir da emoção religiosa primitiva e particular até ao zénite do pensamento filosófico universal. Tu e eu não precisamos de esperar por tais homens, mas devemos receber grata e humildemente a Verdade, parte a parte, aqui um pouco, ali outro, e aceitar o serviço de quem quer que nos possa ajudar — mas não tomar ninguém por mestre — nem Calvino, nem Lutero, nem Paulo, nem João, nem Moisés, nem Jesus — abrindo sim a alma ao Deus Infinito, que há de entrar sem sino, livro ou vela.”

E embora o impulso lógico da inspiração deste grande homem se derrame para o vasto mar da liberdade intelectual e do crescimento individual na bondade espiritual, o plano encontra-se centrado em “Deus-Pai e Mãe”, o princípio primordial que está no coração da inspiração e dos ensinamentos de Ann Lee.

Contudo, ela não era filósofa, nem uma analista profunda e serena dos sentimentos interiores a partir das Ideias internas — e por isso, surgem nela especialidades egotistas misturadas. As formas e sombras das suas necessidades pessoais, provações e temperamento aparecem aqui e ali, como lampejos feéricos e formas impalpáveis de inspiração incerta. Esferas contraditórias irrompem através das suas forças orgânicas de expressão forçada.

Com estas, e com algumas Ideias apenas esboçadas nas páginas do registo da sua iluminação, nada temos a ver. Que aqueles que amam institucionalizar os “pensamentos” de uma só mente como finalidades e regras de vida para todas as outras, meditem sobre isso; enquanto nós, preparando-nos como companheiros de jornada para subir as montanhas brilhantes do Desenvolvimento Eterno interior, saudamos Ann Lee como benfeitora do mundo, e com reverência a introduzimos no seu próprio assento no Panteão do Progresso.

JOHN MURRAY, mil setecentos e quarenta e um anos após Jesus — ou há cento e dezoito anos — é o próximo. Este homem de coração elevado e amplamente liberal — não o diabo — lançou os alicerces do Universalismo moderno. O primeiro raio de igualdade evangélica, o primeiro pensamento elevador de felicidade ilimitada reservada a todos os filhos do Pai, caiu como luz solar sobre a razão deste reformador de visão amorosa. Mas antes de contemplarmos os seus campos teológicos, ondulantes com o trigo da promessa dourada, permito-me desviar os pensamentos do leitor para o que chamámos de “O Panteão do Progresso.”

Estas palavras pretendem transmitir à mente a imagem daquele Templo da Verdade — “o reino dos céus” — que deve ser criado, e ser harmoniosamente belo, dentro da consciência de cada homem. Um panteão é um templo dos deuses — uma Meca dos honrados e santificados — onde inteligências reverentes e gratas se congregam para meditar e adorar. Os templos de mármore da Grécia, as pagodes de telhado castanho da Índia, as catedrais-prisão da Europa, as igrejas de altas torres da América — são todos panteões, mas não de “Progresso”; são de superstições ancestrais e inumeráveis equívocos.

Na quietude adormecida da razão e do intelecto, os habitantes do mundo visitam essas casas dos deuses e permanecem languidamente a escutar as palavras dos sacerdotes, que escorrem das encostas sombrias do santuário consagrado. As eras passadas e as bíblias — como sombras noturnas de guerreiros gigantes que lutam pela cruz e pela coroa — são os deuses da autoridade nesses templos materiais. Em êxtase, o órgão de tons profundos entoia louvores a esses deuses. Primeiro como regato murmurante na base do Monte Santo, depois como maré ondulante de melodia, e agora flutuando as nossas orações pelo horizonte até ao Trono da Graça! Não admira que o povo vá a essas pagodes. Não admira que Reformadores, Iconoclastas, destruidores de templos e Progressistas, com os seus salões desconfortáveis e sentenças austeras, recebam os tratamentos mais ásperos e difíceis.

Estes, no início, não têm marés de música a suavizar os ângulos duros de uma audiência; nem, nas suas reuniões, vagueia a mente dos homens em brisas de orações ressoantes dos céus; pelo contrário, as pontas das adagas do preconceito projetam-se como pelos de cada cabeça, e os murmúrios abafados da desaprovação ressentida cercam o orador. A história íntima de todos os reformadores — de Jesus a João Huss, de Paulo a Theodore Parker — é a mesma narrativa de incompreensão e perseguição.

Mas avancemos sob o dossel alargado do nosso Panteão universal do Progresso. Aqui, onde o oceano prateado de Ideias imortais ondula dentro de cada peito, e onde os sacerdotes incomparáveis dos Princípios eternos se encontram na simplicidade elevada do Amor e da Sabedoria, caminhamos pelos corredores sustentados pelas colunas das catedrais espirituais da Verdade. O preconceito não tem lugar neste

Templo, mais adornado com pensamentos e atos de beleza moral do que o lendário templo de Salomão com pedras, joias e ouro da Terra.

Aqui contemplamos as plumas ondulantes das mentes nobres, cuja bondade amorosa e obras de sabedoria ofuscam as estrelas do céu. O turíbulo oscilante do Pensamento espalha fertilização perfumada sobre cada intelecto.

Aqui encontramos todos os Reformadores espirituais e eclesiásticos — neste Congresso das mentes múltiplas — e o incenso da nossa gratidão sussurrada flutua entre os arcos da Infinitude. Cada fase e estado da mente está aqui representado. A História estende o seu banquete sobre as mesas da Verdade imutável. O esplendor divino das colinas do altar inunda o céu com quadros resplandecentes da Natureza e do seu Deus, de tal modo que quem corre pode ver, compreender e adorar.

O pergaminho multivolume do Progresso incomensurável desenrola-se como o Espírito do Universo; e a música de milhões libertos, misturando-se com os cânticos florais da Natureza sem limites, e varrendo cada coração —

— “bate

No grande hino, calmo e lento,
...que Deus repete.”

Seja qual for a grandiosidade das catedrais da distante Europa, ou a altura dos pirâmides da autoridade eclesiástica, ou a multidão de deuses perolados da antiguidade que enfeitam os recantos de erro das Igrejas modernas, nada são aos nossos olhos que veem as Ideias de Deus a coroar as frentes de homens e mulheres — vivos ou já passados — cuja presença angélica enche de plenitude o nosso Panteão do Progresso. Contempla, ó homem! e regozija-te: pois esta é a Igreja do Futuro. A América é a primeira pedreira neste edifício. Que os seus filhos e filhas da Liberdade e da Sabedoria cantem jubilosamente com as estrelas da manhã.

Milhares, porém, poderão queixar-se de que os seus representantes mais queridos não surgem neste capítulo. Para essas mentes, tenho apenas uma palavra de explicação. Essa palavra é que este capítulo se dedica expressamente à análise de um certo tipo de mentes inspiradas, e propõe-se tratar apenas daquelas cujos “pensamentos” foram institucionalizados em sectarismos, ou cujas Ideias foram ignoradas ou subvalorizadas no caminho histórico habitual do desenvolvimento eclesiástico. Crescimentos laterais, como ramos infecundos e desnecessários de uma árvore grandemente útil, devem ser cortados ou negligenciados nesta investigação.

Em todos os países e eras, entre as personagens destacadas neste Panteão, observo figuras que laboraram com Ideias importantes.

Mas as expressões dessas mentes surgiram com mais sistema e beleza através das inspirações de certos líderes reconhecidos. Por isso, anunciamos e analisamos estes últimos, excluindo vários gênios ainda assim preciosos para muitas mentes vivas. Agricultores, mecânicos, fabricantes, comerciantes, legisladores, médicos, oradores, poetas, pintores, músicos, guerreiros, patriotas, imperadores, princesas, reis, advogados, estadistas — todos poderão reconhecer certos gênios à frente das suas inumeráveis fileiras, que deveriam ser conduzidos aos seus merecidos assentos no Panteão do Progresso.

Muito verdade — mas deixo esse banquete literário e essa cerimônia promotora de justiça ao labor e à inspiração de outros. Desde o princípio declarei que trataria apenas da História Religiosa e da personificação de Ideias; e agora acrescento, por esclarecimento, que apenas os mais proeminentes entre esses nomes podem legitimamente reclamar anúncio e análise psicométrica.

Por exemplo, não me detenho a desenvolver os factos e pensamentos de Joanna Southcote, de Inglaterra, que surgiu por volta do ano de 1804, com uma rosa-dobrada totalmente desabrochada de experiências típicas. Os desenvolvimentos subsequentes desta mulher inspirada exerceram influências profundas sobre muitas mentes cultas. Não apenas os meses eram típicos das suas transformações espirituais invisíveis aos outros, mas também cada dia de cada mês, e cada hora de cada dia, tornaram-se mostradores e ponteiros do tempo, aos quais a sua experiência psicológica privada se associava por uma subtil lei de correspondência. As suas revelações foram de importância impressiva para quem precisava de especialidades; mas a inspiração central, o tipismo, encontra-se mais plenamente desenvolvido em Swedenborg, a quem, portanto, dirigimos as simpatias desprovidas de preconceito do leitor.

Maomé, cheio de altos “pensamentos” e com zelo espiritual inextinguível, não pode ser contado entre os Idealistas, nas formas em que se desenvolveu. A sua melhor inspiração — “A limpeza está próxima da santidade” — encontra-se mil vezes mais fortemente expressa e aplicada nos trabalhos dos fisiologistas atuais; e também nas ideias secundárias do meigo e santo Jesus, nas exortações de Paulo, cujos nomes, esses sim, figuram no Panteão do Progresso. Por isso, Maomé não é incluído; mas não por preconceito — apenas pela inadequação do seu espírito ao propósito desta obra.

“Assim sabiamente ensinou o vidente indiano:
Shiva, o destruidor, Brahma, o formador,
Que despertam alternadamente o amor e o temor da Terra,
São um, o mesmo.”

Também os descendentes católicos dos antigos druidas piedosos poderão queixar-se, mas não têm mais razão para isso do que muitos que agora vivem e trabalham pelo mundo. Dos pensamentos morais e doutrinas promulgadas há tanto tempo, os seguintes artigos de fé podem ser considerados fundamentais.

As passagens seguintes (obtidas por um amigo) provêm de uma obra intitulada “*As Antiguidades Eclesiásticas da Antiga Igreja Britânica*”, da autoria do Rev. John Williams, M.A., publicada em 1836 por W. J. Cleaver, Baker-street, Londres. São excertos dos principais artigos do Credo Druídico do Bardo, mostrando qual era a religião dos antigos britânicos oitocentos anos antes de Cristo. Assim se comprova que muitos dos preceitos morais que as igrejas evangélicas afirmam ter tido origem em Cristo, eram já praticados séculos antes por um povo dito pagão.

Atributos de Deus — Sendo em si mesmos os mais benéficos e harmoniosos, tendem necessariamente a aniquilar o poder do mal e a conduzir o homem à felicidade eterna.

Animais — Não podemos matar um animal mais do que um homem, exceto como prevenção ou punição por um assassinato.

Providência — Até a malignidade do homem é usada para servir o fim geral e último da Providência Divina: conduzir todos os seres animados à felicidade.

Paz — O bardo, no meio das tempestades do mundo moral, deve assumir a serenidade do céu azul sem nuvens.

Verdade — Não acreditar em nada sem exame; mas, onde a razão e a evidência sustentarem a conclusão, acreditar em tudo e desconhecer o preconceito. Procurar a verdade em todas as ocasiões, e abraçá-la mesmo contra o mundo inteiro.

Orgulho — O orgulho é a paixão pela qual o homem assume mais do que as leis da Natureza lhe permitem; pois todos os homens são iguais, embora colocados de forma diferente no estado humano para o bem comum. Quem assume tal superioridade é um usurpador, e associa-se assim ao mal de tal maneira que a sua alma, ao morrer, desce ao ponto mais baixo da existência.

Sacrifícios — A morte de criminosos que se entregam voluntariamente é também sacrificial, pois fazem tudo ao seu alcance para compensar os seus crimes.

Punição — A miséria eterna é, em si, impossível; é inconsistente com os atributos de Deus, que é de benevolência absoluta.

Estado Final do Mundo — Todas as afeições e propensões mentais e corporais de tendência benigna permanecerão para sempre, e constituirão os gozos da existência celestial.

Regra de Conduta — A nossa regra infalível de dever é: não fazer ou desejar nada que não possa ser feito ou obtido eternamente no estado celestial, onde o mal não pode existir. O bem e a felicidade de um ser não devem surgir do mal ou da miséria de outro.

As Tríades — Três coisas é impossível que Deus não seja: o que a bondade perfeita desejaria ser, o que a bondade perfeita deveria ser, e o que a bondade perfeita pode realizar.

Três provas do que Deus fez e fará — poder infinito, sabedoria infinita, e amor infinito.

Os Três Fins Supremos do Bardismo — Reformar os costumes e a moral; garantir a paz; louvar tudo o que é bom e excelente.

Tríades Morais — Três grandes leis da ação do homem: o que ele proíbe a outro, o que exige de outro, e o que não se importa como é feito por outro. Há três leis que, bem compreendidas, vos darão paz: as tendências da Natureza, os direitos da Justiça e a voz da Verdade.

Pecado — As raízes de todo o mal: falsidade, cobiça e orgulho.

Quatro Pecados Elementares — Raiva, cobiça, preguiça e medo.

Oito Pecados Capitais — Extorsão ou fraude, roubo, orgulho, adultério, ociosidade, gula, inveja e crueldade.

Três Qualidades Divinas Principais no Homem — Liberalidade, amor e perdão das ofensas.

John Murray, tal como o selvagem da antiga Síria, tal como o maior poeta de Inglaterra, tal como o legislador hebraico e o homem gentil que confundia os doutores, tal como os pinheiros altivos ou os anjos de esferas superiores — foi um recetor do espírito imparcial de Deus. A sua constituição física não era poderosa, embora fosse ativa; a sua mente não se encontrava sobrecarregada de erudição escolástica; e os seus “pensamentos” não eram mais elevados ou mais abrangentes do que as inspirações e cogitações daquela mente silenciosa que, antes ainda de Murray ter chegado, construiu uma casa de culto para o “esperado profeta”, a quem reconheceu de imediato por intuição como sendo o verdadeiro pregador do amor do Pai e da salvação universal do pecado.

Murray investigara a teologia à luz do evangelho, que ele via revelado sob a luz da Razão. Através de infatigáveis pesquisas, traduções literais e interpretações figuradas dos “pensamentos” registados pelos evangelistas e apóstolos no suposto “último” testamento de Jeová, deduziu a doutrina de Zoroastro, Sócrates e Orígenes:

de que haveria um fim para o pecado e o sofrimento. A humanidade, no seu todo, estava “morta” no crime colossal de Adão; mas, em virtude da obra moral e do martírio de Jesus, esse mesmo “todo” seria “vivificado”.

Murray discerniu significados novos e mais razoáveis em diversos termos bíblicos, que o clero evangélico utiliza para sustentar o consolador evangelho do tormento eterno. Sob as suas explicações de bom senso, a Bíblia começou a ensinar, à parte recetiva da humanidade, um evangelho de “boas novas”; e um plano preordenado de salvação universal para uma raça universalmente condenada foi proclamado com toda a autoridade misteriosa da inspiração. O Criador, todo-sábio e misericordioso, desde os alicerces do mundo fixara um plano de fuga humana às consequências da transgressão. Enviara o seu Filho unigénito a este globo que, em termos de importância — quando comparado à magnitude de inumeráveis outros mundos que povoam a imensidão — é como uma pá de terra fértil comparada a todos os Alpes que tocam os céus; e esse Filho amado, do onnipotente e misericordioso Pai, veria “o penar da sua alma e ficaria satisfeito”. Nada menos que a reconciliação final do mundo e a felicidade universal poderiam satisfazer o amor ilimitado e o poder sem restrições deste Messias decretado pelo Céu e gerado por Deus.

Das especialidades nas reflexões bíblicas de Murray, pouco há a dizer, pois hoje existe uma respeitável multidão de mentes, tanto auto-designadas como qualificadas, a promulgar os pormenores do sistema; mas quanto às suas Ideias e princípios fundamentais, algo mais se exige. A esse respeito, diria que a inspiração de Murray abarcava um vasto campo de princípios centrais a teólogos anteriores: como o “vencer o mal com o bem” de Zoroastro; o princípio da “Encarnação” de Paulo (com todas as especulações teológicas e sobre a ressurreição do apóstolo, também); a força central de Calvino, de que “Deus é um Deus de presciência, e capaz de cumprir todas as suas promessas” (ainda que o reformador de cabeça de ferro não visse na Bíblia uma só palavra favorável à felicidade eterna de toda a humanidade); o princípio doutrinário de George Fox, de que “o espírito humano provém de Deus, e é sempre animado pela ‘voz suave e silenciosa’ da sua presença”; mas, para além de tudo isto, John Murray desenvolveu ainda outro Princípio impessoal, a saber: que a força vital central da existência de Deus é o Amor imparcial por todos os seus filhos.

Moisés ensinou o temor humano a Deus como sendo poderoso e essencial. Ao princípio, Jesus não tentou derrubar nem a teologia judaica nem o seu código legal, mas propôs cautelosamente alterações e acréscimos revolucionários, a fim de “cumprir a lei e as palavras dos profetas”. Esse plano conseguiu apaziguar os preconceitos hebraicos de algumas mentes. Contudo, quando o Nazareno alcançou maior consciência de força espiritual, como resultado de desenvolvimento a partir da fonte interior de Princípios, falou de forma mais clara e intransigente contra a antiga dispensação de doutrinas inúteis e práticas nefastas. Disse muito pouco sobre o

temor ao seu Pai celestial; quase nada quanto à importância das “obras” como meio de cumprir a lei; mas, em oposição, ensinou o perfeito Amor do seu Deus, e a “fé” como o caminho estreito que se abre sobre os jardins eternos da alegria e paz espirituais.

Este princípio todo-poderoso do Amor imparcial no Criador divino tornou-se a inspiração central de John Murray. A concepção terrível de justiça de Deus, segundo Calvino, foi suavizada e atenuada pelo novo pregador; e mesmo o sistema de “provação” de John Wesley foi grandemente modificado e alargado; de modo que, na nova leitura evangélica do plano e da vontade de Deus, este mundo inferior tornava-se a esfera exclusiva do pecado e do sofrimento (efeitos da carne e das suas circunstâncias), e a existência “após a morte” era proclamada, sob a providência sábia e misericordiosa do Pai, como um céu sem pecado de espíritos universalmente felizes.

Pensamentos mais elevados e ideias mais nobres sobre o que constituem os “diabos” que tentam a humanidade, e os “infernos” para os quais os desobedientes e impenitentes são condenados pelas leis morais de Deus, emergiram do princípio central de Murray. Seguiu-se uma batalha formidável de versículos, perante tal afronta às doutrinas favoritas da antiquada ortodoxia. Teólogos consagrados armaram-se com lança e dardo, gancho e linha de preconceito escolástico e orgulho, e lançaram-se à caça e pesca da demonstração original da doutrina no testamento grego e na fraseologia hebraica. Mas os homens da nova escola seguiram-nos com energia, “armados até aos dentes”, com talento poderoso, para explicar, perseguir e debater.

Os Ballous, os Balfours, os Winchesters, os Streeters, os Kneelands, os Thomases e os Sawyers — quão corajosos, valentes e triunfantes foram estes, e outros não menos dotados, no trabalho progressivo de erradicação do erro. Os ministros ortodoxos defendiam as suas favoritas “consolações do evangelho” — nomeadamente, depravação total, demónios pessoais, infernos literais, expiação vicária, justiça imputada, justificação pela fé, regeneração dos fiéis — e assim os soldados evangélicos e ortodoxos deram aos Universalistas o “inferno!” em troca de receberem apenas projéteis de “amor” e bombas repletas de provas bíblicas da santidade e felicidade finais de toda a humanidade. A batalha, por agora, está terminada, e cada parte está, como sempre, vitoriosa. Os soldados dos exércitos opostos estão agora pacificamente organizados nos seus respectivos acampamentos, a instruir novos recrutas; e certos ociosos entre as vastas hostes da humanidade multifacetada observam tudo com curiosidade, quando não estão distraídos com outras ocupações.

Mas a grande obra interior ainda está em processo de conclusão. O Universalismo é um novo Protestantismo. Contém germes de reforma melhores do que os seus

próprios ministros ousam confessar. Conduz para fora e além de si mesmo, tal como a rebelião individual de Lutero. Os conservadores talentosos, amigos da inspiração de Murray, institucionalizaram-se extensamente ao longo do último quarto de século; orgulharam-se disso, e vivem ainda hoje de um respeito crescente entre as seitas; e, por isso, embora esta denominação tenha imitado com sucesso outros grupos em empreendimentos académicos e literários, os seus dias estão contados; outras formas, muito mais científicas, de desenvolvimento teológico hão-de suplantá-lo o Universalismo num futuro iminente.

Mas nenhum homem, antes ou depois de Murray, descobriu tão bela, reverente e poderosamente o Amor de Deus, profundo e vencedor — ou, por outras palavras, que “Deus é Amor” e não um ser odioso e vingativo. Zoroastro proclamou-o repetidamente; assim o fizeram Sócrates, Platão, Confúcio, Jesus, Orígenes, Agostinho, Fénelon, Inácio, Swedenborg, George Fox, Ann Lee e outros; mas em lado algum, entre todas as hostes de mestres espirituais inspirados, encontramos tamanha devoção coerente aos resultados lógicos do Princípio. Por isso, vemos em Murray mais uma santa declaração da verdade. Ele desdobrou uma ideia impessoal e deve, portanto, entrar no Panteão do Progresso.

WILLIAM ELLERY CHANNING vem a seguir. Esta inteligência representativa teve origem neste continente igualmente representativo. Surge como um grande ramo, carregado de fruto, do corpo da Árvore da Vida. À sombra dourada desta folhagem translúcida, inclino-me em reverente gratidão. O meu espírito enche-se de uma luz aromal branca — o fulgor da sabedoria espiritual — e, enquanto contemplo, o turbulo oscilante do amor divino lança esperança imortal sobre o mundo.

A verdadeira piedade é uma consciência e confissão do sentimento religioso; a verdadeira moralidade é a aplicação intencional desse sentimento aos assuntos da vida. Mas, em todas as épocas, houve santos demasiado piedosos para serem morais; e, por outro lado, existiram — e existem — certos caracteres demasiado morais para serem piedosos; ou seja, religiosidade formal sem bondade prática, e bondade involuntária sem espiritualidade. Mas o carácter do Dr. Channing era um belíssimo equilíbrio; apresentava um ajuste harmonioso, uma igualdade entre piedade e moralidade. Tinha o sentimento religioso, o sentido devoto de dependência e responsabilidade, aliado à prática da filantropia e das boas obras.

E deve ainda escrever-se que este Reformador era demasiado religioso para ser teológico, e demasiado teológico para estar, em todos os momentos, firmemente ancorado nos princípios imutáveis de uma filosofia coerente. E a maioria dos clérigos unitários, seguidores de Channing, insere-se dentro deste mesmo campo crítico. Era um reformador teológico piedoso, com sabedoria bastante para ultrapassar muitas das absurdidades doutrinárias vigentes; e essa sua sabedoria

incluía coragem moral suficiente para o desenvolvimento de princípios revolucionários em teologia.

A constituição física de Channing era algo imperfeita, especialmente nos seus departamentos neurológicos e funcionais. Os nervos desta pessoa espiritualmente delgada eram de uma sensibilidade e motricidade exímias nas suas operações. Havia neste carácter uma reflexão espiritual e uma majestade graciosa que me encanta contemplar. Ele extraía essências e formas graciosas de cada objeto e éter. Deus não era um fenómeno, mas uma Presença — em todo o lado amorosamente inteligente. A sua mente abrangia estimativas amplas. Deixava-me a impressão de massa, de quantidade, de riqueza integral. O círculo das vinte e quatro horas nunca abarcava por inteiro as suas simpatias inteligentes; nem tampouco se encontrava cingido pelos preconceitos e pelo patriotismo estreito do seu tempo e continente. Nem se deixava intimidar pelas instituições chamadas sagradas do seu meio.

Para ele, a vida era real; nas suas manifestações, ilimitada; na sua qualidade, divina; na sua quantidade, incomensurável; nos seus resultados, gloriosa e justa. Não era um Deus pessoal, exaltado, abstrato e infinito — mas sim a sua “imagem”, rebaixada, crucificada e miserável — o tema preeminente e eloquente deste homem. Os seus sentimentos profundamente enraizados, bem como os seus “pensamentos” sobre a humanidade, brotavam e frutificavam a cada domingo.

Muitas das suas convicções continham os germes de Ideias universais. O dever humano e o bem-estar resultante da obediência, e não o sectarismo ou a teologia dogmática, cobriam perpetuamente o disco polido do seu intelecto impressível. Da fonte interior brotava uma nova afirmação, que considero ser a inspiração celestial central deste homem, o seu princípio-mestre, a saber: **“a capacidade interna de todo o ser humano para o aperfeiçoamento eterno.”**

Este Princípio anti-defileição-total, logo após ser proclamado nesta terra promotora da liberdade mas sustentadora da escravidão, caiu como mil trovões sobre as igrejas! O cerne da teologia antiga foi atingido de morte. Não o coração, porque a religião ortodoxa jamais possuiu tal órgão: mas sim o seu peito metálico encheu-se de consternação. Deus, como Pai universal; a humanidade, como Família fraterna; e o céu, como possível colégio de graduados terrenos — esta doutrina encheu as igrejas “piedosas” de uma agitação intolerável. O esplendor da Regra de Ouro empalideceu diante da maior inspiração desta verdade. Como poderia um homem amar outro como a si mesmo, a menos que o centro espiritual do amor — “o coração” — fosse puro e capaz de um interesse desapegado?

Nenhuma alma pode sentir amor puro a Deus, a menos que o núcleo da sua vida seja perfeito, e não manchado pela presença do pecado. “Toda e qualquer visão de Deus que não tenha o amor como centro,” dizia este Idealista inspirado, “é prejudicial à

alma que a acolhe.” Nutria a mais elevada admiração pela sabedoria e retidão de Jesus — que via como o Salvador do homem pelo exemplo — e sentia a mais profunda repulsa por tudo quanto ultrajasse esse espírito ou desonrasse essa verdade. “O maior e mais perigoso erro da época é a substituição da prática dos preceitos de Cristo por opinião, especulação [pensamentos e doutrinas] e controvérsia, por barulho e agitação em torno da religião.”

Poder-se-á argumentar, por parte dos amigos de Swedenborg, Fox, Wesley, Lee ou Murray, que o mesmo “Princípio” foi perfeitamente expresso pelo seu mestre predileto. A resposta é: é verdade que cada um destes mestres sugeriu ou logicamente deduziu este Princípio — a capacidade interna de cada ser humano para o aperfeiçoamento eterno — mas não é verdade que estes tenham feito dele, instancialmente, uma alavanca e o fulcro de uma revolução progressiva na teologia. As penetrações intuitivas do Dr. Channing abriram as gemas de verdade incontáveis escondidas no ovário psíquico de cada indivíduo humano. Aos seus olhos, a alma humana era um jardim do Éden; ou o Éden era uma exposição emblemática do espírito do homem, necessitado de cuidados finos e da melhor cultura. O solo opulento, quando negligenciado pelos Guardiões designados do progresso, produzia inúmeras ervas daninhas. “Uma só frase,” dizia ele, “proferida por alguém que tem fé na Humanidade, vale mais do que volumes inteiros de sermões ordinários.”

“Cada coração humano é humano,
E mesmo nos peitos selvagens
Há desejos, ânsias, anseios
Pelo bem que não compreendem.”

Na estrada da Liberdade sem limites, este nobre caminhava forte em si mesmo e fortalecia os outros. Não abrigava sentimentalismos doentios sobre questões de consciência e dever, e os seus pensamentos proferidos iam direitos ao alvo:

“Os Estados Livres são os guardiões e os apoios essenciais da Escravidão. Somos os carcereiros e os agentes dessa instituição... Há alguma desculpa para comunidades que, sob impulso generoso, defendam os oprimidos de outros Estados e, pela força, lhes restituam os direitos; mas não há desculpa alguma para que ajudem outros Estados a manter um jugo injusto sobre os homens. Neste assunto, OS NOSSOS PAIS, AO REDIGIREM A CONSTITUIÇÃO, DESVIARAM-SE DO CAMINHO CERTO.

Nós, seus filhos, ao fim de meio século, vemos o caminho do dever mais claramente do que eles, e devemos segui-lo. A mente pública tem-se inclinado para este ponto, e chegou a hora de o encarar plenamente, com desapaixamento e com resolução cristã e varonil... Nenhuma bênção da União pode compensar o facto de participarmos no escravizar dos nossos semelhantes; nem este vínculo deve

perpetuar-se, se a experiência demonstrar que só pode subsistir à custa da nossa cumplicidade no mal. Para esta convicção os Estados Livres caminham.”

Os raciocínios espirituais deste Reformador fluíam como rios etéreos da vida eterna. Com uma brandura dominadora e sabedoria instintiva de concepção, transmitia os seus belíssimos racionalismos cristãos; e os seus “pensamentos”, transbordando os Princípios (ou Ideias) subjacentes, deram um impulso ao espírito moral de toda a América desperta. Possibilidades sobre possibilidades! A Ideia da capacidade da humanidade para um progresso eterno, uma vez inalada e aceite como verdade, atuou como o raio enviado por Deus sobre o Sinai! Despertou e encorajou os amigos da Educação.

Todos, exceto os mortos na superstição e na intolerância, ergueram-se do seu longo e silencioso torpor, e cada qual reconheceu o valor das escolas públicas e a necessidade de um sistema que previna o crime e o sofrimento por meio de asilos morais bem organizados e lares de educação e trabalho. “Se queremos alcançar concepções mais brilhantes e amplas do Cristianismo, devemos começar por sentir que as gerações passadas não esgotaram a verdade cristã, e que **PODEMOS AVANÇAR PARA ALÉM DA SABEDORIA DOS NOSSOS PAIS.**” Assim escreveu e ensinou nobremente este Reformador. Nessa afirmação está um reconhecimento aberto do Princípio de Progressão — como efeito, e não como causa; não era o alicerce ou ideia fundacional sobre a qual edificava a sua estrutura esperançosa.

A progressão, como experiência, seria resultado lógico das condições humanas e da obediência humana; não que essas condições e essa obediência resultassem do princípio causativo que atua, lenta e seguramente, sobre o espírito da verdade e da humanidade. Por isso, não podemos dizer que a mente de Channing tenha reconhecido mais do que a possibilidade de santidade e felicidade para toda a humanidade. Não prometia esse resultado universalista; apenas isto: que a humanidade era capaz de expansão infinita em sabedoria e justiça.

Que o mundo avançaria positiva e inevitavelmente em todas as suas partes, e acabaria por superar todo o pecado e miséria num futuro vindouro — era mais do que ele ousava afirmar diretamente; mas, em mais de mil frases como diamantes, expôs a sua “esperança” infinita e a sua “fé” cristã nas possibilidades eternas. Discernia praticamente, e expunha inteligentemente, as leis da Providência, e era um crente devoto no triunfo final do Amor, da Verdade, da Justiça, da Sabedoria e da Liberdade. Mas que se diga mais uma vez: este homem era demasiado religioso (isto é, piedoso e moral) para ser teológico; e também era demasiado teológico (isto é, atento à doutrina) para ser um mestre claro de filosofia universal.

Contudo, era gloriosamente dotado de intuições unitárias de verdade moral; e as suas inspirações e incontáveis pensamentos cintilavam como os de Platão e de Jesus.

Channing abriu uma nova era na teologia do Cristianismo. Dois grandes e influentes rios fluíram das suas inspirações refinadas e impessoais, a saber: a pureza e dignidade inerentes a todo o coração humano; e, em segundo lugar, a possibilidade (e probabilidade, embora não certeza) da santidade e felicidade finais para toda a humanidade. A primeira proposição, que se recomenda às intuições e desejos de todos os homens de bem, tornou-se o princípio-mãe de um vasto movimento teológico rumo a uma percepção mais elevada do Cristianismo; e a segunda, sendo mais justa e razoável do que os ensinamentos de Calvin, Swedenborg, Wesley, Fox ou Murray, transformava cada pessoa num pivô de responsabilidades imensas. O avanço moral eterno era uma possibilidade — e logicamente provável — para cada filho do Pai Infinito. Se não nesta vida, então na que há de vir.

A morte não encerrava o indivíduo num conservadorismo mental eterno; nem fixava, para sempre, a condição da espiritualidade e do carácter humanos. A progressão, portanto, era afirmada como verdadeira para os habitantes de ambos os reinos; não em nenhum caso rumo aos infernos, como o melancólico Swedenborg sonhava, mas sempre em direção ao mais elevado aperfeiçoamento (de cada indivíduo), onde quer que este fosse mais certo e mais cristão — assim cumprindo os fins mais nobres da Natureza e da Divindade.

Esta afirmação sublimemente grandiosa e esperançosamente razoável acerca do carácter e dos propósitos da Mente Divina disparou por entre todas as instituições religiosas. A luz seguiu a bala até aos velhos sistemas, mas a escuridão interior não a compreendeu. Contudo, o novo evangelho encontrou aqui e ali uma mente à espera. Milhares já haviam silenciosamente rejeitado a Trindade, e estavam abertos à inteligência no que respeita à Unidade da Divindade e da família humana. Quacres, Shakers, Restauracionistas, Universalistas e mesmo Infieis estavam amplamente preparados para acolher o Princípio central de Channing. Cada um desejava que o outro afirmasse o melhor e o mais elevado da Humanidade. Os amigos de George Fox e Ann Lee não podiam acolher intelectualmente o novo homem; mas, espiritualmente, estavam anos à frente da própria iluminação cultivada dele: enquanto os amigos de Thomas Paine e John Murray, embora espiritualmente incapazes de captar a opulência moral deste homem, encontravam-se intelectualmente muito além das suas melhores revelações teológicas.

De facto, embora seja verdade que a inspiração de Channing se expandia e aprofundava no mar religioso da intuição, falhava (cientificamente e filosoficamente) em satisfazer as exigências de mentes racionais e razoáveis. Para o filantropo, o espiritualista (e também o pietista), era ele mais doce, mais brilhante e

mais puro do que qualquer alma viva conhecida; mas, para a escola de pensadores científicos da teologia, era apenas — como diziam — “bom e razoável até onde foi.”

Mas muito em breve começou a desintegração espiritual. As novas Ideias impessoais, revestidas de novos “pensamentos” locais sobre Cristo, o seu sistema, e as suas adaptações à Humanidade, atraíram muitas das melhores mentes de outras fileiras. Estas inteligências rejubilantes tornaram-se eficientes reformadores morais. Defendiam os Direitos Humanos como sagrados, independentemente de classe ou raça, e promoviam a mais vasta investigação teológica. Oravam e pregavam — como ainda hoje o fazem — por uma conceção mais elevada do Cristianismo essencial, por um padrão moral mais elevado entre as massas, por uma educação espiritual que prevenisse o crime e o sofrimento; e, assim, identificaram-se sem receio com as reformas mais práticas e importantes do século presente.

Em 1858, o Dr. Bellows, de Nova Iorque, dividiu “o corpo vago e informe” do Unitarismo em três partes: os Progressistas, os Conservadores (“Hold-fasts”) e os Reaccionários. Os Progressistas esperam ver o espírito da fé Unitarista infiltrar-se gradualmente por meio da literatura e da ciência; enquanto os Reaccionários, menos animados por princípios inteligentes, desanimados e insatisfeitos, tateiam cautelosamente o caminho de regresso à ortodoxia. “Seguem-se os Conservadores, os herdeiros regulares do Unitarismo histórico, que pensam que Lindsay, Priestley, Belsham, Worcester, Freeman, Ware e Channing completaram essencialmente a purificação da fé cristã, e estabeleceram o credo permanente da nossa denominação, mas que, ao fazê-lo, restringiram a sua influência, localizando-a e confinando-a. Esta escola eminentemente fiel e conscienciosa — o núcleo do nosso corpo vago e informe — realizou, sem dúvida, dentro da sua esfera, mais trabalho denominacional do que todos os outros. Manteve a única organização que tivemos, publicou e circulou a nossa literatura, enviou os poucos missionários que saíram, e esteve sempre pronta a dar uma razão da esperança que havia nela.

Mas, ao assumir a posição de movimento sectário, de hostilidade conscienciosa ao credo vigente da cristandade, e ao atribuir-se o dever de converter o mundo à verdade por meio da crítica textual e do desdobramento da história eclesiástica, encontrou-se gradualmente com as grandes marés da vida religiosa popular a passar-lhe ao lado — deixando-a segura, numa rocha inexpugnável. Esperava uma grande batalha, não, convidava-a, no terreno que tinha escolhido; mas o inimigo escolheu outro caminho.”

E o que diremos a seguir? Devemos publicar o facto de que o sacerdócio Unitarista é, ainda hoje, a classe mais liberal e intelectual em teologia e progresso; e também, por causa do seu conservadorismo distinto e orgulho eclesiástico, que eles e os leigos institucionalizaram os “pensamentos” religiosos do divino Channing,

fechando os seus púlpitos, em muitos lugares, contra aqueles que ensinam os Princípios impessoais do seu líder? Em verdade, isto deve ser escrito sobre eles.

Acolheram com condescendência, nas suas convenções, que os Racionalistas poderiam ser, até certo ponto, admitidos em comunhão. Mas há uma grande causa de Progressão ainda viva no seu seio, a saber: que, devido à sua cultura espiritual e afinidade intelectual pela coerência lógica, não conseguem formular um credo definitivo e proscriptivo! A consequência é que ninguém consegue definir exatamente no que consiste o “Unitarismo” popular, nem o que se deve acreditar, na direção de Cristo e do crescimento espiritual, para garantir a própria ortodoxia e salvação. Portanto, “Nil desperandum” — nada está perdido. Nenhuma mente inteligente nega ao puro Channing o seu lugar esculpido por mérito próprio no Panteão do Progresso.

JOHN HUMPHREY NOYES, licenciado pelo Dartmouth College e estudante no Seminário Teológico de Yale, tornou-se o centro de um cristianismo peculiar, na sequência de uma nova leitura do Antigo Testamento. Cerca de três anos após a sua descoberta — que ocorreu de forma privada em 1834 —, fez uma demonstração pública das suas divergências radicais, refutando argumentativamente as doutrinas da teologia tradicional. Assim, desde 1837 até aos dias de hoje, temas como o Comunismo Bíblico, a Salvação do Pecado, o Novo Nascimento, a Origem do Mal, o Cristianismo Constitucional e muitas outras questões relacionais têm sido livremente analisados e debatidos em vários locais por mentes inteligentes e honoráveis.

A partir dos poucos princípios fundamentais que estão no centro deste movimento, considerado providencial, podem ser desenvolvidos inúmeros pensamentos especiais. No coração deste líder, há um profundo amor pela Verdade e uma fé intensa nas obras finais e no triunfo do Cristianismo Constitucional. Os seus dotes intelectuais são amplos e bem equilibrados. Possui sentimentos morais poderosos e psicológicos, governo e sistema, e um controlo discreto sobre os outros, que são características fáceis e naturais. No seu espírito, há também uma corrente de atração social, que repele de forma enérgica e perentória tudo aquilo que não admite livremente no seu fluxo. É um homem forte, corajoso, religioso e saudável; e a sua inspiração e esforço visam o estabelecimento e a realização do estado celestial.

Estes cristãos peculiares partem da proposição geralmente aceite, que contém a ideia central do seu líder: que a Bíblia prevê a vinda do reino dos céus à Terra. Acreditam que o mundo religioso tem professado constantemente, nos últimos quarenta anos, a expectativa desse Advento; que a esperança popular no Milénio, o uso universal da oração do Senhor e o fervor crescente da opinião pública em relação à Reforma Universal, a Novas Teorias de Sociedade, as Manifestações Espirituais e outros sinais, são variadas indicações dessa expectativa latente.

A isto acrescentam outra proposição, que contém a força de outro princípio impessoal: que “a administração da vontade de Deus no seu reino na Terra será igual à administração da sua vontade no Céu.” Consideram que há provas suficientes desta proposição em Mateus 6:10 e Efésios 1:10; mas, para quem questiona a infalibilidade da Bíblia, tais provas não têm valor. Para os Perfeccionistas, no entanto, não é exigida outra prova da veracidade da sua posição. Assim, e de forma bastante lógica a partir dos pressupostos assumidos sem análise profunda, acrescentam a esta proposição os seguintes pensamentos práticos:

“Se oramos ‘Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu’, não devemos hesitar em completar essa oração pedindo especificamente aquilo que sabemos ser conforme à vontade de Deus no Céu. Por exemplo, sabemos que o pecado, a doença e a morte estão banidos do Céu; então devemos orar para que também sejam banidos da Terra; e se orarmos por essas coisas, devemos esperá-las; e se as esperarmos, devemos trabalhar por elas; e se trabalharmos por elas, devemos começar por eliminar todas as doutrinas que negam a sua possibilidade.” Estes são pensamentos — ou deduções — muito lógicos a partir de princípios aceites.

As ideias deste homem quanto ao que é apropriado e justo para a condição celestial são expressas da seguinte forma: “No Céu, Deus reina sobre o corpo, a alma e os bens, sem interferência de qualquer governo humano; e, conseqüentemente, a vinda do seu reino à Terra substituirá todos os governos humanos.” Como consequência natural desta proposição, afirma-se que “no reino dos céus, a instituição do casamento — que atribui a posse exclusiva de uma mulher a um homem — não existe; pois, ‘na ressurreição, nem se casam nem são dados em casamento’.” O comunismo bíblico é visto como um redesevolvimento da condição da Igreja Primitiva. Nas deduções sistemáticas do líder, encontram-se objeções à Ciência Social de Fourier. Os Perfeccionistas são sobrenaturalistas. Dizem:

“A cadeia de males que mantém a humanidade na ruína tem quatro elos:

1. Uma rutura com Deus.
2. Uma disrupção entre os sexos, envolvendo uma maldição especial sobre a mulher.
3. A maldição do trabalho opressivo, recaindo especialmente sobre o homem.
4. O domínio da doença e da morte.

Estes elementos estão intrinsecamente entrelaçados. O verdadeiro esquema de redenção começa com a reconciliação com Deus, prossegue com a restauração das verdadeiras relações entre os sexos, depois com uma reforma do sistema laboral, e

termina com a vitória sobre a morte. O sistema do pecado, o sistema do casamento, o sistema do trabalho e o sistema da morte são todos um só, e devem ser abolidos em conjunto.” Contudo, embora rejeitem as soluções francesas para os problemas sociais, afirmam: “Sem dúvida acabaremos por tirar proveito de muitas das descobertas económicas e industriais de Fourier.” Os Perfeccionistas afirmam que o único método plausível de evitar os escândalos da questão sexual na Associação é o método dos Shakers.

Proibir totalmente o ato sexual produz os mesmos resultados, no que toca a eliminar os ciúmes e conflitos de exclusividade, que se obteriam tornando o ato sexual livre. Neste ponto, os Shakers demonstram astúcia. Mas sacrificam a vitalidade da sociedade para garantir a paz." Este sistema de pensamentos, institucionalizado em torno de uma ideia divina impessoal, resulta naquilo que o mundo chama de libertinagem.

Mas os Perfeccionistas são sobrenaturalistas na sua conceção; por isso, dizem: “Qualquer tentativa de revolucionar a moralidade sexual antes de haver reconciliação com Deus está fora de ordem. [Aqui se opõem a que pessoas do mundo adotem o seu método social.] A santidade deve preceder o amor livre. Os comunistas bíblicos não são responsáveis pelas ações daqueles que mexem com a questão sexual antes de terem estabelecido a verdadeira fé e união com Deus.” Outra ideia deste líder é que a vergonha, em vez de ser uma virtude primordial, é parte do pecado original e pertence à apostasia; que a vergonha foi “uma consequência da Queda e é fictícia e irracional.”

Adão e Eva não tinham vergonha enquanto eram um só; mas quando se tornaram “dois”, os seus olhos abriram-se e imediatamente sentiram vergonha. Este pensamento pode parecer absurdo ao estudante da Natureza, mas nenhum crente nos mitos da mitologia deveria hesitar um momento em dizer “Ámen.” Há quase um quarto de século, o Sr. Noyes, reconhecido como o médium e líder destas interpretações cristãs, escreveu à jovem que viria a ser, e ainda é, sua esposa, os seguintes sentimentos francos e desinteressados:

“Desejo e espero que a minha companheira ame todos os que amam a Deus — sejam homens ou mulheres — com um afeto caloroso e forte, desconhecido pelos amantes terrenos, e com a mesma liberdade como se não tivesse qualquer ligação particular comigo. Na verdade, o objetivo da minha união com ela não será monopolizar e escravizar o seu coração ou o meu, mas alargar e estabelecer ambos na livre comunhão da família universal de Deus.”

Os crentes da Bíblia não conseguem refutar os principais “pensamentos” e deduções lógicas deste povo. Todo o preconceito é fanatismo, e a rejeição impensada é tolice. Apenas o filósofo harmónico não entra em controvérsia com tais “pensamentos”,

pois sabe que, na melhor das hipóteses, não são mais do que sugestões — e não mandamentos. Que dizer dos egotismos deste líder? Limitou-se a expor de forma conscienciosa e sistemática os seus pensamentos acerca dos pensamentos de Jesus, Paulo e outras autoridades religiosas — e nada mais. O Pensador apreciará e amará inteligentemente a Ideia central; o resto tem pouca importância no progresso eterno do espírito imortal.

As superstições religiosas e pensamentos teológicos de Paulo são tidos por este povo como de grande peso. Diz-se que o apóstolo colocou a mulher e os bens na mesma categoria de propriedade, e ensinou que ambos seriam abolidos com a vinda do reino dos céus. “O tempo é breve,” disse Paulo, “resta, pois, que os que têm mulheres sejam como se não tivessem; e os que comprem, como se nada possuísem; pois a aparência deste mundo passa.” (1 Coríntios 7:29-31). Suponhamos que o apóstolo dos gentios realmente escreveu os seus pensamentos sobre a propriedade da mulher e dos bens: isso acrescenta alguma coisa à estatura da Verdade? Muda alguma coisa?

É certo que Paulo acreditava na possibilidade de libertação do pecado, de viver em “graça sem lei”, de alcançar a perfeição tal como o Pai é perfeito; portanto, era um perfeccionista. Admitamos, meu amigo; mas será que isso prova que o perfeccionismo está de acordo com a Natureza e a Razão? O casamento entre um homem e a sua companheira e igual é um dos sacramentos mais divinos da Natureza. Mas Paulo desvaloriza a relação monogâmica como uma das “ordenanças do santuário terreno”, à semelhança da posse de bens, do sábado, da circuncisão, etc., e prega a sua opinião egocêntrica — ainda que honesta — de que nenhuma destas ordenanças tem lugar na ressurreição ou no reino de Deus na Terra.

O raciocínio mais bem-intencionado entre todos os pensamentos classificados sobre este assunto é o seguinte: “O sentimento de posse que se exprime pelo pronome possessivo ‘meu’ é, na essência, o mesmo, quer se refira à mulher, quer ao dinheiro ou a qualquer outro bem. A afetividade e a ganância são apenas canais diferentes de um mesmo fluxo. À medida que os rastreamos até à sua origem, convergem. A gramática ajuda-nos a encontrar o seu centro comum, pois o pronome possessivo deriva do pronome pessoal; e assim, o sentimento de posse — seja ele afetivo ou material — provém do sentimento pessoal, ou seja, é um ramo do egotismo. Ora, o egotismo é abolido pela relação evangélica com Cristo. O grande mistério do Evangelho é a união vital com Cristo — a fusão do eu na vida d’Ele — a extinção do pronome pessoal ‘eu’ no centro espiritual.

Assim, Paulo diz: ‘Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.’ A grande distinção entre o cristão e o incrédulo — entre o céu e o mundo — é que num reina o espírito do ‘nós’ e no outro o espírito do ‘eu’. Do ‘eu’ nasce o ‘meu’; e do espírito do ‘eu’ nasce a apropriação exclusiva de dinheiro, mulheres, etc.; do ‘nós’ vem o ‘nosso’, e do espírito do ‘nós’ nasce a comunidade universal de interesses.” Neste

esquema, Cristo é o Cabeça e o Líder; todos os que têm fé são partes desse corpo milagroso sob a Cabeça.

A assunção de um estado e posição pós-morte ainda neste mundo, com base na união com um ser pós-morte que se tornou cabeça da igreja — e que se identificou com os homens de tal forma que eles puderam dizer que estavam mortos e ressuscitados com ele — é o primeiro grande passo do Cristianismo Constitucional, segundo os sobrenaturalistas.

Afirmo que é possível desenvolver inúmeros “pensamentos” a partir dos princípios radicais aceites. Talvez o estudante das doutrinas da “lei superior” perceba que concedo mais do que uma “Ideia” no coração ou ao redor deste movimento. E se assim for, tem razão. Reconheço que J. H. Noyes associou vários princípios impessoais. E os princípios são sempre divinos. Muitas Ideias eternas, que foram centrais para certos mestres e líderes, são percebidas, equalizadas e condensadas praticamente por este homem de mente vigorosa. Contudo, muitas pessoas considerarão algumas deduções legítimas e orientadoras como se fossem Princípios em si; erro esse que é perigoso e deseducativo. Entre os vários princípios religiosos aceites por este homem inspirado, destaco um que tem, sem dúvida, direito a ocupar a posição central: a vinda de um reino em que a vontade de Deus será feita na Terra como é feita no Céu.

A bondade universal da Oração do Senhor, que em espírito é universal e totalmente livre do meio pelo qual é proferida, contém essa Ideia central. É verdade que todas as seitas religiosas se fundaram numa leitura específica dessa oração e dos evangelhos, mas não se pode dizer que algum outro homem, além de J. H. Noyes, tenha feito do reino dos céus a sua inspiração central e o seu esforço incansável. E trata-se, sem dúvida, de uma Ideia. Se Deus é um Espírito infinito, e não uma pessoa, então o seu reino está destinado a florescer sem limites, como o seu Espírito; e as teorias conflituosas e os comportamentos contraditórios dos religiosos sobre “fé” e “obras” não o poderão impedir nem atrasar.

Mas não vejo no sistema e nos esforços deste homem algo mais promissor do que o que se encontra nos sistemas e pensamentos de outros autoritários especiais. Ele não é, em sentido estrito, um idealista — não reconhece a possibilidade de “salvação do pecado” através do poder dos princípios a agir sobre o carácter, independentemente de organização doutrinal ou sobrenaturalismo; por isso, favorece e trabalha pela institucionalização e doutrinação, por meio da qual o indivíduo é integrado na família celestial, regida por um padrão fixo. Esta família é considerada sem pecado. “A multidão dos que criam era um só coração e uma só alma; e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns.” Esta unidade de bens é a abolição de uma forma de adultério — a cobiça mundana e o egoísmo que prospera à custa da miséria alheia.

Se esta família for atingida pela doença, recorre a medicamentos como a Fé, o Amor e a Crítica. Esta cura pela fé em Cristo é chamada *Cristopatia*; conhecida por muitos e praticada como psicologia. A abolição da propriedade egoísta é seguida pela abolição do casamento isolado. Esta família é, portanto, o oposto exato dos Shakers, no que toca à relação e disposição dos sexos. “Os Perfeccionistas”, como são chamados os seguidores de Noyes — tal como os discípulos de Ann Lee — tiram os seus primeiros impulsos da Bíblia. São autoritários dos mais inquestionáveis. A soberania de Jesus Cristo é o padrão imutável; e o seu objetivo louvável é estabelecer o reino dos céus na Terra. Estas pessoas não acreditam em viver eternamente em escravidão, nem em permanecer mortos em pecados e delitos, mas esforçam-se antes por ser contados entre os “ressuscitados com Cristo”, libertos do pecado e preparados para viver na vontade de Deus aqui na Terra.

Os pensamentos deste líder inspirado podem ter grande valor para aqueles que consideram a Bíblia um livro inestimável, ou Jesus (enquanto homem) como “o Caminho, a Verdade e a Vida”; mas, para o Idealista — aquele que adora a Deus por meio da apreciação e obediência a Princípios impessoais —, as suas explorações e análises bíblicas pouco significam. Ainda assim, pela sua inspiração central, quem não acolheria este homem num lugar digno no Panteão do progresso?

THEODORE PARKER, mil oitocentos e trinta e sete anos após o Jesus histórico — ou seja, há vinte e três anos —, foi ordenado ministro entre os Unitários em West Roxbury, Massachusetts, e surge como figura de destaque.

Desde a infância, sentia que havia de ser “um ministro”. Desde cedo foi ensinado a respeitar os impulsos intuitivos da consciência, considerando-a como a voz de Deus na alma humana, a qual devia ser obedecida. Era um estudante nato e dedicou-se com vigor ao percurso habitual de investigação teológica. Começou a ler a Bíblia Sagrada “com muito cuidado”. Primeiro, de forma crítica, para compreender que livros e palavras a compunham; depois, de forma interpretativa, para alcançar os sentimentos e ideias presentes nas palavras. “Logo percebi,” diz ele, “que a Bíblia é uma coletânea de livros bastante heterogêneos, a maioria deles anónimos ou com nomes de autoria duvidosa, reunidos — ninguém sabe como, quando ou por quem — mais por capricho do que por qualquer método filosófico ou histórico, sendo difícil entender porque é que um livro antigo foi mantido no cânone e outro excluído.”*

Estudou o “desenvolvimento histórico da religião e da teologia entre judeus e cristãos; bem como a metafísica e a psicologia da religião”, e descobriu que “a consciência religiosa é universal na história humana. Seria, então, algo natural ao homem, inseparável da sua essência e, por isso, do seu desenvolvimento?”

Aqui encontramos a Ideia central do mais nobre reformador político-teológico e espiritual do nosso tempo. Há, no entanto, algo curioso na origem dos idealistas progressistas: a maioria vem do domínio religioso. Bíblias, hinários, orações, sermões, bênçãos e contradições pavimentam o caminho de muitos fenómenos religiosos. Parece que até Jesus foi durante anos um mestre espiritual entre os essênios, antes de aparecer em público como pregador da vida interior. Com efeito, os reveladores mais profundos da natureza humana e da suposta vontade de Deus têm sido clérigos ou mestres locais de alguma denominação. Talvez este facto explique outro: quase todo mestre religioso no campo do Progresso é apegado a hábitos e cerimónias do púlpito, os quais o mundo pensante tende a rejeitar instintivamente.

Mas Theodore Parker é uma profunda fonte de amor espiritual e confiança. As elaborações da sua mente ampla são como belas contas ou grandes navios flutuando no seio de um rio espiritual. “Desde os meus sete anos,” afirma ele, “nunca tive medo de Deus.” Pregava o Belo Absoluto e o Totalmente Amável do universo. As intuições deste homem estão cheias de pensamentos vivos sobre a Divindade. A sua sabedoria está repleta de Ideias; todos os seus pensamentos ilustrativos brotam de inspirações primordiais de princípios inerentes. A existência de um Deus Pai e Mãe, as leis da Justiça e do Direito, e a imortalidade do espírito individual, são por ele tratados de forma independente de demonstrações lógicas, mas como factos fixos e ensinamentos infalíveis da intuição.

Com tanta sinceridade quanto humildade, reconhece a independência da Religião e da Verdade acima de todos os milagres, mestres ou livros, e afirma: “Não são as minhas Verdades. Não sou nenhum grande homem em torno do qual o mundo gira; nem posso decidir o destino de uma doutrina qualquer pela minha autoridade. A humanidade é rica em personalidades, e um homem do meu tamanho não fará falta por muito tempo.”*

*Cf. “Experience as a Minister”, pp. 38 e 89.

Mas engana-se. O mundo terreno perderá muito em valor real quando ele partir para esferas mais elevadas. O seu intelecto abrange vastamente o campo da teologia e da religião. É um Papa nato — o presidente vigilante e paternal do Cristianismo protestante; elevado na sua doce humildade e poderoso mestre sobre os trinta e cinco mil clérigos que serve com tanta alegria e constância. Maior que Lutero e Calvino, maior que Swedenborg e Wesley, maior que George Fox e Channing, maior que Hobbes, Hume, Bacon, Paley, Reid, Stewart, Butler ou Kant — porque, embora os tenha lido e absorvido com liberdade, nenhum deles o englobou ou limitou — ele pensou com eles, mas no fim ultrapassou-os a todos.

Ainda assim, muitos dos seus “pensamentos” não atingem a última experiência do espírito; e as suas especializações por vezes são mordazes, e nem sempre aplicáveis ou justas. É uma reencarnação de Lutero, Calvino, Fox e Channing, mas mais filosófico e menos sectário em todos os aspetos; com a seguinte Ideia central: “A perfeição relativa constitucional da natureza humana, deduzida da perfeição infinita de Deus.” E com a seguinte inspiração que se permite: “Nos instintos primordiais e desejos automáticos do Homem, encontrei uma profecia de que aquilo que ele deseja é possível — e um dia será real.”

De forma altruísta, vive e cultiva a identificação — em todos os graus relacionais e superiores do ser e do sentir — com as posses e experiências das multidões oprimidas. Há saúde e força sublimes neste organismo espiritual. Ele deteta a presença do erro e resiste às investidas do mal. A sua traqueia não é mais sensível à água do que a sua consciência ao exercício impróprio do poder ou ao dever negligenciado. A sua indignação é moralmente sublime; pode parecer injusta a uma consciência fraca. Mas nela não há egoísmo vulgar. A sua ira nasce de uma pura aversão à abundância do pecado. É poderosa e inabalável na sua cólera, mas sem censura pessoal ou desejo de vingança; sem perturbação, sente e lança os relâmpagos da justiça. Que sarcasmo cortante, que sátira incineradora!

Como trovão de verão com relâmpagos vivos e calor, esta mente naturalmente grandiosa denuncia os grandes pecados da época! Como um raio vivo e ardente, abala e destrói as inúmeras fraquezas e intrigas microscópicas dos chamados grandes homens públicos, do passado e do presente. As suas indignações nunca são egoístas ou isoladas. A sua saúde moral, e a fusão inseparável de si próprio com a situação e o destino da humanidade, são as causas do seu ódio vigoroso à injustiça, e da sua devoção irrestrita à verdade e à retidão.

Que desprezo pelo ócio e por outras fraquezas! E, no entanto, nenhum espírito humano vibra mais depressa com simpatia divina, nem possui mais talento para “curar os corações partidos”, nem mais força para transmitir consolação saudável, dirigida ao sentimento e ao intelecto. O oprimido nunca é desonrado por apelos que o convidem a “reconciliar-se com os mistérios da Providência”. Acima do domínio da dor e da ignorância, eleva a consciência total do sofredor. A razão e as mais ternas simpatias, juntamente com as suas agonias íntimas, elevam-se reverentemente.

Os céus abrem-se para os receber, as nuvens da superstição e da dúvida afundam-se, e os cansados da discórdia e da dor entram no seu descanso. Cada pensamento e oração deste homem age como o sopro paternal de Deus sobre os jardins. As crianças quase nunca são infantis ou irrefletidas na sua presença. O éter magnético do seu espírito, tão poderoso e carregado de sabedoria, inspira os jovens e enobrece

os fracos; e cada indivíduo que com ele convive torna-se, por momentos, “uma alma viva”, com nova força e aspirações mais nobres.

Mas, ainda assim, ele permanece selado — como um cofre de ferro próprio para o mar, mais fechado para os que o rodeiam do que o Livro do Apocalipse —, e o visitante ou observador superficial perguntar-se-ia para onde terá ido aquela mente poderosa. Um vigoroso endurecimento e uma expressão muralhada e imperturbável envolvem toda a sua individualidade. Nem uma bala de canhão conseguiria penetrar esta fortaleza sólida. Os ataques do inimigo são inúteis; uma reunião de oração parece o culminar da ignorância vigente. Contudo, há crescimento no interior — uma preparação silenciosa para uma gloriosa frutificação. As maiores Ideias realizam sessões congressuais nas salas dessa inteligência; e inúmeros porteiros — pensamentos e ilustrações apropriadas — circulam em silêncio respeitoso e uniforme.

Não há discórdia nem tumulto, nem anarquia, nesta casa de disciplina espiritual. Cada palavra é recordada e sugestiva — cada novo termo é articulado com precisão — a imagem mais irresistível do pensamento é pintada — “factos” naturais e palpáveis são chamados a testemunhar — o provérbio de que “os números não mentem” é adotado de forma prática. Assim, enquanto por fora tudo parece imóvel e terrível como a própria onipotência, os cavaleiros e guerreiros imortais deste rei poderoso (Theodore Parker) estão a polir suas armaduras, a forjar novas armas, a apertar os cintos de trabalho, preparando-se para derrubar os poderes das trevas e estabelecer o reinado eterno do Príncipe da Paz.

A sua filantropia é um mundo por si só, povoado de atrações luminosas para a irmandade humana, e de ternas simpatias mais visionárias do que as dos grandes pensadores de outros tempos. Justiça, honra, verdade, amor, reverência — são os “anjos santos” que guardam o templo interior. A benevolência, como um arco de bênçãos coesas, cobre o vestíbulo. A atmosfera que daí desce funde-se, em prece, com o solo escavado pelas contemplações abrasivas do seu intelecto de granito, pelas triturações do pensamento férreo e da lógica pétrea — e a colheita resultante, de belezas espirituais e simpatias úteis, é abundante e suficiente para todas as necessidades.

Ele é um descobridor, não muito diferente de Colombo ou Sir John Franklin; mas os seus êxitos assemelham-se aos de Paulo, Newton e Napoleão. Parte da costa conhecida da verdade e da especulação e desce ao mar numa embarcação repleta de poder indestrutível e provisões; mas, ao regressar, quando multidões se reúnem por milhares para ouvir sua experiência e ver os seus troféus, revela um novo continente de espiritualidades imperecíveis, exhibe muitas conquistas arrancadas ao inimigo pela força do espírito, relata os grandes dons do Pai para todos os homens, e apresenta o magnífico plano do esforço pessoal e da vitória interior.

Mil baterias escondem-se nas trincheiras desta organização craniana. As energias não gastas dos séculos vindouros germinam neste homem de mente vasta, “tão terrivelmente e maravilhosamente feito.” Cada uma das suas faculdades está carregada até à boca do canhão, pronta a disparar cem vezes sem recarregar. Segurando firmemente os grandes princípios da filosofia e da humanidade como comandos pontuais e infalíveis do “Bom Deus”, é fiel aos instintos da razão, indulgente com o sentimento religioso, emite e incendeia fogo sublime sobre a plenitude gloriosa dos grandes atos morais de todos os homens, e é eloquente como Platão quando falava das capacidades supremas do homem e da sua vasta aptidão para evocar e desfrutar as divindades do verdadeiro génio.

Mas a grandiosidade dos melhores discursos de Cícero empalidece e eclipsa-se, e a profundidade do sermão da montanha de Jesus é plenamente atingida, quando Theodore Parker concentra todo o fogo do seu intelecto dotado de sabedoria sobre os altares da antiguidade teológica, ou sobre os tronos da iniquidade política, onde a vergonhosa ignorância do mundo e os deuses satânicos se assentam como ídolos de moda, deseducando as massas e subvertendo os direitos de milhões indefesos, desonrando o “Querido Deus” da alma, obstruindo o desenvolvimento proporcional da razão, da justiça, da honra, da verdade e do princípio de amor fraterno dentro de cada mente — onde atributos aprisionados e toda a excelência latente aguardam o poder evocador dos Redentores Cristãos: Educação, Perseverança, Razão, Consciência, Piedade, Moralidade e Trabalho.

Quando a história da América for verdadeiramente escrita, a página que mais brilhar com a verdade sobrenatural — onde será descrita a mente cujo valor moral e princípios de sabedoria inalteráveis provocaram mudanças tão profundas nas fortalezas da Ignorância, Fanatismo, Intemperança, Escravatura, Injustiças contra a Mulher e Guerra — trará por inteiro o nome de Theodore Parker. As balas incandescentes da sua razão honesta e clarividente terão atravessado as mais poderosas muralhas da ignorância instruída.

As suas pegadas serão visíveis e marcadas “nas areias do tempo”; a maquinaria suave de uma civilização conservadora e progressiva mostrará a sua marca; e os seus navios de pensamento e ilustração, bem carregados, ultrapassarão os perigosos vagalhões de todos os mares políticos. Centenas e milhares de ministros lerão Theodore Parker. Verão e lamentarão a afetada vergonha dos seus colegas, rir-se-ão do medo que estes tiveram de que a sua teologia pudesse prejudicar a humanidade, citarão (e não mais furtarão) da abundância dourada dos seus “Discursos”, e pedirão perdão ao céu e à humanidade pela sua cegueira e ignorância, confessando que “não sabiam o que faziam.”

O escultor do futuro — o pintor já nasceu, o compositor já escreve — e virá o músico, que colocará a imagem e o espírito valioso deste homem na forma mais fiel

e na relação mais amigável com o mundo reverente. Sem dúvida, este homem tem um lugar imperecível no Panteão do progresso.

RALPH WALDO EMERSON, embora cronologicamente à frente do último poder versátil mencionado (Theodore Parker), vem a seguir ante o mundo hostil. (Com o desejo de evitar repetições nestes volumes, irei omitir muitas das características mais notáveis desta pessoa, e respeitosamente solicitar ao leitor que abandone "O Pensador" e pegue no "O Reformador," o quarto volume desta série, e sem demora desnecessária, consulte e leia no último capítulo um exame psicométrico.)

Este espírito é um palácio de cristal. A poesia e os princípios de todos os grandes pensadores são uma presença viva nele. Os pensamentos e inspirações de Channing, embora despertassem o mais profundo interesse pelas verdades ocultas e pelos problemas sociais, não conseguiram conter a maré desta corrente do golfo interposta. Os estabelecimentos do Unitarismo não conseguiram crescer proporcionalmente com a expansão interna deste intelecto espiritual único. A sua inspiração estava incomensuravelmente além da sua órbita institucional; e quando o Unitarismo histórico tiver afundado abaixo do horizonte da memória, a luz deste bravo protestante há de brilhar como o sol.

Ele é um filho autoconsagrado do Infinito. As suas ideias apresentam um novo tipo de concepção e ensino. O anjo da sua presença é visível em quase toda a literatura tardia da língua Inglesa. Centenas de milhares que não nada conheceram sobre o homem, e que não conseguem ler com compreensão as *condensações* do pensamento no seu estilo, são, não obstante, alimentados pelos menos professores com o maná do seu firmamento. Existe uma liberdade nos seus sentimentos, uma presença graciosa nos seus pensamentos positivos, uma sagacidade profunda e virilidade natural no seu caráter, uma força de propósito nos seus talentos e uma impessoalidade *indefinível* de individualismo no seu gênio, que nenhuma natureza viva pode deixar de amar e louvar. "O radiante gênio de Emerson," diz Parker, "surgiu nas noites de inverno e pairou sobre Boston, atraindo os olhos de jovens ingênuos para aquela grande e nova estrela, uma beleza e um mistério, que encantou por um momento, ao mesmo tempo que emitiu uma inspiração perene, ao conduzi-los por novos caminhos e rumo a novas esperanças."

Este homem é um mestre. Não exagero ao afirmar que Emerson é o Platão da *inteligência intuitiva*, e que Parker é o Emerson da *intuição intelectual*; ambos os espíritos santificados e embelezados em virtude de uma educação ilimitada, difundida por todas as suas faculdades de atuação. No caso destes espíritos, ninguém negará a vigência da educação, ampla e corajosa, harmoniosamente misturada com necessidades pessoais e altruístas. O espírito de Parker é primeiro indutivo, depois

atua reverentemente interiormente e termina na INTUIÇÃO — que, com idêntica cultura, é o ponto de partida de Emerson; de modo que, partindo de lados opostos das leis espirituais, ambos os espíritos percorrem este mundo e a eternidade.

Acho que deve existir *atração* em um pelo outro, e em ambos há luz celeste para com a humanidade. O desânimo da teologia “ortodoxa,” os seus horrores tristes e mortais não contaminam a atmosfera desses homens. A retórica espasmódica de uma *mudança ou perdição* de Spurgeon, cuja fantasia perigosa e superficialidade proclamada do púlpito jamais vai além do círculo do egoísmo inculto, não pode brotar das nossas fontes da Nova Inglaterra! Em vez das imagens tártaras de diabretes condenados, salvadores ensanguentado, deuses inúteis, guerras celestiais, total corrupção, orações, prisões, bíblias, bombas e decretos irreversíveis de ira, obtemos o brilho estelar das leis espirituais, os clarões de luz de princípios infinitos, os códigos do coração de amizades e vida mais profundas, IDEIAS de Verdade, Justiça e de um Deus na Natureza, por meio dos quais toda a humanidade é reforçada com uma capacidade enobrecedora de realização e progresso.

Em vez de “Vem a Cristo,” “Ganha interesse pela salvação,” “Faz as pazes com o teu Deus,” “A demora é perigosa,” “Voa para o Cristo ensanguentado,” etc., etc., ouvimos as palavras de sabedoria e amor, de confiança e devoção, de religião pura e imaculada, que dizem: “Ama o homem - ama a Deus”; e assim toda a paisagem moral é enriquecida e levada a desabrochar como a rosa.

Eu disse que Emerson é um Mestre, e isso é verdade. A sua alta posição e poder divino vêm de intuições cultas. Ele tem grande estima pelos seus próprios poderes, mas apenas como atributos possíveis para todos os homens. Quando o seu espírito funciona bem, e ele o aplaude e anima, diz: “Vem, ganha coragem com isto, vai além do teu círculo e corrige os erros do mundo com novos testemunhos e esperanças.” Uma inteligência jovial paira sobre a sua testa; e quando as estrelas das intuições se detêm, ele vai para a cidade e encontra diversão: mas as leis espirituais logo devolvem a sua carga ao seu centro. A evidência de um mestre é o poder que tem de deixar passar e trazer todos os outros espíritos para a sua esfera do “pensamento.” Nesse sentido, Emerson não é mestre nenhum. Os interesses pessoais do seu espírito proíbem tal conquista, ainda que possuísse a ambição do vencedor, coisa que não possui.

E é certo que o mundo não pensará os *seus* pensamentos, nem ilustrará com as *suas* imagens de retórica, nem lerá o livro da vida por meio dos seus métodos assistemáticos. Neste ponto surge, pois, a IDEIA central de Emerson - com a qual todos os homens se harmonizarão instintivamente, mais cedo ou mais tarde; e nisto consiste igualmente o domínio divino do homem despretenso. A inspiração ou princípio impessoal dele é “INDEPENDÊNCIA ETERNA DA AUTOCONFIANÇA.” Quase

todos os mestres espirituais do passado, incluindo o manso Jesus, insistiram na humilhação e extinção do indivíduo. Abaixo o eu: viva o teu Mestre.

Aristóteles não deixou espaço para progresso além do círculo dogmático da presunção. Ele era o *carácter definitivo* em ciência e filosofia. O mesmo, de forma mais ou menos distinta, sucedeu com os dogmatismos autocráticos dos diversos espíritos já representados. Não com o Emerson! Ele recusa-se a ditar, desdenha de todo domínio, repele o estudante admirador, centrifuga o mundo, percorre o círculo mágico do desenvolvimento pessoal, lança os raios de sol da verdade eterna e da amizade a partir do zênite da sua órbita privada e diz a todos os homens: “Vão e façam o mesmo.”

Mas há perto da esfera desse espírito uma outra esfera, com a qual o mundo não consegue manter muita doce comunhão. Emana da admiração pelo "poder" do indivíduo. O amor por aquela preponderância e imperiosidade psicológicas, que são detestáveis na exibição e repulsiva na experiência. Carlyle, por exemplo, está agora apenas a romantizar entre os efeitos tradicionais e os escritos de Frederico, o Grande, que por este historiador é exaltado como um criador e benfeitor da Prússia e, de facto, da Europa. Ele já publicou dois grandes volumes sobre o sujeito. A grandeza oculta da realeza (na análise de Carlyle) consiste nos desejos em produzir um povo, na avaliação em consolidar os seus interesses, na capacidade em assassinar oficialmente os seus inimigos, no poder em desempenhar o Mestre de forma magnífica, na sagacidade e força em desferir golpes potentes nas reviravoltas críticas dos assuntos públicos, mas (em justiça, diga-se) sempre sem intriga nem fraude diplomática. Dar origem e engrandecer a Prússia foi a ambição do idoso monarca, a fim de ser um soberano independente e defensor do Protestantismo Alemão, contra as usurpações da coroa Austríaca.

O obstinado e generoso Carlyle é um homem de governo absoluto, é contra a suposta anarquia inevitável do republicanismo e, assim começa com o plano predeterminado de sustentar o heroísmo e o despotismo, pelo menos em teoria. Observemos a genealogia de nosso monarca Prussiano. Ele veio de um pai semi-bárbaro, que foi um tirano para a esposa, cruel com os filhos, injusto com os súbditos, levou os homens mais altos da Europa e da Ásia (cerca de quatro mil granadeiros) a desfilar em Potsdam, foi para a cama bêbado todos as noites durante vários meses sucessivos durante crises significativas, atirou num oficial que não era culpado e perdoou um príncipe criminoso com fins egoístas. Isso em relação ao lado paterno.

Mas Carlyle não fala quase nada sobre o "lado materno" desse monarca, como se a fonte masculina fosse a única fonte dos heróis. Como o nobre Carlyle consegue consumir a mente e horas terrenas na composição de volumes inteiros sobre tal tema

é para mim mais singular e surpreendente do que qualquer coisa que ele já tenha escrito ou possa publicar. Mas enquanto as multidões vindouras se afastam do historiador obstinado, o mundo se apegará ao idealista e contemplará a sua presença no Panteão do progresso.

WILLIAM LLOYD GARRISON, demasiado conhecido no mundo cristão para precisar de introdução, surge agora. (A lembrança do que vi quando realizei um exame psicométrico cuidadoso deste espírito filantrópico e progressista leva-me a sugerir ao leitor que desvie a atenção deste volume para a conclusão de *Penetralia*, onde encontrará um verdadeiro conhecimento das suas características morais e disposições íntimas.)

Embora não pertença à linhagem apostólica dos reformadores espirituais e teológicos — à qual esta parte da obra está especialmente dedicada — Garrison é, ainda assim, o representante reconhecido de uma Ideia central tão sagrada e espiritual como qualquer outro princípio da verdade. Ele mantém-se imóvel e luminoso à “frente e cabeça” de uma tremenda revolução política e moral. É ou foi a fonte solitária de uma cadeia de tempestades entre o Estado e a Igreja; e, estando como está, livre dos conflitos e ilusões dos partidos e seitas, nenhuma mente vê com mais clareza as consequências inevitáveis dos crimes nacionais em vigor. Já foi dito que “os pastores do povo deveriam compreender os sinais das tempestades do Estado. Rajadas ocultas de vento, aparentemente distantes, e inchaços secretos do mar, precedem muitas vezes uma tempestade.” Os sacerdotes e políticos fingem discernir os “sinais dos tempos”, mas, devido aos seus antecedentes comprometidos e medidas prudentes, cegam-se à verdade e não veem o círculo dos acontecimentos à medida que ele rola diante deles.

Mas aqui está um homem de grande cultura natural, lucidez espiritual e força mental. Começou a sua obra há cerca de vinte e cinco anos; mas ninguém, exceto este pioneiro corajoso e líder indomável — e os seus anjos da guarda — conhece totalmente as desilusões, tristezas, desânimos e perseguições pelas quais passou. “O Sr. Garrison,” escreve Theodore Parker, “com os seus companheiros, herdeiros do melhor dos fundadores puritanos da Nova Inglaterra, inflamados com o zelo dos profetas hebreus e dos mártires cristãos, animados por um Espírito de Humanidade raramente encontrado em qualquer desses três, iniciava o seu trabalho nobre, mas com uma humildade tal que, após longa busca, a polícia de Boston concluiu que não havia perigo algum, pois ‘o seu único auxiliar visível era um rapaz negro.’”

Poucos concordam com os “pensamentos” deste homem. Naturalmente, são seus. Mas não será tolice recusar apoiar ou julgar esses pensamentos com base numa razão tão frágil? Suponhamos que, no seu pensamento, ele quer abolir a Lei do Escravo Fugitivo, a Constituição vigente e o Governo dos Estados Unidos; que deseja abolir o tráfico de escravos americano nos mares, classificando-o como

pirataria; que gostaria que o povo do Norte declarasse e mantivesse que nenhum estado escravista seria admitido na irmandade dos estados livres; que preferisse um Presidente do Norte livre, que defendesse que Deus criou todos os homens iguais e lhes conferiu direitos inalienáveis, que uma constituição justa e um governo íntegro devem definir e proteger para todos, independentemente da condição ou raça; e que, por fim, você não consiga acomodar tais ideias da mesma maneira — será essa diferença razão suficiente para considerar-se totalmente certo e ele totalmente errado?

À luz de grandes princípios integrais, você e o seu opositor, no âmago do ser, “são um só, os mesmos.” Quando a IDEIA central de Garrison for escrita, sei que, não importa onde nasceu ou a que raça pertence, você responderá — “Ámen!” — e a divergência de opiniões surgirá apenas onde as vossas organizações individuais diferem em temperamento e formação — com a diferença adicional da educação, que é a mais superficial e efêmera das causas de dessemelhança e conflito.

O homem aqui contemplado é, talvez, a única fonte não adulterada nos Estados Unidos de onde brota a Ideia central em duas palavras: **Liberdade Universal**. As suas aplicações provisórias deste Princípio eterno podem — ou não — ser não-filosóficas, desalinhadas com as leis fixas que moldam o destino das nações. Mas, como pensadores harmoniosos, isso não nos compete. Simplesmente reconhecemos este homem como um agente inspirado para proclamar a mais profunda e sagrada Ideia da humanidade. Por mais que os homens debatam os “pensamentos” uns dos outros sobre a aplicação deste Princípio, uma coisa é certa: terá uma solução universal ou nenhuma. Nada menos do que “toda a verdade” satisfará e desenvolverá o “homem pleno de alma”.

Fragmentos de verdade e gozos parciais da Liberdade, intercalados com políticas oportunistas e incoerências conservadoras, satisfazem apenas almas mal formadas. O reformador que trabalha valentemente por interesses locais e isolados, que é patriótico e ousado apenas em certas regiões, ele mesmo carece do verdadeiro trabalho reformador. O verdadeiro defensor da Liberdade ama e respeita o Princípio nos Estados Unidos porque o ama e respeita dentro do seu próprio espírito. Ama e venera a Ideia e os seus frutos em França e Alemanha, em Inglaterra e Irlanda, na Áustria e Polónia, na Hungria e Itália — por toda a parte — porque a reconhece e honra no âmago da sua própria alma. A luta é sublime precisamente porque é universal.

É o decreto irreversível do Espírito de Deus varrendo as populações da imensidão. Em obediência a esse impulso, o vegetal supera o mineral, o animal transcende o vegetal, o humano ultrapassa o animal, o espiritual o humano, o angélico o espiritual, o celestial o angélico, e o Todo-Belo supera o celestial! Por isso, o reformador deve continuar a sua obra, sem impetuosidade, sem preguiça, sem ódio,

malícia ou desejo de vingança; mas com aspirações inextinguíveis por um desenvolvimento ideal de bondade e verdade universais. Primeiro o Ideal; depois o Real. A coroa dos reis hereditários e o poder do senhor de escravos devem cair juntos. A autoridade espiritual do papa e o chicote do feitor serão enterrados lado a lado, no mesmo túmulo eterno. Uma só e ampla bandeira de Fraternidade Divina abrir-se-á com graça sobre todas as raças. A “Fé” acabará por se encarnar em “Obras”, pois a teoria já caminha pela Broadway em direção à prática lógica. A emancipação de quatro milhões de escravos na América, amante da liberdade, será o sinal para a libertação de vinte e quatro milhões de italianos na Europa, que idolatra a servidão.

Quem pulsa fortemente no coração deste problema divino? Quem silenciosamente formou o partido Republicano da sua era? Quem paralisa perpetuamente a Igreja pró-escravatura? Quem é que, semanalmente, anuncia a Ideia central deste povo e governo? A posteridade responderá: **William Lloyd Garrison**. É esta mente que escreve:

"Lembremo-nos de que vivemos em atos, não em palavras. Cuidemos para não proclamar nenhum princípio que estejamos dispostos a violar, nem a tolerar a sua violação nos outros. A consistência moral de ação é, infelizmente, rara de encontrar, e difícil de alcançar; mas continua eternamente verdadeira a afirmação de que não podemos servir a Deus e a Mammon, nem abraçar Cristo e Belial ao mesmo tempo. Onde quer que o dever aponte o caminho, por aí devemos caminhar, sem vacilar, sem temer os leões que possam ameaçar devorar-nos. Que a nossa canção seja: 'Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Portanto, não temeremos, ainda que a Terra se transtorne, e os montes se lancem ao meio do mar.'"

A força mental outrora solitária está agora rodeada e protegida por uma legião de mestres corajosos e de coração nobre — homens e mulheres — que proclamam as “boas novas de grande alegria, que serão para todo o povo.” Dentro desta cidadela de força, mais alto e mais brilhante até do que o clássico Phillips, cuja simplicidade filosófica e fulgor espiritual são invariavelmente sublimes, vejo o Homem que viverá para sempre no Panteão do progresso.

O ESPIRITUALISMO MODERNO, a personificação indubitável de um grande movimento semi-milagroso, oitocentos e quarenta e oito anos depois de Jesus, vem a seguir. Não chama nenhum homem de "mestre"; embora muitos indivíduos, ambiciosos de distinção religiosa, tenham apelado a todas as montanhas da mediunidade real e afetada para serem assim aclamados e adorados. Uma evidência poderosa e amplamente difundida de que há uma verdade divina a pulsar nas veias do Espiritualismo moderno, é, a certa desintegração e mortificação que se abateu

sobre todo aquele que foi corrupto ou pedante o suficiente para inventar factos ou almejar o orgulhoso cargo de comandante e líder.

Esses desfaleceram e fracassaram irremediavelmente deixando o individualismo do crente quase inteiramente livre e incorrupto. No entanto, há milhares, nestes Estados Unidos florescentes e locomotores da América, que se esquivam do Espiritualismo. Desprezam-no, e principalmente por uma razão, a saber, por não ter tido uma origem rica e magnífica. Os orgulhosos não veneram a humildade. Os grandes não comungarão com os pequenos. Será isso verdade? Vamos examinar: -

GRANDES FINS, MAS PEQUENOS COMEÇOS. — Outro dia recebi uma carta carregada de sentimentos dourados e de pensamentos que brilhavam com a luz prateada da inteligência pura. Eu li, apropriei-me, gostei e respondi. Por fim, o papel em que os caracteres foram traçados atraiu a minha atenção. Era alvo como a neve; em qualidade, fino como a pele da beleza; e preenchido com éteres invisíveis de ordens geradoras de sonhos. O papel físico, no entanto, ganhou supremacia nas minhas meditações. Foi um efeito - de onde veio a causa? A folha era branca de pureza - a sua origem também seria branca e pura? Que mago terá sido o primeiro a deixar a matéria numa condição e textura tão belas e tão úteis?

Através das férreas leis de causa e efeito — a linha da sequência lógica — propus-me a traçar a biografia daquela folha pura, branca, bela e perfumada. E, primeiro, de forma indutiva: da minha mão para o correspondente, do comprador para o vendedor, do comerciante para o fabricante, da fábrica suja para o catador de trapos imundo, do miserável varredor coberto de vermes até aos montes de lixo repugnante, por avenidas estreitas e amaldiçoadas pela pobreza — assim segui a peregrinação privada daquela folha pura, até que a sua origem enlameada foi atingida e revelada ao meu entendimento. “Tristemente verdadeiro é,” pensei, “que o sensorial confunde e engana a mente, afastando-a da sua filosofia nativa. Pois assim, na presença magnética da brancura e da perfeição visível, a escuridão primordial é eclipsada — a imperfeição original eternamente esquecida.”

É por isso — e não por ingratidão — que algumas pessoas falam mal da ponte que as levou a salvo. No gozo das bênçãos, quantas mentes esquecem as fontes até ao ponto de as negligenciarem! E, no entanto, dou graças por isso ser assim! Quem desejaria estar consciente dos hábitos das galinhas devoradoras de vermes ao comer os seus ovos ao pequeno-almoço? Quem se lembraria da matéria cinzenta dentro do crânio — a ferramenta com que a mente cumpre suas múltiplas missões na Terra?

Envolvemos as nossas formas perecíveis em mantos de seda cintilante, mas talvez nunca pensemos uma única vez de onde vem essa seda. A noiva resplandecente parece vestir-se como o próprio dia, com drapeados dourados tirados do guarda-roupa do sol; mas os fluxos silenciosos da fonte dessa forma são invisíveis e

totalmente desconhecidos; ou, se a origem é conhecida, a senhora vestida de seda se choca — o verme que originou a sua veste é repellido, desprezado como coisa imunda e inútil. Contudo, para o filho da Natureza — não caído ou já iluminado — o início infantil é sempre belo.

Por trás de todos os mantos belos há sempre um génio divinamente comissionado, oculto e esquecido. Os trajes de poder e majestade permaneceram por séculos ocultos nos éteres da Terra, guardados nas folhas das árvores; só o génio de um verme rastejante pôde extrair os elementos escondidos, e nenhum outro génio foi capaz, no princípio, de fiar os delicados fios do vestido nupcial da rainha. A invenção e a mão humana fazem a ponte entre o autor-verme e o orgulhoso portador! É impossível que o dom e o doador estejam sempre presentes nos nossos pensamentos.

Ontem, os meus olhos corporais fixaram-se, com encanto e reverência, numa cópia de um quadro mundialmente famoso. As suas qualidades divinas cintilavam como luzes vivas no meu entendimento. O meu espírito elevou-se às esferas celestes, e a minha razão sentiu um refrigério do céu. A pintura original, da qual eu via apenas a cópia, havia em tempos adornado um palácio da nobreza dos Habsburgos. Princesas costumavam levar visitantes reais e artistas privilegiados — os seus irmãos mais eruditos — para se deleitarem no poderoso sonho mágico criado pela sua beleza temível. Era a rosa em flor de um mestre-génio, que — feliz criatura! — fora o primeiro a afastar as nuvens outonais da materialidade da cena encantada; o primeiro a fazer flutuar os seus pensamentos puros até nós, disfarçadamente, na maré de um mar até então desconhecido, a fluir como um sonho de glória cristalina.

“De onde vem tamanha mestria?” — questionava silenciosamente a minha alma. “Quão puro e bom! Quão celestialmente orientado! Quão incessantemente feliz e abençoado deve ser aquele que preencheu esta tela com tanta vida!”

E então discerne-se o caminho para a resposta. Primeiro, o livreiro mesquinho e retraído, associado a um vendedor de quadros esforçado, surgiu diante da minha visão; depois, de igual modo, vi, curvado e implorante por detrás dos comerciantes apáticos, o impressor com mãos sujas; mais atrás, o rosto pálido e infeliz do solitário gravador, trabalhando em casa para satisfazer as necessidades do corpo; e atrás de todos, por fim, num quarto lúgubre — iluminado apenas por luz vinda do mundo superior — alcatifado com sujeira, mobilado com pobreza, decorado com imagens de miséria e desespero, vi o semblante espectral do mestre-génio, o Idealista miserável, o artista muito pobre de cuja riqueza espiritual profundamente guardada surgiu o primeiro quadro, com a sua opulência e significado hipnotizantes — um artista que os intelectuais reconheceriam e os ricos se associariam apenas à porta fechada, com janelas bem forradas, longe dos olhos públicos. Entre o autor-artista e

o admirador arrebatado, há muitos muros que nem sempre o filantropo consegue atravessar ou remover da visão humana.

Na Itália, existe uma combinação de edifícios veneráveis. O seu interior está enriquecido com milhares de livros sagrados em várias línguas, pinturas dos mestres imortais, quarenta mil manuscritos de antigos escribas, e medalhas valiosas de famílias e tribos extintas. Lá também se encontram relíquias curiosíssimas, escavadas por padres e povo das ruínas de templos e palácios da Roma antiga; e setenta mil estátuas ressuscitadas dos túmulos silenciosos da cidade das sete colinas, outrora imperatriz do mundo.

Vendo isto, perguntei: “De onde vem este imenso Repositório da arte primitiva?”

E a resposta é que a sua história pode ser traçada até aos começos mais humildes — traçada, de facto, ao longo de uma longa linha de imperadores, reis, prelados e bispos, até ao Papa Eugénio, que, em 1150, ordenou que o então modesto Vaticano fosse demolido e que se construísse outro, de dimensões magníficas, no mesmo terreno que antes fora o vasto jardim de recreio privado do bárbaro Nero. Aquele déspota cruel jamais sonhou que os seus pés pisavam uma terra que, ao mesmo tempo que escondia o seu corpo em decomposição, haveria de sustentar um edifício sagrado para milhões que só podiam estremecer ao recordá-lo.

A mesa de jantar de carvalho de um amigo, no outro dia, contou a sua própria história. Revelou uma biografia maravilhosa, salpicada de pontos de interesse cintilantes como diamantes, que mergulhava sob incontáveis formas e tipos de vida até ao fundo lamacento de mares desconhecidos, temivelmente escuros e profundos. Talvez também o altivo portador da seda nascida da vida do pobre bicho-da-seda possa ver os germes embrionários da sua árvore genealógica para lá dos babuínos viciosos e de todos os seres animados, até aos berços de pedra e berços de ferro fundido, balançados pelo pé materno de vulcões furiosos, contendo as formas infantis do movimento cristalizado — calcário, minerais, primários, feldspato, mica, hornblenda e quartzo!

Assim como o erudito vê, nas mais sublimes alturas da literatura e nos trechos mais elevados da poesia e da verdade, os simples rudimentos da educação — o alfabeto — também o estudante da Natureza vê, em todas as formas de vida, incluindo a mais bela forma humana, os pontos finos e os pequenos inícios de onde toda a grandeza é progressivamente desdobrada. É um orgulho doentio o que despreza origens humildes, pois os planos mais divinos foram lançados numa manjedoura, e as “crianças pequenas” são consideradas dignas dos lugares mais altos do céu. Que toda a cabeça honre a missão dos pés; e que nenhuma mente inflada seja injusta com o corpo no qual vive e se move, pois assim nasce a “Doença”, e também aquelas discórdias profundas que excluem a luz sagrada da eternidade.

Tudo o que foi dito acima sobre “grandes fins e pequenos começos” é dirigido àquelas mentes ativas que recusam examinar ou associar-se ao Espiritualismo por causa de suas origens humildes e desprovidas de milagres.

Fomos muitas vezes interrogados, com justiça, quanto ao valor moral de acreditar no Espiritualismo. Quais são os incentivos à conduta correta oferecidos por ele, em comparação com os motivos apresentados pelo cristianismo ortodoxo? Um investigador imparcial coloca inteligentemente a mesma pergunta a todas as fés — Sabaísmo, Judaísmo, Cristianismo, Maometismo, Espiritualismo — e afirma, em substância, que “toda crença numa teoria sobre o estado futuro e o destino do homem deve ser avaliada pelos seus efeitos sobre o carácter e a conduta dos crentes.” Este é, para muitos, o critério de julgamento e a proposição principal. Por conseguinte, submetamos o Espiritualismo a essa prova: —

...o carácter humano é uma expressão, ou um reflexo, não de doutrinas abstratas e crenças especulativas, mas de peculiaridades herdadas, de influências envolventes e educação, de tentações, lutas, obstáculos, derrotas e vitórias que, ao longo do tempo, foram assimiladas pelos sentimentos e faculdades do pensamento — sempre em movimento e expansão. A árvore de carvalho, plenamente desenvolvida, é a encarnação não só dos elementos ocultos na sua antiga e apertada bolota, mas também um testemunho da ação dos solos, climas, chuvas, orvalhos, luz solar, tempestades e emanções da vegetação à sua volta. Assim também é o carácter individual do homem: um relatório vivo das múltiplas e variadas influências que agiram sobre o seu sentir e julgar, desde o instante mais precoce da sua individualização.

Todo o Historiador, Poeta, Filósofo ou Psicólogo é, de certo modo, um representante da grandeza ou pequenez da época em que viveu e atuou.

O homem, no início, é apenas um minúsculo Germe de possibilidades espirituais — uma Nota hieroglífica de promessas temíveis e maravilhosas — um Núcleo de energias invisíveis e de capacidades imortais. A partir deste ponto primordial, o seu crescimento físico e a sua expansão mental são naturais, e deveriam ser progressivamente harmoniosos. Nos estágios iniciais da formação e desenvolvimento, ele não difere, em nenhum dos processos secretos, das formas inferiores de organização.

Os primeiros Obreiros encarregados de moldar a entidade espiritual — de erguer e dar forma ao edifício do carácter — são originalmente convocados do abismo ilimitado das causas e princípios inteligentes. Mas esses obreiros imortais, embora divinamente hábeis e persistentemente ativos, não operam milagres. Não podem, num instante, transformar matéria densa em força espiritual, nem elevar fluidos doentes e depravados a sólidos saudáveis — da mesma forma que os poderes solares

não podem fazer surgir uma árvore robusta a partir de solos degradados e fétidos. Por isso, muitas vezes, em vez de simetria externa e beleza mental elevada, o resultado é um organismo inconsistente, dominado por apetites animais e temperamentos em conflito, oprimindo e enfraquecendo a alma e o espírito; e tal mente, mesmo com fé nos efeitos eternos da vida, apresentará características caprichosas, senão viciosas.

Os progenitores podem, muitas vezes, acumular substâncias e ativar forças que resultam em tabernáculos de teto baixo para o espírito eterno, em vez de templos belamente proporcionados e promotores de virtude. O homem, assim, não começa por construir a “casa em que habita”; e, portanto, não importa que fé religiosa lhe seja transmitida pela educação, as expressões rudimentares do seu caráter — ou seja, a sua vida e conduta — não podem ser predeterminadas pelo decreto da sua própria vontade ou desejos predominantes. No entanto, a sua crença, com o tempo, pode modificar o seu caráter e dar cor correspondente à sua vida.

A felicidade mental é um efeito, cuja causa está no desenvolvimento justo e no uso prazeroso das faculdades e poderes inerentes. Tal mente bem equilibrada e naturalmente boa cultiva afetos puros, dá supremacia à benevolência sobre o egoísmo, entroniza a Razão imortal como senhor e legítimo mestre da Paixão, e revela uma beleza colossal e majestade espiritual “pouco abaixo dos anjos.” Quão nobre no porte! Quão infinitas as suas faculdades! Mas todos devem lembrar-se de que esta pessoa tão equilibrada teve, a princípio, mais corpo do que mente, foi mais animal do que humana, revelou mais propensões do que princípios, e viveu guiada muito mais por sentimentos e preconceitos do que por cultura ou intelecto. Todo grande erudito já foi um completo ignorante, como toda civilização partiu de um ponto rudimentar de selvajaria.

A miséria mental, por outro lado, também é um efeito; e resulta de herança irregular e expansão incompleta das faculdades. Caráter e conduta são expressões exatas das condições subjetivas e das circunstâncias predominantes no momento. Neste mundo, é preciso admitir: os mestres mais influentes do homem são físicos, e não espirituais. Pregue-se o mais santo evangelho ao faminto e miserável, descrevam-se as túnicas reluzentes dos anjos aos esfarrapados e congelados — e eles não terão ouvidos para ouvir, nem coração para se comover, nem desejo de compreender ou apropriar-se do que é realmente puro e belo.

Repito: o caráter e a conduta do homem, embora afetados e passíveis de alteração por crenças religiosas, são em geral expressões da organização herdada, combinadas com o “comboio de bagagem” das circunstâncias. Não há equidade comercial possível — sob qualquer teoria de vida imortal — num sistema económico egoísta e coercivamente antagónico. Plante-se uma laranjeira dourada na Nova Zembla: ela definhará e morrerá. Estará, portanto, irremediavelmente corrompida? Lance-se

sementes de rosa sobre leitos de minério de ferro: em breve morrerão, ainda que o solo em redor e o sol por cima sejam perfeitamente adequados ao seu florescimento.

O mesmo se dá com o ser humano. Peça-se ao indigente e nu que se vista de gala; ordene-se ao corpo deformado que se torne gracioso; exija-se ao africano constitucional que se converta em anglo-saxão; ordene-se ao espírito vulgar que sinta virtude e demonstre refinamento; pregue-se, persuada-se, exorte-se, ameace-se com sofrimentos eternos indescritíveis como pena pela desobediência — e o resultado será (como os mil oitocentos e cinquenta e nove anos de pregação “ortodoxa” já demonstraram amplamente) que o caráter humano e a vida quotidiana continuarão, na sua essência, a corresponder não aos preceitos sagrados e formas forçadas de fé, mas sim à estrutura do molde social onde a criança foi lançada desde o dia em que tomou carne e começou a viver entre os homens.

Ora vejamos: não estou a afirmar que o homem seja inteiramente “criatura das circunstâncias”, mas que, em grande parte, o seu caráter é mais uma expressão dessas circunstâncias do que da sua fé religiosa. A proposição principal do nosso Interrogador imparcial é, por isso, filosoficamente criticável. O judeu, o cristão, o muçulmano, o espiritualista — nenhum deveria ter a sua teoria sobre Deus e a Eternidade julgada pela conduta pessoal ou nacional, pois todos confessam que nem sequer se aproximam da majestade ética do seu próprio credo. A história religiosa do mundo mostra que nenhuma teoria de existência futura exerceu metade da influência sobre a humanidade que tem emanado dos governos e das circunstâncias físicas.

Na verdade, independentemente das doutrinas ensinadas e apesar da constante recordação dos mais santos preceitos, o caráter e a conduta do homem são moldados e controlados (principalmente) pelas múltiplas combinações de influências terrenas. Após examinar e avaliar a humanidade em geral, chego à seguinte conclusão: 50% da conduta individual é atribuível à organização física; 30% ao poder das circunstâncias que influenciam o julgamento e a consciência; 10% ao viés educacional; e restam 10% de influência atribuível à ação do outro mundo sobre os homens. Como o barro húmido nas mãos do oleiro, assim é o homem individual na roda das circunstâncias mais poderosas. A sociedade, sob certo ponto de vista, é o gravador psicológico. Um escultor hábil pode fazer surgir beleza ou feiura do mesmo bloco de mármore. A mente humana é organizada e suscetível de expansão sob influências opostas e contraditórias; e a sua disposição dominante assumirá, como a água antes de congelar, a forma do recipiente no qual for inicialmente vertida.

Apesar de todas estas considerações terem um tom apologético, não devem ser interpretadas como justificação para qualquer ato mau cometido por um indivíduo ou grupo que adote uma teoria sobre a vida futura; destinam-se, sim, a combater e remover a doutrina perniciosa de que “o coração do homem é impuro” simplesmente

porque, mesmo com a mente cheia de belos princípios éticos e sublimes concepções de eternidade, ele continua a ser, na prática, apenas o que é. O cristianismo evangélico parece, ao nosso Interrogador preconceituoso, superior ao Espiritualismo moderno; porque, segundo ele, a realização plena das consequências terríveis do pecado obrigaria a uma vida mais pura.

Ele pergunta: “Como motivação para uma conduta justa, a teoria da vida futura apresentada pelo Espiritualismo é mais eficaz do que o cristianismo ortodoxo? Ou é apenas uma brisa suave diante do furacão?” A pergunta é bem colocada, e receberá uma resposta completa. Mas, antes de abandonarmos a ideia de que nenhuma doutrina deve ser julgada pela vida dos seus seguidores, permitam-me acrescentar — ou repetir — este facto:

A mente humana escuta com paciência a exposição oral de teorias, cede ao argumento escrito e às ilustrações, e acaba por adotar — muitas vezes sem se dar conta — crenças num sistema, seja ele atrativo ou repulsivo, desde que os sentimentos e faculdades sejam suficientemente estimulados e impressionados. No entanto, na prática — ou seja, na conduta e na vida — o indivíduo tende, em geral, a expressar de imediato as peculiaridades herdadas e as circunstâncias predominantes que influenciam os seus sentimentos no momento.

Embora o cristão acredite que os inimigos devem ser perdoados e que o bem deve ser sempre retribuído pelo mal, é notório que as nações cristãs lideram guerras e estão entre as primeiras a recorrer à força em todo e qualquer conflito. Acreditam na regra de ouro, mas poucas nações são mais tirânicas como proprietárias de escravos ou mais fervorosas defensoras de instituições despóticas e de planos vingativos de punição.

Disto se conclui que acreditar inquestionavelmente numa teoria sobre a vida imortal — seja ela ligada a uma interpretação admirável ou detestável do governo divino — não exerce, por si só, um controlo significativo sobre a vida e o carácter humano, a menos que circunstâncias externas e interesses pessoais estejam integrados e cooperem com essa crença.

Chegamos então à grande pergunta do mundo:

“Qual é o valor moral do Espiritualismo?”

E acrescentamos:

“Se o Espiritualismo demonstrar que é valioso como promotor do bem-estar e da boa conduta, então merecerá a consideração de todos os homens sinceros, que passarão a investigar as suas evidências.”

A pergunta é justa, e o objetivo é digno de todo o apoio. Portanto, definamos brevemente:

O que é o Espiritualismo?

Primeiro, é fenomenal ou objetivo; depois torna-se subjetivo e filosófico.

O que ensina o Espiritualismo fenomenal?

Ensina, por demonstração direta, três verdades fundamentais:

1. Que o ser humano é uma mentalidade organizada — um espírito — do qual o corpo físico é, geralmente, o representante.
2. Que a “morte” não é senão uma transformação fisiológica e química, que não altera os estados de afeto e intelecto, preservando assim a individualidade da mente.
3. Que as relações dinâmicas entre a Terra e a Terra dos Espíritos são íntimas e perfeitas, permitindo que os que partiram regressem e se comuniquem com os que ficaram.

O valor moral do Espiritualismo fenomenal está precisamente na demonstração que oferece da vida imortal. Ele estabelece essa que é a mais sublime de todas as aspirações humanas. Antes de as verdades objetivas do Espiritualismo se tornarem conhecidas, a esperança na existência pessoal eterna estava envolta em dúvidas — muitas e dolorosas. As mentes preguiçosas ou apáticas não se afligem com isso; não têm inteligência ou energia para duvidar ou formular objeções científicas, como o fazem os que investigam ativamente. Mas, nesta era iluminada pela investigação crítica e filosófica, o mundo civilizado ferve de prosperidades materiais — e também de um ceticismo angustiante quanto à existência pessoal depois da morte. As promessas do cristianismo ou a *Analogia* de Butler pouco valem para quem duvida. Já o Espiritualismo fenomenal, por outro lado, é um antídoto perfeito contra esse ceticismo universal. Ele prova que:

*“O mundo espiritual em volta deste mundo sensorial
Flutua como atmosfera, e por toda parte
Sopra por entre as brumas e vapores densos da Terra
Um sopro vital de ar mais etéreo!”*

Nosso Interrogador imaginário coloca agora uma questão importante:

“A presença suposta ou real de espíritos guardiães tem mais valor moral do que a presença de amigos e parentes encarnados?”

Respondemos: Sim, mil vezes sim.

No plano comum dos sentidos e do convívio físico, onde a familiaridade pode tornar-se enfadonha, o parente encarnado é muitas vezes negligenciado. Mas, quando a morte e a sepultura se interpõem, aquele que partiu torna-se precioso e santificado. A mortalidade é sombria, entediante, e os conselhos dos amigos são

frequentemente desvalorizados. Mas a beleza vívida do além-túmulo confere divindade e autoridade à presença e à voz dos que partiram. Para a mãe solitária, o filho outrora desonrado e sepultado ontem, hoje está “coroadado de glória e honra”, pois o alvorecer da eternidade brilhou sobre o seu ser.

O marido que profanou o nome e a relação de “esposa” enquanto ela vivia, sente no íntimo um novo sentimento quando ouve que a terra se fechou sobre ela para sempre. “Quem me dera,” exclama em arrependimento, “ter sido sempre bom para ela!” Agora pensa nela com mente recetiva e penitente. Na meditação, vê-a vestida de beleza imperecível; e, no seu desespero suplicante, daria mundos por uma palavra sua — uma palavra de perdão. Incorrigível enquanto ela viveu, a sua morte desperta nele um reconhecimento moralmente benéfico da sua existência. Reconhece instintivamente o direito dela de velar por ele e o poder de o orientar. Esta convicção (se apoiada pelo conhecimento dos factos) é capaz de influenciar as suas ações, corrigir o seu carácter em silêncio, exaltar os seus sentimentos — guiando-o como uma “coluna de fogo”, iluminando o seu caminho até à cidade da Mente Eterna.

Assim, passamos a venerar muito mais os seres humanos depois que atravessam o véu da morte. Por essa inevitável graduação das limitações terrenas para a glória do Além, o humilde é exaltado; e o escravo de hoje torna-se o mestre e guia de amanhã. Portanto, concluímos que a crença — alicerçada nos factos do Espiritualismo fenomenal — de que o parente, amigo ou mesmo um estranho, agora santificado, pode ver-nos sempre e em todo lugar; de que certamente os encontraremos face a face; e de que saberão da nossa indignidade, dos nossos erros, da nossa negligência; e ainda assim — perdoarão, amarão, terão compaixão — essa crença, **ao contrário das teorias ortodoxas do além**, é singularmente capaz de:

- Exaltar o intelecto,
- Santificar o crente,
- Modificar seu carácter herdado,
- Vencer o mal com o bem.

E como Longfellow escreveu:

*“O estranho à minha lareira não pode ver
As formas que eu vejo, nem ouvir os sons que ouço;
Ele apenas percebe o que é; enquanto para mim
Tudo o que foi é visível e claro.”*

Quanto às deturpações e incompreensões do Espiritualismo fenomenal — por crentes ou opositores — nada me cabe dizer aqui. Talvez chegue o momento em que

será necessário traçar uma linha divisória entre doutrinas repulsivas sustentadas por uma minoria de pessoas infelizes e desordenadamente organizadas, e os princípios bem estabelecidos de saúde física e desenvolvimento mental, valorizados por milhares de espiritualistas nobres e puros, cuja vida é uma bênção à humanidade.

Claro que nenhum filósofo ou moralista responsabilizará um sistema ético — fundado em factos amplos e variados — pelos erros ou extremismos de uns poucos seguidores declarados. Mas se a comparação for exigida entre o impacto moral do Espiritualismo fenomenal (com apenas onze anos) e o do cristianismo evangélico (com quase dois mil), aceito com alegria a tarefa — e apresentarei um catálogo de “fraudes piedosas”, atos não cristãos praticados por crentes bíblicos, retratos de libertinos e impostores ortodoxos, de abutres políticos que participam do pão e vinho sacramentais enquanto exploram os corpos e almas de homens, mulheres e crianças inocentes — todos membros “em boa e regular posição” nas instituições cristãs.

Controvérsias desse tipo, porém, produzem pouco bem duradouro. Apenas demonstram que a vida e a conduta não são sempre expressões fiéis da crença, e que “quem vive em casas de vidro” (como os polígamos David e Salomão) “não deve atirar pedras” aos vizinhos menos afortunados.

Muitos investigadores do Espiritualismo Fenoménico podem ter sido, e sem dúvida são, ilógicos nos seus pensamentos; conseqüentemente, também nas suas ações e carácter. O céptico frio e repulsivo do ano passado é hoje o nosso fanático desmedido, apenas porque a sua mente está febril com as prosperidades flamejantes deste tesouro imortal da existência futura. O cristão sentimental, há muito habituado a confiar numa autoridade objetiva em matéria de crença, junta-se às nossas fileiras como alguém decidido a tomar vozes espirituais e declarações mediúnicas como “lei e evangelho”. Esta pessoa torna-se rapidamente num “missionário”, nomeado por anjos, para realizar grandes obras de redenção humana. As igrejas ortodoxas despejam nas nossas fileiras os exemplos mais difíceis de superstição e fanatismo. Pobres almas! Tendo estado em servidão mental durante tanto tempo, não sabem como aceitar a Liberdade. Como aves habituadas às limitações de uma gaiola, saltam para cima e para baixo, voam descontroladas e alto, e talvez pereçam com o acumular de fraqueza e excesso. Perante tais manifestações de autoritarismo e com a extravagância de alguns nas nossas fileiras, repito, nada temos a ver, a não ser na qualidade de amigos e mestres que lhes mostram “um caminho mais excelente”.

O valor moral do Espiritualismo Fenoménico manifesta-se principalmente na demonstração da existência individual após a morte. Se o conhecimento positivo desta verdade desejável é ou não moralmente benéfico, deixo ao julgamento e intuições da humanidade. No entanto, na grande obra da cultura e redenção humana, todas as mentes inteligentes dependem (não de maravilhas ou comunicações

espirituais, mas) do que aqui se pode designar por Espiritualismo Filosófico. E o que nos ensina este lado da questão? Ensina, pelas leis de causa e efeito, pela clarividência nas faculdades do pensamento, e por raciocínios intuitivos e de correspondência, que o “Progresso” omnipresente e imutável é a primeira lei do Céu; que as ditas “imperfeições” do globo e as discórdias entre nações serão eventualmente superadas pelo funcionamento perfeito do nosso Pai universal, Deus.

Que a Verdade imortal vive e prevalecerá por todo o lado, sendo a única “luz” capaz de dissipar a escuridão mental e unir a humanidade; que o Amor celestial é a Vida eterna da Mãe Natureza, a presença inspiradora da Divindade em todas as partes do universo, uma Fonte perpétua e inesgotável, pela qual tudo vive, se move e existe; que nunca existiu e não pode existir um “milagre” no entendimento teológico popular do termo; que todas as religiões, credos, seitas, teorias humanas, leis, instituições e governos são de origem humana e (para o Pensador da Harmonia) indicam as necessidades da época e o estado das mentes em que surgiram; que a única autoridade infalível do homem, ou a sua “regra de fé e prática”, é a Luz divina que brilha continuamente nas mais elevadas faculdades da sua organização mental.

Que na medida em que os afetos do homem se tornam mais refinados e os seus pensamentos harmoniosamente exaltados, assim também o mundo será visitado com concepções mais santas de Deus, com sentimentos de Fraternidade mais sagrados e com contemplações do universo mais amplas e dignas; que as condições e experiências do indivíduo após a morte estarão em conformidade com o desenvolvimento dos seus sentimentos e intelecto antes de deixar a Terra; e, por fim, que o carácter humano é efeito de causas tanto interiores como circunstanciais, é sempre suscetível a influências externas, e será, em última análise, harmonizado pela vontade espontânea ou pelas leis sempre ativas da Grande Mente Positiva.

As proposições éticas acima apresentadas são os princípios orientadores do Espiritualismo Filosófico (que, noutro lugar, designo como “Filosofia da Harmonia”), a qual, naturalmente, abrange um vasto campo de belas concepções, bem como regiões ilimitadas de problemas psicológicos e de descobertas científicas quase inumeráveis, não incluídas neste volume. Do ponto de vista moral, não conheço qualquer teoria sobre a vida futura ou sobre esta vida que seja mais, ou mesmo tanto, capaz de estimular o intelecto e exaltar os afetos inatos.

O verdadeiro crente é santificado pela sua crença e demonstrá-la-á na sua vida quando estiver menos oprimido pelas circunstâncias. Deve, por necessidade, ser amigo de todo o ser humano! Jogo, mentira, luxúria, embriaguez, infidelidade conjugal, tirania, escravidão, egoísmo, doença — nenhum destes males e vícios pode desfigurar o verdadeiro Espiritualista Filosófico. Ele respira e atua a partir de centros divinos.

Os princípios são os mandamentos da Verdade. Ele deve ser amigo de toda a instituição filantrópica que tenda a prevenir a pobreza e a remover as causas do crime. As crianças devem nascer bem; não, como tantas vezes agora, como resultado de acidentes nupciais legalizados e de excessos. Ajudará a desenvolver gostos e hábitos corretos nas crianças e jovens, não só pelo exemplo, mas também com literatura instrutiva e cativante. A mente jovem será treinada para analisar, classificar, criticar e raciocinar, como sob a luz da inspiração vinda de graus superiores de existência. Sob tais princípios, a sociedade será salva dos pecados e conflitos. A poesia, as imagens e a música substituirão os sermões, os púlpitos e as orações. E Deus, o Espírito-Pai-e-Mãe, será tudo em todos. Com a prece de Browning, tão cheia de esperança corajosa, dizemos:

“Não faças mais gigantes, Deus!

Mas eleva a raça de uma vez! Queremos apenas
usar a nossa força, a nossa força humana.

Todos a começar de igual forma, todos equipados da mesma maneira,
Dotados igualmente, todos com olhos de águia, corações sinceros —
Vê se não conseguimos vencer os teus anjos!”

O nosso interrogador imaginário pergunta: “Como motivo para uma conduta reta, será a teoria do Espiritualismo comparável ao Cristianismo ortodoxo, mais do que uma brisa suave comparada a um tornado arrasador?” A nossa resposta é que a mente humana pode ser refreada, mantida sob controlo e enterrada pelo sectarismo e intimidada pelas suas ameaças; mas nada mais. Reforma, crescimento interior, é impossível! Encerra-se o homem numa masmorra de granito, exclui-se a luz do céu interpondo placas de ferro onde deveria haver vidro, e depois ordena-se-lhe que reze todos os dias para que Deus envie luz solar através dessas paredes sólidas! O que viria?

Apenas os ecos mortos da voz do prisioneiro, regressando à alma com asas de corvo, esmagando o anjo da “Esperança” até à morte, esfomeando a “Fé” pouco a pouco, e sepultando a “Caridade” sob o ferro e a pedra do coração. Quem pode ser reformado e santificado através da diminuição do seu intelecto, da rendição da sua razão a uma fé aterradora, acreditando que novecentos e noventa e nove em cada mil serão eternamente miseráveis?

A American Tract Society, de Cincinnati, Ohio, publicou recentemente um folheto evangélico [n.º 34], no qual se lê o seguinte: “Cristo é ou vida ou morte eterna! Sobre quem esta Pedra cair, será reduzido a pó!... Beijai o Filho, pois, para que não Se ire e pereçais pelo caminho, quando a sua ira se acender, ainda que por pouco! É coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo!!!” Isto é o Cristianismo “evangélico”, tal como recebido e propagado no belo e dourado Estado do Ohio!

Será que esta mitologia salvará o mundo? Funciona como motivação para uma conduta reta? Pode alguém beijar o odioso — o temível e o bélico — com um beijo honesto? “Fuga” e “Terror” eram os esplêndidos corcéis do deus grego da Guerra! O lobo era feroz e o cavalo furioso: por isso foram mortos, e os altares de Marte manchados com o seu sangue. Sangue, morte e destruição eram as suas companhias favoritas. Que bem fez este monstro? Foi ele como “um tornado arrasador” de motivos para a retidão individual? O espírito de Pax, a deusa celestial da paz na terra, como “a mais suave brisa”, realizou obras de justiça no silêncio das estações e da alma.

Aqui está a tradução para português europeu, com o texto corrido e adaptado para manter fluidez, clareza e fidelidade ao tom filosófico e poético do original:

Eis a terrível figura de Lúcifer a amaldiçoar a criação com a sombra da sua asa mortal — uma conceção imaginária do mundo oriental, que a Pérsia delineou e coloriu como Ahriman, com os tons sombrios do inferno, e que todas as nações pagãs exageraram com a adição de algum novo horror — essa figura "que Dante moldou em carne palpável e que Milton esboçou com assombrosa amplitude de proporção e vividez de carácter — cornudo, com cascos, presas, cauda de dragão e língua de víbora, composto de besta, homem e anjo, espírito da terra, espírito do ar, génio maligno, Mefistófeles" — poderá o que há de bom e nobre no homem ser despertado por esse “Cristianismo evangélico” que baseia as suas esperanças de sucesso no medo de um monstro como este?

O Espiritualismo Filosófico é uma revelação de Princípios divinos — das leis vivas da Verdade — que impõem ao indivíduo uma auto-disciplina saudável, fazendo de cada um o guardião do seu próprio progresso, com o sentimento de fraternidade e o conhecimento da imortalidade. Sob o brilho benigno desta conceção fundamentada em factos sobre a natureza e o destino espiritual do homem, a apatia da esperança, o domínio da paixão, a estagnação da justiça, a prevalência do crime e o declínio do bem tornar-se-ão absolutamente impossíveis. Toda a humanidade está viva e é inseparável!

Os altos céus inclinam-se com o peso e a grandeza das suas bênçãos incontáveis — sim, com olhos sagrados que olham, por vezes, com lágrimas para as nossas loucuras, mas sempre com amor quando fazemos florescer as rosas da saúde e da paz nos nossos lares e nos nossos corações — e assim aprendemos que as raças, as seitas, os governos de todos os países são apenas partes de uma mesma família e de um crescimento sucessivo; e, com base na sacralidade e imutabilidade de um Princípio eterno, descobrimos e sentimos que uma injustiça feita a um homem — em qualquer lugar, por qualquer pessoa — é uma injustiça e uma desonra para toda a irmandade espalhada por toda a parte.

Mas não é só isto. Examinamos e respeitamos o passado porque, através dos factos do Espiritualismo Fenoménico, descobrimos que ele paira sobre o Presente e se estende muito, muito longe no Futuro. Por teorias antigas, opiniões obsoletas, “farrapos e trapos”, não sentimos qualquer veneração. Não nutrimos amor devocional por nenhum dos antigos Mestres — Moisés, Abraão, David, Licurgo, Platão — mas a todos eles, e aos cem outros sem nome, ressuscitados de cada leito de morte gloriosa do passado, os nossos pensamentos elevam-se com reverência. Eles são novos, não “antigos”. Contemplamo-los espiritualizados além do rio Estige, sob os círculos dourados da Terra Prometida.

Assim, deixando os mortos sepultados para os vivos, afastando-nos do bolor e do mofo dos séculos, avançamos! Teremos nós motivos insuficientes para vidas retas? O nosso “Éden” é, poeticamente, intuicionalmente e profeticamente, um eco do Passado sonhado; mas, na prática e na filosofia, é uma experiência ainda por desenvolver — um facto do Futuro. A “Terra Santa” não está aqui nem ali, geograficamente; mas (na nossa religião espiritual) está em todo o lado sob os céus! Entre as miríades de almas e tarefas dos que partiram, as obras — daqueles que conhecemos e amámos — brilham como rostos angelicais, resplandecendo com lições de amor e sabedoria e tendo um espírito que apenas se deleitava em ser o bem que vemos; e, voltando os olhos para a existência que nos espera após a morte, contemplamos o sol nascente da justiça universal com cura nas suas asas! Quem, então, recusará ao Espiritualismo um assento de honra no Panteão do Progresso?

A FILOSOFIA DA HARMONIA, que representa a forma final do ciclo atual do destino, é o passo seguinte e último — os seus métodos simples, intuitivos e filosóficos de raciocínio são expostos e explicados no capítulo inicial deste volume. Que os seus processos de raciocínio são etiológicos ou centrados nas causas, e que o seu efeito é eudiométrico sobre a atmosfera moral desta existência rudimentar, são factos tão claros que não necessitam de mais do que esta referência para serem estabelecidos. Das inumeráveis ideias, ilustrações peculiares e conceções sempre renovadas desta Filosofia, nada mais é necessário além da leitura das várias obras já publicadas, para sua definição e ampliação. Também não é preciso insistir novamente na nossa proposta frequentemente repetida de que estes “pensamentos” não são infalíveis, mas apenas explicativos e sugestivos para outras mentes; trazendo consigo, como é inevitável, a marca individual das inspirações e características do autor.

Mas a Ideia central da Filosofia da Harmonia é inerente a todo o espírito e será, em última análise, afim a todos os graus de mente. E, no grande futuro que se abre neste planeta, ela há de permear, moldar, orientar e regular todos os interesses da humanidade. A sua inspiração nuclear, o centro aurélico de atração em torno do qual todos os seus princípios giram, tal como o globo gira sobre os seus eixos, é o Amor Perfeito por toda a Sabedoria. Por Sabedoria entende-se o somatório de todos os

princípios impessoais e eternos. Conhecimento, juízo, entendimento, por outro lado, são os resultados da observação sensorial acumulada e da experiência; bem como dos pensamentos teológicos e das conclusões lógicas daí derivadas. “Sabedoria”, portanto, é o nome dado à mais elevada encarnação e compreensão de todos os princípios científicos, filosóficos, espirituais e celestiais; ao passo que “conhecimento” é o nome que a Filosofia da Harmonia dá à recordação prática ou utilizável, por parte da mente, de factos, coisas, eventos e experiências.

No entanto, o conhecimento é o precursor e servo ordenado da Sabedoria; o vestibulo bem adornado que conduz ao templo interior da Verdade. E aqui sou advertido a republicar e enfatizar muitas frases importantes, mas raramente lidas, sobre o método de raciocínio da Harmonia.

É por métodos como os acima referidos que uma conceção da Causa Primeira é forçada à mente do investigador. E, em relação a este grande tema, o homem argumenta assim: algum princípio, alguma substância, deve ter existido previamente, ou as coisas que existem não poderiam ter existido. Ele não consegue conceber que do nada tenha surgido algo, e que esse algo tenha sido organizado em formas como as que os seus sentidos percebem; pois o Efeito não poderia existir sem Causa. Todas as coisas são efeitos, fins e utilidades; ou seja, são instrumentos e agentes que desenvolvem exteriormente aquilo que contêm interiormente. A contemplação interna da Causa Primeira é, por si só, um caos de meditação. Por isso, tomamos por adquirido o axioma estabelecido e universalmente admitido da Causa Primeira, e falamos dos atributos que constantemente fluem dessa Fonte Eterna, através dos corpos dos sistemas estelares e solares, da terra, da existência vegetal e animal, da Humanidade e da Inteligência.

Nenhuma combinação possível de números seria suficiente para apresentar à mente humana a quantidade de esferas contidas no vasto oceano do sistema estelar. Se cada partícula de matéria que compõe esta esfera fosse numerada, o total nem sequer daria uma ideia da quantidade de mundos no espaço infinito! Uma formação constante ocorre em todas as partes do Universo. Todas essas partes estão em contínua mudança e troca; partículas são expelidas de esferas existentes e adicionadas a outras, ou unem-se para formar novas. Existe uma condensação e consolidação universais da matéria, causadas pela dissipação ou repulsão do calor e do éter que ela continha no seu estado fluido; e, conseqüentemente, há uma receção e rejeição constante de partículas entre todos os corpos do Universo. Esta constante formação, criação, ou antes, reprodução, é provocada pela lei originalmente instituída e que perpetuamente cumpre o seu papel legítimo. Além disso, não há qualquer impedimento na totalidade unida que a impeça de produzir resultados essenciais e particulares. Também o movimento universal e a atividade reprodutiva do Todo são causados por essa mesma lei progressiva que produz as modificações e

refinamentos constantemente observados nas partes; e, assim, o Todo torna-se adequado a diferentes esferas de associação.

Aqui está a tradução em português europeu do excerto apresentado, adaptada ao registo fluente, filosófico e coeso do original:

Existem, portanto, centros em torno dos quais inúmeros planetas gravitam; e planetas que, por sua vez, giram em torno desses centros; formando-se assim um círculo após outro. Tal como o sol e os seus planetas, forma-se uma esfera de ação, em torno da qual esferas subordinadas se movem com precisão matemática e invariável, até que, a partir do centro e em direção ao exterior, se desenvolvem círculos concêntricos a partir do círculo inicial, até que se atinge o ponto mais distante da sua poderosa e controladora influência.

Conceba-se o sol, os seus planetas e os respetivos satélites — a sua composição e as funções que desempenham — e ser-se-á capaz, pelas leis da analogia, de compreender indefinidamente os movimentos do espaço infinito, e de conceber os inumeráveis sóis e centros de movimento e atividade semelhantes. Pois cada esfera ou astro no espaço ilimitado pode ser concebido e compreendido pela luz da analogia. Contemple-se um Poder tão vasto, tão onnipotente, tão eterno, que institui uma lei na matéria capaz de produzir aquilo que se sabe existir! Medite-se sobre o número inimaginável de esferas contidas abaixo, ao redor e acima deste teatro transitório da existência; e que os pensamentos que contemplam os elementos e forças contidas nas esferas celestiais da existência sejam igualmente ativos! E pense-se na força e poder onnipotentes que se manifestam em todos os seus movimentos unidos e harmoniosos! Eis, assim, um sistema perfeito de formação material, sustentado por uma Força e Lei invisíveis, perfeitas em todas as suas forças e movimentos, os quais são observáveis e inegavelmente reais!

Não existe pensamento suficientemente profundo ou expansivo que possa abranger a totalidade e operação do Poder Infinito! Pois esse poder é tão perfeito no sistema solar como o é em todos os sistemas e reinos existentes neste globo terrestre com o qual nos relacionamos. Manifesta-se nas várias divisões da formação; nos grandes reinos que foram desenvolvidos progressivamente; e no processo perfeito e eficaz pelo qual são constantemente e invariavelmente produzidos. Em todos os reinos das formações físicas e orgânicas da Terra, é revelada uma força inesgotável, incompreensível e onnipotente, que os impulsiona e a todas as suas manifestações e reproduções! Tão perfeita é essa força, tão harmoniosa e bela na sua ação, que nada é destruído ou aniquilado; todas as coisas cumprem o fim para o qual foram originalmente concebidas. E tanto num campo de observação minucioso como num mais abrangente, a mesma força revela-se continuamente ativa na produção e purificação das partículas, assim como na sua associação com outras de afinidade semelhante, até que a própria substância da Sensação se desenvolve em Inteligência;

e então, a inteligência, enquanto refinamento de tudo o que existe, pode associar-se a toda a inteligência correspondente.

A Terra e tudo o que nela existe, bem como o sistema que está acima, abaixo e em todo o espaço, unem-se nas suas manifestações indizíveis para impressionar a mente com essa verdade profunda e solene que é o grande pilar de toda a verdade: que a Grande Causa Primeira possui, como um dos seus atributos, a essência e qualidade de um Poder inimaginável, incompreensível e eterno! As impressões recebidas de todas essas manifestações são irresistivelmente sublimes, convincentes e maravilhosas. As expressões que a Natureza utiliza para transmitir tal conclusão são de tal natureza que apenas o homem interior as pode receber e com elas se associar. As evidências disto não podem ser adequadamente expressas pelo homem; mas são demonstravelmente penetrantes e convincentes, como a voz interna de toda a Natureza.

O encadeamento de ideias anteriormente exposto estabelece o atributo eterno da Onnipotência. E, ao observarmos os movimentos poderosos de todas as coisas contidas nas esferas terrestres e celestiais, é inevitável a concepção de uma Sabedoria Divina que legitima e acompanha tal conclusão. Os incontáveis centros do sistema estelar; os muitos sóis, com os seus planetas e satélites; a precisão perfeita dos movimentos gerais de todos estes corpos; o seu ajuste regular e conectado; a harmonia distributiva e o equilíbrio das forças e dos movimentos que constantemente exibem — tudo isto são manifestações de uma grandeza, beleza e ordem indizíveis.

As inclinações regulares das órbitas e eixos, as distâncias definidas entre globos; a constância do movimento, e a direção uniforme que todos seguem; a simpatia aparente e a reciprocidade entre as esferas e atmosferas dos corpos inumeráveis e aparentemente independentes; a ação conjunta e constante que cada um destes manifesta — tudo converge para forçar na mente a impressão irresistível de que os grandes e unidos movimentos do Universo são realizados segundo um ajustamento inconcebivelmente perfeito de leis matemáticas e mecânicas, e que tudo é guiado, nos próprios movimentos da sua vida e atividade inerentes, pela essência da Sabedoria Onnipotente!

A sua formação e procriação; as suas partículas e componentes manifestam, na sua ordem e disposição, a perfeição da pura Sabedoria e Inteligência — enquanto a sua extensão numérica e modos diversos de desenvolvimento transcendem infinitamente as mais altas capacidades de cálculo e demonstração humanas. Nenhum processo de raciocínio analógico, nem cálculo matemático, atingiu ainda o grau de perfeição capaz de demonstrar e calcular as distâncias exatas a que estas esferas se movem, a imensidão do espaço que ocupam, e a harmonia do Todo!

Mais ainda: os investigadores da geologia determinaram as eras relativas em que as várias formações foram gradualmente produzidas. E também que os estratos sucessivos, do primeiro ao último, foram desenvolvidos de forma progressiva, de acordo com as indicações internas que agora apresentam. Com cada um destes desenvolvimentos surgiram produções correspondentes de vida vegetal e animal. E se a cadeia está ou não intacta desde o primeiro aparecimento de espécies vivas até às que hoje existem, é uma questão sem relevância essencial para as induções legitimamente obtidas; pois a generalização das ciências geológica e fisiológica conduz a verdades universais correspondentes. Assim, o desenvolvimento ordenado da Terra, e dos seres orgânicos que a acompanham, manifesta uma Sabedoria e Desígnio indizíveis!

Também através do labirinto de inúmeros desenvolvimentos inferiores até ao Homem, se observa constantemente o mesmo. A ação da Natureza baseada no princípio de causa e efeito; a sucessão das quatro estações; do dia e da noite; a contínua produção e reprodução de todas as coisas, como determinado pelo funcionamento harmonioso e constante desses princípios fundamentais da Natureza, e que tornam fértil a terra; o constante aperfeiçoamento e purificação de todas as partículas que compõem o universo material e orgânico; o repouso relativo das funções da vida vegetal durante as horas de escuridão, de modo a permitir uma perfeição madura — tudo isto fala, de forma clara e impactante, de uma Sabedoria sem limites!

E há também um tempo para o repouso físico humano, para que os muitos órgãos e funções do corpo possam recuperar o que foi consumido durante as horas de atividade, de modo a que haja um fornecimento constante e uniforme de materiais e forças, gerado a cada hora e a cada segundo, pelos movimentos energéticos da organização. A contemplação da estrutura e da adaptação mútua de todas as suas partes, e dos fins aí manifestados; das propriedades químicas essenciais que compõem os fluidos e sólidos; da reação regular e transmutação de cada partícula das substâncias sólidas e líquidas do corpo; da lei harmoniosa e constante que sustenta o conjunto, desenvolvendo causa, efeito e finalidade em cada movimento e partícula da sua organização — tudo isto, aliado às contemplações anteriores, conduz a mente a uma convicção interna e profunda: desde o sistema planetário às formações e desenvolvimentos geológicos, das criações vegetais e animais ao Homem, todas as coisas estão ordenadas e dispostas segundo uma Sabedoria Divina.

A lei da gravitação; da repulsão; da progressão; — bem como a evaporação e o refinamento das partículas existentes na superfície da Natureza; o bem imenso e inconcebível que está constantemente a ser produzido; finalmente, a beleza e a harmonia de todas as COISAS; a Causa, o Efeito e o Fim; o Desígnio; os usos; a simplicidade eterna e imutável dos movimentos externamente manifestados — ainda

que demasiado imensos e poderosos para serem totalmente compreendidos — falam apenas com a voz do Poder e da Sabedoria eternos.

Claro! Aqui está a tradução para português europeu, mantendo o estilo elevado, meditativo e filosófico do original, agora em texto corrido:

E a mente que assim contempla a Natureza, com todas as suas diversas forças e movimentos, recebe verdades distintas e impressionantes a partir dos universais da existência, que acendem em si uma chama intelectual de reverência e adoração! E, por meio da meditação constante e profunda, essa chama há de arder, brilhar e purificar o princípio interno da vida orgânica. O campo para tais meditações é ilimitado, pois os próprios pensamentos são insuficientes para conceber a sabedoria elevada e profunda que emana da Grande Causa de todas as causas.

E, ao admirar a sabedoria tal como é vista e sentida em todas as coisas à sua volta e acima, a mente é ainda mais profundamente tocada e com uma percepção mais clara de um atributo ainda mais perfeito — o da BONDADE. O número incalculável de mundos que a mente já contemplou, com a sua capacidade de ação e o sábio ajustamento dos seus movimentos, revela bondade e propósito em todas as suas diversas esferas e estados de atividade. A bondade manifesta-se no facto de cada lei de natureza positiva produzir efeitos de natureza negativa; e o equilíbrio existente entre todos os movimentos e forças faz com que o princípio da bondade se revele desde o centro até à periferia das suas ações conjuntas.

E também todas as ciências paleontológicas, quer sejam rastreadas até ao presente, quer recuadas até causas anteriores, demonstram a constante adaptação e sucessão de partes que servem como agentes e instrumentos para produzir efeitos futuros, os quais, por sua vez, produzem outros ainda, até que o conjunto, culminando na formação do Homem, apresenta uma cadeia unida de progressão — um sistema de círculos concêntricos de desenvolvimento — e o Todo exhibe beleza, propósito e desígnio. Cada círculo sucessivo revela um poder infinito, sabedoria e bondade, até que, combinados, produzem o Homem como culminação — e todas essas fases e operações foram princípios essenciais, conduzidos através da Natureza com o propósito de gerar este sublime Resultado.

E como o homem contém as substâncias aperfeiçoadas e refinadas de tudo o que existe, ele torna-se o emblema deste grande Atributo. Pois o Homem, por meio do princípio da bondade, possui uma constituição intelectual que lhe permite exercer poder, sabedoria e bondade sobre tudo o que se encontra abaixo do seu estado elevado, nos reinos vegetal e animal. E para que a Terra pudesse ser útil, e para que as plantas e os animais acrescentassem utilidade a essa mesma Terra, era absolutamente necessário e bom que houvesse sobre eles um senhor e governador. Se todas as coisas inferiores à constituição do homem existissem sem ele, não

haveria bons resultados visíveis, conhecidos ou apreciados. Pois, nesse caso, a vida das plantas e a sensação e instinto dos animais teriam sido o ponto mais alto de desenvolvimento, e não haveria perfeição ulterior desse mesmo princípio. Consequentemente, de acordo com as leis da sabedoria e da bondade, o Homem, com todos os seus poderes físicos e capacidades mentais para exercer julgamento e justiça sobre todas as coisas, compreende, pela ação do seu princípio interno, a adaptação perfeita de todas as coisas a si próprio, bem como a perfeição de tudo aquilo que se aproxima de si, de modo a que possa subsistir sobre a constante produção e refinamento dos elementos e substâncias contidos nos diversos reinos inferiores. Esta adaptação e harmonia perfeitas de todas as coisas enviam, assim, através do Universo, a mensagem imutável dos atributos divinos do Poder, Sabedoria e Bondade infinitos — e de modo tão impressionante que as palavras não bastam para transmitir os pensamentos que daí decorrem.

Mais ainda: por todo este vasto oceano da vida orgânica, todas as leis, forças e movimentos conhecidos, quer nas esferas celestes quer neste próprio globo, cumprem a sua função (salvo se incidentalmente obstruídos), com a mais perfeita Justiça e Equidade. E também, como os constituintes materiais de todas as coisas estão reunidos na constituição do Homem, ele pode exemplificar esse princípio, e assim obter-se uma verdadeira concepção de Justiça correspondente. As leis que regem a constituição orgânica e mental operam, segundo a sua natureza, com ação firme e ininterrupta. Mas se alguma dessas leis for interferida por qualquer impedimento incidental ou violação intencional, surgirão inevitavelmente os resultados naturais correspondentes. Se todas as exigências da lei fisiológica não forem devidamente e justamente obedecidas; se essa lei for de algum modo violada, num sentido particular ou geral, haverá, por necessidade, um resultado correspondente à transgressão.

Do mesmo modo, se a lei mental for violada ou desrespeitada nas suas exigências sobre o ser que a ela está sujeito, produzirá em todos os casos um resultado correspondente. Pois todo o movimento deve produzir resultados naturais. Assim, se alguma lei for impedida, a consequência será a geração de resultados impuros; mas se não for interferida e for obedecida em todos os seus requisitos, produzirá efeitos puros e felizes. Portanto, está constantemente em operação a lei e o princípio da Bondade, para produzir efeitos puros; e (como manifestação oposta ou negativa), uma interrupção das suas forças produz resultados impuros. E entre o puro e o impuro; entre a bondade e os seus efeitos legítimos; entre a harmonia e a desunião, pode ver-se ainda mais claramente o atributo infinito da Justiça sem fim!

A superfície da Terra pode ser comparada ao espaço e tempo infinitos, tal como concebidos pela mente humana. As várias e inumeráveis formas, planetas e corpos existentes no espaço podem ser comparados com as formas, corpos e organizações aqui existentes. Pois cada esfera celeste não é mais do que uma forma assumida pela

matéria em obediência à sua onipotente lei de progressão. As formas e entidades aqui existentes não são mais do que modificações e produções correspondentes dos elementos materiais que compõem o Universo. Todos os corpos sobre a Terra são sustentados na sua superfície por leis que atuam em conexão e correspondência com a lei universal de Causa, Efeito e Finalidade.

A atmosfera desta esfera retém em si os muitos seres vivos e entidades que nela existem. E cada outra esfera possui também a sua atmosfera, correspondente à atmosfera terrestre — regida pelas leis de atração e repulsão, ou inspiração e expiração, influxo e refluxo, dando e recebendo. E toda esta cadeia cumpre os seus deveres específicos com base em leis que correspondem às da esfera mais refinada e exaltada nas regiões do infinito. Assim, pode observar-se uma correspondência e analogia positiva existente entre e a ligar todas as coisas que emanam da Grande Esfera ou Foco da Grande Mente Positiva.

Justiça e Equidade são, portanto, acompanhantes legítimos dos princípios anteriormente mencionados; e desde o primeiro atributo até ao último, e da combinação de todos como formando a concepção da Perfeição infinita, desenvolve-se e expressa-se em todas as coisas visíveis e invisíveis o atributo indizível da Verdade Eterna!

Assim, primeiro existiu o Poder. O desenvolvimento seguinte revelou a Sabedoria infinita; e mais além, a Bondade sem limites! E depois, o movimento tornando-se refinado e aperfeiçoado em Sensação e Vida (correspondente à vida celestial das esferas planetárias), revela a grande lei e o atributo da Justiça universal. E pela constante simpatia, bondade e benevolência manifestadas na impercetível reciprocidade de todas as suas partes e partículas, desenvolve-se ainda outro atributo — o da Misericórdia imparcial!

Compare-se mundo com mundo; espaço com tempo; forma com forma; partículas com a totalidade da existência; causa com efeito; efeito com fim último, e este com o desígnio. Depois investiguem-se as leis ocultas do movimento material e orgânico. Mantenha-se em vista, ao longo de todo este encadeamento contemplativo, a grande Mente original, a Causa de todas as coisas conhecidas como efeitos, e daquilo que não é visualmente conhecido, mas que existe — o derradeiro estado da perfeição material. Conceba-se uma vez mais o grande arco da Natureza, e como foi produzido. Contemplem-se ainda mais profundamente as causas cuja existência é provada pelos efeitos; e então nascerá na mente a concepção — esse conhecimento pacificador e sublime — de que a própria perfeição, o mais elevado refinamento possível dos atributos anteriores, a verdadeira natureza e qualidade essencial da Grande Mente Positiva, é a Verdade — imutável e eterna!

Aqui está a tradução para português europeu, com um estilo fluente, filosófico e coerente ao tom profundo e contemplativo do original, em texto corrido:

Não há um único aspeto da Natureza que se apresente ao observador atento que não esteja marcado com o selo da sua origem divina. O mesmo pode ser observado em cada planeta, em cada forma e esfera do mundo mineral e vegetal, em cada modificação anatómica e morfológica da planta. Também o reino animal transporta esse cunho indestrutível, na sua harmonia constante e irrestrita, e na produção e reorganização contínuas que se manifestam através de todas as suas esferas, até ao Homem. A composição física e mental do ser humano, as suas faculdades e capacidades, continuam em tendência progressiva em direção aos seus sublimes resultados. E todas estas coisas são expressões de uma Verdade imutável, de uma Perfeição divina, e de um princípio eterno de Inteligência divina. Poder, Sabedoria, Bondade, Justiça, Misericórdia e Verdade — são os desenvolvimentos graduais e sucessivos de um Princípio eterno e interior, que constitui a essência original e divina.

Estão assim estabelecidos a lei do progresso, o desenvolvimento, a ciência das correspondências, a doutrina dos círculos concêntricos, a ideia de uma cadeia interminável de ação, movimento e desenvolvimento por toda a Natureza, a imortalidade de todos os homens, um estado de existência purificado e perfeito, e a unidade e harmonia de todas as coisas.

O impulso particular e puro por detrás desta totalidade de Princípios imutáveis é aquela atração irresistível e sem mistura que é sentida pelo espírito em direção à “verdade”, pela sua própria glória imortal. A paixão é da alma, da consciência animal; mas o Espírito, dentro da alma, é a fonte do amor. Os “factos” pertencem e são procurados pela alma; mas o Espírito, no mais íntimo, ama a presença e a bênção da “verdade”. A alma é a origem e o campo de jogo dos “pensamentos”; mas a essência espiritual é o oceano das “ideias”. Compreenderá agora o leitor que a definição da Filosofia da Harmonia é, no seu âmago, isto: um amor divino, desinteressado e desapegado por Princípios imutáveis. E dado que todos os princípios compreensíveis e pensáveis emanam do centro espiritual do indivíduo e fluem daí por todas as direções do raio infinito, o verdadeiro Filósofo é, por necessidade, um buscador livre e progressivo de toda a verdade, em todas as direções. As ideias do Espírito humano são omni-foliadas — possuem múltiplas folhas, formas e expressões.

Tocam e misturam-se inseparavelmente com as linhas de vida infinitas do Pai-Deus e da Mãe-Natureza; de modo que filhos e pais tornar-se-ão, em essência, “um só e o mesmo” na qualidade da sua experiência. Mas, na quantidade dessa experiência, haverá sempre uma diferença permanente, devida à diferença de capacidade entre os Pais Eternos e os seus filhos angélicos e finitos. “Eu e o Pai somos um”, é a

declaração intuitiva do espírito sobre uma unidade eterna, e sobre a alegria que, por consequência, o aguarda.

O termo “Harmonial” é, pois, usado como adjetivo para descrever a qualidade do “amor” que um indivíduo deve — e necessariamente tem de — levar à investigação dos princípios ou verdades. Pois, se um homem procura encontrar e compreender uma verdade apenas porque imagina que a sua posse lhe trará vantagens egoístas, então não só não progride em direção ao Bem Eterno, como essa própria verdade atua sobre o seu espírito como se fosse um erro e um mal. Certas mentes amargas e discordantes, por exemplo, relatam um facto ou uma verdade com um tom, gesto e temperamento que inevitavelmente convertem o efeito dessa comunicação, noutra mente, numa falsidade da mais detestável forma e fecundidade.

Somente aqueles que procuram e transmitem a “verdade” com um amor harmonioso, desejando alcançar os cumes alpinos da “Sabedoria”, e que trabalham com a aspiração desinteressada de elevar a humanidade em virtude e felicidade, são dignos do honroso título de “Filósofo”. Ao definirmos e proclamarmos assim a ideia central desta filosofia, excluímos, por necessidade, das nossas fileiras todas as mentes parciais, sectárias, dogmáticas e não-científicas; e ainda assim, não deixamos de considerar como irmãos todos os amantes da Sabedoria — mesmo que, nos seus esforços em prol da humanidade, se dediquem apenas à erradicação de um dos muitos ramos da ignorância, injustiça e mal.

Se esta Filosofia assim definida — que coloca a alma e o espírito humanos em harmonia com Deus, com a Natureza e com a Humanidade — é “religião” ou não, é uma questão que deixamos alegremente à intuição da humanidade. E se o “elemento religioso” inato do homem, feito de piedade e devoção, está ou não a ser negligenciado, é uma outra questão igualmente confiada a esse mesmo tribunal. Acredita-se que nenhum verdadeiro recetor destes princípios divinos possa ser irreligioso, no mais amplo e inteligente sentido da palavra. Tal mente está elevada acima das populares “infidelidades” para com a Justiça, a Verdade e a Humanidade. A mais espontânea fidelidade, pelo contrário, é a marca lógica dessa inteligência que compreende amorosamente as grandes e eternas Verdades desta filosofia. As formalidades nas expressões de sentimentos religiosos queridos darão, a seu tempo, lugar aos prazeres resultantes da harmonia espiritual, tornando fácil a prática do bem que cada dia pede.

Passamos agora a resumir os principais ensinamentos deste capítulo. A doutrina aqui apresentada e sustentada é a de que as mesmas grandes Ideias são inatas e comuns a todos os homens; e, por conseguinte, que nenhum homem pode ser verdadeiramente o originador de ideias novas: contudo, uma mente específica pode ser organizada e inspirada para dar a uma dessas ideias a expressão mais clara e útil. A história da humanidade confirma esta doutrina. Todas as instituições — políticas ou teológicas

— cristalizam-se em torno de um princípio central, que uma determinada mente foi constituída e inspirada para realizar e revelar.

Mas quando homens talentosos confundem pensamentos privados com “ideias” universais, e elevam factos e convicções pessoais como se fossem verdades eternas, surgem então as controvérsias e as animosidades sectárias que dilaceram o mundo.

PRIMEIRA FASE

Ideias — No início de uma nova era, uma mente inspirada dá expressão a um princípio fundamental.

SEGUNDA FASE

Pensamentos — Segue-se um período prolongado de agitação, discussão, investigação, perseguição, deturpação e martírio dos líderes; e daí resulta uma rápida dissolução de mentes do anterior estado de sectarismo.

TERCEIRA FASE

Teorias — O resultado da análise, perseguição e debate leva à formação de um núcleo; uma teoria definida de pensar, crer e agir.

QUARTA FASE

Credos — Segue-se um período fervoroso, no qual se inicia sistematicamente um trabalho missionário, baseado no novo plano de fé; trata-se de uma expressão sectária de fé em boas obras, que desenvolve fanatismo, castas e intolerância.

QUINTA FASE

Sistemas — Surge então uma organização de princípios políticos. O plano de governo é modificado, talvez melhorado. As ideias são institucionalizadas, mas já não são ideias puras — são pensamentos fixados em estruturas.

SEXTA FASE

Tiránias — O efeito de tudo isto é um longo e sistemático esforço para sacrificar o indivíduo à glória da igreja e do Estado. Autocratas, aristocratas, imperadores, sacerdotes e reis unem-se contra as massas. A degradação política e as fraudes piedosas multiplicam-se por todo o lado.

SÉTIMA FASE

Revoluções — Segue-se a resistência aos tiranos, tanto na igreja como no Estado. Surgem protestos individuais, rebeliões, revoluções, guerra.

OITAVA FASE

Individualismo — A consequência é o florescimento audaz de novas figuras históricas. Patriotas, estadistas e mentes independentes declaram-se a favor dos

direitos humanos e da liberdade integral. Esta era encerra-se com a queda do sectarismo e a ressurreição do indivíduo.

NONA FASE

Ideias — A história regressa ao ponto de partida, completa o circuito, e novas mentes exprimem novas ideias.

O Pensador da Harmonia perceberá que esta escala foi concebida para representar a história política e mental entre a descoberta e o desenvolvimento de duas ideias impessoais. A primeira fase, uma crise, representa o declínio da onda do progresso; a segunda, uma expansão, é a onda em plena força; a terceira é novamente o vale da onda — e assim por diante, como o mar: primeiro uma convergência, depois uma divergência ou expansão, subindo e descendo, mas sempre em movimento! Entre Lutero e Calvino, entre Wesley e Murray, entre Swedenborg e Channing — por vezes em correntes divergentes de progresso histórico — podem observar-se exatamente as fases acima descritas; se não no mundo das relações políticas, então no universo interior dos pensamentos e sistemas sectários.

A maior desgraça, o pecado mais hipócrita e o mal mais profundamente desmoralizante da ignorância e superstição neste século é o sectarismo. É o fruto perverso da mais vil erva que jamais cresceu no solo da estupidez instruída. “Bondade vital e moralidade sã” são os nobres fins proclamados por cada novo desdobramento de religião sectária. Basta que o termo “evangélico” seja estampado sobre um credo para que milhares de pessoas bem-intencionadas, de ambos os sexos, se empenhem com entusiasmo numa nova instituição. A “casta” é o pecado horrível do bramanismo. Um distintivo de inferioridade social e espiritual é oficialmente pregado nas costas de milhares por um “santo santificado” que, com todas as suas demonstrações de humildade, praticamente grita: “Sou mais santo do que tu!”

Se tomarmos a inspiração central de cada mestre do passado, e nos reunirmos em torno de um estandarte composto por todos os princípios centrais revelados pelo Infinito à humanidade — deixando a cada mente o glorioso privilégio de pensar os seus próprios “pensamentos” em relação aos seus princípios inatos, sem infringir nem o mais pequeno dos direitos sagrados do temperamento e acção individuais — os resultados seriam o anti-sectarismo e a felicidade universal.

As armas de morte e despotismo nos países pagãos são um ídolo e um deus. Em Constantinopla, o eixo de toda a servidão e submissão está composto por “Maomé e o Corão”; em parte da Índia, a causa central da subserviência pusilânime, em seres dotados de imensuráveis capacidades de razão e afeto, é “Brahma e o Shasta”; entre os judeus inteligentes e inquebrantáveis, observamos que o mestre central não são as Ideias, mas “Moisés e o Testamento”; enquanto entre os cristãos descobrimos que a fonte de todos os seus pecados despóticos e tiranias indomáveis não são ideias

centrais de Deus através de mentes inspiradas, mas, tal como no mundo pagão e judaico, em torno de uma pessoa e um livro, ou seja, “Jesus e a Bíblia”. Assim, ao pensar de forma imparcial, torna-se visível que não há diferença essencial entre o mundo cristão e o pagão no que diz respeito às causas do sectarismo e das castas infames na sociedade.

Mas, em muitos outros aspetos — ainda que por razões bastante diferentes — o mundo cristão encontra-se séculos à frente da população do hemisfério oriental. Homens deliberadamente “rebaixam o seu nascimento celeste” e suportam humildemente os fardos mais cruéis, como se fossem criminosos brutalizados pelo pecado, em busca da aprovação dos seus sacerdotes e governantes entronizados. E o ministro fraco ou hipócrita joga as suas cartas piedosas nas mãos do advogado astuto; enquanto este, movendo a sua influência por toda a vida social até ao mais vil déspota, cimenta eficazmente os muros legais construídos entre Liberdade e Escravidão: de modo que os “livres por lei” tornam-se os Senhores legais e santificados, e os “oprimidos” são os milhões não batizados e sempre a trabalhar, que, na sua ignorância oceânica, julgam estar humildemente a “fazer a vontade de Deus” ao obedecer e sustentar aqueles que os escravizam e lhes retiram a justiça e a equidade.

Não poderemos nós, então, ascender progressivamente a montanha da harmonia e expandir as nossas capacidades em conformidade com a presença e abundância dos princípios integrais? Toda a mente verdadeiramente voltada para a verdade é também bela em justiça. A marca das Ideias centrais está presente nos livros e seitas de todas as nações. Chineses, indianos, persas, gregos, judeus, cristãos — todos são irmãos em espírito; que se tornem, pois, espirituais na sua busca por verdade e felicidade. Não podemos ser sectários; nem tão-pouco devemos abdicar de um único princípio central mantido como sagrado por qualquer seita — pois ele vive na própria vida da mente. Tornemo-nos vastos! Juntemo-nos a todas as seitas, tanto pagãs como cristãs, e assim destruiremos as suas diferenças.

"O vivo grego, numa terra de colinas,
Rios, planícies férteis e praias sonoras,
Encontrava lugar conveniente para cada deus."

Neste contexto, não posso reprimir o desejo de que o Homem que escreveu a sua “Experiência como Ministro” abra o seu espírito ao leitor sobre a plenitude do Universo Espiritual Humano interior. “Para mim, a Vida Humana em todas as suas formas, individuais e coletivas, é um espanto perpétuo. A flora da terra e do mar está cheia de beleza e mistério, que a Ciência procura compreender; a fauna da terra e do oceano não é menos maravilhosa; o Mundo que as contém, e o grande Universo que o envolve de todos os lados, são ainda mais complexos e atrativos para a mente contemplativa.

Mas o Universo da Vida Humana, com os seus mundos de sentidos exteriores e alma interior, as faunas e floras particulares que nele encontram lar, são ainda mais complexos, maravilhosos e fascinantes; e as leis que o regem parecem-me mais espantosas do que os princípios matemáticos que explicam a mecânica celeste do mundo exterior. O Cosmos da Matéria parece pequeno em comparação com este Cosmos do Homem imortal e progressivo; é o meu estudo, disciplina e deleite contínuos. Oh, que algum jovem génio conceba o *Novum Organum* da Humanidade, determine o seu *Principia*, e, com ciência mais profunda do que a matemática, escreva as fórmulas do Universo Humano, a mecânica celeste da Humanidade!”

Estas escalas abrangentes parecem ensinar que o mundo mental, em obediência perpétua às leis imutáveis da história e do progresso, continuará a mover-se por ciclos irresistíveis de modulações conflituosas. Mas a lição absoluta pretendida é que a humanidade se encontra agora entre o entardecer de muitos ciclos discordantes e o amanhecer da era da Harmonia. Embora o fluxo da história na mente se eleve e baixe eternamente como as marés revoltas, as suas ondulações tenderão cada vez mais para os princípios que regulam as vibrações musicais — e a dissonância consequente tornar-se-á uma “harmonia não compreendida”, ainda que visivelmente percebida e silenciosamente desfrutada, dos mais pequenos aos maiores.

Aqui está a tradução para português europeu, preservando o tom filosófico, poético e reflexivo do original, com fluidez e profundidade:

A altura e a profundidade desta sublei na história ainda estão por ser plenamente compreendidas pelos melhores pensadores da nossa época. Ela é visível, e a sua autoridade é reconhecida pelos videntes da periodicidade nos caminhos da Natureza, mas não é sentida. Sem uma compreensão correta desta lei ondulante e divina, não creio que qualquer homem possa escrever, com verdade, a história de uma nação ou de um indivíduo, pois não conseguiria resolver os paradoxos misteriosos que nela habitam sob uma luz clara e reveladora. Esta ascensão e queda, esta expansão e contração, esta luz e treva por toda a parte — cada uma no seu devido lugar e estação — são expressões da dualidade de Deus.

A Natureza, a Razão e a Intuição — as autoridades onnipresentes dos verdadeiramente inspirados e iluminados entre os homens — conspirarão para vencer o mal com o bem; enquanto as Bíblias, a Superstição e o Preconceito — as autoridades arbitrárias dos mal-educados e, portanto, ignorantes — constituirão o mal a ser superado. Tendo já definido suficientemente os principais ensinamentos deste capítulo, resta agora a tarefa mais agradável de recapitular os “Princípios Impessoais”, com os nomes das personagens históricas que foram, naturalmente, inspiradas a expressá-los da forma mais verdadeira e grandiosa:

1. A Lei do Matrimónio é universal — Brahma

2. O Fim da Vida Humana é a Retidão — Buda
3. Deus é a Causa e o Efeito Absoluto — Sanchoniathon
4. O Carácter de Deus é Uno — Moisés
5. Todo o Mal será vencido pelo Bem — Zoroastro
6. A Caridade é Justiça Fraternal — Confúcio
7. A Origem da Harmonia é a Divindade — Pitágoras
8. A Bondade é a única Felicidade — Sócrates
9. Todas as Coisas têm Origem Espiritual — Platão
10. A Verdade é absoluta e infalível — Aristóteles
11. A Saúde é Temperança em todas as Coisas — Epicuro
12. A Pureza Interior é a Causa da Caridade — Jesus
13. O Homem é uma Encarnação do Espírito — Paulo
14. Toda a Verdade é consistente e harmoniosa — Orígenes
15. A Fé de cada Homem é um Poder Soberano — Lutero
16. Deus é Todo-Poderoso e prevalecerá — Calvino
17. Deus está presente no Espírito de cada Homem — Fox
18. A Lei da Correspondência é universal — Swedenborg
19. Todos os Homens são Missionários — Wesley
20. Deus é Pai e Mãe — Ann Lee
21. O Amor de Deus é imparcial — Murray
22. Todo o Homem é capaz de Melhoramento Eterno — Channing
23. O Reino dos Céus virá à Terra — Noyes
24. A Natureza Humana é relativamente perfeita — Parker
25. A Autoconfiança é Obediência a Deus — Emerson
26. O Direito à Liberdade é inerente e universal — Garrison

27. Cada Pessoa é naturalmente imortal — Espiritualismo

28. O Amor por toda a Sabedoria é a Aspiração Integral do Homem —
Filosofia da Harmonia

As ideias e figuras históricas acima enumeradas são consideradas, para os nossos propósitos, as mais proeminentes e úteis da história, muito mais bem adaptadas — do que outras mais ou menos conhecidas — a ilustrar a nossa filosofia do progresso universal, com o sublime privilégio da liberdade individual. A mente da harmonia está consciente das suas aspirações integrais em direção a estes, assim como a todos os outros princípios da verdade; e cada ser humano, conforme o nosso entendimento, acabará certamente por reconhecer a verdade e a aplicabilidade de todos eles à medida que progride no caminho do desenvolvimento espiritual.

Contemplai o Panteão do Progresso! Não é uma estrutura metálica, a brilhar com cúpulas douradas voltadas para o céu, erguendo torres em espiral e arcos com colunas; mas sim um templo espiritual, com muralhas maciças de luz translúcida, resplandecente com a sabedoria de Deus, e cheio do incenso dos jardins do Amor da Eternidade.

Contemplai, também, os deuses dentro deste Panteão! Não estão revestidos de ferro, a cintilar com baionetas polidas, nem manchados com o sangue dos seus irmãos; mas envergando vestes de beleza sagrada, irradiando as pérolas dos princípios eternos, e dourados pela gratidão pulsante de milhões reverentes. O egípcio, o caldeu, o persa, o grego, o pagão, o judeu, o cristão, o romano e o protestante estão aqui reunidos, no espírito do amor e da boa vontade. Não há estalidos de artilharia assassina, nem relâmpagos de sabres em voo, nem trovoadas de canhões sectários — tudo é tão tranquilo e harmonioso como o coração da Verdade. A batalha dos “Pensamentos” terminou. Miríades tombaram e sangraram nesta guerra, e morreram vertendo lágrimas de desespero. Mas o anjo da Paz paira hoje sobre os túmulos destes mártires, e o Deus da justiça eterna reina no centro vital de cada Princípio imutável.

Instar à humanidade para que avance e se familiarize com os princípios eternos — ainda demasiado ocultos na essência imortal de cada mente — não pode ser considerado menos do que um dever; embora nada seja mais certo do que o facto de que cada alma humana acabará, inevitavelmente, por gravitar para a sua verdadeira posição no Universo harmonioso de Deus, encontrando o seu lugar justo e apropriado no Panteão do Progresso.

PARTE III

A ORIGEM DA VIDA E A LEI DA IMORTALIDADE

Para o espírito espiritualmente desperto, a ideia de uma existência eterna individualizada é repleta de uma grandeza sagrada, resplandecente de mistérios gloriosos; ao passo que, para o religioso sombrio, o pensamento dessa eternidade é como o fumo daquele incenso infernal que encobre as fábulas das masmorras da perdição. A alma iluminada pela sabedoria eleva-se, cantando a excelência e a beleza desse tema, e as suas concepções são “como as bolhas cintilantes que dançam na borda do cálice da imortalidade, como grinaldas de espuma arco-íris das puras cascatas da Verdade.” Mas os magnatas da teologia, que usam baldes de oração para extrair águas vivas das fontes da Providência, têm “pensamentos” sobre o mundo eterno que mais se assemelham a destroços lançados sobre os rochedos pelas águas carrancudas do esquecimento.

Existem duas classes de mentes com convicções distintas sobre este assunto: a primeira, composta por aqueles que, embora céticos ao início, raciocinaram, analogicamente ou de outra forma, até uma crença na vida eterna; e a segunda, por aqueles que, embora cheios de fé inicialmente, raciocinaram-se para fora dessa crença. E há ainda outra classe que não raciocinou de forma alguma, mas acredita ou deixa de acreditar como resultado de um viés hereditário ou impulso da infância, sendo incapaz de justificar a esperança que possui — ou a ausência dela. Existem ainda certos indivíduos que, devido ao seu ardente amor pela vida e pela continuidade, prefeririam o sofrimento eterno à aniquilação total; e outros que, pelo contrário, escolheriam o sono eterno e a extinção absoluta em vez de sobreviver à morte e conviver eternamente com os rejeitados e miseráveis dos céus.

A concepção do poeta verdadeiro sobre a existência eterna é bela, e invariavelmente purificada de todo sofrimento demoníaco; mas, infelizmente para ele, raramente acredita nas suas próprias imaginações. Embora o poeta construa uma carruagem dourada que transporta multidões sobre o deserto árido da Dúvida, e lhes oferece um passeio encantador pelas radiantes estradas do reino celeste — ainda assim, como a lei da reação exige contraste, o artesão poético das rodas não confia na segurança do seu próprio veículo, e surpreende todos os seus amigos extasiados ao tomar ele mesmo o velho e democrático autocarro da experiência humana comum, que cobra apenas uma tarifa para toda a viagem e invariavelmente deposita todos os passageiros na escuridão e solidão diante da porta do túmulo.

Uma coisa é esmagadoramente evidente — o ceticismo natural das faculdades intelectuais do homem relativamente à duração eterna e pessoal da alma. Todos os pensadores analíticos passam por uma fase de dúvida sobre este assunto, e muito poucos escapam a essa condição dolorosa sem alterações profundas.

Os sentimentos sociais exigem a continuação da existência da alma, e os órgãos morais acreditam nela; mas a parte frontal da cabeça é profundamente céptica.* Assim, embora se saiba perfeitamente que os departamentos do amor e da sabedoria

na mente contêm uma crença intuitiva na imortalidade, afirmo que o elemento mais forte nas faculdades intelectuais é o Ateísmo. Isto é demonstrado pelo seu oposto: que toda a crença no Elevado e no Belo, no Espiritual e no Supremo, no Teísmo e na Imortalidade, só toma forma prática através do desenvolvimento da alma.

Mas, a menos que esse desenvolvimento suprassensível — essa gênese privada da ignorância para os vastos planaltos da Sabedoria — seja proporcional, regular e significativamente elevado acima do magnetismo dos sentidos, a mente não conseguirá realizar nem acreditar em qualquer vida definida após a morte. Todos os homens são céticos intelectuais, portanto; porque todos nascem no domínio dos sentidos. E não é o Cristianismo, mas sim a Razão intuitiva, que vem em auxílio do homem. Se o homem não nascesse ateu — não fosse, por natureza, um cético intelectual em todas as coisas — então a Razão não teria grande função nos vastos reinos onde agora começa a reinar triunfalmente.

As riquezas vêm com o trabalho. A descoberta é o caminho para a prosperidade. Nada se obtém sem esforço. Deverá então o conhecimento e as riquezas da alma, no que toca à sua imortalidade, chegar-nos em violação desta lei do labor? Podemos nós esperar, com lógica, tornar-nos assim prósperos e indescritivelmente felizes sem esforço diligente na via da descoberta?

Entre as verdades superiores reveladas pela primeira vez à humanidade pela Filosofia Harmonial, encontram-se três provas positivas da continuação da existência da alma. E aqui se poderá dizer, a todos os que se opõem a esta filosofia, que, a menos que essas três provas sejam aceites pelas faculdades intelectuais, não há qualquer prova científica de que o homem possa continuar uma existência prazerosa após a morte. Todas as ciências externas ou indutivas, e todas as analogias da Natureza orgânica, favorecem estritamente a doutrina segundo a qual a alma, no momento da morte, se liberta como uma corrente galvânica subtil e se perde no espaço — misturando-se, fundindo-se, e interpenetrando os princípios dinâmicos invisíveis e imponderáveis do Universo — com a sua individualidade sendo extinta, tal como a vida das árvores, o perfume efêmero das flores, ou a mentalidade dos animais, que morrem e deixam de existir “para sempre”.

Ora, a Filosofia Harmonial salva o homem, cientificamente, de toda a possibilidade deste destino horrível. Ela firma-lhe os pés nas montanhas da Verdade eterna. Revela às faculdades intelectuais a química oculta, o mecanismo subtil, a ciência delicada, a teologia orgânica e os princípios líricos do Universo; sobre os quais, como estratos de granito fixos no globo da vida, repousa inteligentemente a imortalidade de cada mente humana e todos os infinitos resultados que dela se erguem de forma sublime.

O propósito deste capítulo é divulgar a explicação filosófica daquela lei operante na matéria que torna a mente humana eterna. As três provas positivas referidas — a serem explicadas adiante — emergem diretamente desta Lei fundamental. Para expor esta Lei com clareza, é necessário primeiro explicar a origem da vida orgânica na Terra; porque, se pudermos ver com clareza o início das coisas e aprender de cor as lições do alfabeto, estaremos então certos de compreender o alcance das verdades superiores que delas elegantemente emergem. Mas sobre isto falaremos em páginas seguintes.

Foi dito que a Razão vem em primeiro lugar ao resgate. E aqui se pode acrescentar que o Cristianismo, enquanto teologia, é completamente incapaz de fornecer um argumento sobre a imortalidade que resista ao crivo da Natureza e da Razão. Estas são as autoridades às quais, à medida que a humanidade avança, todas as teorias e instituições serão inevitavelmente submetidas. A ressurreição de Cristo não é prova, pois a Igreja chama a Jesus “Deus”, e “os caminhos de Deus não são os nossos”. É em parte devido a esta fragilidade essencial nas “provas” eclesiásticas da imortalidade que um ceticismo generalizado impera sobre este tema.

E devemos lembrar que, se os cristãos continuarem a rejeitar a Filosofia da Harmonia e começarem a substituir os seus ensinamentos por argumentos filosóficos, então, sem falta de reverência ou injustiça, podemos afirmar que estão a enxertar rebentos novos numa árvore morta, a conjugar filosofia com mitologia vazia, a verter vinho novo em odres bolorentos, e a apropriar-se de ideias e descobertas que não são suas, mas que brotaram das fontes vivas da Nova Dispensação. Não nos opomos a este costume do púlpito de apropriação — a esta subtil apropriação e proclamação de verdades espirituais modernas — desde que os envolvidos atribuam a devida glória ao “Beelzebú” a quem outrora tanto temeram.

Que a lei da ação e reação opera na mente, como opera na matéria, está claramente patente na história das especulações humanas. Na sua exposição cuidadosamente medida da Filosofia Pitagórica, Ovídio revelou a fé de milhões:

A morte, assim chamada, é apenas a matéria antiga
vestida com nova forma e traje variado.
Tudo muda, nada morre;
Pelo tempo, força ou doença é desalojado,
E aloja-se onde calha — em homem ou animal;
Ou vagueia até encontrar membros prontos
E os anima segundo o seu tipo;
De casa em casa é lançado —
A vida é sempre a mesma, só muda o aspeto.

Esta crença, ao aceitar a indestrutibilidade da matéria, ensina a imortalidade das obras e dos elementos, mas não a duração da personalidade. A morte dissolve todas as formas, diz ela, e liberta a vida — mas não há uma existência consciente após a morte. “Imortalidade” é aqui um termo aplicado à duração eterna dos elementos e princípios que compõem a alma, mas não inclui a sua individualidade ao longo dos séculos intermináveis, como demonstra a Filosofia da Harmonia. Esta doutrina é acreditada, até certo ponto, pelos chineses, que consideram conclusiva a evidência de que as almas passam de um organismo a outro. Os japoneses também aceitam essa metempsicose e transmutação da vida do homem para o animal, e vice-versa. E tenho a impressão de que milhares de compatriotas nossos acreditam nesta doutrina quase sem qualquer modificação. Trata-se de uma fase do ceticismo filosófico — a visão que nasce das primeiras observações indutivas da Razão.

A fase seguinte é de reação — um reflexo da anterior. Aceita a imortalidade da forma e da individualidade, bem como da essência, de cada ser vivo — peixe, réptil, ave, mamífero e Homem. Muitos estudiosos ilustres acolheram calorosamente esta doutrina — tanto os que viveram antes, como os que vieram depois dos autores do Novo Testamento. Assim, o apóstolo Paulo fala com autoridade sobre a “restituição”, a “reconciliação” ou a “submissão” de todas as coisas ao Pai. “Todas as coisas” deve significar mais do que apenas a humanidade. Em Colossenses 1:20, lemos: “Porque aprouve ao Pai que em Cristo habitasse toda a plenitude — e por Ele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus.”

Vários estudiosos aceitaram esta doutrina como significando e provando de forma conclusiva a existência futura de todas as espécies de animais, bem como de todos os homens. Para confirmação adicional, tais estudiosos recorrem às revelações de João, 5:13, onde se lê: “E ouvi toda criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e no mar, e todas as coisas que neles há, dizendo: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam louvor, honra, glória e poder para todo o sempre.” Toda esta doutrina é assim resumida por James Montgomery:

“Um ser, uma vez criado, nunca morre.
Todos os que habitam o oceano, o ar ou a terra
Têm origem num mesmo Pai Eterno.
A mão que ergueu o palácio do céu
Formou as asas leves que adornam uma mosca.
O Poder que faz girar os planetas
Faz nascer cada pequena flor do solo;
A bondade que alimenta os maiores seres
Sustenta também o mais pequeno mosquito que brilha no ar da tarde.
Assim, todos os habitantes selvagens das florestas,
Filhos do ar, e inquilinos das águas,

Todos, todos são iguais — independentes — livres —
E todos são herdeiros da Imortalidade!”

Esta doutrina, de que “todos são herdeiros da imortalidade”, surgiu como reação à fé anterior; mas não encontra qualquer base científica nas leis da Natureza. É um dogma defendido por certos estudiosos que acreditam em milagres — que perturbam as leis fixas — e em criações especiais, contrariando as declarações da própria Natureza. Mas a reação a esta doutrina apresenta ainda outra fase do ceticismo; pois, como vimos, o Ateísmo e o Sobrenaturalismo geram-se e alimentam-se mutuamente, e vagueiam sem rumo nas mentes mal estruturadas. Por exemplo, Lucrécio, ao versificar as doutrinas da Filosofia Epicurista, oferece-nos o outro lado da questão:

“Não sabemos ainda como é produzida a alma:
Se nasce com o corpo, ou se é infundida;
Se, na morte, exalada para o ar,
Se mistura e perece confusamente;
Ou se vagueia por sombras vastas e silêncio horrendo,
Visitando cavernas de enxofre e lagos abaixo...
Ou se, nos corpos dos animais, se retira.”

Este excerto expressa o ceticismo generalizado sobre a criação e o destino da mente. Agora, se a Filosofia da Harmonia não puder explicar a Lei existente na matéria que, sem recorrer a milagres, torna a mente eterna, então não poderá oferecer qualquer consolo àqueles que pensam segundo qualquer das fases opostas aqui descritas. Afirmando que a Razão encontra, à partida, todos os homens como céticos. Embora o homem seja, por natureza, religioso e devoto, é inicialmente mais animal que anjo, mais materialista do que espiritual. Se o homem não nascesse na ignorância, como um cético e descrente de tudo, então a Razão seria uma faculdade inútil, os sentidos seriam supérfluos e toda a educação interior uma farsa vazia. Mas o investigador das leis que regem a mente humana não pode duvidar da sua filosofia sobre a própria mente. Ela foi concebida para revelar sabedoria, adquirir conhecimento e alcançar progresso em todas as direções do raio infinito; por isso, é razoável reafirmar que a mente não apenas começa na ignorância, mas parte do primeiro degrau da escada eterna.

A minha intenção, no início desta investigação tão importante — antes de apresentar as três provas científicas — é afirmar e considerar as evidências indutivas e dedutivas apresentadas tanto pelos sobrenaturalistas como pelos racionalistas para provar a imortalidade pessoal do homem; e, para compreender a posição das fraternidades duvidosas, sinto também a necessidade de expor e confrontar os argumentos dos chamados céticos.

Este percurso extremamente imparcial pode parecer desnecessário. Sem dúvida confundirá o leitor inicialmente, e talvez o leve a sentir que muitas das suas provas mais fortes estão a ser atacadas e invalidadas com êxito. Mas a justiça exige sempre uma escuta imparcial, e o leitor será injusto se recusar considerar as evidências dos cépticos sobre a aniquilação. Sei quão difícil é compeler os sentimentos a auxiliarem a Razão — manter uma posição imparcial e desapegada — pois o assunto é absorvente, fascinante e, naturalmente, tendente para um só lado.

Enquanto as intuições profundas pulsarem como o coração de uma criança, ansiando por uma vida eterna e feliz, é difícil pedir à Razão que encare, com serenidade e justiça, as variadas evidências da aniquilação. Mas, enquanto o crente encontrará fortificação e satisfação num conjunto de argumentos e afirmações, zelarei por assegurar que não sejamos nós próprios enganados pelo hábito de ver apenas um lado da questão, e assim debilitemos a nossa inteligência ao ocultar, por cobardia, ou recusar examinar, os muitos e ponderosos argumentos dos descrentes sinceros.

Deixemos, portanto, por agora, as três demonstrações científicas positivas, e apresentemos, pró e contra, as doze evidências populares relativas à imortalidade pessoal do homem:

ARGUMENTOS DOS CRENTES vs. OBJEÇÕES DOS CÉPTICOS

Argumentos dos Crentes:

1. A vida e a ressurreição de Jesus.
2. Todas as nações e religiões acreditam num Futuro.
3. É afirmado pelo órgão da Esperança.
4. Toda a intuição humana o confirma.
5. O homem é um ser de ideias e previsão.
6. Necessidades e provisões são proporcionais.
7. Ensinado pelas leis da analogia.
8. A mente é uma unidade permanente.
9. Todos os videntes testificam sobre o Futuro.
10. A clarividência mostra a mente independente do cérebro.
11. Factos da comunicação espiritual.
12. A existência de um Ser Supremo.

Objeção Central dos Cépticos:

— Eventos extraordinários sustentados por provas abaixo do ordinário.

Erros e superstições igualmente antigos e universais.

A expectativa é frequentemente desiludida.
Alguns homens acolhem a morte como um sono definitivo.
Os animais também raciocinam e antecipam.
Os desejos são egoístas e fruto da educação.
A analogia é falível — a borboleta morre.
Refutado pelos factos da frenologia.
Invalidado por imposturas e alucinações.
A experiência geral não confirma a clarividência.
Esses factos são contraditórios e não estabelecidos.
Deus absorve a alma, tal como o mar absorve a gota.

Primeiro: O ARGUMENTO DO CRENTE CRISTÃO A FAVOR DA IMORTALIDADE

A futura existência do homem é acreditada com base no facto histórico de que Jesus, vindo milagrosamente a este mundo e (após morrer fisicamente) saindo dele corporalmente perante testemunhas, trouxe assim “à luz a vida e a imortalidade.”
Afirma-se que, prefigurada nessa ressurreição, o homem pode contemplar a sua própria experiência futura; que esta é a única porta que afasta da aniquilação; o único meio de salvar a alma humana de um sono eterno; e prova conclusiva de que o Espírito crente um dia vestirá a túnica imaculada da imortalidade!

Oh, pensamento abençoado! Há algo de sagrado e belo na esperança e na fé do crente. Exausta por anos de luta constante contra desgraças e doenças, e privada, pela pobreza e pela morte, de quase todos os consolos terrenos, já vi a mãe viúva e solitária reclinar o seu corpo enfraquecido nos últimos dias da vida; e, baixando os óculos de aro de aço sobre os olhos marejados, assisti à abertura do volume sagrado e ouvi estas palavras:

"Irmãos, venho declarar-vos o evangelho...
Entreguei-vos antes de tudo aquilo que também recebi:
que Cristo morreu pelos nossos pecados;
que foi sepultado;
que ressuscitou ao terceiro dia;
que foi visto por Cefas, depois pelos doze;
que foi visto, depois, por mais de quinhentos irmãos de uma só vez;
depois por Tiago; depois por todos os apóstolos...
Ora, se Cristo é pregado como ressuscitado dentre os mortos,
como dizem alguns entre vós que não há ressurreição?...
Se não há ressurreição dos mortos,
então Cristo não ressuscitou;

então é vã a nossa pregação, e vã também a vossa fé...
Se esperamos em Cristo só nesta vida,
somos os mais miseráveis de todos os homens.
Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos,
e foi feito as primícias dos que dormem...
Assim como em Adão todos morrem,
assim também em Cristo todos serão vivificados.
O primeiro homem é da terra, terreno;
o segundo homem é do céu, espírito vivificante...
Uma estrela difere de outra em glória;
assim também é a ressurreição dos mortos:
semeia-se em corrupção, ressuscita em incorrupção;
semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder;
semeia-se em desonra, ressuscita em glória...
Eis aqui vos digo um mistério:
Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados,
num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta;
porque a trombeta soará,
e os mortos ressuscitarão incorruptíveis,
e nós seremos transformados...
E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade,
e este mortal se revestir de imortalidade,
então se cumprirá a palavra:
'Tragada foi a morte na vitória.'
Ó morte, onde está o teu aguilhão?
Ó sepultura, onde está a tua vitória?"

E o seio da mulher solitária encheu-se de esperança. O seu coração cansado transbordou como se cheio de água viva, e lágrimas cristalinas de alegria encontraram caminho entre as rugas vincadas do tempo. Um ambiente de confiança absoluta envolveu-lhe a cabeça curvada. O último amigo terreno — um velho cão da família — humedeceu-lhe os dedos ossudos. Uma ave desconhecida pousou-lhe ao ombro, cantou umas doces notas ao ouvido e voou docemente. Seguiu-se um estranho silêncio — pois o espírito havia partido.

PER CONTRA: O ARGUMENTO OPOSITOR DO CÉPTICO

Face à descrição anterior, surgem várias objeções de natureza intelectual. Tudo isso é muito belo, dizem as faculdades da razão, mas não vemos qualquer evidência real

nisso. Toda a questão da ressurreição de Jesus assenta em afirmações e testemunhos locais — fornecidos por pessoas sobre as quais nada sabemos, a não ser através da história sagrada, que se revelou em grande parte pouco fiável, por conter fraudes e fábulas. Além disso, não há nada na experiência humana que corrobore a ressurreição do corpo depois de o espírito ter partido por completo. A ascensão ao céu de um corpo físico, feito de carne e sangue, contraria todas as leis da gravidade e da ordem natural — é uma impossibilidade filosófica e uma contradição de toda a observação.

Também não se pode afirmar que Jesus tenha trazido “a imortalidade à luz” — porque a crença ou conceção da vida futura é anterior aos escritos históricos. Os egípcios ergueram pirâmides em antecipação a uma ressurreição física; embalsamaram os corpos da nobreza para que os inferiores pudessem ser também favorecidos no dia final. A doutrina da ressurreição física e do juízo final era ensinada na Pérsia quinhentos anos antes de Cristo. Os gregos acreditavam que a arte de ressuscitar o corpo e animar a alma com vida eterna era conhecimento exclusivo dos deuses. Tal privilégio e felicidade eram inalienáveis aos deuses; e aceitava-se que, naturalmente, os mortais não podiam ser restaurados nem transfigurados.

Por isso lemos, sobre os primeiros que aspiraram a ser deuses — para conhecer o bem e o mal e “viver para sempre” — que foram repelidos e expulsos pelos deuses, condenados a vagar pelos reinos da mortalidade. PÉLÓPS, depois de ter sido desmembrado, foi restaurado fisicamente pelos deuses. Segundo PLATÃO, HÉRES voltou à vida e existiu por quinze dias. Diz-se que ATHALIDES, filho de Mercúrio, podia morrer e reviver à vontade. ALCESTE foi ressuscitada por Hércules. HIPÓLITO foi retirado da sepultura por ESCULÁPIO — e quem pode negar que Jesus foi ressuscitado de modo semelhante — isto é, na ficção, mas não na realidade?

Diz-se que Jesus era um deus. Se assim for, a sua ressurreição física e espiritual não serve de garantia aos mortais; pois os caminhos de Deus não são os nossos; e o seu corpo, ao contrário do humano, não conteria nada de animal e perecível — pelo que a sua morte e ressurreição seriam apenas uma condescendência graciosa à fraqueza humana — uma espécie de drama pintado no cenário da história — sem conter um único fragmento de experiência humana real. Assim, toda e qualquer evidência de que o homem também ressuscitará não é conclusiva. A mente do homem não é senhora da prova — é sujeita a ela. A não ser que a evidência seja suficiente para gerar convicção, a mente não pode acreditar.

Ora, sendo a ressurreição física de Jesus tão contrária à experiência humana, deveria ser sustentada por testemunho abundante. Paulo, é verdade, afirma que mais de quinhentas pessoas testemunharam o facto. Se assim é, por que razão está toda a

história, exceto a sagrada, silenciosa sobre um acontecimento tão extraordinário? Onde está a evidência corroborativa de que o relato de Paulo não é exagerado? A sua linguagem é, sem dúvida, belíssima, e as suas analogias são gráficas, mas podem não ser mais verídicas do que o *Inferno* de Dante ou os sonhos de Bunyan. O mundo é convocado a acreditar num acontecimento impossível, sustentado pelo testemunho solitário de um estranho, cuja afirmação não é sustentada por outras provas.

Mais ainda: nada é mais certo do que o facto de Paulo ter-se enganado quanto à data da ressurreição dos “mortos em Cristo.” Segundo ele, os primeiros cristãos veriam o fim do mundo. Ao escrever aos tessalonicenses, diz:

“Porque isto vos dizemos pela palavra do Senhor:
que nós, os que estivermos vivos e permaneceremos até à vinda do Senhor,
não precederemos os que dormem.
Porque o próprio Senhor descera do céu com alarido...
e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.
Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens...
e assim estaremos sempre com o Senhor.”

Ora, tendo-se enganado nesse ponto essencial, quando deveremos, então, acreditar no apóstolo? Ele ensina também uma doutrina que contradiz a sua própria afirmação anterior: que aqueles que estiverem vivos na vinda do Senhor serão arrebatados corporalmente, para viver com o Senhor para sempre; mas ensinou aos coríntios que era necessário primeiro morrer para ser “vivificado,” e que a ressurreição de Cristo era, ao mesmo tempo, causa e modelo desse processo.

O apóstolo Paulo, ao ensinar a doutrina da ressurreição e do estado futuro, aproxima-se da opinião dos saduceus — que, por natureza, os homens não são mais imortais do que os animais. O segredo da vida eterna estaria escondido em Jesus. Admitindo a ressurreição física de Cristo, e concedendo que, por ela, o homem é salvo da morte eterna, perguntemos: onde reside a força motriz desse milagre? Em que momento da história de Jesus foi que o homem se tornou capaz de uma ressurreição semelhante? Existia o segredo na sua concepção? Na sua vida? No ato de ser morto? No seu sepultamento? Ou estaria a semente secreta da nossa imortalidade contida na sua ressurreição corporal?

Se assim for, então seria necessário, antes de mais, morrer. E, nesse caso, os judeus que o perseguiram seriam os grandes benfeitores do mundo. Não teriam sido maus ou injustos ao pregarem Jesus à cruz. A crucificação teria sido necessária para redimir a humanidade dos túmulos eternos. Jesus teria sido destinado a morrer tal como morreu, com o fim de demonstrar uma ressurreição física aos crentes. Contudo, o cristão moribundo não demonstra, na maior parte das vezes, maior

resignação nem tranquilidade heroica do que o soldado em batalha, ou o muçulmano devoto.

De facto, seria necessário um milagre ainda maior do que a criação espontânea de algo a partir do nada para ressuscitar cada homem com exatamente o mesmo corpo que possuía antes da morte! Mas assim teria de ser, caso contrário a ressurreição física de Jesus não serviria de modelo, nem seria uma garantia literal para os não crentes, pois afirma-se que ele ressuscitou com a mesma organização corporal palpável.

Consideremos o seguinte: suponhamos que um marinheiro cai ao mar. O seu corpo pode alimentar mil peixes; esses mil são depois engolidos por dois mil; e todos por um tubarão. A questão é: “Como poderá o corpo desse homem ser restaurado ao espírito, tal como era?” Em suma, havendo apenas uma certa quantidade de partículas orgânicas capazes de sustentar corpos humanos, torna-se difícil acreditar que os milhões já falecidos — cujas formas estão hoje divididas entre elementos infinitos — possam recuperar os seus corpos sem destruir grande parte do mundo vegetal e animal, e também grande parte da humanidade, que, ao alimentar-se desses reinos inferiores, já consumiu os restos de gerações passadas muitas vezes. Em suma, a ressurreição de Jesus é uma narrativa extraordinária, sustentada por provas abaixo do ordinário.

SEGUNDO: O ARGUMENTO INFERENCIAL DO CRENTE, BASEADO NA ANTIGUIDADE

Há ainda outra fonte de consolo e crença. A existência futura do homem é acreditada com base no facto histórico de que todas as épocas, nações e religiões têm acarinhado e ensinado essa doutrina. A crença pode ser rastreada até às mais remotas antiguidades. É o mistério central de toda a poesia, o encanto invisível que atravessa toda a literatura, o fulgor da aurora em toda a arte, e o pivô sobre o qual gira toda a imensa engrenagem de mil religiões.

Os chineses veneram as almas dos seus antepassados sepultados. Antes de Cristo, a seita dos essénios acreditava na existência futura e na duração eterna de cada alma. A mesma crença era ensinada com convicção pelos terapeutas do Egipto. Os indianos orientais acreditavam que as estrelas sagradas e distantes, cujo brilho reluzia nas alturas celestes, eram os espíritos dos seus antepassados. A teologia persa assentava, em grande parte, na doutrina das recompensas e punições futuras. Numa visão, o primeiro Zoroastro declarou ter contemplado o mundo eterno. Afirmou ter visto o abismo sem fundo onde as almas dos reis ímpios seriam submersas por eras

de agonia; mas que, no fim, todos os maus e miseráveis seriam purificados do mal e elevados às belas regiões da bem-aventurança eterna!

Nada é mais suscetível de demonstração inequívoca do que a antiguidade e universalidade extremas da crença na imortalidade. Pode uma fé tão geral e venerável ser um erro? Ela percorre lado a lado a corrida do Progresso, acompanha o instinto humano. Pode não ter fundamento? Corre pela consciência espiritual do homem como um regato divino de profecia eterna. Será a alma falsa a si própria? Ela ergue-se como um anjo guardião no templo da história — uma fé intuitiva que antecede e transcende os desenvolvimentos da razão, da ciência, da filosofia e da civilização. E será que esta combinação colossal de crença, este acordo universal de raças e religiões, deve ser rejeitado como prova insuficiente?

PER CONTRA: RAZÕES OPOSITORAS DO CÉPTICO

A esta evidência, porém, contrapõem-se várias objeções intelectuais. O ceticismo do cérebro racional permanece inabalável — a descrença natural e inata das faculdades intelectuais continua intransigente — e os contra-argumentos surgem inevitavelmente. O céptico afirma:

A antiguidade e universalidade da doutrina do Estado Futuro não são provas conclusivas; pois, desde os primórdios, a humanidade acreditou em muitos erros grosseiros e perigosos. Por exemplo: era crença generalizada que cada departamento da Natureza, as estações e os elementos, tinham o seu deus supervisor; que os trovões e relâmpagos eram fenómenos sobrenaturais; que pestes, fomes, terremotos e doenças eram castigos enviados diretamente do céu; que a Terra era plana e imóvel, assentando sobre suportes; que era um animal vivo a respirar, apoiado em colunas de tartarugas; que as estrelas eram sustentadas por uma grande estrutura chamada “firmamento”; que o Sol era a morada do Deus dos deuses, ou Rei dos reis; que a Lua era um espelho celestial; que o arco-íris era uma produção sobrenatural; que o sistema da Natureza era apenas uma manifestação temporária dos deuses; que os lunáticos e epiléticos estavam possuídos por demónios invisíveis; que os reis eram nomeados por desígnio divino; que a guerra e a escravatura eram instituições ordenadas por Deus; e que toda a existência havia sido forçada magicamente a partir do nada — ou que algo fora criado do nada.

A doutrina da imortalidade da alma não é nem um dia mais antiga nem mais universal do que estes erros grotescos e absurdos. Os instintos primitivos da humanidade raramente encontraram justificação. Na verdade, quanto mais a fundo investigamos a história do passado, mais obscuras e horrendas se tornam as superstições dominantes. Deve lembrar-se sempre que a ignorância é a fonte fértil da superstição; que a superstição é o progenitor da religião; e que, quando se casa com o maravilhoso, a religião dá à luz este dogma da imortalidade. Por conseguinte,

dizem as faculdades intelectuais, embora confessemos que a doutrina do estado futuro não é automaticamente invalidada pelo facto de coexistir com inúmeras superstições, somos forçados a concluir que a sua extrema antiguidade está longe de ser uma recomendação para a mente inteligente e cética.

TERCEIRO: O ARGUMENTO DEDUTIVO DO CRENTE, FUNDADO NA ESPERANÇA

Das objeções anteriores, voltamo-nos com anseio para o atributo da Esperança. A existência futura do homem é acreditada com base no facto universal de que a mente humana é dotada de Esperança. A esperança pode ser definida como um desejo inato pela posse do maior bem — misturado, talvez, com a crença na possibilidade da sua realização. Ainda que desanimada pelos juízos da razão, a esperança inspira e sustenta a alma. Muitas vezes sucede, na vida, que a Razão desmaia e se rende aos braços da Esperança; e, com frequência, a alma força-se a esperar contra o intelecto, e apesar dele.

Na viagem da infância à maturidade, a nossa barca é frequentemente apanhada por tempestades, e nuvens escuras pairam tristemente sobre as nossas cabeças, chorando como se algum desastre nos esperasse na hora seguinte — e nós, obedecendo aos avisos do julgamento, emprestamos as nossas vozes para completar o cântico fúnebre, resignando-nos submissamente à calamidade iminente — mas eis que, do templo interior, ecoam as palavras mágicas da Esperança: “Não temas, a próxima hora será perfumada de luz e segurança”; e as nossas almas veem os elementos trocarem de lugar, as condições inferiores cederem a circunstâncias superiores, um sono reparador sucede, e acordamos com novo vigor e alegria.

Quem pode explicar os desígnios da Esperança? Quando o sol da Razão recolhe a sua radiação e desaparece atrás das colinas da Reflexão, uma penumbra mental desce, cobrindo com um véu de dúvidas a paisagem imediata da alma — é então que, através da escuridão e do desespero, brilham as inúmeras estrelas da Esperança, que, como orbes reais de luz a percorrer o domínio ilimitado da imensidão, só são visíveis e belas quando o sol se põe atrás das colinas do poente.

E que importa se as marés da vida recuam e se afastam diante dos nossos olhos? Que importa se levam consigo alguma flor amada, cuja perda lamentamos? Pois, antes mesmo de termos tempo de expressar o luto, a Esperança assegura-nos que a corrente regressará, renovada, e, ao bater na costa amiga, trará de volta a flor querida, mais próxima ainda dos nossos pés! Assim também, quando choramos com lágrimas de angústia a partida súbita de um espírito amado, e escurecemos as nossas casas, e vestimos o luto — acreditando, dia e noite, que o ente querido jaz nos braços esqueléticos da Morte, sem consciência, desintegrando-se lentamente no seio do túmulo choroso — mesmo enquanto o coração e o intelecto encenam este drama

de desespero, a Esperança ergue a voz e persuade-nos de que aquele que amamos está imerso nas prateadas afeições e douradas alegrias das sociedades espirituais, num mundo que resplandece perante a Mente Suprema como um orbe de vida eterna!

A Lógica pode, por algum tempo, trancar a porta da dúvida à alma, e provar que o espírito que partiu não envia sinais de volta; mas a Esperança fala sempre ao coração, dizendo: “A Morte é apenas um servo gentil e bem-vindo, que, com mão silenciosa, destranca a porta floridamente ornamentada da vida, para nos revelar aqueles que amamos.”

Poderá o homem ser apenas um fenómeno temporário, “uma forma dançante, uma imagem leve, a assombrar, surpreender e iludir”, e, ainda assim, possuir este atributo de esperança? A esperança é a porta que se abre sobre a vida eterna. “O que é que os homens tanto amam no génio?”, pergunta Emerson, “senão a sua esperança infinita, que inferioriza tudo quanto realizou? O génio considera todos os seus milagres pobres e breves. A sua própria ideia nunca se concretiza plenamente. A *Ilíada*, o *Hamlet*, a coluna dórica, o arco romano, a catedral gótica, o hino alemão — quando terminados, o mestre põe-nos de lado. Como desce a canção nas ondas da melodia que o Universo verte sobre a sua alma! Perante essa esperança infinita e graciosa, donde ele retirou apenas algumas poucas linhas, quão insignificantes parecem, mesmo que os louvores do mundo as acompanhem!”

Dos triunfos da sua arte ele desvia-se com alegria, para abraçar esta “maior derrota”. Que outros admirem, se assim desejarem. Com júbilo silencioso, vê em si a capacidade de uma beleza que eclipsa tudo quanto as suas mãos criaram.” Tal é a influência da Esperança sobre o génio.

Assim, a Esperança não é amiga de lágrimas, nem de cantos fúnebres, nem de coroas de cipreste, nem de dúvidas sobre os que partiram. Mesmo na mais fria e profunda sepultura, ela “acende a sua lâmpada eterna, e lança sobre o pó amado um raio constante, pleno de imortalidade”.

Nas contemplações da Esperança, não há nada perecível. Ela crê firmemente na existência e concretização dos seus ideais, e vislumbra, sem necessidade do julgamento lógico, o caminho para os alcançar. Sobre a decepção, lança um manto de luz. Diz: “Benditas sejam as ministrações da dor. Através da aflição, somos conduzidos a relações mais ternas com outras formas de ser, obtemos uma visão mais profunda do mistério da vida eterna, e sentimos com maior nitidez os sopros do Infinito.” A Esperança é a força que ergue. Aquilo que o julgamento chamou aflição, com a esperança foi recebido como:

“...prova de amor.

Veio disfarçada no traje da Tristeza,

Mas despiu o manto emprestado, e eis!
O anjo de branco da celestial Bondade,
Com sua doçura ali estava! Serenou
Os pensamentos turbados, abriu o coração confuso,
E guiou-o para além da terra mutável,
Apontando ao Espírito Eterno,
Que tem conhecimento da queda de um pardal,
E ilumina um mundo com glória; que ouvirá
O suave suspiro entre os hinos que sobem
Das mil esferas da Criação!”

Tal é, em resumo, a Esperança! Terá o Espírito Criador falhado no seu cálculo? A alma humana frustrar-se-á a si mesma? Poderá ela esperar por aquilo que não existe? Será a esperança um engano? Afirmamos que a alma nunca é falsa a si mesma; que a esperança na imortalidade é uma evidência para além do alcance do argumento.

PER CONTRA: O ARGUMENTO INDUCTIVO DO CÉPTICO CONTRA AS AFIRMAÇÕES DA ESPERANÇA

Nenhum profeta foi jamais mais enganador do que a esperança, exclama o intelecto duvidoso; trata-se apenas de uma sedução da imaginação. As faculdades intelectuais podem entreter-se com extravagâncias poéticas, mas os contos da esperança não provam que a alma do homem seja eternamente pessoal. Apresentem-nos razões substanciais e positivas! O valor intrínseco da Esperança, como evidência espiritual da vida eterna, deve ser testado da mesma forma que tudo o mais: segundo o padrão fixo da experiência consensual da humanidade. As promessas da esperança são grandiosas, é verdade; os seus ideais são sublimes, e as suas profecias resplandecem de glória; mas, meu caro crente, observa a pobreza das experiências que vêm cumprir e redimir tais profecias e ideais.

Foste bastante sentimental ao exaltar o valor da Esperança. Mas nós, os cépticos, trabalhamos com factos sólidos, e não tememos louvar o desespero. A esperança é a companheira dos corações inexperientes. Há apenas algumas horas, o Oriente resplandecia com o sol nascente; em breve brilhava no zénite; e, passadas mais algumas horas, esse mesmo astro desaparecera! A Natureza veste-se agora dos trajes sombrios da noite, e uma grande escuridão cobre o mundo. Assim é a vida do homem, por mais que a esperança diga o contrário.

Numa noite de verão, quando nenhum som perturbava o silêncio, exceto o relógio sonolento, cujos ponteiros apontavam rigidamente os momentos moribundos para as suas sepulturas, ouvimos, vindas de uma casa próxima, as palavras doces, agradecidas, esperançosas, de uma jovem mãe:

“Como é doce contemplar a tua fronte serena,
Meu filho! meu filho; qual botão a desabrochar
De puro malmequer. Ah, como é doce sentir
O teu suave sopro na minha face,
E tocar no brilho macio do teu cabelo,
Meu lindo primogénito! A vida parece mais bela
Desde que és meu. Quão breve entre as flores
Teus pezinhos saltitarão ao meu lado,
Meu cordeirinho! E então ensinar-te-ei
A ser um anjo, e a viver para Deus —
Oh, gloriosa Esperança!”

“Sim!”, exclamámos, “hoje nasce uma criança; repousa nos braços amorosos da mãe, junto ao seu coração excessivamente terno; amanhã os sorrisos de alegria brilharão nos rostos de todos ao redor, e a luz resplandecerá na habitação dos vivos; mas no terceiro dia, a mãe e o seu bebé jazem imóveis e vestem-se de pureza para — o túmulo! E um silêncio fúnebre invade o lar; a luz extingue-se, e reina a escuridão.” Assim, de manhã regozijamo-nos, rimos e cantamos, e os pássaros encantados da Esperança voam alegres aos céus; mas, antes que chegue o meio-dia, choramos com lamentos que flutuam e se perdem no ar da tarde. O rubor rosado na face da juventude é, muitas vezes, apenas o sintoma febril da decadência. A maré da esperança sobe com força e incha de prazer jubiloso — lançando o seu esplendor como prata líquida sobre a praia em flor — mas oh! quão depressa refluí e recua, até se perder na quase inércia!

A esperança pode ser comparada a uma árvore que, nas virgens horas do verão, brota e floresce em beleza deslumbrante; mas, na estação apropriada, quando outras árvores — menos promissoras e atraentes — dão bom fruto, esta desvanece-se lenta e insensivelmente da vista. Onde outrora brilhava, restam apenas algumas folhas secas — em algumas está escrito “Desilusão”; noutras, aquela palavra mortal: “Desespero.” Tal é o fruto que cresce na árvore da Esperança; será por acaso porque as suas raízes se enredam apenas no solo superficial do sentimentalismo?

E aqui se pergunta: se os seus relatos são falsos nesta vida, por que motivo confiar nos contos da esperança sobre o Futuro? “Quem vive de esperança”, dizia Benjamin Franklin, “morre em jejum.”

A esperança humana produz uma colheita de concepções ricas e fantasias raras — muitas vezes verdadeiramente sublimes nas suas meditações — mas, quem viveu trinta e cinco anos sem conhecer as múltiplas e diversas decepções que ela ocasiona? A esperança perde rapidamente a sua reputação, cansa-se e destrói-se a si mesma; mas o juízo e a prudência crescem cem vezes.

Acostumado às desilusões de toda a espécie e magnitude, o intelecto do mundo envelhece, torna-se outonal; e aprende, por fim, a contemplar, com uma espécie de indiferença fria e apática, as múmias da esperança; adquire a arte sombria de rir da “comédia de erros” universal, e volta-se de cada derrota com o semblante mais grave.

Em vão lutam os indivíduos contra as declarações estoicas e a lógica inexorável das faculdades intelectuais. Nós, os céticos, não seremos enganados. Nada é mais certo do que isto: a esperança está impugnada e contradita pela experiência do mundo! Ela diz-nos que as nuvens têm “revestimentos prateados”; que a escuridão é luz; que a dor é prazer; que o sofrimento é ganho; que todo o esforço é bem-sucedido; que o céu é pavimentado a ouro! Não: não acreditaremos! Porque, quando os céus se iluminam de relâmpagos e os trovões rasgam os ares, quando o navio é incendiado e lançado pelas ondas montanhosas contra a costa rochosa, então a Esperança clama: “Tudo está bem!” e continua o seu grito ilusório até que, na hora escura e lúgubre de uma noite de inverno, cada mortal lutador se afunda — para não mais voltar a erguer-se!

Já ouvimos dizer que “a esperança é a âncora da alma,” mas, quando pressionada pelas marés da experiência, a alma arrasta essa âncora, e, por tudo o que sabemos, mergulha sem retorno no redemoinho da comum aniquilação. Diz-nos: acreditas ser imortal porque esperas sê-lo? Ou esperas sê-lo porque acreditas?

Ah, caro amigo crente, a esperança na imortalidade não é um “direito patenteado” que nos preserve dos avanços da aniquilação! Diz-nos de novo: será a esperança um órgão? Se for, não morrerá como os outros órgãos? Será a esperança uma função? Se for, não cessará como todas as funções? Chamaste-lhe um atributo da mente. Que prova tens disso? Digamos, antes, que a esperança é uma fantasia dos sentimentos fantasiosos. Nada jamais foi mais lisonjeiro do que os seus muitos contos. O escriba farisaico, o judeu laborioso, o gentio sem fé, o mecânico exausto, o comerciante calculista: todos sabem que a esperança serve bem aos poetas sonhadores, aos clérigos entusiastas e às naturezas virgens, sem experiência. Mas o banqueiro inteligente e o acionista ferroviário, seguros na carne e no sangue, treinam as suas faculdades perceptoras — ignorando a esperança sedutora — “para olhar antes de saltar.” Usaste poesia para exaltar a esperança. Nós também o faremos, com a musa de Milton, apresentando o seu reflexo não menos verídico:

“A desilusão parecia
A negação do deleite. Era coisa
Lenta e inerte, tendendo para a morte.
O seu sopro era frio, e fazia o sangue
Estagnar, pesado, à roda das rodas
Da vida. As raízes daquilo sobre o que soprava

Apodreciam, e com o solo fértil
Já não partilhavam simpatia; as folhas, os ramos,
Murchavam, apodreciam em pó informe;
Não agitadas por ventos violentos,
Mas murchando onde brotaram, e apodrecendo ali.
Longamente desiludido — desiludido ainda,
O homem sem esperança, frustrado no seu desejo maior,
Sentia-se como regressando ao nada,
Como se pendurado no vácuo do ser,
E rodava, rodava os olhos sobre o vazio,
Que a cada hora parecia mais vazio tornar-se!”

Assim, ao constataremos que o velho e estoico Sr. Experiência, com os seus olhos insónia e testa carregada de pensamento, invalida as promessas da Esperança e dissipa os seus exageros, os espíritos sensatos habituam-se a esperar pouco — para que, porventura, possam de vez em quando ter a boa sorte de serem “agradavelmente surpreendidos.” Em suma, conclui o perseverante cético: a desilusão é sempre de esperar; essa é a regra estabelecida pela experiência; a exceção é que o resultado satisfaça os anseios secretos da alma pelo bem supremo.

QUARTO: O ARGUMENTO DEDUTIVO DO CRENTE, FUNDADO NA INTUIÇÃO

A existência futura do homem é acreditada porque a totalidade das suas faculdades morais fornece uma intuição da Imortalidade. As faculdades que encerram e proclamam uma consciência anti-animal ocupam todas as regiões superiores da cabeça. Elas constituem a bela pedra angular da arquitetura mental.

A intuição, portanto, é inata, ou integral. A educação pode desenvolvê-la, mas não pode criá-la. Ela eleva-se de dentro para fora, como o sol, e, tal como ele, brilha sobre o horizonte da Razão. Os seus impulsos divinos são como raios de constelações distantes. É a sabedoria combinada dos instintos constitucionais. Afirmo que a intuição pura é superior à esperança e infinitamente maior do que a crença; é, simultaneamente, a fonte de ambas e a profetisa autorizada do mundo espiritual. É uma testemunha interior, que atesta o direito de nascença da alma — uma escritura selada e livre de encargos, outorgada por Deus a toda a alma, sobre uma posse eterna no reino espiritual.

Talvez deva acrescentar: a intuição é uma espécie de conhecimento, uma certeza interior que ocupa um lugar superior à opinião ou à inferência. É um sexto sentido, acrescentado por desenvolvimento aos cinco anteriores, pelo qual as verdades mais elevadas são discernidas. É tão superior à razão quanto esta é superior à percepção

sensorial comum. É um daguerreótipo oculto da Divindade, um Deus vivo no santuário da alma, possuindo os atributos tanto de anjo como de salvador.

Pelo turbilhão irresistível da falsidade e da moda, a sociedade arrasta e esmaga milhares, levando muitas naturezas bondosas e generosas à ruína e ao desespero. Mas, ainda que sepultada no fundo do vórtice da desilusão, vi ali a luz imorredoura da intuição — brilhando desde a cúpula de cada alma, cada vez mais intensa, até que cada uma se erguia redimida da dor, tornando-se a mais feliz recetora do espiritual.

Recordo-me bem de um homem deste tipo, enclausurado na sombria cela de uma prisão americana. O seu crime: ajudara uma jovem mulher negra, com o seu filho, a fugir da “casa da servidão”. Inglaterra, sob um governo monárquico, acolheu a fugitiva aterrorizada; enquanto a América, terra da liberdade, aprisionava o seu libertador. Era um homem de negócios, e, até à sua gloriosa prisão, desconhecia as fontes interiores da vida. Desde a infância, a sua alma fora assombrada pelo fantasma de um único medo — um terrível espectro do intelecto cético — de que a sua consciência de toda a existência findaria com a morte. Mas, sendo-lhe imposta uma dieta racionada à base de farinhas, a sua mente atingiu pouco a pouco o cume da serenidade — e, embora não ouvisse a doce música de vozes amigas, sobreveio-lhe uma paciência inspirada pelos espíritos, que o conduziu à meditação. E então viu que —

“A luz surgia da escuridão, a alegria do desespero.
Como quando o sol desaparece da terra,
Uma a uma surgem estrelas no céu,
E mundos cintilantes, até então velados
Pela luz plena do dia, tornam-se visíveis.
Assim foi com ele! Excluído da luz da Terra,
Seus pensamentos voltaram-se para dentro, e ali descobriram
Maravilhas imortais; fontes vivas
De um consolo inesgotável; coisas ocultas
Mais brilhantes que os encantos da Terra.
Pôde traçar os movimentos da mente imortal
No seu caminho elevado rumo à excelência e à alegria,
E ali viu o prémio da sua alta vocação.”

Por fim, ao cabo de muitas semanas, a cela foi aberta, os grilhões caíram dos seus pulsos, e o libertador saiu um homem mais sábio, mais livre, e mais feliz. Assim, a alma divina do mundo, tão infinita em Sabedoria e tão ilimitada em Amor, coloca uma pomba na arca de cada homem. Se ele ao menos a soltar sobre as águas turbulentas que por vezes inundam a alma, a ave abençoada abrirá as asas, voará graciosamente de volta à sua terra espiritual de origem, e regressará com um ramo

de canto no bico, colhido da árvore que cresce junto à fonte cristalina da Vida eterna!

Channing disse: “É uma experiência comum que as mais grandiosas Ideias frequentemente nos chegam, quando de mente reta, sem sabermos como. Um homem verdadeiramente empenhado no cultivo da sua mente na virtude e na verdade, descobre-se sob uma orientação melhor do que a humana. Revelações da sua própria alma, da presença íntima de Deus, da grandeza da criação, da glória do desinteresse, da deformidade do mal, da dignidade da justiça universal, da força do princípio moral, da imutabilidade da verdade, da imortalidade, e das fontes interiores da felicidade — estas revelações, que despertam uma sede por algo mais elevado do que aquilo que se é ou possui, surgem espontaneamente numa mente humilde e em crescimento.

Às vezes, um facto banal da Natureza, uma relação comum da vida, abre-se diante de nós com uma clareza e riqueza de significado até então desconhecida. Por vezes, um pensamento assim forma uma nova era na vida. Muda todo o rumo futuro. É uma nova criação. E estas grandes ideias não se confinam a nenhuma classe de homens. São comunicações da Mente Infinita a todas as mentes dispostas a recebê-las; e o labor é uma condição muito mais propícia à sua receção do que a vida luxuosa ou mundana. É mesmo preferível a uma vida de estudo, quando esta cultiva a vaidade, o orgulho e o espírito de competição invejosa. Uma simplicidade infantil atrai estas revelações mais do que uma cultura intelectual egoísta, por mais extensa que seja.”

Tal é a intuição. É fonte de uma confiança pura na imortalidade. Pessoas com pouca ou nenhuma instrução científica, com escassa educação em qualquer assunto, são frequentemente as mais firmes crentes — e não sabem como compreender aqueles que se encontram doentes de ceticismo involuntário. O crente intuitivo está convencido de que Paulo resolveu a questão há quase dois mil anos. A intuição sente-se superior à maquinaria lógica do argumento; e não exige prova mais elevada do que a sua própria filosofia espontânea e positiva, e a fé que dela decorre.

PER CONTRA: A OBJEÇÃO INTELECTUAL DO CÉPTICO À INTUIÇÃO

O céptico intelectual, utilizando o método baconiano, diz: Para que aquilo a que chamais “Intuição” seja aceite como evidência convincente, duas coisas fundamentais devem estar estabelecidas para além da dúvida inteligente: primeiro, que esse poder intuitivo é absolutamente inato; segundo, que o seu testemunho está em estrita conformidade com os resultados da experiência universal.

Afirmas que a educação não confere esta intuição da imortalidade. Como se pode provar tal coisa? A experiência é o único meio pelo qual a mente adquire conhecimento; e a experiência resulta do contacto com o mundo envolvente; e

nenhum contacto é possível senão através do agente intermédio conhecido como “sensação”; e toda a sensação depende da existência e do funcionamento normal dos sentidos corporais; e esses sentidos, quando perpassados pela sensação, são aptos a transmitir sombras ou imagens de objetos ao cérebro; e o cérebro, sendo uma substância impressível, retém uma semelhança mínima de cada imagem assim recebida; e essa semelhança de impressões feitas no cérebro é chamada “memória”; e essa memória permite à sensação cerebral refletir sobre essas imagens e combiná-las, formando o que chamamos “ideias”.

Essa reflexão e essa combinação dão origem ao que os homens chamam “imaginação”; enquanto o processo mais comum de comparar as experiências mentais adquiridas e armazenadas é chamado “raciocínio”; e a capacidade de levar a cabo esse processo de forma contínua, bem como o poder adicional de traduzir pensamentos em casas, navios e outras expressões externas, é a linha que distingue os homens dos animais — mostrando que o homem é uma evolução e refinamento do reino animal. Assim sendo, concluímos que a mente humana é um produto da organização sensorial, diferente da animal apenas em grau. Daí que o destino dos homens e dos animais, como o dos bípedes e quadrúpedes, não seja, em essência, diferente.

Uma vez que a mente é um efeito dos sentidos, e a inteligência não pode subsistir independentemente da organização física, é vão supor qualquer existência individualizada após a morte.

Afirmas que a intuição é inata — que é uma fonte intrínseca de conhecimento. Exigimos prova disso! Pode demonstrar-se que a inteligência é inata? Se sim, então admitiremos — contra a experiência, ou melhor, sem experiência própria — que a Intuição fornece alguma evidência de imortalidade. Mas evitaremos a tentação de mergulhar na imaginação além do nosso alcance. Para quê enganar-nos a nós próprios e fingir ter poderes que não possuímos? Por que razão assumir que temos provas de outra vida, quando, na realidade, estamos tão evidentemente desprovidos delas? Se existe um desejo de imortalidade, mas nenhuma evidência, por que não dizê-lo simplesmente?

Se há evidências contraditórias, por que não declará-las? Nada de quimeras! Vamos sair para o mundo; vamos misturar-nos nos assuntos da vida; vamos aprender, conquistar, possuir, e ascender. Os homens são uma espécie de plantas móveis e, como as árvores, recebem grande parte do seu sustento do ar. Se permanecem demasiado tempo em casa, definham. Vamos! Tenhamos uma vida robusta e viril; saibamos com certeza aquilo que sabemos; que aquilo que possuímos seja sólido, sazonal, e verdadeiramente nosso. Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar. Lidemos com homens e mulheres reais, e não com fantasmas saltitantes. “Conhecimento é sabermos que nada podemos saber.”

E mesmo esse tipo de conhecimento — como é que nos chega? O que sabe o homem, senão por experiência? Não depende ele do contacto positivo com objetos exteriores, que possam ser medidos, pesados e avaliados? O homem adquire conhecimento associando-se com os seus semelhantes, cuja substância se pode tocar, cujas formas se podem ver, cujas vozes se podem ouvir! Nada de sombras, nada de quimeras fantasiosas — apenas factos sólidos, que desaparecem do campo visual como todos os outros objetos, para que outros possam ocupar o seu lugar! Os ignorantes estão cheios de presunção.

* Ver uma palestra sobre Montaigne, por R. W. Emerson.

Com certeza, se o que ignoramos fosse escrito, seríamos obrigados a arrendar, além da Terra, Marte, Júpiter e Saturno, como bibliotecas para conter os volumes inumeráveis.

“Ignoro como fui formado,” disse Voltaire, “e como nasci. Durante um quarto da minha vida, fui completamente ignorante das razões do que via, ouvia e sentia. Era um simples papagaio; falava por repetição, imitando outros papagaios. Quando olhei em meu redor e dentro de mim, concebi que algo existia desde toda a eternidade. Como há seres que atualmente existem, concluí que há um ser necessário, e necessariamente eterno. Assim, o primeiro passo que dei para me libertar da ignorância ultrapassou os limites de todas as eras e as fronteiras de todo o tempo. Mas, ao desejar prosseguir nessa carreira infinita, nem um só caminho consegui distinguir, nem um só objeto percebi com clareza, e da vertigem em que tentei contemplar a eternidade, recaí no abismo da minha ignorância original.”

“Ó átomos de um dia! Ó companheiros na pequenez infinita! Nascidos, como eu, para sofrer tudo e ignorar tudo — haverá entre vós alguém tão completamente louco que imagine conhecer os problemas do Infinito?”

Afirmas a existência no homem de uma faculdade que antecipa a experiência. Onde está a tua prova? O que sabe o homem do Tempo, senão através da sua divisão em dias e horas? O que sabe ele do Espaço, senão pela diferença entre pés e polegadas? Toda a arte, toda a ciência, toda a filosofia, todas as relações e opiniões de qualquer tipo chegam através dos canais da experiência sensorial. Que sabe um homem sobre objetos, se nunca teve olhos? Que sabe um ser sem ouvidos sobre som? O nosso conhecimento está assente em factos percebidos pelos sentidos, e aceitamos apenas o testemunho que a experiência corrente do mundo justifique.

Mas os factos chegam primeiro aos sentidos; depois pintam imagens no cérebro; e é a partir dessas impressões que pensamos e agimos. Por isso, negamos que o homem possua qualquer fonte inata de conhecimento. Julgando pelo que sabemos da humanidade, continuamos nós, os céticos, concluirmos que não haverá um religioso educado em trezentos que pense possuir aquilo que chamais “Intuição”. Os cristãos

esperam e desejam a imortalidade; mas poucos sentem algo que se assemelhe a um instinto dela. E entre os naturalistas, aqueles que experienciam algum sentimento definido daquilo a que chamais “intuição” são ainda mais raros. Não se pode, portanto, afirmar que a “intuição” é respaldada pela experiência universal.

Esse alegado conhecimento interior é uma característica incerta — e, na sua maioria, desconhecida — da mente. Concluimos, assim, que toda a evidência da existência futura da mente, baseada numa suposta convicção instintiva, é quase nenhuma, para o intelecto inteligentemente cético. Em suma — e finalmente — a Intuição é uma “perfeita estranha” para as faculdades argumentativas. É um sonho sentimental; uma abstração poética. E porque a tua Intuição é incapaz de apresentar prova sensorial e positiva daquilo que dizes que afirma, é logicamente repudiada pelo intelecto incrédulo.

QUINTO: O ARGUMENTO INFERENCIAL DO CRENTE BASEADO NA PREVISÃO DO HOMEM

A existência futura do homem é acreditada pelo facto de que ele possui a única organização mental na Terra capaz de formar ideias e previsões claras. O seu prazer reside menos na posse do que no esforço para alcançar. Participar, neste princípio, é menos gratificante para a mente humana do que antecipar; a realidade física é inferior ao ideal espiritual.

Os pensamentos do homem parecem formar-se em grupos de sentinelas e em patrulhas avançadas. Lançam as suas percepções clarividentes para o futuro; e, ao verem o caminho, guiam as partes mais deliberadas da mente rumo aos lares eternos. O homem pensa, e pensa, e pensa, incessantemente, até o presente se apagar, até que todas as condições ao redor se dissolvam da memória e da consciência — e assim o “amanhã” torna-se a base da maior felicidade que a mente deseja possuir. Sim, a alma humana pensa involuntariamente, e ergue-se inteiramente para fora do presente. Agarra-se à corda da Progressão, na qual as esferas eternas estão suspensas como contas num fio, e assim puxa-se a si mesma para o Futuro. Esse atributo de previsão, de antecipação deliberada e inevitável, prenuncia a imortalidade da mente. É a voz da Eternidade a ressoar contra as margens do Tempo! A alma sussurra o poema do seu próprio destino. Pertence ao Futuro; e, por isso, a ele se agarra com afetos imperecíveis.

É um facto significativo, derivado deste atributo, que o homem é o único ser capaz de conceber uma ideia definida de um estado de existência diferente e melhor. Neste aspeto, como em tantos outros, quão diferente é o homem dos reinos inferiores! Os animais vivem, geração após geração, contentes no cativeiro da sensação. Os sentidos corporais e a consciência, embora limitados no tempo e no espaço,

proporcionam vasto alcance aos desejos animais. Com o homem, é diferente! Os seus sentidos e a sua consciência inferior sofrem restrições dolorosas, ao passo que os dos animais possuem as maiores e mais amplas liberdades. Isto é, todos os seres abaixo do homem estão contentes e satisfeitos com as atividades e realidades da esfera sensorial. Ao contrário do homem, o animal vive, move-se, e desfruta exclusivamente do Presente — não de forma filosófica ou racional, mas estupidamente, como o cérebro de um idiota. O predador contente da floresta não tem futuro.

No cérebro do animal está inscrito o Passado e o Presente, e nada mais. O “ontem” deixou a sua marca no animal — trouxe novas sensações, novos hábitos, novas memórias, talvez umas poucas expectativas sensoriais. Mas, pela história do mundo animal, podemos inferir que tais memórias e antecipações estendem-se apenas por alguns dias no futuro desta vida; nunca chegam ao ponto de refletir, sequer por um instante, sobre um túmulo — quanto mais sobre um evento como a ressurreição espiritual. Para o animal, então, não há previsão conceptual; não há antecipações que abranjam o mundo; não há vida num domínio ideal; não há compreensão de UM AMANHÃ ETERNO!

Assim sendo, visto que o homem é o único ser intelectualmente consciente da sua própria mortalidade física — o único ser pensante ciente da transitoriedade da forma que o envolve, e a única mente que compreende e se sente oprimida pelo medo da morte — é sensato inferir que ele é também o único ser capaz de se libertar, de olhar com o “olho claro da Fé” para além da decomposição da matéria organizada, e de conceber para si próprio uma existência superior à do mundo presente — um lar nos céus.

“O cordeiro que hoje a tua luxúria condena a sangrar,
Se tivesse a tua razão, saltaria e brincaria?
Satisfeito até ao fim, colhe os alimentos floridos,
E lambe a mão que se ergue para lhe tirar a vida.”

Eis onde detemos o céptico intelectual. Ele não pode refutar esta evidência. Ela ergue-se, como a verdade, do íntimo mais profundo do homem — o pressagiador infalível de todo o destino humano. Podeis, se quiserdes, rejeitar “o testemunho da Bíblia”, como inútil. A proposição de que a crença na imortalidade é “universal” pode parecer questionável e insatisfatória; os “prazeres da esperança” podem ser tratados como ilusões; a inteligência inata chamada “Intuição” pode, de igual modo, ser considerada inconclusiva e produto da educação. Mas aqui, finalmente, levamos-vos ao ponto que nenhuma sofística pode atenuar ou disfarçar — um testemunho que nenhuma lógica indutiva pode invalidar: o facto de que a alma do homem sente o Futuro, compreende a realidade da Morte, teme-a, e delineia a filosofia de uma habitação eterna. Sim — sentimo-nos, triunfantemente, seguros do nosso terreno!

A existência presente é o fundamento natural; mas a mente admira reverentemente e apegase amorosamente à superestrutura imortal. Os pés espirituais do homem firmam-se nesta existência, onde as ondas das temporalidades rebentam em redor da sua natureza física objetiva; mas o seu ser subjetivo — a cabeça e os ombros da sua natureza indestrutível — projeta-se através das nuvens do Presente, para o grande e dourado Futuro! E agora perguntamos a todos os cétricos intelectuais: De onde provém esta conceção antecipatória da imortalidade? Como se origina? Porque existe? Em suma, porque concebe a mente racional um futuro, se não houver vida para dar cumprimento às suas conceções e satisfação aos seus anseios? Respondemos, tal como no primeiro capítulo, que o universo exterior corresponde perfeitamente aos poderes e necessidades internas do homem.

SEXTO: O ARGUMENTO DO CRENTE FUNDADO NA IGUALDADE ENTRE NECESSIDADES E PROVISÕES

Dispomos aqui de grande riqueza de evidência neste raciocínio. A partir da multiplicidade de factos invariáveis, induzimos a convicção, afirmada por toda a constituição das coisas, de que a Provisão é sempre proporcional à Necessidade. O desejo do homem pela imortalidade pressupõe e profetiza satisfação plena e final. Todo o anseio espiritual encontrará uma resposta ilimitada. Em tudo isto contemplamos a sabedoria, o amor e a justiça do Pai universal. Mas este argumento é tão familiar e tão popular que não requer longa exposição. Julgamos que, quando sondado até ao fundo dos seus princípios límpidos, este argumento oferece uma montanha de evidência interior.

Mas o cétrico, por seu lado, afirma que muitos desejos não são satisfeitos. Uma vez que não é um princípio infalível que todos os desejos sejam supridos, segue-se que o desejo humano pela imortalidade pode nunca vir a ser satisfeito. Dado que os desejos mais fortes e elevados do homem são, por vezes, ignorados e não realizados, não será possível que a aspiração poética de triunfar sobre as leis da matéria e suas imperfeições experimente absoluta decepção e derrota?

O cétrico revela-se deficiente na sua linha de raciocínio: falta-lhe o argumento dedutivo. Por exemplo: não vê, como deveria, que a Natureza resolve os seus problemas e demonstra a unidade dos seus instrumentos e propósitos por um código divino de leis imutáveis. Em vez disso, permanece no anel exterior das suas observações sensoriais e experiências superficiais, e desconfia da constituição benéfica das coisas porque metade das suas carências corporais e superficiais nunca foram devidamente satisfeitas. Como responder à sua objeção? Vejamos.

A Natureza não opera ao acaso, ele admitirá, mas por leis gerais e fixas. Que esta verdade repouse como uma rocha sob os nossos pés. Agora, confessamos que nenhum desejo especial e egocêntrico do homem foi totalmente satisfeito. Mas

afirmamos que a Natureza não nos ensina a satisfazer todos os nossos desejos, porque muitos deles são apenas espuma e bolhas a flutuar na fonte profunda das necessidades constitucionais. Enquanto os “desejos” são negligenciados ou deixados ao crivo da razão, as nossas necessidades integrais são supridas com toda a atenção e provisão possíveis.

Nenhum pensador justo pode, nem por um instante, encarar a sua própria experiência e afirmar que qualquer necessidade física ou mental foi absolutamente, ou sequer parcialmente, negligenciada. O argumento gira em torno deste pequeno eixo: a diferença positiva entre desejos e necessidades. O homem raramente faz essa distinção, e pode, por conseguinte, desejar imperiosamente cem coisas; mas, de entre essa multidão de desejos, poderá necessitar verdadeiramente de apenas cinco ou sete. As nossas necessidades são poucas, simples e, na sua maioria, económicas — ao passo que os nossos desejos são muitos, complexos e difíceis de satisfazer. A verdadeira filosofia distingue-se por traçar esta linha entre o Éden das necessidades e a Babel dos desejos.

Concluímos, portanto, que aqueles que nutrem um ceticismo temeroso quanto à imortalidade pessoal, porque os seus diversos desejos não são sempre supridos, podem doravante transpor ou transformar os seus desejos em necessidades; e, descobrindo, por análise paciente, que as necessidades integrais são invariavelmente satisfeitas, tais pessoas poderão ver neste argumento uma prova firme de que o seu desejo por vida e felicidade futuras será cumprido. Pois deve estar bem estabelecido que os nossos desejos são duplos e de origens distintas.

Um grupo é superficial, fruto do hábito; o outro é integral, e resulta de princípios inerentes. Mais de oitenta por cento dos desejos humanos são sensoriais e incidentais à esfera das relações; os restantes provêm das necessidades internas do espírito e são, por isso, absolutos. Compreenda-se bem: os desejos espirituais nunca têm raiz na consciência animal, mas, tal como os princípios soberanos da verdade e da justiça, brotam das mais elevadas potências e regiões da mente. Vinte por cento de todos os nossos desejos, portanto, são filhos das faculdades morais.

Estes demonstram a veracidade do axioma soberano de Fourier, segundo o qual “a atração é proporcional ao destino”; que o desejo aspiracional mais elevado é o da vida e felicidade eternas; e que gratificações apropriadas estão a ser preparadas, algures, neste sistema incomensurável de sabedoria e amor.

SÉTIMO: AS INFERÊNCIAS DO CRENTE DERIVADAS DOS FACTOS DA ANALOGIA

Este argumento pode ser apresentado a partir de uma variedade de factos e processos do mundo. Diz o crente: “A morte não é uma verdade mais severa do que a vida eterna é uma realidade jubilosa. Puxa aquele ramo onde ainda esvoaça a folha

amarelada e seca. Vê como o gérmen da flor futura está tão perfeitamente protegido como se estivesse encerrado numa armadura. Nem a geada mais cortante nem a neve mais fria lhe farão mal. Nenhuma arte ou habilidade humana poderia tão bem assegurar-lhe a segurança. Observa-o nas diferentes etapas da sua jornada. Na primavera, florescerá — durante o verão, crescerá — no outono, poderás colher o fruto amadurecido.

Assim também, no meio das crescentes indicações de dissolução iminente, podem ser encontradas as provas mais seguras da imortalidade, se apenas as procurarmos. Ao lado da velhice venerável e consumada, pode ver-se a infância luminosa e esperançosa; e entre o berço e a sepultura, a maturidade do homem, na sua força e esplendor, cumpre o seu dever e prepara-se para o destino que lhe está atribuído.”

OITAVO (omitido): “A mente é uma unidade permanente” — *adiante considerado em capítulos posteriores.*

NONO: A INFERÊNCIA DO CRENTE BASEADA NO TESTEMUNHO

(Passamos à oitava proposição, como anunciado, por se tratar de matéria que será examinada mais profundamente em páginas futuras.) Todos os videntes antigos, medievais e modernos têm testemunhado, sem hesitação, a existência de outra esfera. Nas suas declarações proféticas há uma notável coerência e convergência histórica. Mas os cétricos respondem: “A ilusão e o auto-engano são possibilidades reais. Portanto, ainda que os videntes, de era em era, tenham atestado um outro mundo, podem ter sido impostores, ou simplesmente honestos mas enganados.” Esta objeção, reconheçamos, tem peso e substância.

Mas perguntamos: não é deveras maravilhoso, e digno da mais respeitosa reflexão, que *todos* os videntes reconhecidos, desde os dias mais remotos da história indiana até à presente hora, em todas as raças e religiões, tenham declarado com solenidade ter mantido comunhão com os habitantes (designados deuses, espíritos, anjos) de um outro mundo, superior a este sob todos os aspetos? Sobre este ponto, a história é coesa e autenticada. Questionar este testemunho é desonrar e repudiar a experiência conjunta da humanidade.

E, ainda assim, sejamos justos para com o nosso cétrico, e confessemos que esse testemunho não constitui demonstração científica. A revelação nada significa para o indivíduo, até que esta entre no campo do seu entendimento. Aceitamos, alegremente, tal premissa. Contudo, sustentamos que, mesmo para o entendimento do cétrico, o testemunho universal de videntes e mentes inspiradas deve ter o peso de uma *inferencia racional*, oferecendo um grau legítimo de confiança intelectual na possibilidade lógica de uma existência além do mundo físico.

DÉCIMO: O ARGUMENTO DO CRENTE FUNDADO NOS FACTOS DA CLARIVIDÊNCIA

A mais elevada manifestação das capacidades mentais do ser humano ocorre no estado independente da clarividência. Esta condição revela uma sublime potência aos sentidos do investigador atento. Os vários clarividentes genuínos dos tempos modernos assaltaram, com firmeza, o bastião do ceticismo; pois os “dorminhocos vigilantes” — que atingiram, por assim dizer, um grau de lucidez em comparação com o qual o seu estado normal de vigília é um sono profundo — convenceram muitos cétricos outrora considerados irreduzíveis de que o olho da alma é independente do olho físico do corpo.

O problema comum aos pensadores indutivos ou sensualistas reside neste ponto: de que as funções normais do cérebro parecem ser a causa da existência e da atividade da mente. Esta ideia está difundida entre centenas de mentes científicas, porquanto, quando a organização cerebral deixa de desempenhar as suas funções habituais — o que invariavelmente sucede no momento da morte — também a mente parece cessar as suas operações mais subtis. “Quando o cérebro para, a mente pára” — tal é a explicação de todos os cétricos.

Mas o crente na clarividência independente permanece inabalado perante essa sentença alarmista. Pois quando o corpo é lançado num sono magnético tão profundo que o ruído de uma batalha não o perturbaria, os olhos belos e luminosos do espírito podem contemplar locais muito distantes como se estivessem presentes; e podem fixar-se, com doçura e precisão, sobre objetos, pessoas e factos situados a centenas de léguas, com toda a clareza e objetividade natural ao olhar físico.

Estas percepções supracorporais foram testadas repetidamente por todos os meios razoáveis que o ceticismo, nos seus momentos mais impiedosos, poderia sugerir; e o veredicto firme, proferido tanto na Europa como na América, é absolutamente claro: a visão clarividente é positiva e não ilusória como o sonho de um adormecido. Assim, ficou provado, repetidamente, perante o mundo médico, primeiro, que os órgãos físicos da visão nem sempre são necessários para ver com precisão; segundo, que os ouvidos físicos não são indispensáveis para ouvir com perfeição; e, por fim, que a organização cerebral não é o único agente dos fenómenos intelectuais — demonstrando-se positivamente que os vários órgãos físicos são apenas vasos de contenção e vias de passagem para o desenvolvimento e fluxo das capacidades mentais do homem. Em suma, provámos aquilo que os cétricos duvidam há séculos, e respondemos a perguntas que os mais astutos metafísicos sempre formularam, nomeadamente: o espírito é algo real, e de que forma e até que ponto é a mente independente da matéria que a envolve?

Mas a nossa riqueza privada é abundante e universal, repito; por isso, não insistiremos em reclamar a clarividência como uma prova positiva da vida futura. Concedamos ao cético o direito de afirmar que a clarividência não é senão um despertar sobrenatural das faculdades intelectuais, uma nova característica da mente em processo de desenvolvimento; ainda assim, restam-nos no nosso tesouro três provas científicas positivas, às quais chegaremos no devido tempo.

DÉCIMO PRIMEIRO: A AFIRMAÇÃO DO CRENTE SOBRE O CONTACTO PESSOAL COM OS HABITANTES CELESTIAIS

É afirmado como demonstração positiva da existência futura do ser humano, que os habitantes individuais da Terra Melhor estão constantemente a banhar o nosso mundo com evidências revigorantes (de cerca de vinte e quatro tipos e graus distintos) e a demonstrar, por diversas intervenções, que existe uma vida bela que os preparados podem usufruir para além do caixão.

Mas, por outro lado, o crítico baconiano, envolto em ceticismo, afirma com amargura que nunca recebeu tal evidência. Em nenhum momento do dia ou da noite, na sua vida, sentiu com as mãos a presença de um espírito, nem jamais viu com os olhos aquilo a que chamamos o mundo espiritual. Assim, falta-lhe evidência e sobra-lhe incredulidade; embora, talvez, desejasse inverter essa condição, se pudesse. Nunca as cordas profundas do seu ser foram tocadas por dedos espirituais. Nenhum anjo sem asas jamais passou, com graciosa gentileza, a sua mão magnética sobre a sua fronte febril. Nenhuma migalha de evidência pura alguma vez filtrou do firmamento revelado. E o nosso cético encontra-se fortemente munido de dúvida. Quem se admira que tal mente seja incrédula? Ele diz: “Quero e exijo uma prova de imortalidade que possa sentir com as mãos e compreender com os olhos, separada de todos os alegados fenómenos necrológicos.”

Digamos, então, que todas as chamadas manifestações espirituais são, na melhor das hipóteses, apenas indicações de princípios psicodinâmicos encerrados no ser humano; meras ilustrações de poderes ocultos, mas terrenos, da mente — que é um mar sem limites e insondável. Concedemos até isso ao investigador indutivo, pois temos, no nosso tesouro privado, uma abundância de riqueza imperecível, que nos faz sentir generosos e hospitaleiros para com o honrado cético — riquezas essas que, nas páginas seguintes, partilharemos livremente com a humanidade.

(* O leitor é aqui remetido para o compêndio de evidência espiritual do autor, no volume intitulado "A Época Presente e a Vida Interior". Ver a tabela de mediações.)

DÉCIMO SEGUNDO: O ARGUMENTO DO CRENTE BASEADO NA EXISTÊNCIA DE DEUS

Esta posição foi bem sustentada por um Pensador lógico e amigo da humanidade. “Não posso ser ateu”, diz o Pensador, “e, no entanto, creio que conseguiria mais facilmente raciocinar até ao ateísmo do que até ao deísmo, tal como geralmente é entendido. Por deísmo entendo a crença num só Deus e a descrença, não só na revelação, mas também na imortalidade. Para mim, a simples admissão da existência do Deus deísta é, por si só, evidência de imortalidade. É certo que eu esperaria pela imortalidade mesmo na escuridão do ateísmo, pois se tudo o que foi desenvolvido até agora é fruto do acaso, eu ainda assim esperaria que o mesmo acaso, após a nossa morte, nos pudesse reproduzir.

“O deísta vangloria-se de basear as suas convicções na razão, e em muitos aspetos é verdade; mas parece-me que, para evitar admitir a verdade da imortalidade, ele não só renega a razão, como também o bom senso. Pergunto-me se algum homem pode alcançar uma crença racional e verdadeiramente divina na imortalidade sem o exercício do bom senso; pois, para entrarmos num estado que conduza à crença na imortalidade, devemos ser como crianças, e deixar que o bom senso exerça a sua influência legítima sobre a nossa mente, independente das escolas de teologia ou de ceticismo. A simples criança da natureza tem mais probabilidade de chegar a conclusões corretas sobre este tema do que aquele cuja mente foi envenenada por uma religião ou filosofia falsa — especialmente se essa mente for questionada sobre o assunto e lhe for permitido avançar as suas próprias ideias e noções originais, sem estar contaminada pelas sugestões oriundas da sabedoria do mundo.

“O Deus do deísta possui todos os atributos do Deus cristão: sabedoria infinita, bondade e poder. Partindo, então, de um Deus assim, a imortalidade e o progresso eterno parecem ser uma consequência necessária. Esse Deus (o Deus do deísta, recorde-se) é o autor do ser humano, pois o deísta não acredita que o diabo tenha tido algo a ver com a sua criação, ou sequer que tal ser exista. Mas que tipo de ser é o homem? É um ser individualizado — um universo em miniatura — um deus em pequena escala. Está-lhe incutido, na sua própria natureza, o desejo de conhecimento, de felicidade e de imortalidade — o desejo de saber qual será a sua condição amanhã — o desejo de viver e progredir ad infinitum. Pergunto: por que razão criou o Deus do deísta um ser assim, sabendo que os seus desejos não seriam satisfeitos? Seria ele incapaz de o tornar imortal? Este pensamento atenta contra o atributo do seu poder. Seria ele relutante?

Isso compromete a sua bondade. Terá ele criado o homem com essa intenção, mas falhou na sua concretização? Isso diminui a sua sabedoria, bem como o seu poder. O deísta, insisto, deve ou destituir o seu deus dos seus atributos (e sem tais atributos que espécie de Deus seria ele?) ou admitir a imortalidade como consequência necessária, ou então rejeitar a razão e o bom senso que afirma venerar como degraus para a verdade.

“Pergunto novamente: por que razão criou Deus um ser como o homem, dotando-o das capacidades e desejos referidos, apenas para esta breve vida? Qual foi o motivo? Foi para nos ridicularizar? Para ver quanto divertimento poderia tirar das nossas desgraças? Foi para nos fazer chorar, sofrer e ranger os dentes enquanto passamos por este mundo frio, insensível e ingrato, e depois enterrar-nos debaixo de entulho, para fertilizar a terra, fazer crescer a erva e as árvores com mais vigor? Porque não se contentaria a sua Graciosa Majestade em criar apenas répteis e animais? Tais como cobras, aves, esquilos e afins? Certamente, para um ser bom, seria mais agradável testemunhar as curiosas acrobacias de uma serpente — vê-la enrolar-se, rastejar e silvar — ou observar os passarinhos ou os esquilos a voar ou saltar de árvore em árvore, de ramo em ramo, cantando e chilreando, totalmente inconscientes do amanhã, ou sequer de que algum dia terão de morrer.”

Porque, pergunto novamente, qual a necessidade de criar o homem — sim, o homem tal como ele é — e encurtar a sua existência antes que uma única faculdade da sua mente esteja sequer desenvolvida numa milionésima parte? Que a razão e o bom senso respondam. Pela minha parte, face a todos os males da vida a que a carne está sujeita, se eu soubesse e reconhecesse a existência de tal Deus, e me fosse permitido conversar com ele, eu dir-lhe-ia com linguagem enfática: "Senhor potentíssimo, não aceito a vida, ou melhor, não consinto na sua continuação, segundo as condições que me prescreveste. Forçaste-me à existência sem sequer me consultares. Rodeaste-me de circunstâncias que não posso controlar.

Dotaste-me de uma capacidade capaz de progressão quase infinita, infundiste-me um forte amor à vida e à imortalidade, e, ainda assim, criaste-me apenas por divertimento, para satisfazer um capricho aristocrático teu, sem qualquer consideração pelo meu interesse; e agora, senhor, permita-me dizer-te que isto é indigno de um Deus — tão indigno, de facto, que qualquer homem bem desenvolvido, que não tenha sido sufocado pelos espinhos da superstição e de uma filosofia falsa, mesmo com a sabedoria e bondade que hoje possui, se tivesse apenas um dos teus atributos infinitos — o poder — coraria de vergonha ao exercê-lo para criar o homem tal como ele é, a menos que o tivesse criado para uma existência imortal.

Porque, volto a perguntar, não me deixaste permanecer como um simples e inconsciente torrão de terra? Esta adaga, que a razão que me deste me ensinou a fazer e usar, cravá-la-ei profundamente no meu coração, e assim, senhor, impedir-te-ei de obter mais divertimento com a minha existência. Se tens poder, parece que a minha existência não será perpetuada. Naturalmente, não te devo gratidão alguma. Vivi o suficiente para experimentar e testemunhar escárnio, sofrimento e aflição quanto baste, e agora tirarei a minha própria vida, sabendo que não será restaurada, e que, pelo menos, terei o privilégio do repouso. E a única oração que tenho para te oferecer, a um Deus assim, é esta: se alguma vez te atreveres a criar o homem de

novo segundo o mesmo princípio, deixa o meu pó e as minhas cinzas intocadas pela tua mão inábil."

A minha razão e o meu bom senso ensinam-me que o ateísmo é um absurdo; que o deísmo, sem imortalidade, é um absurdo ainda maior; que todos os "ismos" são, pela sua própria natureza, absurdos, a menos que revelem o Pai no seu Deus, e a imortalidade e o progresso eterno como consequência natural e necessária da existência de um Deus.

Não temos mais nada a apresentar sobre as doze evidências populares, salvo isto: elas contêm prova positiva para todos os que pensam e raciocinam segundo os planos hindus, platônicos ou harmoniais; mas, para o filósofo aristotélico ou baconiano, tais evidências não só não são prova de vida futura, como são demasiado carentes de "factos" para merecerem sequer consideração. Filósofos dedutivos ou femininos são os mais profundos, espirituais e sábios. Este tipo ou fase mental não é necessariamente exclusivo de qualquer país, raça ou sexo; e o mesmo se aplica aos filósofos indutivos ou masculinos, que são os colecionadores de factos — os mais materiais e superficialmente precisos.

Contudo, essas mentes, cedendo impercetivelmente à corrente subjacente dos princípios imutáveis, acabam por experimentar uma conversão gradual ao método superstancial, instancial e centerstancial de realização das mais elevadas verdades. Quando isso acontece, tornam-se artistas brilhantes e verídicos, pensadores progressistas, os melhores estudiosos científicos, e benfeitores permanentes da humanidade. Se os meus leitores fossem todos plenamente convertidos à Filosofia Interior — isto é, ao método centerstancial de sentir e pensar — então este capítulo já estaria completo, e outras causas e razões para a imortalidade pessoal do homem seriam meramente acumulativas e supérfluas. Mas o mundo ainda é externo, e argumentos externos são universalmente exigidos. E por que, pergunto, haveríamos de negligenciar o nosso fortalecimento? O tema é de importância capital, e vem carregado de mistério esmagador — "Viver ou não viver, eis a questão!" O poeta árabe perguntou, usando as palavras de Job: "Se o homem morrer, viverá novamente?"

Milhares de civilizados dizem: não podemos acreditar até sabermos! "Ver para crer", dizem todos os homens. Mas todos os homens são dotados de princípios racionais e razoáveis; a mente humana pode, portanto, ver; assim sendo, se as nossas evidências científicas forem sólidas e palpáveis, os milhares de duvidosos poderão acreditar e rejubilar-se. Exponhamos então, com espírito de amor e boa vontade, a nossa trindade de proposições e prossigamos de imediato na sua sustentação:

Primeiro: O casamento dos dois cérebros no homem é a culminação de todas as leis orgânicas.

Segundo: A mente do homem é o objetivo final da organização; o fruto perfeito da árvore da vida.

Terceiro: As afinidades internas da mente são coesivas entre si, e mais fortes do que todas as atrações extrínsecas.

À partida, deixem-me dizer que a missão da Filosofia Harmónica é tanto destrutiva como construtiva.* Primeiro, destruir toda a oposição vital entre a verdadeira Ciência e a verdadeira Religião; segundo, construir um sistema (com infinitas conformidades) de unidade e variedade a partir de toda a Verdade pensável e compreensível. Os líderes de todas as Igrejas conhecidas traçaram, com sabedoria, justiça e lógica, linhas de demarcação longas e claras entre os seus ensinamentos e os do universo de Deus. A situação é esta: as afirmações da teologia dogmática contra as demonstrações da ciência progressiva. Por causa deste antagonismo, aquilo que é cientificamente provado como verdadeiro é escarnecido e rejeitado como sendo teologicamente falso.

Mas o Pensador Centerstancial discerne um sistema divino de Leis. Vê uma unidade de ação e uma sabedoria de propósito em todas as partes do *Univercoelum*. Esse Princípio (chamado por qualquer nome eufónico) que se origina do vórtice divino, e manifesta os fenómenos do amor e da aversão, da amizade e da antipatia entre os seres humanos, é o mesmo

(* Ver a obra do autor intitulada “História e Filosofia do Mal”; o capítulo sobre o verdadeiro Salvador do mundo.)

princípio que atua num plano subordinado; revela os fenómenos de atração e repulsão, de gravitação e separação, tal como se observa nos compostos químicos e em todos os domínios da matéria. As leis físicas e morais, portanto, são idênticas — operando simultaneamente nas cozinhas e salas de estar da criação; ao mesmo tempo e igualmente no corpo e na alma, tanto na Terra como nos planos espirituais.

No início deste capítulo foi anunciado, como base das nossas evidências científicas, "a Origem da Vida". Ao desenvolver as minhas impressões sobre "a origem da vida" neste planeta, estou plenamente consciente de que surgirá um conflito entre o registo mosaico e as declarações claras da Natureza. “Qual caminho devo seguir? Devo avançar como um político hábil, ocultando este conflito absoluto, e fazer o leitor preconceituado imaginar que estou secretamente em harmonia com os sistemas antigos? Ou devo seguir o exemplo de vários homens distintos da nossa época, que, ao começarem um ciclo de palestras sobre a história das pedras ou das estrelas, gastam dois terços da primeira hora a apresentar elaboradas desculpas por ousarem falar sobre um tema tão pouco escriturístico, ou por afirmarem algo que possa, mesmo remotamente, implicar uma possível contradição entre Moisés e a Ciência Moderna? Devo imolar o cordeiro da Verdade no altar da superstição? A Justiça e a

Humanidade proíbem-no! O falso e superficial já dominaram tempo demais: falemos toda a verdade que tivermos capacidade de vislumbrar — e não temamos! As várias tentativas eruditas de harmonizar o Génesis com a Geologia foram acompanhadas de um número proporcional de fracassos retumbantes.

AS TRÊS EXPLICAÇÕES DA CRIAÇÃO

Como muitas das considerações que se seguem tratarão diretamente da “origem da vida”, servindo como base filosófica sobre a qual assentar as nossas três evidências científicas positivas da imortalidade, é útil mencionar que existem, no mundo, três explicações principais da criação, a saber:

1. A teológica sobrenatural — que corresponde à teoria cristã comum.
2. A cientificamente sobrenatural — que abrange todas as ciências que partem da admissão de uma criação original e especial.
3. A filosófica da harmonia — ou racionalista — baseada nas leis invariavelmente harmoniosas de causa e efeito.

É preciso reconhecer que a doutrina sobrenatural da criação do ente a partir do não-ente, do algo a partir do nada, da matéria a partir da mente, do universo físico a partir de uma fonte espiritual, tem, como seus defensores, alguns dos homens mais instruídos da atualidade! Embora a mente instintiva e não cultivada de grande parte do mundo aceite intuitivamente a teoria racionalista, poucos entre os considerados sábios ousam aceitar os seus pressupostos ou reconhecer as suas conclusões.

Mas é entre racionalistas e sobrenaturalistas que se travam as discussões mais acesas e os antagonismos mais profundos acerca da origem da vida na Terra. Os racionalistas, em geral, afirmam que a criação não é um milagre — de facto, que nem sequer existe criação, mas apenas formação; que “toda a vida vem do mar.” A escola alemã de racionalismo é parcialmente representada pelo Professor Oken, que declara: “O muco primário”, no qual a eletricidade gera vida, “era e continua a ser gerado precisamente nas zonas onde a água do mar está em contacto com a terra e o ar — ou seja, junto às margens. A primeira formação orgânica surgiu quando os primeiros cumes montanhosos se projetaram para fora da água — sem dúvida, na Índia, se considerarmos os Himalaias como a cordilheira mais elevada. As primeiras formas de vida orgânica, sejam vegetais ou animais, emergiram das zonas pouco profundas do mar.”

O Professor Oken afirma que, há quarenta anos, obteve esta visão sobre a geração e progressão orgânica e escreveu o seu livro num estado quase inspirado; e que, apesar de ter posteriormente ajustado certas classificações após longa investigação, nunca alterou os princípios fundamentais das suas crenças. E, quanto a isto, posso

facilmente acreditar e aceitar o seu testemunho. Embora não veja o grande sistema geral de desenvolvimento orgânico exatamente como ele, concordo plenamente neste ponto: as primeiras formas de vida, vegetal ou animal, tiveram origem num muco primário e emergiram das zonas costeiras do mar. Com base na minha própria experiência — sabendo que a minha percepção das operações da Natureza é independente das especulações em voga — sou levado a crer que o Professor Oken obteve, de facto, uma visão espiritual sobre o plano da criação.

Os racionalistas geológicos vão mais além, afirmando que tudo surgiu a partir de materiais previamente existentes, sem qualquer instigação especial ou milagre, mas segundo o curso progressivo de princípios imutáveis, estritamente naturais e, portanto, harmoniosos. Os racionalistas, insisto, não acreditam na criação, mas sim na formação. Sustentam que essa visão, longe de excluir a existência de um Espírito Divino Inteligente, está em total consonância com a natureza humana e enobrece grandemente a nossa concepção do carácter e majestade da Mente Divina. E aqui, quero declarar que me identifico plenamente com esta corrente de pensamento.

Os sobrenaturalistas, por outro lado, baseiam a sua oposição na plataforma mitológica da criação miraculosa original — a ideia de que algo foi criado a partir do nada — uma ideia que, quando analisada por si mesma, não fornece mais luz intelectual do que a introdução de um sermão ortodoxo. O estudante jovem vê-se confuso diante de uma afirmação dogmática e irrefletida. Nenhuma quantidade de sabedoria teológica pode apagar os factos filosóficos que se erguem como monumentos contra tal declaração monstruosa. Os opositores da Teoria do Desenvolvimento afirmam encontrar provas a favor da criação miraculosa na aparente confusão dos fósseis nas diferentes camadas da superfície terrestre. Por exemplo, nas rochas fossilíferas inferiores encontram organismos avançados como peixes.

Há transições abruptas de um tipo de organismo para outro, sem quaisquer ligações intermédias — ligações essas que deveriam existir, se a doutrina do Desenvolvimento gradual fosse verdadeira. Além disso, ao invés de as camadas mais antigas conterem apenas formas microscópicas, seres primitivos e pequenos vestígios orgânicos — como a doutrina do Desenvolvimento exige — verifica-se que essas rochas veneráveis contêm organismos de grandes dimensões e até gigantescos, o que sugere que as melhores formas de vida apareceram logo nos primeiros dias da criação. Em suma, os sobrenaturalistas afirmam que a teoria do desenvolvimento progressivo não é mais demonstrável do que a sua oposta — a da degradação progressiva!

Assim se definem, em linhas gerais, os campos de discussão e conflito entre racionalistas e irracionais. Sinto-me impelido a traçar este esboço com o simples propósito de dizer que ambas as partes poderiam chegar a um perfeito entendimento

sobre os pontos essenciais — se compreendessem melhor as grandes Leis imutáveis da Existência, se cada uma percebesse a Ideia central da outra, e se aplicassem essas ideias, e não meras suposições, à análise dos fenómenos geológicos.

Sigamos, pois, para a questão que nos ocupa: “Quais foram os princípios que originaram a vida orgânica no nosso planeta?” Ao responder, sou forçado a falar exclusivamente segundo as minhas impressões, deixando toda a especulação sobre a plausibilidade das afirmações para aqueles que se educam pelo método baconiano — isto é, pela observação externa, contínua, pela comparação cautelosa de dados e pela filosofia indutiva, da mesma forma que o matemático determina factos ou o arquiteto traça proporções.

A IDADE DA TERRA

Tenha-se presente que os nossos geólogos mais imperturbáveis — tal como os percebo — ainda não exploraram sequer um décimo do território abrangido pela sua ciência terrestre. Não penetraram o véu de trevas místicas e obscuridade extrema que o Tempo, na sua passagem, deixou cair sobre o horizonte geológico distante, onde, mesmo nos dias atuais, os primórdios da vida jazem envoltos no mais profundo mistério. Quão difícil será a peregrinação do investigador sensorial desde o presente até aquele dia longínquo, perdido nas névoas do passado, em que as primeiras montanhas se elevaram acima do mar universal — até essa era não documentada, quando as primeiras formas de vida orgânica emergiram do útero da Natureza, moveram-se à luz do sol e respiraram o ar do céu!

As miríades de eras, as incontáveis estações e alterações sucessivas pelas quais a Terra já passou excedem, em variedade, os limites da credulidade humana. Por um momento, permitam que a vossa mente contemple a vastidão do tempo que terá sido necessário para a formação extremamente lenta das rochas primárias, das camadas silurianas inferior e superior, dos depósitos paleozóicos, das jazidas de carvão, das formações superiores e inferiores do antigo arenito vermelho; sim, pensem na formação e distribuição quase impercetível de árvores gigantescas, carregadas de flora abundante, existindo como um tipo soberano e distinto de vegetação durante miríades de estações; e depois, com a mudança da atmosfera, observem esse tipo vegetal a declinar gradualmente e a extinguir-se totalmente, adormecendo durante séculos em estado fóssil — tudo isto, era após era, muito antes de um só palmo de solo americano ter emergido à superfície do mar! Mas não devemos agora preocupar-nos com a Idade da Terra. Essa questão é secundária. Devemos regressar ao nosso tema — deixando as maravilhas da geologia, tal como é e como será conhecida, para ocasião mais apropriada.

PRIMEIRO: A DIVINDADE

Começo com a suposição fundamental e necessária da existência de um Poder e Inteligência Divina; que existe — eternamente amoroso, eternamente pensante, eternamente pulsando no Coração deste harmonioso Univercélum — UM PRINCÍPIO DIVINO VITAL; que pulsa com afeição e inteligência através de toda a vida; cujas operações são, para nós, ilimitadas; um Ser que possui sete modos de ação*, tanto no universo material como no espiritual — métodos, por assim dizer, pelos quais o Princípio Divino vive dentro de, e regula infalivelmente, o império sem limites da Matéria, bem como o domínio infinito da Mente. Compreenda-se, portanto, que, para início de conversa, reconheço a onnipresença de um princípio divino, animador e interinteligente; mas a presente investigação não se centra no momento em que esse Princípio vitalizante começou a organizar-se com ou dentro da matéria, mas sim em como esse facto ocorreu — não o tempo, mas a lei que regulou a “origem da vida orgânica” no nosso planeta. Insisto neste ponto porque, ao contemplar essa Lei, reconhecer-se-ão as três evidências positivas de que a mente do homem herda uma personalidade imortal.

SEGUNDO: AS LEIS SEXUAIS

A minha proposição seguinte é que toda a geração e crescimento são regulados por uma Lei de positivos e negativos; que tudo, desde as consolidações da rocha granítica até às elaborações da alma humana, nasce da terra e se individualiza por meio da operação unitária destes princípios recíprocos masculino e feminino. Como prova deste postulado, posso raciocinar dedutivamente e afirmar que todo o efeito deve ter uma causa-mãe; que toda a manifestação externa deve, por necessidade, emanar de uma fonte interna correspondente. Permitam-me apontar-vos o facto externo onnipresente de que tudo mostra uma duplicidade de formação, uma dualidade de organismo, como se uma única lei emparelhasse e duplicasse cada átomo de matéria que regula.

- Ver o segundo volume de "A Grande Harmonia" — “O Instrutor”.

Observemos a forma exterior do homem como ilustração, e vejamos este plano duplo de estrutura e função. Em cada órgão manifesta-se esta lei de formação e governo — positiva e negativa, masculina e feminina. Pergunto: por que razão existem dois conjuntos de músculos — um para expandir, outro para contrair? Por que dois sistemas nervosos — um para transmitir, outro para receber sensações? Por que dois ouvidos? Por que dois olhos? Por que os braços, as mãos e os pés surgem aos pares, como gémeos que se espelham um no outro? Naturalmente, dirão: “Esses efeitos provêm, necessariamente, de um reservatório de causas correspondentes.” Sim, são frutos de uma grande árvore cujo germe contém uma lei com um atributo positivo e um negativo; pois tais resultados, vê-se claramente, não podem ser senão a exsudação de um par, um jugo, de princípios que são gémeos e perfeitamente conjugados. Isto é, de forma axiomática, autoevidente: os efeitos exteriores

representam causas interiores. Por que existem dois compartimentos no estômago? Por que razão o coração tem dois hemisférios? E o fígado, dois lobos?

Os rins são gémeos perfeitos! A estrutura pulmonar é dupla! E quando examinamos cuidadosamente as plantas, as árvores, as aves e os animais, porque os encontramos invariavelmente constituídos segundo este plano duplo — um plano que emerge dos órgãos mais simples e se expande exteriormente em compostos binários e estruturas incontáveis? Julgo que não rejeitarão a nossa proposição: que existe uma lei do positivo e do negativo, do masculino e do feminino — um PRINCÍPIO fundamental*, que está na base da “origem da vida” e governa, de forma soberana e imutável, toda a estrutura da existência eterna do homem.

* O leitor recordará que este princípio sexual fundamental flui de Deus-Pai e da Mãe-Natureza.

TERCEIRO: FORMA E FORÇA

Outra proposição deve ser estabelecida antes que possamos prosseguir inteligentemente, a saber: que aquilo a que normalmente chamamos matéria inerte contém não apenas toda a forma, mas também toda a força; que a substância inorgânica encerra em si os princípios essenciais tanto da forma como da vitalidade — as leis do corpo e da alma — e, portanto, também o poder de os construir e a nutrição necessária para os sustentar.

Este postulado parece ser tão evidente quanto o anterior. Por exemplo: a água é uma forma perceptível de matéria; mas contém também uma força, que inicialmente é imperceptível. Apliquemos calor à água, e o resultado é o vapor. Se a decomposermos com uma bateria eletromagnética, libertamos a alma temível da água: oxigénio e hidrogénio — uma vitalidade que, como força motriz, é mais forte que o vapor e mais rápida que a pólvora. Eis, portanto, forma e força; embora, inicialmente, apenas a forma (a própria água) seja perceptível aos sentidos. Mais: ao submetermos os metais aparentemente insensíveis, como o cobre e o zinco, a um processo de atenuação — por exemplo, imergindo-os em ácido sulfúrico — obtemos a vitalidade dessas substâncias aparentemente mortas, sob a forma de força galvânica.

Mais uma vez, aqui estão forma e força entrelaçadas numa única condição da matéria. Esta proposição mantém a sua integridade até mesmo quando aplicada a substâncias meramente musculares. Se a aplicarmos ao organismo dos peixes, por exemplo, descobriremos imediatamente a causa da sua vitalidade e a origem da sua vida. Isto é: se a substância que compõe um peixe for apenas atenuada e elevada na escala do refinamento atómico, o resultado será que os átomos mais finos imediatamente retornam e conferem às partículas mais grosseiras o poder de locomoção e o início da vida. Estou, neste ponto, a defender a doutrina de que a forma mais baixa da matéria contém (em forma essencial) a força mais elevada da

mente: não que a matéria crie ou se converta em mente; não que a forma aperfeiçoe e crie a sua própria força; mas sim que a matéria é o Carro no qual a mente viaja até ao poder supremo e, daí em diante, segura as rédeas místicas que guiam as forças menores aos seus elevados destinos.

"Forma e força" são, portanto, gêmeas, como o corpo e a alma; o casamento dos atributos indissolúveis da matéria universal. E, no entanto, quando examinados separadamente e de forma abstrata, cada um revela leis e atributos que parecem independentes do outro — como se matéria e mente não estivessem ligadas por nenhuma afinidade latente, o que, na realidade, tem confundido muitos filósofos naturais. Os metafísicos cristãos examinaram a “matéria morta” como uma abstração de um lado, e a força como outra abstração do lado oposto.

Depois juntaram estas duas abstrações, contemplando-as como duas entidades distintas e separadas na origem e na essência. No entanto, ambas, tão diferentes e aparentemente hostis, formam-se invariavelmente como verdadeiros amantes entrelaçados, habitando afetosamente como um só, num mesmo organismo, cumprindo e realizando certos fins benéficos do Criador, que — segundo afirmam estes cientistas — terá, originalmente, compelido o casamento entre Forma e Força, colocando a alma no corpo por meio de um milagre profundamente intricado e incompreensível! Sim, é curioso constatar que, de ambos os lados do Atlântico, os mais letrados começam as suas investigações sobre a “origem da vida” com o mito da criação milagrosa — a geração de algo a partir do nada! É evidente que tais homens estudam mais os livros do que a Natureza; pois cada um toma a conclusão do outro como base para uma nova teoria. Se pudessem olhar por apenas dez breves minutos para aquilo a que chamamos “matéria”, os seus raciocínios dissolver-se-iam e regressariam a sistemas de sobrenaturalismo.

QUARTA: CONDIÇÕES PRIMÁRIAS DA VIDA

Tendo afirmado e estabelecido brevemente três proposições, prossigo agora para considerar as condições atmosféricas e geológicas primordiais que existiam quando a primeira forma de vida orgânica se desenvolveu. Estas podem ser, agora, enunciadas em termos gerais:

Depois de a Terra ter passado da infância para a adolescência — emergindo do estado cometário para um planeta mais estável — todos os elementos (terra, ar, fogo e água) estavam a ser constantemente modificados e gradualmente refinados para possibilitar a produção e sustentação da vida animal. O carbono havia-se tornado amplamente disseminado; enquanto o oxigénio, em proporções ainda pequenas, começava a ocupar algumas das posições que hoje reconhecemos. O quartzo (a combinação mais perfeita de oxigénio e silício presente no granito) estava a combinar-se com o calcário, no qual o carbono se encontrava densamente

condensado; e essas substâncias, ao se fundirem, juntamente com o calor magnético gerado por essa fusão e as afinidades favoráveis presentes no ar e na água, formaram extensas massas de matéria gelatinosa que se espalharam por determinadas zonas do leito marinho, bem como por montanhas cujos cumes apenas começavam a emergir da superfície do oceano profundo. Essas camadas eletromagnéticas de matéria gelatinosa continham os primeiros germes da vida orgânica — e foi a partir delas que toda a Natureza despertou da profunda solidão de incontáveis eras de inanimada quietude!

Por retrospeção clarividente, vejo um oceano quase universal; aqui e ali, apenas os cumes de algumas montanhas projetando-se sobre o abismo aquático. Nuvens tempestuosas acumulam-se em desordem, rajadas de tempestade percorrem apressadamente a vastidão sem caminhos das águas, e os trovões ressoam na linha do horizonte distante, atingindo as vagas turbulentas com fogo elétrico; e as ondas escuras espumam, irrompem, cintilam e espalham a sua luz e brancura sobre o seio vasto e imaculado das águas, até que todo o mundo aquático se impregna das leis da vida e dos germes da organização inferior. Por baixo, vejo um vasto fundo oceânico, diversificado por vales e montanhas incontáveis por todo o globo; e certas porções encontram-se densamente revestidas com camadas profundas de lama gelatinosa. Digo “gelatinosa” porque, em certas regiões a sul do equador, esse revestimento lamacento possui um aspeto espesso, viscoso e gomoso, semelhante à substância de peixes ou vermes após terem passado, sob o raio solar, pelo processo químico de decomposição.

Mas agora, ao observar mais profundamente essas massas pegajosas dos prados submersos, parecem-me como cérebros colossais — sim, essa é a palavra: cérebros — movendo-se vagamente por uma “força” latente, palpitando com uma vida lenta e aprisionada em toda a parte. Tudo isto ocorre muito abaixo da superfície do mar — em leitos profundos de gelatinação — moldados pela mão da Natureza, entre e ao longo dos lados de grandes montanhas submarinas — leitos preparados para acolher os ovos germinais de todos os peixes, répteis, aves, marsupiais, mamíferos, quadrúmanos, bípedes e da própria humanidade. Por mais avassaladora que pareça a afirmação, é, no entanto, absolutamente certo que, nesses leitos primordiais de gelatina — ou cérebros — vejo todas as substâncias orgânicas, todas as essências vitalizantes e todos os princípios reguladores que se encontram no mundo animal ou que, mais elevado ainda, desabrocham na constituição do Homem!

QUINTA: COMO FORAM FORMADOS ESSES LEITOS

Talvez me perguntes: “De onde vieram essas massas gelatinosas? Como surgiram?” Ao que respondo: desde o momento em que a Terra se tornou um corpo independente — destacando-se como uma criança do seio do seu Sol-mãe — começou a agir uma lei de refinamento e desenvolvimento progressivo. Cada

convulsão vulcânica e cada terramoto, cada erupção de eletricidade e magnetismo do centro da Terra, cada elevação de montanhas a partir de planícies estratificadas sob o mar — sim, cada condensação de certos vapores predominantes e a eliminação simultânea de outros — tudo seguia numa linha de marcha, como soldados que obedecem ao seu comandante, indicando assim a ação majestosa do Princípio progressivo.

Graças a esse Princípio, as rochas mais duras foram desintegradas até aos átomos mais finos. E, com a ajuda de poderosas correntes de maré, transportando grandes quantidades de blocos graníticos pelos fundos marítimos ásperos e acidentados, essas camadas rochosas duríssimas foram lentamente mas seguramente polidas, friccionadas, trituradas e convertidas num pó finíssimo e impalpável. Esses átomos, assim refinados, começaram imediatamente a ascender, como bolhas, à superfície dos canais oceânicos; e, por acumulação, formaram a lama viscosa de que falamos. E convém aqui observar que todos os solos que hoje o homem cultiva foram formados pela pulverização das rochas de sílex mais duras, libertadas das camadas sólidas graças ao poder aterrador dos terremotos e às guerras revolucionárias das erupções vulcânicas.

SEXTA: COMO ESSAS MASSAS GANHARAM VIDA

Mas perguntas agora: “Por que razão essas massas viscosas se moviam com vida?” Esta é a maior e mais difícil questão para o racionalista explicar de forma compreensível a quem não estuda a Natureza. O sobrenaturalista responderia, em poucas palavras: “Foi Deus que as moveu.” Contudo, esta resposta é fácil e irrefletida: não traz riqueza ao intelecto, não estimula nenhuma faculdade e apenas enche o problema da vida com ambiguidade e especulação. Ainda que essa resposta — de carácter “oficial” — nos seja imposta, de que nos serve que se diga que “o fiat onipotente de Deus moveu as primeiras massas de matéria”? Teremos nós alcançado, assim, a maior de todas as revelações exigidas por homens pensantes e racionais — isto é, o conhecimento da Lei pela qual esse prodígio sublime se operou? Não; e nem os defensores do sobrenaturalismo têm meios de nos transmitir tal compreensão científica. Eis, pois, mais uma razão, entre milhares, que justifica plenamente o esforço humano para “ser sábio além do que está escrito”. Passemos, então, a considerar a Origem da Vida nesses cérebros subaquáticos.

A gelatinação de pedra pulverizada, minerais e matéria vegetal foi imediatamente seguida pela evolução de uma força legítima (ou movimento), tal como o vapor é produzido pela água aquecida ou a força eletromagnética se liberta da bateria de zinco e cobre. Chegamos, assim, ao momento em que a nossa proposição — de que a Matéria contém tanto forma como força — se torna especialmente útil e autoexplicativa.

As partículas mais finas não só ascenderam à superfície da massa gelatinosa, passando a presidir sobre ela como o cérebro sobre o corpo, mas também perpassaram toda a massa, que as absorveu como uma esponja absorve a água; e assim, por meio da troca de lugar entre as partículas em função da temperatura, sendo as mais finas transformadas em força que atuava sobre as mais densas, surgiram as primeiras pulsações da vida nessa substância viscosa.

SÉTIMA: O MODO DE AÇÃO

Recorda a origem desses leitos onde a Vida foi despertada do seu sono. Podemos até chamá-los “ovos”, pois foram postos por pedras refinadas, matéria mineral e vegetal; e o processo de incubação foi levado a cabo com sucesso por meio da eletricidade e do magnetismo. Não esqueças, em toda esta análise, que estamos a explicar como o Grande Espírito realizou a união da mente com a matéria.

Afirmo que partículas refinadas foram segregadas de todas as partes da terra, do mar e do ar; que essas partículas afins se congregaram lentamente em bacias e montanhas submersas; que essas massas agregadas eram, no início, difusas e caóticas, mas que se foram unindo gradualmente como gelatina, formando uma matriz submarina onde as primeiras formas de vida marinha puderam ser geradas — uma espécie de cérebro, por assim dizer, no qual a força motriz de Deus e da Natureza pôde fazer a sua primeira manifestação física.

Seria muito instrutivo, neste ponto, observar a ação dos princípios masculino e feminino — notar com que admirável regularidade eles se movimentavam para frente e para trás, tecendo átomo a átomo, construindo assim a teia da vida! Observemos essa operação:

Primeiro: Apenas um movimento era visível, que começava no centro e se desenrolava em espiral até atingir a superfície externa. Este é o princípio negativo ou feminino. Trata-se da operação do Espírito da Mãe-Natureza. E aqui permitam-me observar, de forma parentética, que as belas e musicais conchas que encontramos nas praias são produzidas exatamente desta maneira. Elas são filhas da primeira etapa e manifestação do movimento. O movimento primordial da Natureza é sempre simples e unitário, deslocando-se do centro (de uma pequena massa) para a periferia, transportando graciosamente finas partículas de cal mineral nas suas correntes circulares e espirais, até que o seu ímpeto inerente se esgote por completo; construindo, assim, “conchas marinhas”, com linhas serpenteantes que convergem na superfície superior, com cores variadas, conforme a temperatura. E as suas dimensões não são menos numerosas nem menos diversas.

Segundo: O movimento seguinte era composto ou dual — tanto contrativo como expansivo — do centro para o exterior e vice-versa; estabelecendo, assim, um sistema primitivo de circulação, que remotamente, mas de forma profética,

assemelha-se a veias e artérias. Este sistema ilustra perfeitamente a conjugação legítima da lei masculina e feminina. Estamos, portanto, levados a crer que as primeiras conchas e os primeiros peixes não foram “filhos ilegítimos”. Eles, tal como nós, pertencem aos Pais Universais.

Terceiro: Assim que este movimento composto e duplo se estabeleceu de forma permanente nas massas gelatinosas sob o mar, começaram gradualmente a surgir células globulares e camadas rugosas; e, no interior destas, outras células convolutas, que foram, de facto, os primeiros ovos embrionários. E aí — e assim — começaram os primeiros polipários e outras formas radiadas de vida e animação.

Estas primeiras formas animadas eram poligánianas e cotiledóneas — isto é, incluíam a função reprodutora e eram multifacetadas, com cavidades vitais. Pode parecer fácil para muitos acreditar que a vida marinha tenha surgido de ovos germinais; mas eu percebo que toda a vida, inclusive aquela que compõe a alma humana (não o espírito mais íntimo, recordem, mas a alma), percorreu todo o caminho desde as profundezas oceânicas! Julgo ser demonstrável que as forças masculina e feminina, como lei imutável, originaram a circulação dos fluídos vitais nos primeiros leitos de muco; em suma, pode-se afirmar, sem dúvida ou contestação, que essas forças soberanas — positiva e negativa — fizeram pulsar a Vida mesmo antes de existir um coração para bater ou vasos para conduzir o sangue — sim, muito antes de existir em qualquer parte um Cérebro finito que pudesse ter “desejado” o início de tais fenómenos.

Embora o tema principal deste capítulo não tenha sido explicitamente referido nas últimas páginas, julgo que não será esquecido: estas proposições estão na base do nosso grande objetivo, que é demonstrar cientificamente, e independentemente de manifestações espirituais, que a mente humana possui uma personalidade eterna. Devido à fadiga de ter de percorrer com a mente os hemisférios em busca da origem da vida — afundando-se constantemente em lodo e lama — receio que alguns leitores possam sentir-se impacientes e exclamar, como fez Lord Bolingbroke, que “há tanto trabalho em nascer, e ainda mais humilhação ao morrer, que mal vale a pena ter estado aqui!”

Permitam-me, então, concluir esta explicação com um breve resumo das proposições anteriores:

1. Desde o nascimento, a parte frontal da cabeça humana é naturalmente cética.
2. A parte superior da cabeça é naturalmente crente.
3. O mundo está repleto de dúvidas contraditórias e teorias nocivas porque os homens confundem ideias com pensamentos.

4. O Princípio ativo do Universo é chamado “Deidade”, cujo hemisfério de amor é “Mãe-Natureza”.
5. A idade da Terra ultrapassa todos os cálculos atualmente aceites ou concebíveis.
6. Tudo o que é gerado ou formado acontece por meio dos princípios masculino e feminino.
7. Aquilo a que os homens chamam “Matéria” contém todas as formas e todas as forças.
8. Os germes primordiais da vida originaram-se em leitos de muco sob o mar; compostos por partículas finíssimas de pedra pulverizada, unidas com carbono, oxigénio, substâncias minerais e vegetais; a eletricidade (fria) era inerente, enquanto o magnetismo (quente) emanava do Sol.
9. Toda a massa constituía uma bateria eletromagnética submarina, da qual surgiram os ABCs da vida e da animação.

Foi minha intenção despertar nas faculdades intelectuais do leitor a compreensão destas grandes leis fundamentais que elaboraram e governaram a jornada de aperfeiçoamento de todas as organizações. Procurei traçar com cuidado os princípios imutáveis que regulam toda a individualidade e todo o crescimento, a fim de revelar ao intelecto cético as razões filosóficas pelas quais a mente humana é, organicamente e cientificamente, imortal — e também mostrar, por força das mesmas causas, que as diferentes formas de vida abaixo do homem não estão dotadas dos atributos da eternidade.

A minha primeira proposição é a união dos dois cérebros no ser humano.

A lei conjugal, ou nupcial, que confere imortalidade à alma e ao espírito do homem é, no entanto, regulada por leis ainda maiores. Existem rodas dentro de rodas, modos dentro de modos, planos dentro de planos. As leis fundamentais chamei-as de masculina e feminina, ou positiva e negativa. Talvez seja oportuno reafirmar aqui a minha fé inabalável numa trindade — não de pessoas, mas de Princípios. Não existe centro, nem circunferência, nem matéria, nem espírito, onde essas leis não estejam presentes. Elas penetram até ao fundo de toda a profundidade e alcançam o cume de toda a altura.

Elas abrangem os limites extremos da imensidão. São, como já afirmei noutro lugar, ubíquas e onipotentes, e são, por si mesmas, inteligentes e afetuosas, deixando a sua marca — como uma impressão daguerreotípica — em cada átomo de matéria. Por isso, não há partícula, nem combinação de partículas, nem mundo, nem constelação de mundos, nem esfera de existência concentrada e combinada, que não deva tudo o que é e possui a esta trindade de Princípios. Elas são, portanto, os verdadeiros e mais fiéis expositores da Natureza Divina. Não são criações de um legislador divino, nem resultados voluntários de um Criador abstrato, mas sim

evoluções ou fluxos legítimos de uma fonte — não são diferentes em essência de Deus, pois contêm a própria mente de Deus. Não existe primeiro um legislador abstrato e depois um conjunto de leis. Estas leis de que falo são os modos tríplexes pelos quais Deus e a Natureza se expressam em todos os sistemas de ordem do Universo.

A primeira lei denomino de Associação, porque assim se manifesta nos impérios da mente e da matéria. Associação significa a lei pela qual todas as partículas, sejam espirituais ou materiais, são cooperativamente atraídas umas para as outras; é a lei pela qual partículas, forças e essências são conjugadas e eficazmente unidas em casamento. Após o casamento, os seres casados são instintivamente impelidos a produzir outra força, e uma força melhor, que, tal como uma criança, se liberta, e que, por sua vez e no tempo certo, também encontra afinidade com algo semelhante. Assim opera a lei da Associação, que rege e governa tudo, e da qual não há exceções.

A segunda lei, que corre paralela à primeira, chamo de Progressão. Progressão é a lei que determina que as partículas e forças associadas, fundidas, unidas e conjugadas devam avançar, melhorar e desdobrar-se em expressões cada vez mais elevadas da natureza divina. A ação desta lei é tão visível no ferro como na mente. Na primeira fundição do ferro, vê-se o princípio da Associação. Poucos meses depois, observa-se quanto dele se cristalizou! Está a preparar-se para se desintegrar, separar-se e transformar-se em formas mais novas e mais elevadas de matéria. Não existe uma só onça de carniça que não esteja a caminho de algo melhor.

Os "sete" modos são atravessados por esta trindade.

Todos os resíduos e materiais rejeitados dos laboratórios, armazéns e oficinas, amontoados em pilhas de corrupção e confusão, tornam-se a matriz da qual (pela virtude desta lei progressiva) surgem formas superiores de matéria que voam, saltam ou rastejam pelo espaço; enquanto as partes menos avançadas e animadas se tornam guano, adubo, de um novo solo do qual, em tempo oportuno, procedem formas mais elevadas e melhores. Não há estagnação na matéria. Embora exista um Princípio de profundo conservadorismo, que mantém firmemente toda a matéria unida, ele escuta, no entanto, as palavras imperativas, reais e imperecíveis de um Princípio progressivo, que o desperta do sono central e o traz para a esfera da ação, do progresso e da purificação. A Associação, portanto, como primeira lei, e a Progressão, como segunda lei, correndo lado a lado, obedecem naturalmente ao grande princípio fundamental e tornam-se perfeitamente conjugadas. Sim, estas leis gêmeas também estão casadas! Desde o centro de toda a existência, caminham de mãos dadas, com os braços entrelaçados, ombro a ombro, trabalhando incessantemente e com sucesso por todo o espaço e por todo o tempo.

Deste par conjugal de Princípios nasce uma “criança”, que chamo de Desenvolvimento. Este é o grande Princípio culminante, libertado pelas leis anteriores de Associação e Progressão. O Desenvolvimento difere da Progressão no seguinte: ele evolui, circunda e expande aquilo que foi refinado. A Progressão é o elevar das partículas a partir da terra grosseira e obscura em direção ao reino das flores, das árvores e da vegetação; mas o Desenvolvimento manifesta-se na expansão dessas partículas elevadas, no desdobramento desses elementos promovidos em organizações mais elevadas e refinadas. A Progressão vê-se na coluna da árvore que ascende em direção aos céus; o Desenvolvimento revela-se na expansão dos seus ramos, nas ramificações e folhas, e em todos os processos que conduzem ao fruto final. A Progressão cumpre-se por multiplicação, geração, pelo refinamento e elevação das forças e átomos intrínsecos; mas o Desenvolvimento preocupa-se exclusivamente com a expansão, culminação orgânica e perfeição daquilo que foi assim refinado e exaltado.

O leitor entenderá com esta linguagem que os dois primeiros princípios revelam o terceiro, libertando-o do seu esconderijo na matéria.

Estas três leis, repito, compõem a Trindade que governa o universo; uma trindade não de pessoas, mas de Princípios, que não são distintos de Deus, mas que em toda parte transmitem a Mente de Deus. Consequentemente, estes Princípios Trinos estão em constante atividade — pensando, sentindo, aquecendo, animando, informando, energizando e realizando os seus desígnios em toda a matéria e em toda a mente.

As especulações e investigações do mundo podem ser divididas assim:

1. O sobrenatural
2. O semi-intelectual
3. O científico e absoluto (estado atual)

Os mitos especulativos sobre a “origem do homem” são tão numerosos quanto o número de escritores religiosos e líderes espirituais. É muito instrutivo penetrar nos reinos sobrenaturais das investigações e conjeturas teológicas; pois, assim, conhecemos as diferentes concepções — cómicas, fantásticas, sublimes e poéticas — que foram sagradamente veneradas como verdades. Houve sempre um problema intrigante: como surgiu o homem? Terá sido o resultado de uma projeção milagrosa e súbita do pensamento divino, ou, como perguntam alguns, “não será o homem uma congregação de átomos, uma representação de forças inerentes, um corpo formado pela própria Natureza — a epítome espontânea da matéria e da mente?”

A questão mantém-se: terá o homem tido origem no crescimento progressivo do sistema da Natureza, tal como surgem as árvores e os animais, ou apareceu ele no mundo pela ação direta de um Deus pessoal e abstrato?

Os antigos egípcios tinham uma visão muito interessante, que para eles era profunda e satisfatória. Acreditavam que a Terra era vasta e plana; que desde tempos imemoriais existiam terra e água; que o Mediterrâneo, o Nilo e outros corpos de água que então existiam (mas que desapareceram com o surgimento da terra) eram lagos divinos, fruto de criação sobrenatural. Num ponto belíssimo da margem florida de um desses lagos místicos, dois deuses poderosos desceram do Sol. A alvorada púrpura rompia após uma longa noite escura, quando esses dois seres resplandecentes, vindos desse orbe ardente — considerado pelos egípcios o trono da inteligência divina — pousaram entre as flores aromáticas junto ao lago sagrado.

Junto à margem, plantaram o germe da planta de Lótus; mas antes de o colocarem na terra, cada divindade levou o germe aos lábios, imprimindo-lhe um beijo em lados opostos. Gradualmente, a planta surgiu à luz do sol e expandiu-se em tamanho e beleza; até que, por fim, em lados opostos, as vagens maduras romperam-se simultaneamente, e um homem forte e uma mulher formosa saíram graciosamente para a Terra, como um grão de milho que se liberta da espiga. De imediato, reconheceram a sua relação divina; e da união espontânea deste par milagroso, surgiu a humanidade.

Noutra parte dos povos egípcios, que migraram para a Ásia, existia uma mitologia muito diferente. Acreditavam que no princípio só havia água, e que a terra foi uma criação posterior e inferior. Quanto à formação das plantas, dos animais e do homem, seguiam a seguinte teoria:

No início, o universo estava repleto de água, e no seu centro residia um Poder Divino. Gradualmente e em silêncio, esse poder oculto ou divindade rodeou-se de uma substância translúcida, semelhante à casca de um ovo. Durante eras incontáveis, esteve embutido nesse invólucro globular, até que, pela ação das suas próprias energias, despertou de uma eternidade de silêncio solene, rompeu a casca e emergiu à superfície do oceano universal.

A sua forma era a de uma imensa tartaruga, cobrindo milhões de hectares de água. Gradualmente, pela ação do sol — que agora surgia subitamente nos céus (sem que se explique a sua origem) — a carapaça da tartaruga partiu-se; as partes mais duras tornaram-se rochas, as mais moles, terra; a humidade e os líquidos formaram lagos, rios e inúmeras nascentes. Logo que tudo isto se concretizou, desceu de uma das montanhas recém-formadas um grande gigante, que, ao alcançar o vale, adormeceu. Ficou inconsciente à beira de um dos lagos.

O sono do gigante era profundo e perfeito. Os seus longos braços estendiam-se ao lado do seu corpo imenso e, subitamente, da sua enorme cabeça surgiu uma belíssima raça de homens. Dos seus braços apareceu uma raça inferior, com grande inclinação para trabalhar a terra; das suas pernas emergiu outra raça inferior, composta por grandes viajantes; dos dedos das mãos e dos pés surgiram os mais corruptos e inferiores de todos os povos. Mal estas raças surgiram — seguindo cada uma o seu caminho — nada mais se viu do gigante; fora literalmente consumido, pois dele tinham sido formadas todas as nações e tribos da humanidade.

Outra concepção curiosíssima encontrava-se entre os antigos persas. Acreditavam e ensinavam que o universo fora obra de três deuses, todos eles bons. Um era o maior de todos — desde os tempos de Zoroastro, conhecido como Ormuz. Consideravam-no a divindade que, apenas por desejar, criou num único instante o globo em que vivemos. Mas a criação do homem foi realizada com mais cuidado e deliberação. O criador fez primeiro um ser com uma cabeça gigantesca, mas com corpo e membros do tamanho de um homem comum. Certo dia, essa cabeça imensa foi acometida por uma dor lancinante, que aumentou até se tornar insuportável — até que rebentou por completo e, eis que, uma mulher pura e belíssima saiu da cavidade, pondo-se de pé sobre a terra firme. Em seguida, a cabeça gigante fechou-se e começou a encolher até adquirir o tamanho habitual. As feições tomaram proporção e beleza, e o ser assim transformado tornou-se companheiro e esposo da mulher nascida do seu cérebro. Deste mito nasceu a doutrina grega segundo a qual, da cabeça de Júpiter, surgiu a bela e sábia Minerva.

Outra explicação singular para a origem do homem foi dada pelos mais antigos hindus. Representavam a criação e a eternidade sob a forma de uma serpente. No início, existia um oceano universal, e a serpente encontrava-se enrolada sobre o seu seio. Sobre esta serpente, estendido, dormia profundamente o deus do mundo, Vishnu. Após ter dormido durante eras incontáveis, Vishnu morreu. Da sua vida nasceu o deus Brahma, que era o verdadeiro criador. Brahma, simplesmente desejando (e não comandando), trouxe ao mundo plantas, animais e homens, distribuindo-os por diferentes partes da Terra.

Os astecas tinham uma suposição — que ainda hoje persiste entre muitos mexicanos — sobre a origem do homem. Segundo esta, uma princesa belíssima, ao ser um dia ofendida no reino celeste do Paraíso, dirigiu-se ao Deus entronizado e disse: “Exijo a liberdade de deixar este reino e ir para um mundo onde não sofra insultos nem oposição. Desejo partir para sempre do príncipe arbitrário que é meu marido e procurar outro reino onde possa viver em paz e felicidade.” O seu desejo foi concedido pelo Deus supremo, sob a condição de que ela fosse para um local remoto chamado “Terra” e ali desse início a uma nova raça humana. Ela aceitou de bom grado, e partiu imediatamente numa longa e solitária jornada. Ao avistar o seu novo lar, retirou do seu cinto dourado uma faca cravejada de diamantes, e lançou-a pelo

espaço. Como por magia, a faca voou até atingir a terra, onde se partiu em doze fragmentos: seis transformaram-se em princesas belíssimas, os outros seis em cavaleiros de grande beleza e valor. Cada nobre cavaleiro escolheu a sua companheira, e dessas uniões nasceram as seis raças da humanidade.

Os antigos sírios tinham também um mito estranho e singular. Acreditavam que o Deus dos Céus, depois de ter criado a terra, as plantas e os animais, plantou um belo jardim, no qual entrou certa noite e recolheu, de diferentes partes do mundo, todos os átomos necessários à criação de um ser humano. Não conhecendo outra forma tão boa quanto a sua própria, usou-se como modelo. Assim, moldou todas as partículas que havia reunido e esgotou todo o material disponível para tal criação.

Quando o homem estava finalmente formado — ainda húmido e sem vida — o Deus democrático encostou-o a uma árvore e aguardou que os raios solares evaporassem a humidade do corpo. Quando o processo de secagem estava suficientemente avançado para permitir o funcionamento dos órgãos, o Criador colocou a sua boca sobre a do homem, o seu nariz sobre o do homem, e, segurando-lhe a mão, soprou várias vezes nas suas narinas; e eis que o homem feito de pó ganhou vida e caminhou, uma existência independente. Estava completamente só. Um profundo silêncio e tranquilidade dominavam o rosto da criação. Ao ver isto, a divindade meditou consigo própria: “Como poderei povoar esta vasta superfície, a não ser que invente um método mais rápido e menos trabalhoso do que a criação especial?”

Após refletir, concebeu o seguinte plano: que o próprio homem se tornasse o autor da raça humana. O poder de multiplicação, no entanto, dependeria de um sistema de subtração. A primeira tarefa só poderia ser realizada induzindo o homem ao sono. Assim foi feito; e quando o seu sono se tornou profundo e ele estava completamente inconsciente, o Criador descobriu que, dos 248 ossos do corpo humano, apenas um era absolutamente necessário para começar a criação da mulher. Escolheu, então, uma costela, e em torno desse osso curvo formou os apêndices femininos essenciais, entregando-a de imediato ao homem solitário, dizendo: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a Terra.” Curiosamente, este mito sírio-caldeu tornou-se bastante popular nos Estados Unidos...

Dir-se-ia, então, que se um osso de homem basta para criar uma mulher, um grupo inteiro de mulheres numa igreja seria apenas equivalente a um único homem inteligente! Mas não somos adeptos da teologia mitológica, e por isso repudiamos a insinuação de inferioridade que esta teoria, mesmo que involuntariamente, lança sobre o carácter feminino.

A visão científica da criação, volto a sublinhar, acaba por prevalecer à medida que os homens progridem para fora do reino da especulação, deixando para trás todos estes mitos e absurdidades religiosas. O filho da Natureza aprende a confiar nos

factos e intuições da Razão. A Ciência já demonstrou que existem, atualmente, cerca de sessenta e quatro elementos primordiais. Estes constituem a base de tudo o que encontramos nas plantas, nos animais e no homem. Em resumo, são os pilares fundamentais de todos os gloriosos resultados finais. Encontramo-los em todas as rochas; e é das rochas que obtemos todos os solos. Os corpos sólidos são quebrados e desgastados pelas marés, moídos e reduzidos a pó, depositando-se em diferentes lugares, até que, por fim, formam os solos que cultivamos.

Esses solos agrícolas, portanto, provêm originalmente das rochas sólidas, que continham os sessenta e quatro elementos primários, a partir dos quais tudo é, a seu tempo, elaborado. Mas aqui surge um novo elemento. O Sol dá-nos calor, que é um magnetismo celeste. Esse calor, em conjunção com a humidade da Terra, gera um ácido, que é uma força positiva. E o ácido atrai para si uma base alcalina, que é uma força negativa. Assim, como já defendemos antes, entre os polos positivo e negativo, temos duas forças vitais ou vegetativas, que, ao atuarem sobre uma combinação adequada de partículas, teriam, nos tempos primitivos do globo, iniciado e aperfeiçoado as primeiras formas de vegetação.

Imaginemos, por exemplo, uma floresta primitiva de pinheiros, abetos, zimbros, teixos e cedros. Estas árvores e arbustos distribuíam-se densamente por trinta ou quarenta milhas em todas as direções. Em eras anteriores do mundo, essas florestas imensas nasciam nas margens de lagos e mares, e iam-se expandindo gradualmente pelas montanhas adjacentes.

A Natureza, além do horizonte, está a lançar fogo vulcânico! As chamas, ao alcançarem a grande floresta, rapidamente abrem um caminho através das montanhas e descem até às pradarias distantes. Este caminho de fogo tem, por exemplo, uma largura de cinco milhas. A decomposição dessas árvores pelo fogo forma uma vasta cama de cinzas, e, eventualmente, um álcali fixa-se por toda a parte. Ventos, tornados e tempestades de todos os tipos atuam durante longos períodos sobre este caminho, e trombas de água enchem as nuvens com materiais fertilizantes vindos de mares distantes, ricos em vida marinha e em matéria orgânica em decomposição; quando essa humidade cai com a chuva sobre essa região, forma-se imediatamente uma matriz da qual surge uma classe inteiramente nova de vegetação.

O primeiro crescimento a partir desta massa seria semelhante às chamadas “ervas de fogo”. Estas ervas ainda hoje surgem, imediata e legitimamente, de qualquer floresta cujas árvores tenham sido decompostas pelo elemento ígneo e misturadas com os solos frios e baixos previamente existentes. A erva de fogo é a base e início de uma maravilhosa variedade de vegetação florestal. Não se propaga como as trepadeiras ou os prados, nem costuma durar mais de um ano. As tempestades que invariavelmente surgem destroem-na, e forma-se então uma nova classe vegetal em

seu lugar. No ano seguinte, apareceriam as chamadas algas-kelp; dois anos depois, ervas-corda, acompanhadas pelas trepadeiras rasteiras. Seguir-se-ia a erva-pimenta; depois, uma classe de ervas ainda desconhecida. Em cerca de quinze anos, surgiria a erva-doce ou relva-de-centeio, misturada com uma espécie de trevo; os aveiões (aveia) viriam depois do trevo, o centeio após a aveia, e, finalmente, o trigo após o centeio.

Não se entenda, no entanto, que o trigo, a aveia ou o centeio que crescem hoje nas nossas pradarias sejam resultado direto dos resíduos do fogo ou das ervas. Os tipos superiores dos nossos tempos exigem séculos de refinamento e cultivo. Mesmo os belos cereais — aveia, centeio e trigo — se forem negligenciados, regressam à forma selvagem, e nenhum agricultor os reconheceria se surgissem espontaneamente nos campos não cultivados. O homem cultiva a espiga do milho com arte, assim como cultiva o seu ouvido com a música. Compreende-se, portanto, que todas as gramíneas, milho, centeio, aveia, trigo, e todas as outras espécies de grão que usamos são o resultado de eras de atenção e civilização material.

A civilização mental exprime-se e propaga-se até nas partículas de matéria com que o homem contacta diariamente. Ele imprime-se nelas, daguerreotipando-se sobre essas partículas invisíveis e potências vitais; de modo que os terrenos e jardins modernos já nada têm em comum com os solos originais, tal como o homem civilizado já não se assemelha aos tipos primitivos das raças selvagens de onde descende.

Compreenderás, então, que ensino que o raio magnético do sol, atuando sobre a melhor matéria da terra, desenvolve um ácido, que é positivo; este ácido, por sua vez, atrai de fontes subterrâneas um álcali, que é negativo; e é entre esses dois polos — positivo e negativo — que surgem as primeiras forças vitais ou vegetativas, que, atuando sobre combinações adequadas de partículas, deram início e aperfeiçoaram as primeiras formas de vegetação.

Imagina, por exemplo, uma floresta primitiva composta de pinheiros, abetos, zimbros, teixos e cedros. Estas árvores e arbustos estendiam-se densamente por trinta a quarenta milhas em todas as direções. Em eras anteriores da Terra, estas florestas imensas nasciam junto a lagos e mares, e iam recuando gradualmente pelas montanhas próximas.

Existem muitos métodos de testar esta teoria da progressão das formas e forças inerentes à matéria. Toma, por exemplo, um limão e divide-o em duas metades iguais. Humedece completamente o disco de uma metade com saliva de cavalo, que é mais alcalina que ácida; e a outra metade, com saliva humana, que é mais ácida que alcalina. Coloca ambas as metades lado a lado numa cave escura, com

temperatura constante de cerca de 18 °C. Duas semanas depois, examina-as com um microscópio.

Verás que o lado do cavalo está coberto por um crescimento denso de vegetação musgosa, entre a qual se pode observar uma criatura eriçada, com tendência para devorar a sua própria prole e alimentar-se de semelhantes. Passados alguns dias, essa vida animal microscópica desaparece, e da decomposição surge um verme, que se desloca para trás ou para a frente, aparentemente sem cabeça — semelhante, nesse aspeto, a muitos políticos conservadores. Já no lado humano do limão, descobrirás uma espécie de bolor, que revela uma vegetação miniatural mais fina e um embrião vital diferente.

Realizei muitos experimentos para testar este facto, detetado por clarividência: que o homem pode combinar matéria de forma a produzir vida vegetal e animal. Por exemplo: toma uma quantidade de gesso pulverizado, que se presume livre de germes animais; ferve-o, eliminando toda possibilidade de vida embrionária; depois coloca-o, com cerca de 8 onças de gesso, num frasco de vidro hermeticamente fechado, contendo um litro de água fervida. Um varão de ferro deve descer através da rolha até ao interior da mistura, projetando-se uns 20 centímetros acima.

Coloca o frasco numa sala a cerca de 21 °C. Em quatro semanas, verás, coladas às paredes do frasco, três ou quatro espécies de traças. Agora retira o conteúdo, volta a fervê-lo e coloca novamente como antes. Em seis semanas, três formas diferentes de animalículos rastejantes surgirão da mesma combinação de água e gesso. Assim, a Natureza modifica a organização animal através de forças embrionárias cruzadas, tal como o cão selvagem da floresta e o lobo produzem uma espécie de raposa — que, no entanto, não se reproduz com nenhuma das espécies anteriores.

As primeiras raças caninas cruzam-se entre si, e, ao modificar-se o fluido espermático, surgem todas as variedades hoje conhecidas. O mesmo se aplica às várias raças animais. Houve tempo em que o sauriano serpenteante era o único animal capaz de se alimentar de matéria vegetal e animal; e outro tempo em que o monstruoso Cheiroptera (morcego) era o único animal de sangue quente. Mas, gradualmente, estes tipos perdem a capacidade de procriar, retrocedem em direção aos seus tipos originais e extinguem-se; onde então surge uma nova ordem de aves e serpentes, provenientes de novos germes espermáticos introduzidos.

Após muitos séculos, essas espécies são substituídas por outra ordem ainda diferente, que dá origem aos primeiros marsupiais, como o canguru e a tímida gambá (opossum). O mastodonte e o megatério, ao modificarem os seus espermatozoides, geraram o megalónix de um lado e o elefante paquidérmico do outro — embora diferentes dos elefantes modernos, que são os últimos vestígios de uma ordem mais nobre.

Se o espermatozóide do elefante se misturar com o de um dromedário de tipo inferior, obtém-se o camelo bactriano. Do mesmo modo, a mula nasce da combinação entre o cavalo e o burro. Quando o descendente hibridizado se cruza com o tipo original, gera-se uma nova modificação, dando origem a uma outra classe — e assim, raça após raça, lentamente, fixam-se os tipos. Alguns híbridos não conseguem procriar, mas tendem fortemente a reabsorver-se nas linhagens originais. Espécies muito afastadas na organização não procriam entre si, mas os tipos afinados sim — e é através desses cruzamentos que os cavalos, vacas, ovelhas e todos os mamíferos surgem nas inúmeras variedades que hoje conhecemos.

Nada disto é surpreendente, quando compreendemos que na Natureza existem três grandes leis imutáveis, sempre ativas, energizando e modificando formas e forças, pelas quais o mundo foi conduzido até ao seu estado atual de relativa perfeição.

Se olharmos para o reino animal, encontramos:

1. Tipos fixos
2. Tipos cruzados (por hibridação)
3. Variedades em todas as classes
4. Progressão por multiplicação
5. Desenvolvimento — ou seja, melhoria, expansão e distribuição.

Estes cinco passos seguem-se com a mesma regularidade com que colocamos um pé à frente do outro.

Começemos com os tipos humanos fixos: com uma raça negra de um lado e uma raça quase branca do outro. O casamento entre a negra e a branca origina uma raça intermédia. Esta, ao casar-se novamente com a negra, gera uma quarta variedade. Ao cruzar-se a branca com membros da quarta variedade, obtém-se uma quinta espécie. Se essa quinta se unir novamente com a branca original, aparece um sexto tipo. A quinta espécie, ao unir-se com a negra original, gera e fixa um sétimo tipo.

Assim é que, nos primeiros estágios do desenvolvimento humano, a Natureza multiplicou e fixou os tipos por meio desta conjugação cruzada contínua e composta.

Mas qual é o resultado nos tempos atuais? A cada cem ou cento e cinquenta anos, estes mongrelos ou híbridos perdem a capacidade de reprodução, e, sem contacto com os tipos parentais, tornam-se gradualmente extintos. Os mulatos, por exemplo, deixados por conta própria, desapareceriam em pouco tempo. Conseguem propagar-se com sucesso por cerca de cento e trinta anos.

Os índios norte-americanos são outro exemplo ilustrativo...

Eles são um ramo derivado de duas raças primordiais. Estão agora a desaparecer da existência por duas razões: primeiro, porque não estão suficientemente amalgamados nem geneticamente entrelaçados com outras raças; e segundo, porque estão a ser barbaramente invadidos e exterminados por aqueles que são mais fortes em inteligência e artes. No entanto, a raça negra nunca poderá ser aniquilada, pois é um dos dois tipos primordiais; nem a raça branca, pois representa o pólo norte da organização original. Mas todas as raças intermédias podem, dentro de alguns séculos, desaparecer como um icebergue em fusão, e nunca mais serem vistas. A raça negra é o pólo sul, e a branca é o pólo norte oposto, de um mesmo sistema paralelo; por isso, estas raças opostas são iguais e terão uma carreira paralela.

Todos os tipos não-progressivos e os animais combativos serão superados pelo decreto da Natureza e expulsos da linha de desenvolvimento. No entanto, mesmo essa expulsão contribui para o grandioso sistema pelo qual as raças permanentes são procriadas e sustentadas. O meu objetivo não é explicar os mistérios da criação, mas sim observar os métodos progressivos da Natureza, para mostrar, através de graduações sucessivas, como a mente do homem é imortal. Está praticamente aceite pelos botânicos que o lírio, o junco e a espada-de-São-Jorge surgem após as ervas inferiores; que do junco e da espada-de-São-Jorge derivam o abeto e o zimbro; que estes existiram antes do pinheiro e do abeto-do-canadá; que o pinheiro e o cedro precederam o castanheiro; que a bétula e a aveleira surgiram antes das árvores nobres da floresta, como os bordos, os carvalhos e os ulmeiros.

Em suma, os cientistas da Europa e da América veem que nada no mundo é mais evidente do que o facto de que os vestígios de organizações vegetais e animais superiores se encontram sobre os de forma e função inferiores. Isto serve de boa base para uma investigação razoável sobre a origem científica do mundo subordinado. Pode então ser colocada a questão: "Se a Natureza, em si, possui o poder de produzir originalmente as plantas primeiro, depois os animais e por fim o homem, porque não continua esse processo de produção?" Eu respondo: porque é uma lei da Natureza que, uma vez completada a essência germinal e aperfeiçoado um plano, o processo de aperfeiçoamento se realiza depois pela multiplicação do tipo através de casamentos corretos e da geração.

Quando um campo atinge um determinado estado, já não pode produzir o mesmo grão; assim como o tipo humano já não é reproduzido por pais que passaram o período crítico da procriação. De modo semelhante, a Terra, pela idade, avançou para além do período de formação de tipos. Já não produz plantas, animais ou humanos como fazia na sua era fértil e organizadora. Todo o processo primitivo de organização foi necessário para formar uma base para o corpo humano, e através dele preparar o espírito para uma outra esfera, melhor.

Se entrases em relação amigável com a esfera física da verdade, se leres devidamente o livro da Natureza, perceberás uma lei sagrada de correspondência universal. Este princípio liga cada coisa a todas as outras coisas no universo. Já demonstrei que tudo é duplo; que as formas visíveis nos ensinam, simbolicamente ou analogicamente, sobre aquilo que permanece invisível. O telescópio revela-nos as magnitudes de corpos solares incontáveis, que giram no silêncio solene do infinito. O homem não pode deixar de venerar neste vasto templo do universo, revelado à sua visão real pela ação do telescópio.

Por outro lado, o microscópio revela um mundo maravilhoso de incontáveis animalículos; e mesmo assim a correspondência, a analogia, a unidade, a lei conjugal, mantêm-se em todo o espaço, tempo e formas de existência. Há uma conjugação perpétua entre o mundo dos infinitos e o mundo dos infinitesimais. Esta correspondência é perfeitamente ilustrada na música; a segunda oitava é uma reprodução da primeira, a terceira da segunda, e assim sucessivamente; enquanto todas se fundem num sistema de melodia profunda, do qual a harmonia emerge legitimamente. Pode-se observar uma correspondência exata no crescimento das árvores – a analogia, por exemplo, entre as raízes pesadas e as suas fibras, e os ramos superiores e os seus raminhos.

Do mesmo modo, nos sistemas de plantas e nas espécies animais, este princípio analógico ou de correspondência é claramente manifestado. Estas ilustrações ajudam a reforçar a convicção de que tudo é construído com base num princípio de dualidade, um princípio de união; não apenas duplo, mas a ramificar-se para fora em intermináveis graus de individualidade, sendo cada grau uma reprodução do seu predecessor. Todas as maçãs, por exemplo, desde a forma mais rudimentar, como a maçã-brava, até à forma mais perfeita, são, segundo as circunstâncias e condições variáveis, reproduções sucessivas do primeiro padrão que pressagiu a possibilidade de um tipo perfeito.

Mais uma vez, observa o réptil rastejante e prostrado, no seu estado baixo e repugnante de organização. Possui um par de olhos subtis, uma boca repulsiva, uma língua bifurcada, uma espinha elástica, um conjunto de funções digestivas, tudo sustentado por um cérebro que é um agente de sensação e locomoção. Agora eleva as tuas percepções, e contempla o homem. O homem, tal como a serpente, possui dois olhos, uma boca, dentes, todos os órgãos e funções concebíveis, todos ligados à substância cerebral, por meio de nervos sensíveis, simpáticos, voluntários e motores.

A Natureza colocou a espinha da serpente numa posição horizontal; enquanto que a do homem foi colocada na vertical, com a cabeça apontando para a esfera da existência espiritual! Na verdade, poderíamos quase suspeitar que esta particularidade no verdadeiro tipo humano é uma sugestão profética da carreira final

do homem; enquanto que a cabeça da serpente, voltada para a terra, indica seguramente o seu destino final.

Com referência ao diagrama, descobrimos imediatamente que os dois organismos, nas suas posturas naturais, formam uma figura geométrica – um ângulo perfeito – que representa todo o mundo animal. Ou seja, todos os tipos orgânicos da existência animal podem ser encontrados dentro deste ângulo reto entre a víbora e o homem. Cada parte corresponde, em maior ou menor grau, a todas as outras partes, e todas as existências separadas estão ligadas por princípios intrinsecamente sagrados e harmonicamente imutáveis.

Amor, Sabedoria – Pássaros – Reino da Tabela – Vida – Mineral - O SISTEMA DA NATUREZA

EXPLICAÇÃO – Entre o sauriano horizontal e o homem ereto encontra-se toda a variedade de formas da natureza animada. Este diagrama ensina, portanto, que a linha base sobre a qual o mundo animal se inicia, e a linha perpendicular – exclusivamente humana – formam um ângulo reto perfeito, ou o grande quarto de círculo orgânico. O quarto oposto representa as obras e atributos do homem, que, por sua vez, correspondem aos princípios vitais do reino inferior, enquanto os dois quartos inferiores exibem as regiões dos princípios primordiais dos quais animais e homens são compostos.

Estes diversos factos, aos quais me referi, devem ser lembrados como as vigas de fundação do templo material e espiritual. São apresentados com uma base subjacente nos três grandes Princípios – e, ainda mais profunda, a Lei Sexual – como a CHAVE para aceder a qualquer divisão da “casa não feita por mãos humanas”. A lei sexual, como já foi mencionado, é a causa primária das inúmeras raças de animais e de homens que povoaram e ainda habitam a Terra.

Os princípios positivo e negativo, ou masculino e feminino – juntamente com as leis da Associação, Progressão e Desenvolvimento – ascenderam da simplicidade à complexidade, desdobrando fenómenos correspondentes, devidamente distribuídos pelos campos da manifestação orgânica. Para ilustrar: se dois corpos orgânicos de moldes distintos, digamos dois peixes de espécies diferentes, gravitassem e se unissem sob um conjunto de circunstâncias homogêneas, a consequência inevitável seria a destruição de ambos os tipos, com a formação de uma nova ordem distinta.

Não defendemos que um tipo de organismo possa, por qualquer possibilidade concebível, modificar-se gradualmente até ascender a outro tipo, como um ser bímoro transformar-se num ser humano; mas afirmamos isto: um tipo particular serve de meio, através do seu esperma amadurecido e essência germinal, para desenvolver uma forma superior de organismo fixo. A Natureza está repleta de princípios vitais que, quando o fluido embrionário adequado é depositado,

impregnando as funções procriativas de uma planta ou animal, desenvolvem uma ordem superior. Tudo é realizado pelos princípios animadores e espermáticos. As alterações corporais começam nas essências-semente da alma.

O leitor lembrar-se-á da substância viscosa ou mucosa que descrevi, depositada sobre imensas bacias no fundo dos mares. Essa substância medusiana era composta de plantas em pó e rochas; formava uma matriz gelatinosa, o ovário fundacional de onde se originaram todos os animais, e até mesmo os elementos e formas da organização humana. Mas toda a forma depende da força modeladora; e cada uma dessas forças está segregada na essência da vida, ou espermatozóide. É o desenvolvimento progressivo do fluido germinal que permite à fêmea de uma ordem inferior dar à luz descendência num plano orgânico mais elevado. Este facto é representado e repetido, vez após vez, no percurso ascendente de todos os seres orgânicos.

Observemos esta “escada de Jacob” do desenvolvimento: enquanto aquelas substâncias gelatinosas e medusianas estavam em formação, havia vastas extensões de terra submersas, e também grandes zonas pantanosas ligeiramente acima das ondas do oceano, literalmente cobertas e sobrecarregadas com palmeiras gigantescas, vegetação marinha monstruosa, tornando-se cada vez mais semelhantes a plantas terrestres à medida que, era após era, emergiam da parte rasa do mar. Árvores de tipos e classes exóticas, entrelaçadas com plantas indígenas, misturavam-se e decompunham-se gradualmente. Florestas inteiras foram assim convertidas em jazidas de carvão ou em estratos de solo arável. Entretanto, noutras regiões e latitudes, onde se gerava eletricidade e penetrava o magnetismo solar, e onde o “casamento” entre ambos era perfeito, surgiam massas de formações infusórias e gelatinosas que constituíam a base total da animação.

Mas as primeiras formas de vida orgânica que emergiram desses primórdios, segundo percebo por impressão, não podem ser comparadas a nenhum tipo atualmente existente, quer dentro quer fora dos mares. O zoófito moderno, os articulados, a spratula, o productus, e mil outros seres animados de nomes curiosos, com garras, conchas e funções digestivas, são criaturas civilizadas em comparação com as formas informes de vida sauriana que acabaram por surgir à superfície daquelas ilhas de geleia viva – os primeiros ventres carregados de ovos – nas profundezas do oceano primordial!

Se fosse compatível com o objetivo deste capítulo, quão fascinante seria traçar, passo a passo, os degraus ascendentes desta escada animada até à última forma orgânica – o leitor! Começando pela formação do ovário primário, quão devotamente deveríamos notar a imanência de Deus na Natureza, ao acompanhar a produção de *polyparia*, *radiata*, *articulata*, *mollusca*, *vertebrata*, por sobre todos os medusianos, subindo até aos peixes, répteis, aves, marsupiais, mamíferos, às

diferentes raças de seus superiores, e finalmente ao cume de todas essas formas, funções, essências e forças – no corpo e na alma do Homem! Não ouviste já a doutrina de que o homem é um microcosmo? Que é um mundo em si mesmo, e representa “em miniatura todo o universo?”

O organismo humano – o corpo e a alma do homem – representa todo o Universo incomensurável. É uma “tabela de conteúdos” do volume da natureza orgânica. É uma edição de bolso, por assim dizer, de toda a Bíblia da Criação; um compêndio, uma espécie de enciclopédia ambulante, um resumo abreviado de tudo o que está por baixo. Posso ainda acrescentar que, no seu todo, o homem é um prospeto, uma espécie de circular editorial, emitida pela casa editorial da Mãe-Natureza, prometendo milhares de volumes no desdobrar futuro da sua existência. Os limites deste capítulo não permitem um argumento extenso em prova da afirmação de que o homem é o epítome de todas as formas e forças; mas há um facto científico notável, entre muitos outros, que demonstra fortemente a sua verdade incontestável. Esse facto é que o cérebro humano repete, no seu progresso fetal, todo o plano da formação orgânica. Esta característica maravilhosa do processo gestativo é prova suficiente, para todos os que possuem uma natureza atenta, recetiva e reverente, de que não só o cérebro humano é um resumo da história geológica, como o homem inteiro é um compêndio de toda a natureza animada – e está ligado a todas as formas de vida.

E o que torna esta indução baconiana ainda mais satisfatória e conclusiva é o facto de esta recapitulação gestativa nunca ocorrer em nenhum cérebro abaixo do humano; e aqui reafirmamos, como claramente estabelecido pela razão, a nossa primeira proposição: ou seja, que o casamento dos dois cérebros no homem, ou a perfeita dualidade da sua constituição mental, é a culminação de todas as leis orgânicas.

Sobre os Reinos da Terra, e por todas as Principados nas Esferas superiores, apenas um Rei empunha o cetro do poder. O seu nome é "PROGRESSO".

Muito pouco tempo após a conclusão de "As Revelações Divinas da Natureza", afastei-me com alívio das tontas discórdias da grande metrópole e procurei algumas semanas de retiro e descanso com os meus amigos, os Lapham, na vila (hoje bela cidade) de Poughkeepsie, no estado de Nova Iorque. Entre o dia da minha chegada e a data memorável daquela experiência singular descrita em "O Cajado Mágico" — quando já não havia esse eclipse total da memória externa, mas quando, como o resplandecente orbe do dia a erguer-se rapidamente no céu oriental, toda a minha mente se banhou numa plena recordação da vida interior passada — fui movido, nas profundezas silenciosas de uma quente noite primaveril, a levantar-me da cama e pegar na caneta para registar uma visão que se desenrolava perante as minhas percepções despertas como um pergaminho de luz matinal. No mesmo quarto, havia outra cama ocupada por um cavalheiro que, na manhã seguinte, testemunhou o

seguinte: "Fui acordado do sono por aquilo que me pareceu ser alguém a andar pelo quarto. A escuridão da noite era tão profunda que não conseguia distinguir nada no aposento. Por isso, escutei sem respirar durante alguns momentos, para ter a certeza de que não estava a sonhar. Tudo estava muito silencioso, exceto o leve som de uma caneta a riscar rapidamente o papel. Por estes movimentos e alguns sons respiratórios contidos que me chegaram ao ouvido, fiquei perfeitamente convencido de que o Sr. DAVIS estava sentado à sua mesa, a escrever, embora a escuridão do quarto fosse absoluta. Continuou a escrever durante o que me pareceu ser uma hora."

O resultado desse exercício sonâmbulo com a caneta, sem qualquer tipo de luz artificial, foi o seguinte curioso registo de uma visão. É, na sua essência, uma descrição da história anterior às plantas e aos animais deste nosso globo. A doutrina é algo neptuniana e fiel aos desenvolvimentos da ciência moderna. Um leitor preconceituoso poderá acusar de neonomianismo, mas o Pensador acabará por emitir um veredicto justo e claro. Não suspeitará que estas linhas rudimentares são apresentadas pelo autor como "poesia", ou sequer como belas em conceção.

Pelo contrário, esta curiosa visão é aqui apresentada tal como foi originalmente recebida e escrita, "com todas as suas imperfeições", por duas razões: primeiro, porque a sua origem está envolta nos véus da noite e do mistério psicológico; e segundo, porque os pensamentos e delineamentos geológicos são verdadeiros e ilustrativos com força do tema em questão. As linhas foram escritas, conforme descrito, em 1847; e não hesito em afirmar que certas peculiaridades e expressões características, que o leitor atento notará, são ilustrações adicionais da nossa frequentemente repetida proposição filosófica: que a inspiração, venha de onde vier, deve — e, portanto, de facto assume — a forma e o temperamento exatos da mente que a recebe e expressa.

É doutrina da Filosofia Harmónica que todos os desenvolvimentos puramente noturnos têm curta duração. Ver o quarto volume da Grande Harmonia.

O meu espírito cresceu e pareceu expandir-se
Para além dos livros dos homens e dos credos da terra.
Quando interiormente livre, foi-me concedida muita sabedoria,
Para iluminar o caminho que conduz ao céu.
Sem preconceitos, sem amarras, destemido e alegre,
Ansiava por viver dentro do raio solar.
Tentei seduzir a Terra a revelar-me a causa
Do seu nascimento, da vida, das provações, da história e das leis:
Suplicava para sondar as suas cavernas escuras e misteriosas;
Para ver o Oceano e dançar sobre as suas ondas!
Orava para explorar os labirintos do Tempo—

Para contemplar o profundo, o vasto e o sublime!
Queria saber como começou a Terra a existir;
Saber por que razão aqui é terra e ali é mar;
Compreender o CRIADOR através da criação,
E ouvir para sempre a serenata da Natureza.
Com zelo incansável, assim ardia a minha alma
Para ir e fazer, ver e ser, e aprender;
Sem esforço, não depositava fé alguma,
Mas uni o pensamento à ação, como o espírito deve fazer:
E assim, plenamente formada e veloz, como o pensamento de um anjo,
A minha alma partiu para encontrar o que buscava.
De volta pela trilha do Homem voei rapidamente
Para além da luz do Tempo, quando a Terra era nova;
(Pois, pela indução cuidadosa, a alma pode ler
Do efeito para a causa — da flor à semente).
Vi a Terra líquida a correr em fúria extrema,
A saltitar como um demónio em redor do Sol:
Como um orbe de fogo nebuloso, como uma estrela régia,
Rodando para a frente no seu carro triunfal—
Como um cometa a queimar o espaço na sua passagem,
Assim parecia a Terra infantil; e no seu rosto
Refletia-se, vi eu, a Lua cometária.

Uma grandiosidade selvagem e terrível espalhava-se em redor: mares de lava borbulhavam das profundezas abissais; relâmpagos dançavam com relâmpagos sobre o mar; trovões competiam com trovões numa alegria frenética; o Movimento unia-se ao Movimento num só consentimento, e o Átomo casava-se com o Átomo com um só propósito; Movimento e Átomos surgiam em pares nupciais, e o Método tornava-se ainda mais querido à Matéria. No entanto, o orbe em chamas continuava a girar velozmente, a cada dia menos excêntrico — mais sereno e vigoroso. A sua face feroz e ígnea era arrefecida pelo ar; a paixão já não reinava com tanta força — o cenário tornava-se mais belo. Entre as Estrelas, foi decidido, por votação, que a jovem Terra deveria vestir um manto de granito.

Mas, fervendo com fogos ocultos e ainda colérica, ela agitava-se e franzia o semblante como o animal de estimação de um demónio; ainda assim, o seu rosto parecia frio, nu e imponente. Porém, a Água, rapidamente formada, cobriu toda a terra. Um banho tão frio logo acalmou o ardente noivo; e, tremendo no seu centro, partiu-se em dois! O manto da Terra, embora granítico, ficou "rasgado e roto"; e a sua face, embora áspera, estava "rapada e tosquiada." Mas, como a ferida que Deus infligiu ao Diabo, a abertura fechou-se, deixando, contudo, uma sepultura aberta: as águas das profundezas imensas precipitaram-se para dentro, expondo aqui e ali um

pequeno pedaço de terra. A Terra rugia, tremia e arrastava as suas correntes, vomitando tanto montanhas como mares!

Vi colinas sobre colinas, "Alpes sobre Alpes a erguerem-se"; e um casamento entre todos os Mares e os Céus. O Sol, a Lua e as Estrelas brilhavam intensamente sobre a vaga do Atlântico, sobre o cenho carregado do Euxino. Da Baía Gelada às alturas Magalhânicas, do hino do Niágara às Luzes do Norte, da sombra gigante dos Andes à vaga do Hudson, do Labrador à jovem caverna do Kentucky, do soalheiro Amazonas às neves alpinas, da costa do Mar Vermelho até onde corre o nosso Erie, de Leste a Oeste, de Norte a Sul, vi os passos ousados da mesma LEI progressiva!

De todos estes factos geográficos, o autor não tinha, na altura, qualquer conhecimento definido proveniente de mapas ou livros.

Desde a alvorada da Terra até ao fulgor do Dia, segui as pegadas da Progressão em todo o percurso. Olhei através da Terra e li cada página que a Progressão havia escrito de era em era: vi como o Movimento, com os Minerais, surgia, acendendo juntos uma chama elétrica nas profundezas do Oceano, junto aos deltas do Mar; vi os germes das futuras plantas e árvores. Vitalizados pela vida de toda a terra e ar, vi essas sementes abrirem-se, despontarem e frutificarem; primeiro debaixo de água, depois à beira-mar, depois a subir colinas e a espalhar-se cada vez mais, até que fetos, pinheiros, ervas, frutos e flores adornavam o cenário como os lendários jardins do Éden.

Contudo, a Natureza teve as suas Manhãs, Meios-Dias e Noites — Eras que atingiram as alturas mais sublimes, quando o Sol do sucesso brilhava no meio do céu e o cântico da Criação atingia o seu tom mais alto. Mas à Progressão, a Natureza é sempre fiel: assim, com o Tempo, a Noite foi-se aproximando pela avenida; o entardecer trouxe o sono, a Noite trouxe a morte, e tudo ficou tão silencioso como a mais silenciosa das respirações.

Então surgiram tempestades ferozes; trovões em conflito lançaram-se em batalha; o Terramoto separou continentes; os Oceanos, agitados por dentro, cresceram em fúria, e as Montanhas que desabavam tocaram os sinos da destruição! Nenhuma palavra pode pintar essas noites terríveis, quando a jovem Terra passou das profundezas às alturas; nenhuma conflagração, por mais profunda ou terrível, poderia simbolizar o incêndio interior! Ilhas pacíficas transformavam-se em montes flamejantes; aqui um vale afundava-se, ali um vale ardia. Os Alpes, os Andes, os Apeninos e os Mares, os grandes Lagos interiores, as grandes Colinas e as árvores gigantes, como deuses enfurecidos, queimavam, agitavam-se e suspiravam, e as Montanhas em erupção lançavam as suas chamas aos céus!

Se todos os deuses que habitavam os céus gregos tivessem trocado todo o bem por mal, toda a verdade por mentira; se a foice de Saturno se transformasse em espadas

flamejantes; se a música de Apolo descesse a palavras iradas; se o amor de Cupido fosse envenenado até se tornar crime; se Minerva enchesse de miséria toda a região; se a caixa de Pandora estivesse sobrecarregada de males; se Júpiter se tornasse no Diabo dos cristãos; se o belicoso Marte, sem amor, odioso e temido, respirasse os terrores de todas as estrelas caídas; se Prometeu acendesse os fogos da Ira; se Neptuno espalhasse terremotos pelo seu caminho; se Vénus se tornasse esposa do Vesúvio, e Juno, invejosa, saltasse para o lado do Etna; se Plutão abrisse os seus portões infernais; se as Graças se transformassem nas implacáveis Parcas; se todo o Amor se tornasse Ódio, toda a Paz em Conflito, toda a Fortuna em Fome, toda a Morte em Vida; se Pã expusesse Caríbdis ao mundo, ou lançasse toda a Natureza contra o lado escuro de Cila — ainda assim, o cenário não pareceria mais sublime do que os primeiros passos da Terra na trilha do Tempo!

Um ar carbónico, envolvendo todo o oceano, ocultava os céus estrelados, dos cumes às planícies; a tempestade mundial inchava o peito do Senhor dos Mares, e o forjador dos trovões sentia todo o resto. O velho tridente de Neptuno sacudia terra e mar, e Vulcano enviava recado a Vénus para descer para o chá! Vénus desceu ao sombrio domínio, e suavizou os labores do deus sisudo. Com olhar radiante contemplou o minério em ebulição, ouvindo sem temor o rugido dos foles em brasa; admirou os braços musculosos e ombros nus, os martelos pesados erguidos no ar; com sorrisos celestiais abençoou o cenário fulgurante — e a Beleza resplandeceu na Noite Infernal!

Esta tempestade de reforma terrestre esgotara a sua força, e por fim os astros matinais brilhavam com fulgor.

É positivamente verdade que, aquando da escrita deste texto, o autor nada sabia sobre estas personagens mitológicas.

Logo depois, vi as luzes proféticas do Dia que se avizinhava! A carruagem do Rei-Sol avançava pela rosada via. Sorriu sobre a cena! Oh, quão sublime! Pois a Noite operara uma mudança sobre a Terra e o clima. Vi novas paisagens estendidas ao redor; novos lagos, novos mares, novas ervas brotavam do solo. Cada penhasco monumental registava uma mudança, e a “Progressão” era ensinada por cada cordilheira! Vi que o “Progresso” não era como uma linha reta; mas sim em ondas que sobem e descem, como as ondas do Tempo. Primeiro a maré sobe — depois recua; mas, ao contrário das marés terrestres, não volta ao ponto de onde veio — avança, como a Verdade, que desconhece recuo, desdobrando-se eternamente em formas, pequenas e grandes. Como ondas do oceano, as idades fluíam umas sobre as outras, trazendo à luz o que antes estava oculto nas profundezas: assim vi surgirem novos peixes, novas aves, novas feras, oriundos de fontes de vida que se tinham transformado com as estações. Vi a planta, jovem e viçosa, refinar matéria mais grosseira dia após dia; cumpria a sua missão com graça e leveza, perfumando cada

brisa que passava. Vi a Vida Criadora dar origem a um mundo de beleza, contrastando a donzela dos prados com o rei das florestas. A Sabedoria derramava a sua ampla luz em redor, unindo a Beleza à Luz, e a Música ao Som; conferindo ao Ar doçura, à Terra e ao Mar um poder, uma qualidade a cada semente, e a cada uma uma flor.

Depois, surgiu o animal: uma pequena mosca foi formada, da matéria em mudança, e procurou a sombra; vi-a visitar flores, depois a vinha mais doce, agora o robusto carvalho, depois o pinheiro ondulante. Então, uma ave de outras paragens passou, à qual ouvi o réptil sauriano clamar. Cheio de pensamentos, li todas as páginas — e, ao despertar, ouvi o rugido do leão.

Assim foi progressiva a Criação, e observei os diversos passos da transição até chegar ao HOMEM!

E desta maneira foi colocada “a pedra angular” desse magnífico templo orgânico, cuja cúpula, aspirando ao céu, é A MENTE HUMANA!

O objetivo deste capítulo, como expliquei por diversas vezes, para além do propósito de despertar o pensamento e a reverência pela Natureza e por Deus, é provar que a mente humana contém em si todas as evidências científicas e intuitivas necessárias da sua imperecibilidade. Aqueles que, observando filosoficamente a partir de um plano elevado, têm a felicidade de discernir esta verdade constitucional, não necessitam de recorrer às Escrituras, nem a analogias externas, nem a testemunhos exteriores de videntes, profetas ou manifestações espirituais; pois possuímos em nós mesmos, como compreendo a alma, uma demonstração indubitável e incontestável de que não só a essência, mas também a forma na qual a encontramos, são tão eternas quanto Deus.

Segui e descrevi os processos primordiais da Natureza até que ela formasse os primeiros germes animais; e mostrei que, através de rochas pulverizadas, minerais e matéria vegetal, pela operação de duas forças, chamadas positiva e negativa — ou masculina e feminina — testemunhamos uma profecia perfeita de todos os fins últimos. Acompanhámos este sistema da criação animal desde o primeiro germe até ao homem; e agora estamos preparados, assim espero, para seguir o homem até ao espírito. A fim de apresentar às vossas faculdades intelectuais uma prova de que a alma é indestrutível em essência e forma, devo reafirmar a nossa primeira proposição: ou seja, que a Natureza elabora o corpo e trabalha com vista ao casamento perfeito entre o cérebro e o cerebelo. Portanto, esta bela Terra não é “um vale de lágrimas”; “um espetáculo fugaz dado à ilusão do homem.” O objetivo último da Natureza é, de forma bondosa, afetuosa e sábia, dar à luz essa semente chamada organização humana.

Os princípios fundamentais estabelecidos nas páginas anteriores mostram que a Natureza trabalha com vista a uma grande e magnífica finalidade; que ela tem algo de mais importante a fazer do que brincar com o pó aos nossos pés ou com o lodo viscoso sob o oceano. Os princípios não brincam em vão, mas operam sublimemente as mais grandiosas Ideias. A proposição é esta: a organização humana contém todas as formas e substâncias — é o desfecho de todos os sistemas orgânicos — e todas as forças e essências encontram o seu fim no homem como finalidade. A organização do réptil, da ave, do marsupial, do mamífero, e de todos os tipos inferiores e intermédios, são elevadas, aperfeiçoadas e individualmente absorvidas neste tipo grandioso e supremo.

É o esforço da árvore da justiça — da árvore da Natureza — realizar este único grande resultado. Consequentemente, nada há de novo ou estranho fora do homem; nada que não esteja embutido nas profundezas da sua consciência. E, a partir disto, mantemos que as afinidades internas do homem não podem ser vencidas. Nada há no segmento do ferro, em qualquer composto mineral, em qualquer estrutura anatómica, função fisiológica, processo psicológico ou esfera espiritual de existência, que não se encontre fundamentalmente, germinalmente, radicalmente ou profeticamente no homem, em desenvolvimento parcial ou pleno. Consideremos isto:

O homem contém todos os minerais. A primeira prova desta afirmação é que pode consumir uma parte de cada mineral. Todo o mundo médico é prova disto. A escola alopática de medicina prescreve minerais para combater doenças. A doença é uma grande infelicidade — mas, ao empregar um médico mineral, obtém-se uma ainda maior. No entanto, a nossa proposição é demonstrada pelo efeito dos medicamentos alopáticos no corpo humano. O semelhante sustenta o semelhante; caso contrário, tecidos e membranas seriam destruídos por tais prescrições severas.

Um homem vivo pode tomar peróxido e carbonato de ferro, ou qualquer outra preparação mineral, porque há algo do mesmo elemento na sua constituição. Numa análise cuidada, o ferro será encontrado em todas as estruturas humanas. É certo que a organização pode estar repleta de vida e beleza — de tudo o que tende para o ideal, o espiritual e o sublime — e, ainda assim, conter uma mina representativa de ferro no seu íntimo. Há minério mineral ultimado e aperfeiçoado nesta estrutura maravilhosa. Calomelanos, ouro e prata estão perpetuamente representados em partes do sistema. Os minerais não curam doenças; mas, por vezes, encobrem os sintomas ao ponto de o doente se tornar insensível!

Além disso: cada vez que comemos, provamos, de certa forma, que o corpo humano é composto por toda a vegetação. É claro que usamos apenas uma pequena parte dos sete ou oito milhões de tipos do reino vegetal; mas bastam poucos factos nesta direção para demonstrar todo o capítulo de afinidades entre o homem e os reinos

sobre os quais se ergue. Se uma pessoa consegue comer um pedaço de nabo ou batata e assimilá-lo, está demonstrado que há algo no seu interior que reclama essa substância e acolhe a assimilação. Não é porque a organização possua o poder de forçar uma substância estranha a integrar-se; mas sim porque a absorção ocorre com base numa afinidade química, que corresponde à lei social pela qual duas pessoas de simpatias congêneres se encontram, apertam as mãos e formam amizade.

Este processo de digestão prova também que somos fisicamente compostos por propriedades do mundo animal. Absorvemos os músculos do boi, do cordeiro, da ave, do cavalo, da foca e do peixe — o que demonstra que há no corpo e na alma humana algo que reclama e acolhe todas estas combinações animais. Se o homem fosse apenas vegetal, então só acolheria vegetais, frutos e cereais. Se fosse mineral, alimentar-se-ia apenas de minerais. Mas sendo composto e concreto — mineral, vegetal e animal — ele extrai o seu alimento livremente de toda a Natureza. Todas as espécies e tribos antigas de animais do mar e da terra firme, toda a vegetação primitiva, e o mundo mineral inteiro, trabalharam ao longo das eras para produzir a organização humana. Na coluna vertebral do homem estão aperfeiçoados todos os sistemas conhecidos de espinhas. Nos seus músculos encontramos uma elaboração e representação de força muscular mais refinada do que em qualquer outro animal. Nos seus pulmões, no estômago, na cabeça, em cada órgão visceral e cerebral que se possa examinar, vê-se uma representação mais grandiosa de um esquema de formação do que existe em todos os outros animais combinados.

É verdade que um cão pode ter maior capacidade olfativa que o homem; uma ave pode voar mais alto; um peixe pode nadar mais tempo e mergulhar mais fundo; mas nada pode igualar o que o homem é capaz de realizar, senão fragmentariamente e por partes. Os animais podem superar o homem em direções específicas; mas um só homem, nos limites da sua ciência e ação, pode alcançar mais e maiores feitos do que milhões de criaturas irracionais em conjunto.

Aí está o carvalho, trabalhando e edificando para si toneladas de madeira. Elabora e constrói, através de verões e invernos, por entre brisas suaves e tempestades noturnas, grandes e pequenos ramos, projeções geométricas multifformes, inúmeros ângulos, uma variedade indescritível de folhas — e para quê? Para dar fruto nas extremidades remotas. As bolotas surgem como resultado amplo de todos os trabalhos e estruturas anteriores.

A Natureza, operando segundo um sistema abrangente de fins e utilidades, começa bem no fundo dos oceanos, onde silenciosamente planta os seus germes medusianos e espermáticos. Depois, trabalha em silêncio e avança do mar para a terra seca, espalhando a sua vegetação terre-aquática sobre os continentes iluminados pelo sol. Por meio destas “bombas terrestres” e “ímanes naturais”, ela extrai os seus elementos e átomos minerais, distribuindo-os generosamente pela vegetação; e

então, gradualmente, como illustrei, forma os espermatozoides e dá origem aos animais — e para quê? Para que, nas extremidades da Árvore da Vida, possa aperfeiçoar, como coroa gloriosa, A ORGANIZAÇÃO HUMANA, com os seus dois cérebros perfeitamente unidos pelo princípio conjugal.

A nossa segunda proposição, portanto, é que a organização corporal, por sua vez, recolhe os imponderáveis e fabrica um corpo imperecível para o espírito. A Natureza, através dos seus inúmeros agentes, elabora primeiro o corpo, que, preenchido com o número e variedade de forças divinas necessárias, continua a ação e elabora a alma. A organização física contém todas as substâncias, formas e dinâmicas da matéria; assim como a alma (isto é, o corpo do espírito) contém todas as essências, leis e forças da mente. O corpo contém todos os primórdios, e a alma todos os fins últimos da matéria. Juntos, portanto, são uma representação dos hemisférios positivo e negativo, ou de ambos os lados da Natureza Universal. A alma representa o espiritual, e o corpo o departamento material do universo organizado e simétrico. O homem, então, considerado como um todo — corpo e alma — é um filho de Deus-Pai e da Natureza-Mãe.

Estes são ao mesmo tempo os nossos pais mais íntimos e mais remotos. Os nossos pais terrenos não são mais que instrumentos para a manifestação dos eternos Progenitores — nosso Pai e Mãe celestiais. A matéria reclama o corpo, e fá-lo-á seu. A Terra voltará a acolher o pó do seu filho corpóreo no seu seio pleno de vida. Ela devolverá e distribuirá os minerais do corpo ao mundo mineral; a vegetação do corpo ao mundo vegetal; e as partes animais não utilizadas ao reino animal. Em suma, tudo aquilo que no corpo humano, na morte, não é propriamente humano, regressará ao oceano universal da vida e voltará a misturar-se com oxigénio, hidrogénio, nitrogénio, carbono, azoto, amónia, eletricidade, magnetismo e outras essências imponderáveis, que agem e operam com beleza e constância neste império imensurável da matéria e do espírito. Mas o outro departamento — a organização espiritual ou humana — com a sua essência interior, será reclamada e atraída pela esfera espiritual de existência, onde, pelas leis imutáveis de Deus-Pai e Natureza-Mãe, lhe será designada uma morada na “casa não feita por mãos”.

Natureza e Deus são um só. Por “Natureza” não se entende a matéria, mas sim o lado feminino de Deus; e o termo “Deus” não é usado para significar uma pessoa, mas o lado positivo da Natureza. O positivo é instintivamente denominado “Ele”, enquanto “Ela” é naturalmente aplicado a tudo o que gera amor e beleza. A matéria, propriamente e filosoficamente falando, é o carro ou a fonte pela qual Natureza e Deus se movem e fluem nas organizações. Entre ambos não há antagonismo. Na destruição e construção, na decomposição e recombinação, operam como Um só. Estão sempre e em todo o lado unidos. Esse princípio conjugal que os torna universal e eternamente UM é o mesmo que une o homem e a mulher nas cidades e aldeias terrestres. Essa atração subtil e afinidade, que faz com que a atmosfera se

alie matrimonialmente aos pulmões a cada instante, é apenas mais uma ilustração da soberana lei que, sem início, casou Deus à Natureza. Através de inúmeros agentes, esta Lei central ascendeu até ao desenvolvimento dos espíritos humanos imortais. O homem não existe por um motivo pequeno! Não podemos saber quanto do homem pertence ao mundo inferior sem estudo profundo; nem saberemos quanto do futuro é profetizado pela sua existência, se não escutarmos os sussurros do Infinito!

Repito mais uma vez: assim como o corpo físico contém todas as substâncias sublimadas, a alma contém todas as essências purificadas; assim como o corpo contém todas as formas concentradas e aperfeiçoadas, a alma contém todas as forças refinadas e imperecíveis. No corpo humano encontramos a concentração focal de toda a matéria visível, e na alma encontramos a cristalização de todos os elementos espirituais. A relação que esta opulenta “alma” mantém com o “espírito” tornar-se-á evidente à medida que avançarmos neste tema tão importante. A alma não é um recipiente, como um copo, onde líquidos podem ser vertidos, mas sim o organismo supra-corpóreo, do qual as essências internas e forças integrais podem florescer em usos belos, admiráveis e harmoniosos. Nenhum homem ou mulher, portanto, deve considerar a sua alma como um fenómeno superficial e transitório, mas como o recipiente de uma fonte inesgotável, brotando para a vida eterna; a vestimenta exterior e a forma permanente que envolve o espírito eterno.

Tal como o corpo e a alma, enquanto unidade, constituem um microcosmo completo, assim o ESPÍRITO interior e indivisível contém todas as ideias e princípios. A criança que observa a construção de um edifício sente prazer e interesse na estrutura. Talvez, sendo tu um raciocinador baconiano, digas que o jovem deve aprender a construir. Não! Isso seria tentar adquirir os princípios da arquitetura. A mente, o espírito, só pode adquirir “factos”. A ideia harmónica de educação consiste em interrogar o jovem espírito, a mente pensante, e extrair daí os princípios inatos mas adormecidos. Aquele que, por pura necessidade, construiu a primeira cabana, teve de recorrer ao génio existente na nascente do espírito. O selvagem da floresta, tal como o estudioso científico da civilização, deve antes de mais interrogar os princípios da arquitetura que vivem dentro da sua mente.

Mais uma vez: a criança ouve os sons das palavras arbitrarias e, por imitação, aprende a pronunciá-las. Mas as “palavras” correspondem a “factos”, e apenas remetem o verdadeiro Pensador ao princípio inerente do comércio vocal. A mente pode tornar-se recetora de palavras, mas não da linguagem em si. De onde surgiu a primeira conceção de linguagem? De imediato, o verdadeiro raciocinador responde: fluiu da fonte do espírito. O homem cedo descobriu uma necessidade irresistível que o impelia à expressão vocal e gestual. Encontrou a chave do som no devido tempo, o que o levou à invenção das palavras.

A linguagem nasceu da fonte espiritual e, a partir daí, encarnou-se primeiro em hieróglifos, depois em imagens, por fim em sons — mais económicos e de uso mais fácil — pois sugerem sinais ou letras que transportamos nos bolsos, enviamos para o outro lado do globo ou levamos para casa e para a escola em forma de livros. Sons, letras, imagens e símbolos são externos, e foram originalmente criados para comunicar o verdadeiro sentido da mente. Contudo, a ortografia e a etimologia parecem hoje muitas vezes desviadas dos seus fins primordiais, sendo usadas para encobrir pensamentos, em vez de os exprimir. É apropriado conhecer os sons, símbolos e factos da linguagem; contudo, é o espírito a fonte do princípio que dá existência ao som e ao símbolo. A minha vasta experiência no estado superior satisfaz-me quanto ao facto de que os princípios da gramática são também inatos, e podem ser desenvolvidos pela educação.

Mais uma vez: há comércio entre amigos e famílias, entre comprador e vendedor, entre produtor e consumidor, e entre nações diferentes e separadas — tudo isto nasce do espírito. Algumas mentes afirmam que o comércio é o resultado de uma necessidade física perpétua. Mas nenhum homem conhece uma necessidade puramente física. É a alma que gera e reconhece a necessidade exterior, e é a alma que dá origem aos benefícios da arquitetura, da linguagem e do comércio. Há, por exemplo, comércio entre o estômago e o fígado, entre a cabeça e os pés, entre a mão direita e a esquerda, entre o braço direito e o lado esquerdo do cerebelo, e vice-versa; tudo isso serve para confirmar a doutrina da Harmonia, de que há um princípio de equidade comercial e livre troca presente na organização espiritual do homem.

O princípio interior manifesta-se e encarna-se na estrutura física dos navios e de todas as conveniências comerciais e mercantis. Sim, leitor atento, o princípio vem da fonte interior. E digo-te com verdade: há mais beleza e grandeza moral no teu espírito do que aquela que é ensinada nos púlpitos ou sonhada nos salões legislativos. É estranho que os homens se curvem em homenagem servil a sacerdotes, bíblias, provérbios e parábolas antigas, quando tanto há que é mais puro, mais grandioso, mais sábio e mais sublime dentro da própria fonte de onde as velhas bíblias e sermões foram originalmente extraídos — a fonte interior à qual o comércio, a linguagem, a arquitetura e todos os princípios éticos devem a sua existência!

Mais uma vez: aqui está a Filosofia — entendida como o Amor à Sabedoria por parte da mente. Foi isto ensinado pela Grécia ou por Roma? Ou absorveram os antigos esse saber da Síria e do Egipto? Os órgãos pensantes são muito beneficiados ao estudar as filosofias das nações; mas os princípios da Sabedoria, e desse amor que, através do conhecimento e do pensamento, alcança o ouro espiritual, vivem intrinsecamente e coexistem no espírito. Sei bem que certas formas e egotismos filosóficos nasceram no Egipto, foram acalentados na Grécia, e adormeceram no

colo sensual de Roma; que despertaram novamente e floresceram na Europa, e que ainda hoje fluem por milhares de mentes pensantes. Mas será que o homem individual precisa de escutar os egotismos das eras e dos sábios para amar a Sabedoria? Deus nos livre! Ele tem-na já em si por natureza! Tanto a fonte como a sua satisfação estão nele implantadas. O poder de formular uma pergunta pressupõe, igualmente, o poder de respondê-la. O homem ama o saber. Bebe profundamente e sacia a própria sede despertada pelas exigências do seu espírito.

Mais uma vez: os homens saem de si próprios para encontrar religião! Mas só encontram símbolos, formas, rituais e cerimônias — os brinquedos e processos expressivos do princípio inerente. As manifestações formais e os dias festivos, até certo ponto, são inevitáveis e devem ser incentivados de forma inteligente. Assim, favoreço o uso da música que excita e ensina a idealidade. Certas qualidades da música enchem toda a mente de orações belas e sagradas. Também, como outro ato religioso, defendo aquele tipo de oração que, em vez de pronunciar frases altissonantes ao ouvido do céu, leva um barril de farinha à viúva solitária. As melhores orações são aquelas que tendem a vencer o mal com o bem. Tais cerimônias, na religião, são sugestivas e salutareis. São, por assim dizer, sementes, ancinhos e enxadas à volta das raízes da alma, que ajudam o espírito a frutificar e alcançar a felicidade interior.

Mas se a religião só pudesse ser alcançada indo fora de nós, aos sacerdotes, rituais e livros sagrados, quão desolada seria a condição de quem se encontrasse abandonado numa ilha deserta, rodeado por um oceano intransitável! Segundo a teologia falsa vigente, ele estaria “sem Deus e sem esperança no mundo.” Mas, segundo esta filosofia interior, ele começaria de imediato a crescer a partir da fonte ingeminal de todos os princípios. A inteligência onnipresente de Deus, nas leis imutáveis da mente e da matéria, informaria o seu espírito no tempo certo, e a sua religião seria pura. Adoraria o sol e obedeceria à terra nas suas revoluções; e o tempo da sementeira e da colheita, o frio e o calor, o verão e o inverno seriam igualmente bem-vindos e belos. Que maravilha, pois, que haja pessoas na Pérsia e por toda a Índia que veneram o sol, as estrelas e outros corpos naturais e benéficos! Tais corpos sugerem animação e aperfeiçoamento; e o invencível e o divino manifestam-se pelas suas operações incessantes. O intelecto humano é o recetáculo da religião teórica, mas a fonte de onde toda a verdadeira espiritualidade brota é o próprio espírito.

Mais uma vez: procuras fora de ti mesmo as expressões da música. Porquê? O verdadeiro Pensador responde: porque há algo em ti que a exige e acolhe. Mas suponhamos que não sentes essa exigência, nem acolhes a música. O que então? Significa isso que não possuis, por herança espiritual, a essência ou o princípio da música? O órgão pode ter sido pervertido, ou atrofiado por alguma peculiaridade materna antes do nascimento. Pouco importa que causas pré-natais tenham impedido o desenvolvimento do gosto musical; pois é verdade que, por baixo de todas as

falhas e malformações do corpo ou da alma, reside oculta a faculdade da música, que um dia brotará e acolherá esses sons místicos, sonhadores, eólicos, que despertam os anjos no céu para a felicidade.

Mil vezes afirmo a verdade gloriosa da Filosofia da Harmonia: o espírito impessoal é o tesouro de todos os princípios! Pouca necessidade temos de procurar as minas de ouro da Califórnia, quando, cavando mais fundo no solo da constituição espiritual, podemos alcançar a opulência de todo o reino dos céus. Apressa-te, portanto, até ao santuário mais íntimo, fecha a porta, e encontrarás mais verdade divina e beleza do que os lábios inspirados alguma vez pronunciaram, ou do que a eloquente canção alguma vez descreveu.

Guarda bem na mente as nossas duas proposições fundamentais: primeiro, que todo o esforço da Natureza é criar e aperfeiçoar o corpo e a alma do homem; e segundo, que o esforço do corpo inteiro é individualizar e revestir permanentemente o ESPÍRITO. Percebes então que o corpo e a alma constituem uma fábrica onde os materiais em bruto são usados dia após dia. O esgotamento e a fome que sentes após muito trabalho vêm da alma, que, sendo feita de substâncias mais subtis, sente o cansaço e sustém o dispêndio. Mas comer e descansar não são mais o *summum bonum* da vida do que a simples gratificação de um desejo é o fim desse desejo. Mal um desejo é satisfeito, a própria satisfação sugere um novo desejo: assim, tens desejos sobre desejos, utilidades sobre utilidades, planos sobre planos, motivos sobre motivos; e não é menos verdade que, envolvido por esta complexidade organizacional, reside o núcleo da essência intuitiva — o espírito imortal.

Não chames impuro a este invólucro organizado do espírito, embora ele tenha tido origem nas profundezas do oceano, em germes medusianos. Não consideres os “pés” indignos, pois sustentam toda a estrutura. O princípio espiritual, que o templo corporal exterior apenas oculta e protege, é puro como o sopro de Deus-Pai a destilar o perfume da sabedoria no coração da Mãe-Divina, que lhe responde com amor como companheira igual e perfeita. Deus-Pai e Natureza-Mãe, operando afetiva e conjugalmente no vasto universo, trabalham através de formas e organizações diversas para que o HOMEM possa existir espiritual e eternamente.

Assim como o corpo físico é o fruto da matéria vitalizada, também o corpo espiritual é fruto do seu exterior vitalizado. Esta corporificação espiritual desenvolve e aperfeiçoa o espírito — não na sua essência, mas apenas na sua forma e organização. Permite-me repetir: o corpo não cria nem concentra a essência de que o espírito é feito, mas o organismo físico dá forma permanente à alma, ou corpo espiritual, que reveste a imagem imortal. Tal é o uso soberano e o fim do corpo exterior.

O principal uso dos pulmões físicos, por exemplo, é formar pulmões espirituais no corpo do espírito. O labor culminante dos olhos físicos é criar um par de olhos

espirituais no seu interior. A grande utilidade dos ouvidos corporais é moldar e formar ouvidos espirituais; e o fim do cérebro conjugado e aperfeiçoado é criar um cérebro espiritual correspondente, capaz de pensar e agir eternamente. E assim é com todas as partes do sistema anatómico e fisiológico. O osso corporal forma o osso imperecível; o nervo cria o nervo eterno; o músculo dá origem ao músculo indestrutível; os ligamentos criam os ligamentos perfeitos; as articulações formam as articulações harmoniosas; assim, cada órgão gera um órgão correspondente. Tudo o que possuis, por ordenação estrita da Natureza no sistema físico, manifesta-se na organização espiritual.

Observa uma flor a abrir as suas pétalas acima da terra. Investiga mais profundamente e descobrirás que essa flor é feita da própria terra que a envolve — a força dentro do seu germe apenas lhe dá direção, forma e finalidade. Contempla-a, e ela deleitará a tua visão. Cheira-a, e o perfume do seu espírito saudará o teu sentido. Foi a Natureza que criou esse espírito que envia fragrâncias ao teu? Não. A Natureza trabalha organicamente até formar e aperfeiçoar a “forma” — isto é, a flor — e através dela molda e estrutura a essência espiritual aromática no seu interior, e é essa essência que tu chamas “perfume”. Assim acontece com o corpo que reveste a alma viva. A estrutura da alma, que reveste o ESPÍRITO, é a obra-prima da organização física, tal como o corpo palpável e mensurável é a obra-prima de toda a matéria orgânica.

Foi afirmado que o homem possui causas e razões constitucionais que demonstram a sua imortalidade pessoal. Essas demonstrações subjetivas tornam desnecessário e imprudente procurar sempre, fora de si, uma prova sensível adequada. Mas quais são as evidências constitucionais? Recorda a nossa proposição paralela: as forças vitais da Natureza criam o corpo, e este molda, forma e aperfeiçoa a alma animadora. A temível pergunta é: "Quais são as evidências positivas de que essa alma, assim gloriosamente elaborada, não se dissolverá e desaparecerá como a vida efémera da vegetação, como a mentalidade inacabada do animal, como o fôlego e a vida de todas as outras coisas?" A minha primeira evidência é esta: a Natureza começa a sua marcha triunfal e encerra a sua obra anatómica e fisiológica com a perfeição da estrutura espiritual. Se fosse possível existir uma organização melhor ou mais elevada do que a humana, então, de facto, a estrutura interior do homem seria temporária e evanescente, e por consequência pereceria como os animais errantes ou as florestas em pé.

Sabemos que o corpo físico do homem e a sua organização anímico-espiritual são o ponto mais alto e final. Perguntas: "Como sabemos isto?" Em primeiro lugar, porque ele contém as formas e forças de todos os outros; em segundo lugar, porque deste facto decorre que não pode haver uma alteração ou melhoria absoluta. Reafirmo: sabemos que toda a constituição do homem é a culminação de toda a natureza orgânica, porque, como já demonstrei, ela contém todas as formas, todas as forças,

todas as essências e todos os princípios. "Como demonstrei isto?" Expus e tracei as nossas afinidades com tudo o que nos rodeia no mundo — com a arquitetura, o comércio, a ciência, a filosofia, a religião, a música, a arte, etc. Ansiamos, como indivíduos e como raças, por oportunidades para satisfazer e encarnar estas afinidades inatas.

Desejamos interiormente fazer emergir e exercer toda a nossa riqueza latente. Oh, se o nosso propósito supremo fosse o de satisfazer os nossos amores principais! Os homens não encarnam nem exercem todos os princípios da sua natureza interior porque a oportunidade ainda não lhes surgiu de forma adequada. Mas aquilo que já foi corporificado, e as aspirações ainda insatisfeitas da humanidade, são prova suficiente de que o espírito contém todos os princípios essenciais.

Quando, ao longo de incontáveis ciclos de crescimento, tiveres alcançado o ápice de toda a formação, não vês, intelectualmente e com lógica, que é impossível ser superado por qualquer outra organização superior? Por exemplo: o carvalho energiza-se e elabora forma após forma até produzir uma bolota. Mas o carvalho não vai além disso — porque não pode. Portanto, vemos que a bolota dá continuidade ao processo pela multiplicação gerativa ao longo das eras. De igual modo, quando a Natureza ultima um ser humano no topo da Árvore da Vida, os seus planos culminaram e cessaram nessa direção. Atingido esse ponto culminante, ela segue adiante com o aperfeiçoamento do tipo através da propagação. Já não regressa às plantas e aos minerais, nem repete os processos iniciais de formação; mas, tendo aperfeiçoado e energizado todas as suas sementes, prossegue progressivamente segundo as leis naturais da geração.

Encontrarás o segredo científico da imortalidade oculto por detrás das leis operantes da Natureza. Essas leis encarnam-se incessantemente em expressões ou formas positivas e negativas. Em todo o reino animal, a espinal medula — um sistema maravilhoso de centros espermáticos — desenvolve-se progressivamente até desdobrar o hemisfério negativo da alma humana, ou seja, O CEREBELO. Todos os sinais de inteligência e de instinto infalível no mundo ante-humano estão dobrados e entrelaçados neste departamento do cérebro físico. Portanto, o cerebelo representa todo o mundo animal, na medida em que a sua inteligência voluntária, as suas faculdades de raciocínio, os seus instintos, atrações e repulsas podem ser incorporados na nossa estrutura.

Observa a conformação cerebral, e encontrarás o hemisfério positivo da alma humana — isto é, O CÉREBRO. A Natureza, ao elaborar estes hemisférios, forma uma pirâmide perfeita; e quando o vértice é alcançado e polido, o seu poder de produzir outra organização superior está esgotado. A estrutura intermédia é a que possui os princípios da sabedoria, as virtudes e a durabilidade. Se o homem

possuísse apenas os cérebros positivo e negativo, sem a porção intermédia, seria como o cavalo, o cão, o pássaro, etc., sem qualquer imortalidade pessoal.

O cérebro do cavalo possui o departamento do cerebelo, relacionado com afeição e desafeição, com amor e aversão. Possui também o cérebro positivo parcialmente desenvolvido à frente, o que lhe confere capacidades de audição, visão, análise e raciocínio — mas sempre dentro dos limites dos sentidos corporais. O cérebro desenvolve-se fracamente no cão, no boi, no elefante, no dromedário e em todos os outros animais semi-domesticados e modernos. No entanto, a posse desses dois cérebros não é prova de imortalidade pessoal. O intelecto não é uma evidência positiva, nem o poder de amar é uma indicação infalível; mas o belo “filho” desses cérebros conjugados é uma demonstração científica. Esta criação mental completa une de forma indissolúvel o laço dourado entre os dois hemisférios do organismo craniano; ou seja, converte os dois cérebros interiores — o pensamento — numa unidade perfeita, que nada pode diminuir nem alterar.

Suponhamos, para ilustrar a força desta evidência material, que constróis ou observas um arco. Uma das paredes verticais representa o princípio positivo, a outra o negativo. Aqui estão duas paredes iguais, mas ainda não existe nada que una e mantenha os lados opostos, embora amigos, como uma única estrutura. Esta condição representa, cientificamente, a situação e destino da mente animal. Mas na “abóbada mental” do homem, a Natureza insere uma pedra angular. E este glorioso arco, com a sua pedra de cume feita de princípios impessoais, permanecerá para sempre!

A razão pela qual uma estrutura assim iniciada não pode ter fim é que os elementos que a compõem não são elementos de decomposição. O departamento espiritual é a pedra angular do arco imortal. O filho dos cérebros conjugados — Amor e Intelecto — é a SABEDORIA. A sabedoria é aquilo que eleva o amor e o intelecto do homem acima das paixões e da psicologia do reino animal. Neste departamento residem os princípios impessoais — tudo o que é belo e verdadeiro. Esta é a prole imaculada que leva o homem a compreender e amar a IDEIA da felicidade pessoal eterna.

Um homem verdadeiramente harmonioso e sábio ama a esposa, os filhos e a humanidade principalmente através da cúpula da estrutura mental, pois este é o departamento destinado, em todos os homens, a governar tanto a paixão como o intelecto. O intelecto, só por si, conduz o indivíduo ao ceticismo e ao panteísmo. E as afeições, isoladas, conduzem ao fanatismo e à idolatria. O amor possui o poder de “desamar”, tal como o intelecto possui o poder de “despensar”. Assim, o Filho dos dois cérebros deve nascer bem e ser desenvolvido adequadamente, a fim de unir amor e intelecto em harmonia, cimentando e aperfeiçoando o seu casamento eterno.

O germe da natureza imortal é espiritual, e separa-se do oceano divino do espírito quando o feto humano tem cerca de doze semanas de gestação. Todo o desenvolvimento abaixo ou anterior a essa crise representa o grande departamento animal. No cérebro animal residem os elementos da guerra, do homicídio, do roubo e de inúmeras crueldades; não por essência, mas porque esse cérebro ainda não é inspirado nem regulado por uma presença espiritual. Tal como o vapor dentro da máquina antes da chegada do maquinista, ou como o raio antes de ser domado pelo espírito da ciência — assim são todos os belos e intrinsecamente perfeitos elementos do universo antes da chegada da Sabedoria para lhes dar forma e manifestação harmoniosas.

A partir das causas e razões já expostas, decorre logicamente que o cavalo, o cão, o gato, a ave, o elefante, o dromedário, etc., não são individualmente imortais. E também há cérebros quadrúpedes em forma humana que nada sabem sobre a imortalidade. Alguns vivem apenas para comer e dormir! O bruto de forma humana executa as suas funções. Quando vê uma forma de vida capaz de satisfazer o seu apetite, mata-a e devora-a e, como qualquer outro animal, fica satisfeito. O seu cérebro não pensa sequer noutra vida. Não tendo o desejo inato, segue-se que tal cérebro nada perde com a extinção final.

Mas, cientificamente falando, não existe personalidade humana destituída dos rudimentos da imortalidade. Refiro-me a todos os que nascem verdadeiramente do lado humano, acima do cérebro quadrúpede. Esmaga tal natureza, coloca-a milhões de léguas abaixo das mais profundas células dos domínios de Plutão, e ainda assim ela ressuscitará perfeitamente! Uma pequena percentagem das raças primevas possuía imortalidade pessoal. Os Thugs de África e da Nova Holanda, e certa proporção dos habitantes das ilhas Sandwich (que os nossos religiosos tentam converter às mitologias modernas), nunca conceberam a ideia de um outro estado de existência. Em muitos desses cérebros, percebo o germe dourado oculto na alma, completamente intocado e sem aspiração. Naturalmente, tal ser pode ter uma herança acima da esfera quadrúpede.

Recentemente, examinei uma pessoa sem qualquer concepção de imortalidade; mas, quando esmagado ou desapontado, orava com extrema fervor. Era um homem natural e selvagem, e contudo olhava para o sol e reverenciava-o. Era apaixonado, cruel e vingativo, e mesmo assim adorava um ídolo. Pois bem, esse culto é suficiente para demonstrar que possui uma pequena partícula do espírito eterno. E no momento da morte, ou antes, essa partícula pode emergir como individualidade e sustentá-lo no oceano do Futuro.

A sublime concepção de Platão sobre a alma do mundo, a *anima mundi*, está de acordo com o “fogo vivo” dos magos persas. A causa potencial e inteligente da organização de todos os corpos materiais está oculta nessa vida geradora, animadora

e inspiradora do Pai e da Mãe universais. Perguntas: “Qual vem primeiro, o corpo ou a alma?” Respondo: a organização do que chamo “alma” é um efeito do corpo físico. Surge então a questão: “Como pode o corpo, sendo uma combinação de constituintes inferiores às essências da alma, ser elaborado antes desta?” Creio ter já respondido suficientemente a essa interrogação. Deus-Pai e Natureza-Mãe, constituindo um único ESPÍRITO afetuoso e inteligente, estão difundidos pelos “mundos aquáticos, preenchem o ar, brilham na densa terra, e ardem em cada estrela”; e, por meio dos sete modos de manifestação, impregnam continuamente cada molécula da matéria com a força procriadora que obriga todos os corpos e substâncias materiais a assumirem uma organização progressiva.

Assim, o corpo do homem, através do meio de inumeráveis espermatozoides e alterações moleculares, foi desenvolvido a partir do óvulo ante-humano que, pouco antes da aparição do tipo humano, foi impregnado com um princípio supra-animal no útero das fêmeas amadurecidas do tipo aproximado. O fisiologista sabe que o feto humano não é, a princípio, senão uma gelatina molecular contendo o princípio reprodutivo, pelo qual o material plástico será seguramente moldado e apropriadamente encarnado.

A força procriadora universal, divina, organiza primeiro o corpo por meio do princípio formador e governante presente na natureza materna; e depois começa a grande função do corpo — através da alimentação, da bebida, do trabalho, do descanso, etc. — acumulando forças nervosas e correntes vitais (em suma, os princípios vitais de toda substância), moldando-os à sua imagem e semelhança. O resultado último de tudo isso é a “alma”, filosoficamente falando; que é um invólucro prateado organizado em torno da forma exterior; e que, na morte, serve como um corpo belo para revestir o espírito dourado, ainda mais interior, e incapaz de organização material.

Ora, como já foi afirmado, a alma humana não pode ser perfeitamente organizada sem os dois cérebros físicos; e o espírito impessoal do Infinito não pode ser separado e encarnado a menos que a alma preexista e atue simultaneamente como íman e matriz. Daqui resulta que deve haver — e há — um período na formação e desenvolvimento fetal em que o espírito dourado entra na sua existência individual e eterna. Não iremos detalhar neste momento, para não fatigar o leitor com o que o senso comum talvez considere puramente quimérico; mas uma breve generalização poderá servir para colocar o Pensador na trilha da Ciência eterna.

As primeiras doze semanas do crescimento fetal são dedicadas exclusivamente às formações nervo-vitais. Durante os dois meses seguintes, o organismo de cérebro duplo está em processo de elaboração; e as oito semanas subseqüentes organizam e amadurecem suficientemente a “alma” (intermédia) para que ela possa receber a sua essência vital — isto é, o espírito impessoal dourado. Assim, por volta do fim do

sétimo mês de formação fetal, a parte imortal eleva a mentalidade do feto muito acima do reino animal. No entanto, a individualidade permanente de uma criança com deformação mental não é tão seguramente determinada.

O que é a "lei" do nascimento humano? Esta lei possui três fases de trabalho, a saber:

Primeira: o germe positivo é depositado. Este germe é uma concentração, em forma positiva ou masculina, de todas as essências espirituais tal como existem na Natureza externa, abaixo do homem.

Segunda: as forças espirituais negativas, do lado feminino, coexistentes e tão abrangentes quanto as forças positivas, reagem com um ímpeto igual ao da ação positiva; e, no esforço de encontrar o positivo em todos os pontos, o círculo espiritual completa-se com a formação do corpo espiritual. Neste processo, o corpo físico é precipitado. A presença deste corpo físico completo indica que o círculo das forças espirituais está completo — ou seja, que as forças positiva e negativa estão casadas numa alma individual. Neste ponto ocorre o nascimento natural.

Terceira: desta unidade vital dupla surge a deposição e o desdobramento do germe espiritual. Isto é, o lado positivo da organização espiritual, com o seu revestimento físico, atua sobre o lado negativo da organização espiritual, também com o seu revestimento físico; assim depositando e desdobrando o germe do espírito na substância da alma. E o lado negativo, ao reagir, desdobra o espírito organizado e individual, que é indestrutível não apenas na essência, mas também na forma.

No feto humano corretamente formado, a individualidade está geralmente fixada algumas semanas antes do nascimento. Este ponto, exigindo discernimento cuidadoso e subtil, é difícil de fixar na mente pública, que raramente é filosófica. Mas, tal como existe um ponto em que os minerais deixam de ser minerais e se tornam vegetais, e outro em que os vegetais se transformam em animais, também existe uma junção crítica no desenvolvimento fetal do cérebro humano, em que o receptáculo é capaz de atrair e reter uma quantidade apropriada dos princípios onnipresentes do Deus-Pai e da Natureza-Mãe, concentrando-os em estado germinal para desdobrar a personalidade imortal.

Das raças ante-humanas existiram cerca de quatrocentos milhões de indivíduos. Deste número, apenas uma pequena percentagem de matéria estava apta para a humanidade. Cerca de trezentos e noventa e cinco milhões ascenderam até ao degrau mais exterior do limiar humano; enquanto meio milhão foi chamado a passar uma vez mais pelas etapas ante-humanas do desenvolvimento progressivo. Algumas tribos semi-humanas aproximaram-se, por passos lentos, do ponto de equilíbrio — o pivô sobre o qual a progressão orgânica se transforma — representando simultaneamente o animal superior e o humano. Pode supor-se que tais tribos

produziram metade dos seus indivíduos do lado puramente ante-humano. Mas nenhuma delas possuía a pedra angular do arco gracioso da vida eterna.

A estrutura craniana peculiar à qual agora me refiro é a primeira a produzir uma criança espiritual — ou seja, “o departamento religioso” — cujos atributos são a Esperança, a Consciência, a Idealidade, a Benevolência, a Reverência, a Sublimidade e a Firmeza. Esses atributos são princípios angélicos. O grande reino pertence a tais seres, e o grande rei é a Espiritualidade. Para algumas mentes, é impossível acreditar na espiritualidade. Tais indivíduos frequentam igrejas e regressam a casa como autómatos. Pensam que assistir ao culto público é o melhor, do ponto de vista intelectual, para si e para os seus filhos. Mas uma concepção do uso e propósito últimos, uma ideia mais espiritual da existência, fá-los-ia buscar a companhia dos filhos em casa; aí dedicariam uma hora à conversação de ideias, ensinando as mentes tenras a pensar com facilidade e a descobrir os seus próprios tesouros mentais. Sim, ensinar o topo da cabeça a desdobrar os seus atributos reais, através dos quais os pensamentos e os impulsos são guiados infalivelmente.

Deixa crescer esta criança espiritual e ganhar força, e ela tornar-se-á o arcanjo do Amor e do Intelecto.

Neste ponto da nossa argumentação e elucidação, ousa reafirmar como estabelecida a nossa segunda evidência científica: ou seja, que “A Mente é o fim final da organização, e o fruto perfeito da árvore de toda a Vida.” Mostrei que a lei matrimonial que cria um olho direito e um olho esquerdo, um cérebro posterior e um anterior, dois lados para os pulmões, dois lobos para o fígado, dois membros, dois braços, duas mãos, dois de tudo em todo o corpo — é a Lei soberana, que opera em silêncio, e que culmina e frutifica na alma humana. O princípio de organização esgota-se com a formação da alma. Mas os princípios inatos da mente são variados e infinitamente aperfeiçoáveis, segundo as leis imutáveis da Associação, da Progressão e do Desenvolvimento.

Algumas mentes filosóficas poderão levantar esta objeção: “Se a alma tem um começo, não terá também um fim?” A filosofia baconiana afirma que não pode haver um único fim sem dois. Mas nenhum verdadeiro raciocinador indutivo tropeçará nessa conclusão. Mentes de grande inteligência têm procurado, e ainda procuram, uma “pré-existência” da personalidade da alma, para fundamentar filosoficamente a crença de que ela jamais deixará de existir. Alegam também uma prioridade eterna da experiência individual. No entanto, tais mentes não concedem uso e importância suficientes a este grandioso sistema de meios e reinos que anunciam a chegada do homem.

A filosofia dedutiva interior ensina que o espírito, enquanto entidade, começa a existir aqui; que todo o uso da natureza orgânica, através das suas forças vitais, é

fabricar e moldar o corpo do espírito por meio da organização física; e que a individualidade do espírito — ou o revestimento da alma — não precisa cessar de existir, como se evidencia no seguinte: os elementos, forças e princípios que compõem a alma ou o corpo espiritual são indestrutíveis. O cavalo, o boi, etc., não são imortais porque não possuem o departamento da Sabedoria. É a forma em arco da cabeça humana que confere à sua individualidade a fixidez eterna. Não é apenas porque a essência é imortal, ou porque os princípios inerentes são divinos e imutáveis; mas sim porque toda a forma humana (incluindo o cérebro) é o culminar de toda a formação, sendo as faculdades espirituais a pedra angular permanente do arco eterno.

Constrói os dois lados de um arco com materiais inalteráveis, que não podem decompor-se, e coloca uma pedra angular indestrutível — e, do ponto de vista arquitetônico, a tua estrutura será eterna. Assim, aquilo que teve um começo em forma não precisa, necessariamente, de ter um fim. Percebes que é a forma da estrutura mental do homem que a torna, cientificamente, firme e eterna. Constrói uma coluna, uma torre, uma casa ou qualquer outra estrutura inferior, e com o tempo ela decompor-se-á — porque, além de a forma ser imperfeita, os materiais que a compõem são suscetíveis de mudança. O cavalo e o boi também se desintegram, por serem estruturas inferiores. Mas o arco completo é a mais perfeita de todas as estruturas da Natureza. O organismo cerebral interior do homem é um arco perfeito e, sendo composto por princípios que não se decompõem nem mudam, a estrutura científica torna-o para sempre indestrutível.

Talvez as seguintes linhas ajudem a esclarecer as minhas definições:

A alma é uma nascente — sensação em fluxo,
Onde deslizam as ninfas do sonho e do impulso;
Sobre o seu peito navega o elemento da luta,
Do amor e do ódio, da morte e da vida.
Este fluxo é matéria, mas percebe o belo,
E liga o espírito ao corpo, à terra e ao céu.
Vai, por missão, ao mais remoto recanto,
E acende afetos por onde quer que vá.

Esta vida, vinda da matéria, subiu da natureza,
Para formar no homem uma fonte espiritual.

É Mente! — de pura essência composta.
Pelo corpo é moldada, por ele é envolta.
Como rios sem fim formam o oceano,
Que se apressa a ofertar o seu dom —

Assim o Espírito é formado por essa Mente Eterna,
Que, difundida na Natureza, gera o seu semelhante.

O corpo é um mundo, por Natureza definido,
Com forma, uso e beleza, sabiamente unidos.
O corpo é um jardim onde o espírito floresce,
É botão pela manhã, flor ao meio-dia.
O corpo é um berço onde o espírito dormiu,
Quando ainda era infante, e só rastejava.

O corpo é uma cabana onde o espírito repousa,
Por um momento — é o lar da mente.
Não! É um palácio, e o espírito é rei,
Que vê, ouve e governa tudo em volta.
O corpo é um templo onde o espírito aprende
Como a tocha da Sabedoria há-de arder eternamente.

O corpo é um altar onde a mente aspira
À glória da Verdade, que os anjos admiram.
O corpo adapta-se ao solo onde cresceu,
Capaz de mudar em formas sempre novas.
É simples, completo, com um uso desenhado:
Receber a essência e moldar a mente.

Este mundo ponderoso, com os seus céus distantes, não é todo ele um sonho ilusório; os seus grandes usos não são uma visão fugaz; nem é o resultado de uma “concorrência fortuita de átomos”. Não há uma só molécula nesta combinação estupenda que não envolva desígnio dentro de desígnio, tendência dentro de tendência, fim dentro de fim; e todas as partículas são como uma só, cooperando através do éter para fazer emergir, primeiro, a constituição física humana, carregada com as suas sublimes possibilidades.

Chegamos agora à nossa terceira e última evidência científica da imortalidade pessoal, nomeadamente: que as atrações internas são superiores a todas as afinidades externas. O fundamento deste argumento é que a alma humana é o extrato concentrado e focalizado de todas as forças e leis vitais que preenchem, inspiram e atuam no império imensurável da Natureza e de Deus. Se fosse de outra forma — se descobríssemos fora da alma uma única força, essência, propriedade ou qualidade que não se encontrasse no homem — descobriríamos, nesse momento, uma falha fatal na base de toda a nossa construção argumentativa de que a personalidade interior do homem sobreviverá, inalterada, à constante destruição e reconstrução das formas físicas.

Se o homem não for o cume de uma proporção adequada de todas as forças conhecidas e desconhecidas, se ele não for uma combinação concentrada e interligada de tudo o que existe essencialmente fora da sua alma e espírito, então certamente chegará o momento em que uma atração exterior ao seu centro interdependente dominará e separará os elementos que constituem a sua individualidade presente. Mas parece-me ter sido demonstrado de forma clara que a alma do homem é um repositório; e que, quando o homem conhece a si mesmo, encontrou um tesouro opulento com todas as coisas ultimadas.

Firmemente apoiado neste solo incontestável, afirmo que a alma do homem (incluindo o espírito) possui afinidades internas e auto-tendentes mais fortes e mais positivas do que quaisquer outras externas; em suma, não há atração fora do homem que seja superior, em força, àquela que o permeia e prevalece dentro dele. Creio que o leitor, ao analisar cuidadosamente os constituintes da sua própria alma, descobrirá que estas afirmações são autoevidentes e transcendem por completo a necessidade ou o fardo da demonstração indutiva.

Tu sabes que há certas proposições matemáticas que, uma vez afirmadas, são imediatamente aceites como verdadeiras, por serem absolutamente evidentes por si mesmas. Basta dizer que dois mais dois são quatro, ou que o todo é igual à soma das suas partes. Estas afirmações são, por si só, demonstrações incontestáveis. De modo semelhante, a minha afirmação — de que as relações interligadas entre as diversas essências e faculdades da alma humana são mais fortes do que qualquer atração externa — é perfeitamente autoevidente.

Refletimos por um momento. Eu afirmo que o homem sente e pensa apenas através do centro da sua própria consciência. Não sendo um animal, as suas atrações não têm origem nos sentidos externos, mas começam e terminam no seu ser interior. Este princípio imutável de auto-atração é por vezes chamado de "amor-próprio". É a coesão química de princípio com princípio; a relação misteriosa que existe entre a afeição e as causas interiores que a produzem.

O espírito eterno da autopreservação pulsa poderosamente no centro de toda aspiração individual. O soldado raso, por exemplo, aspira à promoção. É animado pelo zelo do orgulho, desejando tornar-se oficial. Talvez a posição e as honras de tenente-coronel exerçam poderosa atração sobre a sua mente mal-educada. Mas desejará ele, por isso, extinguir a sua individualidade dentro de outro que ocupa tal posição? Ou o governador ambiciona, por todos os meios legítimos ou por sofismas, tornar-se capitão, governador ou até comandante supremo de todas as forças — mas verás que essas ambições não implicam, psicologicamente, mais do que a promoção segura do “Eu” — da autoconsciência — para posições mais elevadas e recompensadoras.

Transposições, promoções e transformações são, portanto, totalmente externas ao EU imutável, que é o centro e o cetro. O espírito do homem é o centro magnético. Algumas mentes ardem na sua adoração desenfreada da beleza. Anseiam, com todo o seu ser, por possuí-la e incorporar cada um dos seus segredos e excelências divinas. “Contemplam e desviam o olhar, sem saber para onde — deslumbrados e embriagados de beleza, até que o coração cambaleia pela sua plenitude.” Mas tais almas anseiam morrer, cessar totalmente da sua consciência individual, para se tornarem semelhantes àquela forma “onde cada deus parecia ter colocado o seu selo, para dar ao mundo a certeza de um homem”? Não. Porque o ouvido espiritual prepara-se em silêncio para nascer.

Tampouco pode o velho discernir objetos. Podes oferecer-lhe os melhores óculos e melhorar superficialmente as forças óticas em declínio, mas não podes recuperar as faculdades interiores que estão em retração. Não lamentes esse declínio exterior! Pois a Natureza, sempre bondosa e fiel, está a ceder todas as suas melhores forças orgânicas para fabricar e aperfeiçoar os órgãos no corpo espiritual. Em breve, o velho já nem desejará o pão de cada dia.

A roda desgastada da fábrica pára; as fornalhas apagam-se; um silêncio profundo invade a morada — mas o produto da maquinaria que operou por tanto tempo está perfeitamente finalizado. Esse produto é o espírito. A fábrica abandonada e outrora amada pode permanecer silenciosa para sempre. Nada é dito, nada é ouvido pelo proprietário, pois a “Morte” chegou, e com um eclipse rápido fechou para sempre portas e janelas do templo há tanto habitado. Mas viste tu esse proprietário, ao sair, e ao juntar-se aos seus convidados celestiais?

“Mas,” diz o cético, “estás a dizer-me que a natureza espiritual é substância, é isso? Mas, depois que essa substância parte, o corpo físico não perde nem uma grama de peso. Que prova tens então de que o corpo espiritual é substância real?” A minha prova é esta: move substância. Nenhum peso pode ser movido sem que haja uma substância atuante. Portanto, o corpo físico tem de ser inspirado e animado por uma substância adequada — mas mais subtil e poderosa do que ele próprio.

Durante a sua vida rudimentar, muitos homens carregam consigo cerca de noventa quilos de matéria — e tudo isso é maravilhosamente animado por esse princípio que os fisiologistas e frenologistas chamam de “mente”. Pergunto então ao Pensador: “Será possível tanta substância ser animada, governada e movida, sem a presença de uma substância igualmente real?” O movimento só pode resultar de uma força adequada. Esta é uma lei da mecânica.

E com base nesta lei e na sua correlativa, afirmo que este organismo físico requer e contém um organismo espiritual (isto é, mais subtil e portanto mais potente), pelo qual todas as suas funções e locomoções são reguladas com precisão. Mas a

tendência universal de todos os corpos para o centro comum de gravidade — especialmente os corpos inertes e ponderáveis — explica por que, quando o corpo espiritual se retira, a forma natural não perde peso.

“O velho morreu,” dizem eles, “e nada se viu do seu espírito a partir.” Pesam o corpo: não perdeu um grama. O teu intelecto alarma-se e exclamas com ceticismo: “Será possível que o meu venerável amigo e benfeitor tenha partido para sempre? Existirá ele realmente? Diz-me mais uma vez — pode ser que ele ainda viva e pense, sendo uma substância viva, embora o seu corpo abandonado pese exatamente o mesmo?”

Com verdade, caro Pensador, afirmo solenemente que sim. Nada na Natureza é mais belo do que o processo maravilhoso de vibração pelo qual isso se cumpre. Próximo do centro do cérebro físico encontra-se o íman espiritual central — o ponto-fortaleza em torno do qual o espírito reúne e concentra todas as suas forças orgânicas. Este ponto espiritual impressionaria o teu olhar como um foco áurico de vida aureolada, todo dourado e ardente com incorruptibilidades divinas — mas não maior do que uma pequena bola de berlinde. Este é o magneto mágico e oculto para o qual toda força e essência vital gravitam incessantemente. Atrai a partir da periferia; e, no centro, parece um sol de ouro.

Quando o velho cessou de respirar, este pequeno ponto de ouro espiritual ascendeu em silêncio, atravessando o teto, e permaneceu — ou melhor, pairou — sobre a casa da morte. Já testemunhei este fenómeno por clarividência, quando me pareceu suspenso bem acima da sala onde jazia o corpo sem vida. A essa altura vertiginosa mas serena, o centro áurico — este íman do “amor-próprio” — assemelhava-se a uma esfera pulsante, não maior que uma pequena laranja. Rapidamente, porém, começou a expandir-se tremendo, pulsando com considerável uniformidade.

A atração deste centro distante era poderosamente exercida para baixo, por meio de uma linha de luz dourada, sobre todas as partes e princípios do corpo silencioso, ainda preso à Terra. Observei e contemplei filosoficamente esse processo até que uma porção do arco coronal da cabeça espiritual se tornou visível, com o centro magnético ainda a pulsar, quando a minha atenção foi agradavelmente desviada pela súbita aproximação e eficiente atuação de várias entidades celestiais! Dois ou três desses espíritos guardiães supervisionaram esta bela emersão do sistema físico aprisionado à Terra.

Depois, retomando a minha observação, contemplei os traços juvenis que emergiam como estrelas brilhantes no rosto da noite, os membros flexíveis, a forma arredondada — tudo era celestialmente belo; semelhante ao corpo abandonado na sua estrutura geral, mas profundamente diferente na juventude, leveza, graça e bem-aventurança divina.

Esta personalidade recém-nascida continua a ganhar densidade e a adquirir substância do mar etéreo. A forma inteira não pesaria, talvez, mais do que cem gramas no nascimento espiritual. É como uma criança jovem e bela, e é levada com ternura para o mundo espiritual. Mas essa mesma forma que, por esta sublime apoteose, “revestiu-se de imortalidade”, encontrava-se, na Terra, encerrada no corpo crisálida do velho homem!

Eu poderia explicar um mistério, se o espaço o permitisse, e mostrar-te como um espírito-criança vive, ano após ano, no mundo espiritual, reunindo a si uma quantidade adequada de substância imperecível; e como, em obediência a esta lei de crescimento e aperfeiçoamento, o corpo espiritual — que começa na outra vida como um ténue fio de seda — se torna progressivamente tangível e substancial. Tal corpo tornar-se-ia visível de certo modo aos olhos físicos do homem. Mas, embora os olhos pudessem discernir a forma etérea, não penetrariam no seu interior; pois só o espiritual pode sondar o âmago do que é espiritual.

Assim, as inteligências plenamente desenvolvidas raramente se aproximam de nós pessoalmente, mas influenciam-nos através da distância e da substância. Na verdade, é raro que venham às camadas mais baixas da nossa atmosfera. Só ocasionalmente são objetivamente visíveis. O corpo espiritual é belamente fisiológico nas suas funções. Ele acumula e desdobra, mas nunca adoece nem envelhece, porque há sempre um equilíbrio perfeito entre as forças de absorção e de distribuição — um equilíbrio entre a entrada e a saída de energia em todo o organismo extracorporal. Nunca se deteriora nem morre, porque o íman central — ou mente — tem maior atração pelo Eu e pelos seus próprios bens do que por qualquer poder ou pessoa externa.

As mentes que não conhecem os tesouros da sua estrutura interior são facilmente desviadas por “todo o vento de doutrina” ou empurradas para becos laterais, onde enfrentam dúvidas e embaraços sem fim. Mas os que reconhecem a existência desses tesouros interiores são atraídos para participar dos maiores benefícios; e, em quaisquer circunstâncias, são os felizes detentores da convicção preciosa de que o espírito, devido à sua organização superior, nunca pode perder-se nem dissipar-se nos grandes ciclos do Universo em constante mutação.

O estabelecimento da constitucionalidade da vida eterna no homem — a demonstração que, revelando um tesouro autoconsciente, implanta uma gloriosa independência — eleva o Pensador acima da necessidade de manifestações mediúnicas e também acima dos documentos escritos de qualquer sanedrim, ou das afirmações dos videntes mais acreditados. Contudo, é justo reconhecer que o verdadeiro “médium” e o genuíno “profeta” prestam um serviço à humanidade ao reforçar a lógica e a fé com ilustrações concretas. Mas há abundância de riqueza espiritual fluindo do facto científico de que a alma é composta de materiais

imperecíveis, com uma estrutura imortal; que os animais também seriam imortais se possuíssem a organização coronal humana; que o homem anatómico e fisiológico é o florescimento final de todos os primórdios materiais e essências espermáticas; que o seu revestimento prateado — a alma — é a culminação e o somatório de todas as substâncias refinadas e forças vitais; e que, quando corpo e alma (dentro do cérebro duplo) estão perfeitamente casados, cumprem a missão sagrada de desenvolver uma existência permanentemente individualizada e centrada em si mesma.

Esta é uma verdade interior e bela. Temo, no entanto, que poucas mentes estejam preparadas para compreendê-la. Talvez seja necessário bastante ensino introdutório e prática na arte do pensamento abstrato. Milhões de pessoas despertam para o pensamento apenas através de ilustração ou anedota, e referem-se principalmente àquilo que podem ver com o corpo ou sentir com os nervos. Mas estoicizar-se, retirar-se de todos os outros, elevar-se intelectualmente acima das impressões sensoriais e, então, sondar até ao fundo este tesouro interior e aí descobrir o grande facto da imortalidade constitucional — é uma operação mental elevada que poucos têm robustez subjetiva para realizar com precisão.

Contudo, obedeci às minhas impressões imperiosas de agir corretamente ao apresentar estas considerações científicas. Não seria tempo perdido se o Pensador dedicasse cem minutos de cada vinte e quatro horas a contemplações desta natureza. Toda mente que o fizesse elevar-se-ia de cada meditação com pensamentos geradores de IDEIAS. E acredita-me: séculos depois, ao vaguear prazerosamente e viver feliz no mundo espiritual, essa mente preparada recordará as suas experiências terrenas e lembrará, com alegria e gratidão, os pensamentos, factos e verdades que então eliminou da obscuridade.

Paulo parecia, por vezes, dolorosamente inquieto quanto à realidade da imortalidade. Numa ocasião, ao escrever aos seus amigos, afirmou que, se se provasse que Cristo não ressuscitou (implicando que, se o relato da ressurreição física fosse falso), a sua “pregação” era “vã”, e a “fé” deles também era “vã”. E acrescentou: se a sua “esperança” estivesse baseada apenas “nesta vida” de Cristo, e não na sua ressurreição “dentre os mortos”, eram “os mais miseráveis de todos os homens”. Podemos perguntar: Porquê tanta ansiedade? E por que razão insistia ele tanto que os homens acreditassem nesse relato?

Porque o apóstolo baseava a sua esperança de imortalidade numa circunstância. Mentalmente, encontrava-se numa condição pendular — dependente de manifestações exteriores ou de prova documental, em vez de seguir as leis eternas que sustentam todos os fenómenos. Tais pessoas, quando se veem confrontadas com o mais temível de todos os momentos — a transição chamada morte — muitas vezes sofrem com os ventos gélidos de um ceticismo miserável.

Mas o Pensador feliz, que discerne naturalmente os elementos do seu ser, e reconhece as provas irrefutáveis (constitucionais, orgânicas e estruturais) de que não pode morrer, encontra-se perpetuamente satisfeito; e, mesmo que nunca lesse um velho manuscrito, nem assistisse a uma “manifestação espiritual”, percorreria os corredores ressoantes do templo universal de Deus com o seu espírito reverente, pleno de alegria solene.

Tendo chegado até aqui com estas sugestões e delineamentos, restam-me, segundo sinto, algumas observações finais para o entendimento do Pensador — sobre a verdade literal ou encarnada de um Lar Espiritual. Pois é suposto que, a esta altura, o raciocinador filosófico aceite a afirmação de que toda a verdade é, para o homem (isto é, para o espírito), praticamente nada até que se manifeste por meio da encarnação.

Seguiremos o método analógico: assim como o corpo natural é o progenitor do corpo espiritual, e assim como ambos colaboram para individualizar o espírito, também o sistema natural de mundos dá origem a um sistema espiritual correspondente. Com isto não se quer dizer que os globos materiais criem as essências e elementos voláteis de que o mundo espiritual é composto; mas sim que o sistema de planetas no espaço transmite as suas forças, define as suas posições, determina a sua forma geográfica, torna-o substancial, estratifica-o, por assim dizer, e transforma-o, por fim, numa realidade objetiva e orgânica.

Ao especularem sobre o “além”, como rapidamente os pensamentos de alguns homens se tornam líquidos e se dissolvem em incompreensibilidades! Tais indivíduos fazem um mérito de imaginar algo intangível, que a inteligência comum não consegue conceber — e enchem-se de magnânimas nulidades, belas imaginações e vapores divinos. Mas, se conseguires discernir a verdadeira relação entre o mundo natural e o espiritual, sentir-te-ás indubitavelmente certo da substancialidade do teu futuro. Podes tentar imaginar o mundo espiritual como um empíreo nebuloso, uma espécie de zona enevoadada, ou um cinto dourado de correntes aéreas.

Mas a terra do espírito não é nenhuma dessas coisas. Digo-te com verdade: o espírito do homem está revestido de uma forma substancial, não tendo nada a ver com as “IDEIAS” das quais a vida do espírito é composta; do mesmo modo, o mundo espiritual é tão substancial para o corpo espiritual como a Terra que pisamos é para o nosso corpo mortal. O mundo natural existe primeiro; e a partir dele surge o mundo espiritual. Tal como é necessário lançar uma fundação antes de se erguer uma habitação, assim é necessário que um corpo formativo exista antes de um espírito individualizado — e que o mundo natural preceda e elabore um mundo espiritual. “Não é primeiro o que é espiritual, mas o que é natural; e depois o que é espiritual.”

Nenhuma verdade mais profunda ou mais concisamente expressa brotou jamais deste ramo da árvore espiritual — a mente fértil do fervoroso Paulo. E ele continua a ser uma autoridade respeitada por muitos. Ele ensinou a anterioridade ou pré-existência do que é substancial ou comum; que o inferior é necessário ao desenvolvimento do superior; que só assim o mais fino — o natural subtil — pode vir à existência e à corporificação. Sabes bem como é necessário lavrar e preparar os campos antes de se plantar sementes; e também sabes que as sementes devem decompor-se externamente antes de brotar a vegetação legítima. Nenhuma rosa floresce num jardim que não foi feito para flores. Do mesmo modo, o “visível” que “é temporal” deve alimentar o invisível que “é eterno”.

À nossa volta flutuam os orbes ardentes do nosso belo sistema solar. Primeiro surge o Sol materno e paterno; depois o infante Mercúrio; depois a graciosa Vénus; a seguir, a dócil Terra; Marte rola gloriosamente além; a família dos Asteroides margeia o seu caminho majestoso; mas maiores e mais grandiosos do que todos os seus irmãos são o Júpiter de tons arco-íris e o Saturno de fronte dourada. E isto não é tudo. Úrano, na distância longínqua, abarca um vasto império de espaço; Neptuno treme no limiar do infinito; e mais além, outros mundos varrem a imensidão nas suas órbitas incansáveis, imutáveis e sem fim.

Este sistema estonteante de corpos planetários está constantemente a elaborar e proporcionar proporções harmoniosas a outro sistema superior — o espiritual. A cabeça humana é também um sol materno e paterno: depois vêm os pulmões, o fígado, o estômago, e os vários órgãos com as suas funções — como planetas dependentes — todos conectados entre si, movendo-se num sistema harmonioso para alcançar fins harmoniosos. Porque tem o homem um cérebro solar? Porque são estes órgãos tão admiravelmente formados, tão precisamente dispostos ao longo da espinha? Para que o corpo natural possa moldar e aperfeiçoar o corpo espiritual, tal como o sol e os seus planetas dependentes (que de facto correspondem belamente ao cérebro e aos órgãos viscerais) foram designados para cumprir um fim sublime na imensidão estelar.

Após investigação cuidada, afirmo que todos os mundos naturais, alguns dos quais descritos nos nossos livros populares de astronomia, são a anatomia e a fisiologia do univercoelum ilimitado — um sistema de sistemas — pelo qual globos e sistemas supra-materiais, chamados “Terra do Espírito”, são desdobrados geometricamente e preparados como futuras habitações. Cada planeta físico, portanto, existe não apenas para dar origem aos diversos animais (para que o homem possa existir), mas também para contribuir com uma porção do mundo espiritual universal, para que, após a morte, o espírito do homem tenha uma casa natural e sagrada. A intimidade subtil e a familiaridade que diariamente existem entre o teu corpo e a sua alma viva não são mais perfeitas ou reais do que aquelas entre o mundo natural e o mundo espiritual — a cada instante do tempo. A analogia é tão fiável e precisa quanto a própria ciência.

Este corpo físico, em termos cronológicos, é a fundação espermática do corpo espiritual; da mesma forma, o mundo natural é o repositório germinal e a base do mundo espiritual. As lições aprendidas num ensinarão a beleza e a veracidade do outro. Mas se este processo formativo não for verdadeiro no homem, então poderemos duvidar da sua aplicação mais ampla.

O mundo espiritual é, em certo sentido, um mundo material — repito — mas superior, tanto nos seus constituintes como na ordem da sua formação. Elementarmente, não difere essencialmente dos primórdios que compõem a rocha, a árvore, o animal ou o corpo humano. A diferença é semelhante à que existe entre uma rosa e o seu perfume. As melhores emanções imponderáveis deste mundo gravitam para o que chamamos a esfera espiritual, e ajudam a formar a sua substância.

Vamos examinar esta série progressiva de emanções:

1. Primeiro, temos a terra não desenvolvida, na forma de pedra sólida;
2. depois, os gases nela contidos são libertados e condensados sob a forma de água;
3. da água deriva-se o oceano atmosférico;
4. da atmosfera elimina-se aquilo a que chamamos eletricidade;
5. da opulência abundante da eletricidade emerge um elemento ainda mais fino — o magnetismo;
6. e por fim, de todos esses corpos ponderáveis e elementos imponderáveis, brota um vasto mar de emanções impercetíveis para o espaço universal.

A ciência poderia então perguntar: “Para onde vão essas emanções?”

A Natureza é harmoniosa em toda parte. Quando vês um departamento, tens a chave para abrir as grandes verdades que se erguem como templos por entre os sistemas infinitos. Tal como as partículas mais subtis de todas as organizações abaixo do homem ascendem e são atraídas para a sua constituição, assim também essas partículas finíssimas — as emanções dos mundos naturais no espaço — são atraídas para a constituição do mundo espiritual. Mercúrio, Vénus, a Terra, Marte, Júpiter, Saturno, e todos os outros planetas — visíveis e invisíveis — eliminam a sua aura mais subtil e os seus átomos mais finos, que sobem sob a forma de atmosferas e elementos imponderáveis e permanecem suspensos num ponto do espaço, onde o princípio interior da afinidade se torna supremo.

O resultado é que estas emanções acumuladas associam-se rapidamente e tornam-se compactas, firmes, fortes e interligadas; e este desenvolvimento progressivo continua até que se forme uma vasta zona áurea semi-sólida, ao redor de um grande

sistema estelar do universo. Aprende bem esta lição: os mundos espirituais são desdobrados a partir dos mundos naturais, como as flores brotam da terra. A Terra do Espírito desenrola-se a partir das emanções essenciais da Terra física, tal como o corpo espiritual emerge do refinamento e da rarefação do corpo natural.

Seria como pisar solo encantado seguir o crescimento do universo elementar até se formar em sistemas planetários, começando com um grande sol preenchendo a imensidão — o centro mais íntimo do qual é a Fonte Divina de amor, vida, sabedoria, justiça e poder. Mas a minha intenção neste momento não é explicar a ordem interior do universo, mas apenas expor a naturalidade do mundo espiritual. Para um relato completo dessas maravilhosas investigações, remeto o leitor para um volume futuro.

Quando, numa noite sem nuvens, contemplamos com reverência as santas estrelas, discernimos uma vasta faixa especial no céu, denominada Galáxia ou Via Láctea. Astrónomos, em tempos, declararam que partes dessa faixa eram nebulosas ainda não transformadas em sóis ou planetas. Contudo, telescópios de maior potência permitiram descobrir que aquilo que se supunha serem meras nuvens estelares são, de facto, imensos agrupamentos de sóis flamejantes, e, talvez, planetas habitados. A esse imenso círculo de sóis pertence o nosso sistema solar. Habitamos junto à borda interna da esfera estelar e, por isso, contemplamos o seu lado inferior e margens em todas as direcções.

O olho humano é forçado a seguir a sua periferia curva. Mesmo com os melhores instrumentos telescópicos, os astrónomos conseguem contemplar apenas um círculo de sóis e seus planetas. A Terra do Espírito, juntamente com todos os mundos naturais que a noite ou a ciência nos revelam, pertencem a este sistema incomensurável. Dentro da vasta nuvem de globos materiais está o “revestimento prateado” — o círculo áureo — que é o Lar imortal da alma. Ele gira dentro deste círculo visível de sóis resplandecentes e planetas; tal como o corpo espiritual é o revestimento prateado dentro da nuvem — ou forma exterior visível — que é o corpo físico.

O mundo espiritual pode ser discernido pelo poder supertelescópico da clarividência ou por outras faculdades de penetração espiritual. Mas, como não pode ser descoberto por telescópios, permanecerá, por muito tempo, desconhecido pelas ciências naturais. Este círculo interior, ou mundo espiritual, é o que designamos como “a Segunda Esfera”.

Dentro dessa existe a Terceira; depois a Quarta; a seguir a Quinta; e, finalmente, a Sexta; sendo a Sétima o vórtice Déico, um grande Poder Positivo, perfeito e divino. Mas entre cada duas destas Esferas Espirituais, existe um sistema de sóis e planetas correspondente à Via Láctea, tão visível nas sublimes alturas dos nossos céus.

Quanto mais elevada e harmoniosa for a mente, mais próxima ela se encontra do Centro Divino — a Fonte Inesgotável de Amor, Poder e Sabedoria.

A matéria é repelida pelo Sol central, mas o espírito é incessantemente atraído por ele. Contudo, como já mostrei, o espírito individualizado nunca é absorvido — jamais pode perder a sua identidade.

Tal como no corpo humano existe uma circulação vital, assim há uma circulação de forças vitais entre o mundo espiritual e os diversos planetas. O pólo sul da Terra envia uma corrente magnética, que flui através das órbitas de Vénus e Mercúrio, muito próxima da superfície palpitante do Sol, e segue silenciosa mas velozmente até alcançar a Terra do Espírito. A partir de outra região desse mesmo mundo espiritual parte um fluido mais leve, um rio de corrente elétrica, em direção ao pólo norte da Terra, que é imutavelmente elétrico. Um é positivo, o outro negativo. O primeiro flui da Terra para o mundo espiritual; o segundo do mundo espiritual para a Terra.

Muitas vezes observei que os espíritos dos nossos entes queridos, ao deixarem o corpo físico na morte, ascendem como por atração até cerca de onze quilómetros de altura, onde entram em harmonia com o rio de corrente que desliza perpetuamente como uma corrente do golfo, e que leva cerca de sete horas e meia para transportar essas preciosas cargas até ao Lar do Espírito.

Não afirmo que todas as classes e graus de espíritos e anjos estejam confinados a este método involuntário de deslocação. E, neste contexto, devo acrescentar, em parêntesis, que nas naturezas verdadeiramente elevadas e harmoniosas não há propriamente “inconsciência”; ou seja, não há operações involuntárias. Essa conceção ainda não realizada é profética da futura capacidade do homem, quando, pela força do desejo (acima da própria vontade), poderá dirigir os fluxos da vida involuntária, e projeta-los sobre, ou extrai-los de, qualquer órgão da sua constituição visceral, aumentando ou reduzindo as suas funções conforme necessário. Não poderá também, um dia, superar largamente a tendência centrípeta do seu corpo?

Mas voltando ao tema:

O fluxo deste rio celestial é como o de uma coluna de sangue lançada do coração para a cabeça, descendo pela espinha até aos pés, e sendo depois chamada de volta ao ponto de origem. O mundo espiritual, como um grande coração pulsante e positivo, repele uma corrente (para a Terra) e atrai outra de regresso, com o seu tesouro espiritual. Estes rios celestes fluem como a própria vida de Deus. Sobre os seus amplos e poderosos seios podem repousar, em segurança, os espíritos dos Filhos do Pai.

Assim como há rios de comunicação entre a Terra e o Lar Espiritual, também existem “rios vivos” entre essa terra gloriosa e distante e Marte, Júpiter, Saturno e todos os outros globos pertencentes ao nosso densamente povoado sistema planetário.

Assim, a nossa Terra não é a única abençoada; também o são todos os outros planetas do universo sideral. No corpo humano, o coração generoso não distribui o seu sangue vital a um só órgão, mas oferece-o livremente a todo o templo. Do mesmo modo, o Coração imparcial — o Espírito Pai-Mãe, que habita “as montanhas sempre-verdes da Vida” — distribui correntes vitais aos planetas distantes com tanta generosidade quanto à bela e florescente Terra que hoje é a nossa morada.

E o método mais prazeroso que os espíritos encarnados adotam para realizar as suas rápidas viagens através do espaço é o de harmonizarem-se continuamente com o fluxo destas correntes celestiais.

Deste modo, as viagens realizam-se por atração, sem esforço voluntário. Viajar assim pelo mar etéreo aberto do espaço é como mover-se com a grande maré da vida de Deus, musical e felizmente sobre o Seu seio amoroso — e, contudo, essa harmonia só é plena para quem está preparado para saborear a Verdade. Quando há mal ou discórdia no viajante, não importa quanta luz celestial o envolva, pois o mal e a discórdia continuam seus companheiros. Mas, estando em harmonia com os princípios filosóficos da verdade, então as correntes destas marés celestes entre as estrelas sagradas ressoam como hinos divinos e encantadores.

Os nossos amigos espirituais — espíritos encarnados na inteligência — harmonizam-se com estas correntes e navegam pelas distâncias salpicadas de estrelas até se aproximarem da Terra; então, enviam para baixo os seus raios cintilantes de amoroso poder, com os quais movem a mesa, vibram o cérebro, ou — muito melhor — purificam o coração humano. Por vezes, de facto, entram pessoalmente na sociedade humana, visitam-nos nos nossos aposentos; mas fazem-no sob circunstâncias muito especiais e por propósitos muito particulares. Mais frequentemente, enviam as suas belas sombras ou reflexos espelhados aos olhos sensíveis — provas do seu talento artístico, das suas doces influências, do seu amor magnético e dos seus pensamentos elevados e elevadores.

Raramente se misturam em pessoa com grupos terrenos ou visitam as habitações dos ainda não ascensionados. E, no entanto, milhões de espíritos ajudam a humanidade todos os dias. As terríveis tempestades que os investigadores meteorológicos nos dizem ocorrer a poucos quilómetros da Terra estão sempre abaixo da estratosfera onde os nossos amigos espirituais descem. Assim, a Natureza é, em toda parte, harmoniosa consigo mesma; e, quando compreendida, traz a mente indutiva à amizade com um Mundo Espiritual tangível e substancial.

Tal como uma flor sucede à outra nas estações do ano, tal como uma colheita sucede à outra no ciclo dos anos, tal como o verão e o inverno, a sementeira e a colheita, se alternam em rotação progressiva — assim também estes eternos sistemas de mundos naturais e espirituais sucedem-se mutuamente e se harmonizam nas profundezas da infinitude estelar. Quão jubiloso e tranquilo é o espírito que possui confiança filosófica na ordem indestrutível do Universo!

Os conservadores religiosos podem levantar objeções incongruentes a todo este sistema da harmonia, mas nem uma brisa de desaprovação deve penetrar no espírito do Pensador. Uma vez que a tua percepção intelectual se alinhe sistematicamente com as possibilidades filosóficas deste universo sem fronteiras, a humanidade pode combinar toda a sua lógica baconiana contra a tua verdade — e mesmo assim, o teu espírito imperturbável será tão feliz e poderoso como os arcanjos de Deus. “A Verdade vos libertará!”

A sabedoria é maior que o conhecimento. A sabedoria discerne e revela as verdades interiores; o conhecimento recolhe factos exteriores. Busca a Fonte da Sabedoria, ó Pensador!, e logo alcançarás o reino dos céus na Terra. Deixa que o solo da tua alma se torne fértil, e então poderás ajudar a criar uma organização social melhor, e a apoiar todo movimento verdadeiro de regeneração governamental.

Absorve o sopro da sabedoria com as tuas faculdades intelectuais, torna-te um pensador calmo, intuitivo, equilibrado; então o fluxo voltará suavemente sobre a tua natureza moral, e circulará por entre as tuas afeições, até que cada cálice interior transborde, e cada faculdade reconheça a verdade — do menor ao maior.

Este mundo belo, embora seja cumprimento e profecia, é, afinal, apenas uma oficina de trabalho — a cozinha subterrânea da “casa não feita por mãos humanas”. Quando contemplamos o melhor da Criação, olhamos apenas pelas janelas do rés-do-chão do Grande Templo Eterno. Admirável e desejável como é esta nossa Terra, não passa de uma fábrica onde a alma se torna capaz de voar rumo a uma morada melhor e a latitudes mais saudáveis.

Este é um mundo rudimentar, onde o corpo físico deve ser alimentado, vestido e abrigado; onde é necessário inalar ar em quantidade apropriada; onde todas as obras comuns e iniciais devem avançar e ser realizadas. O espírito viaja na carruagem da matéria. Lado a lado, chegam à organização humana. E então o espírito, uma vez destacado e individualizado, transcende o veículo material e torna-se a flor-mestra no jardim de Deus.

Nada é mais filosófico e belo do que esta ideia: o mundo é uma escola inicial, uma plataforma rudimentar, onde o espírito é educado e preparado para entrar, naturalmente, numa existência superior.

Que cada um esteja sempre consciente de que está a comer, a dormir, a pensar, a agir e a ser, não porque o tenha originalmente desejado ou compreendido, mas porque este mundo e esta disciplina existem para elaborar o derradeiro dos princípios. E no porvir, não comerás, beberás e dormirás com mais consciência? Não te tornarás consciente de que estás a realizar actos ordinários com um propósito extraordinário?

O que te peço é isto: deixa simplesmente que a Mãe Natureza realize e cumpra as suas legítimas funções. O Pensador será coerente e estará em paz com a Natureza. Honrará, respeitará e manterá em saudável harmonia todos os órgãos e funções do seu ser, até os mais inferiores! Agora e aqui, neste mundo inicial, é o momento de começar uma carreira de desenvolvimento nobre; não por luta ou esforço forçado, mas por naturalidade e veracidade, sem excesso, sem carência, sem intemperança.

Alimenta e veste este corpo físico; dorme e trabalha de tal forma que a felicidade flua incessantemente e condições mais elevadas sejam legitimamente alcançadas. O Pensador sabe que nada há de terrível a temer na vinha do Pai; e que nenhuma catástrofe aguardará qualquer espírito na Eternidade que se abre. Cada desejo natural será satisfeito, cada necessidade legítima será suprida, e cada faculdade será tornada mais Bela e mais Justa.

Desejas tornar-te mais perfeito? Mais unido aos atributos imutáveis do Infinito? Ama e obedece às leis da Mãe Natureza, e venera sabiamente a humanidade do nosso Deus. Então penetrarás, através da Natureza, até ao Pai, que iguala e inspira a Sua presença universal. Nenhuma pedra marca o teu caminho, nenhuma flor desabrocha debaixo dos teus pés, sem ter uma relação íntima com os pensamentos que nutres sobre ela. Podes ignorar estes pequenos factos e forças que te rodeiam, e ainda assim ser chamado de “religioso”. Mas aquele que verdadeiramente honra o Ser Divino —

“Encontra vozes nas árvores, livros nos riachos,
Sermões nas pedras, e o bem em toda a parte.”

Anseias por uma natureza mais pura? Por revestir-te de um belo corpo espiritual na morte? Então alimenta-te com substâncias melhores, bebe fluidos mais puros, e pensa habitualmente melhores pensamentos. Pois tudo o que o teu sistema digestivo assimila contribui, de algum modo, para a estrutura do teu corpo espiritual; e cada pensamento indigno perdurará como sombra à entrada do templo imortal da Sabedoria.

FIM

